



J. A. REDMERSKI

A CONTINUAÇÃO DE
ENTRE O AGORA E O NUNCA

ENTRE O
AGORA
E O
SEMPRE

SUMA
de letras





J. A. REDMERSKI

A CONTINUAÇÃO DE
ENTRE O AGORA E O NUNCA

ENTRE O
AGORA
E O
SEMPRE

SUMA
de letras

J . A . R E D M E R S K I

ENTRE O
AGORA
E O
SEMPRE

Tradução
Michele Vartuli



Copyright © 2013 by J. A. Redmerski
Publicado mediante acordo com Grand Central Publishing, Nova York, Nova York, USA.
Todos os direitos reservados.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
The Edge of Always Capa
Adaptação Marcela Perroni sobre design original
Imagem de capa
Hachette Group Book USA

Revisão
Cristiane Pacanowski
Lília Zanetti
Ana Grillo
Coordenação de e-book
Marcelo Xavier
Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

 PRISA EDIÇÕES
CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
R249e

Redmerski, J. A.
Entre o agora e o sempre [recurso eletrônico] / J. A. Redmerski ; tradução Michele Vartuli. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Objetiva, 2014.
recurso digital
Tradução de: *The edge of always* Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
296 p. ISBN 978-85-8105-217-5 (recurso eletrônico) 1. Romance americana. 2. Livros eletrônicos. I.
Vartuli, Michele de Aguiar, 1965-. II. Título.
14-09470 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Andrew](#)

[1](#)

[Camryn](#)

[2](#)

[Andrew](#)

[3](#)

[Camryn](#)

[4](#)

[Andrew](#)

[5](#)

[Camryn](#)

[6](#)

[7](#)

[Andrew](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[Andrew](#)

[12](#)

[Camryn](#)

[13](#)

[Camryn](#)

[14](#)

[Andrew](#)

[15](#)

[Camryn](#)

[16](#)

[Andrew](#)

[17](#)

[Andrew](#)

[18](#)

[Camryn](#)

[19](#)

[Andrew](#)

[20](#)

[21](#)

[Camryn](#)

22

Camryn

23

24

Andrew

25

Camryn

26

Camryn

27

Andrew

28

Camryn

29

Andrew

30

31

Camryn

32

Andrew

33

34

Andrew

35

Camryn

36

Andrew

37

Camryn

38

Andrew

39

Camryn

40

Andrew

41

Epílogo

Sobre a autora

DEDICATÓRIA

Para todos que já tiveram um momento de fraqueza.

*Não vai doer para sempre, então não deixe isso
afetar o que há de melhor em você.*

ALGUNS MESES ATRÁS, quando eu estava deitado naquela cama de hospital, não achava que estaria vivo hoje, muito menos esperando um bebê e noivo de um anjo de boca suja. Mas aqui estou. Aqui estamos, Camryn e eu, enfrentando o mundo... de uma forma diferente. As coisas não aconteceram exatamente conforme planejamos, mas também isso raramente é o caso. E nenhum dos dois mudaria o modo como elas aconteceram, mesmo se pudesse.

Adoro esta poltrona. Era a favorita do meu pai, e a única coisa que eu queria dentre tudo o que ele me deixou. Claro que herdei um cheque gordo que sustentará a mim e a Camryn por um tempo, e claro que herdei o Chevelle, mas a poltrona também tinha um valor sentimental para mim. Camryn a odeia, mas não diz isso em voz alta, porque pertenceu ao meu pai. Não posso culpá-la; a poltrona é velha, fede e tem um buraco no estofamento da época que meu pai fumava. Prometi pra ela que contrataria alguém pra pelo menos limpar a poltrona. E vou fazer isso. Assim que ela decidir se vamos ficar em Galveston ou mudar pra Carolina do Norte. Topo qualquer uma das opções, mas algo me diz que ela está escondendo o que quer de verdade por minha causa.

Ouço a água do chuveiro sendo fechada, e segundos depois um bang alto atravessa a parede. Salto da poltrona, derrubando o controle remoto no chão ao correr para o banheiro. A borda da mesinha de centro arranca um bife da minha canela no caminho.

Eu escanco a porta do banheiro.

— O que aconteceu?

Camryn balança a cabeça para mim e sorri enquanto se abaixa para pegar o secador de cabelo do chão ao lado da privada.

Eu suspiro aliviado.

— Você é mais paranoico do que eu — ela diz rindo.

Ela olha de relance para a minha perna, que esfrego com as pontas dos dedos. Deixando o secador no balcão da pia, ela se aproxima e beija o canto da minha boca.

— Pelo jeito, não sou eu que preciso me preocupar com uma tendência a sofrer acidentes. — Ela sorri.

Seguro seus ombros e a puxo mais para perto, deixando uma mão escorregar para sua barriguinha saliente. Mal se percebe que ela está grávida. No quarto mês, achei que ela estaria do tamanho de um bebê hipopótamo, mas eu lá entendo dessas coisas?

— Pode ser — digo, tentando esconder o rubor do meu rosto. — Você deve ter feito isso de propósito, só pra ver quanto tempo eu levaria pra entrar aqui.

Ela beija o outro canto da minha boca e aí apela, me beijando completa e profundamente enquanto aperta seu corpo úmido e nu contra o meu. Eu gemo em sua boca, envolvendo-a em meus braços.

Mas então me afasto antes de cair em sua armadilha ardilosa.

— Caramba, mulher, você tem que parar com isso.

Ela retribui meu sorriso.

— Quer mesmo que eu pare? — ela pergunta, com aquele seu sorriso de quem está pensando no que não presta.

Fico apavorado quando ela faz isso. Uma vez, depois de uma conversa que terminou com esse sorriso, ela ficou sem fazer sexo comigo por três dias inteiros. Os piores três dias da minha vida.

— Bem, não — respondo nervosamente. — Só agora, quero dizer. Temos exatamente trinta minutos pra chegar no consultório.

Só espero que ela tenha tesão assim a gravidez inteira. Ouvi histórias de terror de mulheres que antes

queriam o tempo todo e depois ficaram imensas, e se você as tocasse, viravam dragões cuspidores de fogo.

Trinta minutos. Caramba. Eu podia encostá-la no balcão rapidinho...

Camryn sorri docemente, puxa a toalha do trilho da cortina do chuveiro e começa a se enxugar.

— Fico pronta em dez minutos — ela me informa, me mandando sair com um gesto. — Não se esqueça de regar Georgia. Achou seu celular?

— Ainda não — respondo, enquanto vou saindo, mas então paro e acrescento, com um sorriso sexualmente sugestivo: — Hãã, a gente podia...

Ela fecha a porta na minha cara. Eu saio rindo.

Corro pelo apartamento, procurando minhas chaves debaixo de almofadas e em lugares estranhos, finalmente encontrando-as escondidas sob uma pilha de malas diretas no balcão da cozinha. Paro por um momento e pego uma das cartas. Camryn não me deixa jogá-la fora, porque foi desse envelope que ela leu meu endereço à atendente do serviço de emergência, na manhã em que tive a convulsão. Acho que ela sente que aquele pedaço de papel ajudou a salvar minha vida, mas na verdade a ajudou a acabar descobrindo o que estava acontecendo comigo. A convulsão era inofensiva. Tive várias. Caramba, tive uma naquele hotel em Nova Orleans, antes de ficarmos no mesmo quarto. Quando finalmente contei isso pra ela, nem preciso dizer que ela não ficou nada feliz comigo.

Camryn vive com medo de que o tumor volte. Acho que se preocupa com isso mais do que eu.

Se voltar, voltou. Vamos enfrentá-lo juntos. Sempre vamos enfrentar tudo juntos.

— Hora de ir, amor! — grito da sala de estar.

Ela sai do quarto usando um jeans um tanto apertado e uma camiseta igualmente justa. E salto alto. Mesmo? Salto alto?

— Você vai espremer a nossa filha com esse jeans — comento.

— Não, não vou espremer nossa filha ou filho — ela retruca, pegando a bolsa do sofá e jogando-a sobre o ombro. — Você tem certeza demais, mas a gente vai ver. — Ela pega a minha mão e eu a puxo para fora, girando a chave na fechadura antes de fechar a porta com força atrás de nós.

— Eu sei que é menina — digo com confiança.

— Quer apostar? — ela me olha e sorri.

Saímos no ar morno de novembro e abro a porta do carro para ela, indicando o interior com a palma para cima.

— Apostar o quê? — pergunto. — Você sabe que adoro apostas.

Camryn desliza no banco, enquanto dou a volta e entro. Apoiando os pulsos no alto do volante, olho para ela e espero.

Ela sorri e mastiga de leve o lábio inferior, pensativa por um momento. Seu longo cabelo louro cai sobre os ombros, e os olhos azuis brilham de empolgação.

— É você que parece ter tanta certeza — ela diz finalmente. — Então você diz o que vamos apostar, e eu decido se concordo ou não. — Ela para abruptamente e aponta para mim. — Mas nada sexual. Acho que nessa área você já tem tudo. Pense em alguma coisa... — ela agita a mão diante do rosto — ...não sei... ousada ou importante.

Hmmm. Agora ela me quebrou. Enfio a chave na ignição, mas paro antes de virá-la.

— Tá, então, se for menina, eu escolho o nome — digo com um sorriso suave e orgulhoso.

As sobrancelhas dela tremem um pouco e ela vira o queixo para o lado.

— Não gostei dessa aposta. Isso é uma coisa na qual nós dois devemos participar, não acha?

— Bem, sim, mas você não confia em mim?

Ela hesita.

— *Sim... confio em você, mas...*

— *Mas não pra dar nome a um bebê. — Ergo uma sobrancelha interrogativamente para ela, mas na verdade só a estou provocando.*

Ela não consegue mais fitar meus olhos e parece pouco à vontade.

— *E então? — instigo.*

Camryn cruza os braços e diz:

— *Que nome, exatamente, você tem em mente?*

— *Por que acha que já escolhi um nome? — Viro a chave e o Chevelle ganha vida.*

Ela dá um sorrisinho, inclinando a cabeça para o lado.

— *Ora, por favor. Obviamente você já escolheu, ou não teria tanta certeza de que é menina e nem estaria apostando comigo enquanto estamos indo fazer um ultrassom.*

Desvio o olhar, sorrindo, e engato a ré.

— *Lily — digo, e mal olho para Camryn enquanto saímos do estacionamento. — Lily Marybeth Parrish.*

Um sorrisinho ergue os cantos de sua boca.

— *Na verdade, eu gostei — ela diz, e seu sorriso fica cada vez maior. — Admito que fiquei um pouco preocupada... por que Lily?*

— *Motivo nenhum. Eu gosto, só isso.*

Ela não parece convencida. Estreita um pouco os olhos para mim, com ar brincalhão.

— *Ê sério! — digo, rindo baixinho. — Estou pensando em nomes desde o dia em que você me contou.*

O sorriso de Camryn fica mais meigo e, se eu não fosse tão macho, me derreteria todo e me permitiria corar feito um idiota.

— *Tá pensando em nomes há tanto tempo? — Ela parece agradavelmente surpresa.*

Tudo bem, eu corei mesmo assim.

— *Tô — admito. — Ainda não escolhi um nome masculino legal, mas ainda temos vários meses.*

Camryn está me olhando com um sorriso. Não sei o que se passa na cabeça dela, mas percebo que meu rosto fica mais e mais vermelho quanto mais ela me olha assim.

— *Que foi? — pergunto, soltando uma risada.*

Ela inclina o corpo e levanta a mão para o meu rosto, puxando meu queixo para o lado com os dedos. E então me beija.

— *Meu Deus, eu te amo — ela sussurra.*

Levo um segundo para perceber que estou sorrindo tanto que quase fico com câibra no rosto.

— *Também te amo. Agora põe o cinto de segurança — aponto para o cinto.*

Ela se ajeita no seu lado e afivela o cinto.

No caminho para o consultório, ambos ficamos olhando para o relógio do painel. Mais oito minutos. Cinco. Três. Acho que a ficha cai para ela ao mesmo tempo que para mim quando paramos no estacionamento do prédio. Daqui a pouquinho, poderemos ver nosso filho ou filha pela primeira vez.

Ê, alguns meses atrás, eu não achava que estaria vivo...



— *Essa espera tá me matando — Camryn se curva e cochicha para mim.*

Ê tão estranho. Ficar sentado na sala de espera dessa médica, com garotas grávidas pra todos os lados. Tenho um certo medo de cruzar olhares com elas. Algumas parecem putas da vida. Todas as revistas

parecem ter um homem na capa, num barco, segurando um peixe pela boca com o polegar. Finjo que estou lendo um artigo.

— Só estamos esperando há uns dez minutos — coichicho em resposta, passando a palma da mão na sua perna, largando a revista no meu colo.

— Eu sei, só tô nervosa.

Quando pego a mão dela, uma enfermeira de jaleco rosa sai de uma porta lateral e chama o nome de Camryn, e nós a seguimos.

Eu me sento contra a parede enquanto Camryn se despe e coloca uma daquelas camisolas de hospital. Tiro sarro dela por estar de bunda de fora e ela finge ficar ofendida, mas o rubor da face a denuncia. E ficamos sentados ali, esperando. E esperando mais um pouco, até que outra enfermeira entra e recebe toda a nossa atenção. Ela lava as mãos numa pia próxima.

— Tomou bastante água uma hora antes da consulta? — a enfermeira pergunta, depois dos cumprimentos.

— Sim, senhora — responde Camryn.

Posso ver que ela teme que haja algum problema com o bebê e que o ultrassom revele isso. Tentei lhe dizer que tudo vai dar certo, mas ela se preocupa mesmo assim.

Ela olha do outro lado da sala para mim, e não posso deixar de me levantar e ir até ela. A enfermeira faz uma série de perguntas e calça um par de luvas de látex. Ajudo a responder as perguntas quando posso, porque Camryn parece mais preocupada a cada segundo que passa e não fala muito. Aperto a mão dela, tentando aliviar a tensão.

Depois que a enfermeira espreme aquele gel sobre a barriga de Camryn, minha mulher respira fundo.

— Nossa, que tatuagem legal você tem — a enfermeira diz. — Deve ser muito especial, pra aguentar fazer uma assim tão grande nas costelas.

— É, é especial com certeza — Camryn diz, e sorri para mim. — É de Orfeu. Andrew tem a outra metade. Eurídice. Mas é uma longa história.

Levanto orgulhosamente a camisa até acima das costelas para mostrar à enfermeira a minha metade.

— Impressionante — a mulher diz, olhando de uma para outra tatuagem. — Não se vê algo assim aqui todo dia.

A enfermeira deixa o assunto de lado e move o sensor sobre o gel, apontando a cabeça, os cotovelos e as várias outras partes do bebê. E eu sinto o aperto de Camryn na minha mão afrouxar aos poucos quanto mais a enfermeira fala e sorri enquanto explica que “tudo parece bem”. Vejo o rosto de Camryn passar de nervoso e tenso a aliviado e feliz, e isso me faz sorrir.

— Então tem certeza de que não há nada com que se preocupar? — Camryn pergunta. — Certeza absoluta?

A enfermeira faz que sim e me olha de relance.

— Sim. Até agora não vi nada preocupante. O desenvolvimento está exatamente como o esperado. O movimento e os batimentos cardíacos estão normais. Acho que vocês podem relaxar.

Camryn olha para mim, e sinto que estamos pensando a mesma coisa.

Ela confirma isso quando a enfermeira diz:

— Então, parece que vocês estão curiosos quanto ao sexo. — E nós dois ficamos parados, olhando um para o outro. Ela é tão linda, cacete. Não consigo acreditar que ela é minha. Não consigo acreditar que está grávida do meu bebê.

— Aceito a aposta — Camryn finalmente concorda, pegando-me desprevenido. Ela abre um sorriso

radiante e puxa a minha mão, e ambos olhamos para a enfermeira.

— Sim — Camryn responde. — Se for possível agora.

A enfermeira move o sensor para uma área específica e parece estar verificando seus achados pela última vez antes de anunciar.

— Bem, ainda é meio cedo, mas... até agora, me parece uma menina — a enfermeira diz finalmente.

— Lá pela vigésima semana, no seu próximo ultrassom, vamos poder determinar o sexo oficialmente.

SINCERAMENTE, ACHO QUE nunca vi Andrew sorrir daquele jeito. Talvez naquela noite em que cantei com ele pela primeira vez em Nova Orleans, quando ele ficou tão orgulhoso de mim, mas mesmo assim não sei se alguma coisa poderia se igualar à cara que ele está fazendo agora. Meu coração está batendo nas costelas de empolgação, especialmente com a reação de Andrew. Percebo o quanto ele queria uma menininha e juro que ele está fazendo tudo o que pode para não cair no choro na frente da enfermeira. Ou na minha frente, aliás.

Para mim, nunca importou se seria menino ou menina. Sou como qualquer outra futura mamãe do mundo, que só quer que ele seja saudável. Não que Andrew ache que a saúde do nosso bebê seja menos importante do que o sexo. Sei que não acha.

Ele se curva e me beija de leve nos lábios, seus olhos verdes brilhantes iluminados com tudo de bom.

— Então é Lily — digo, concordando completamente, e beijo-o mais uma vez antes que ele se afaste, passando meus dedos pelo seu cabelo castanho curto.

— Lindo nome — comenta a enfermeira. — Mas é melhor vocês escolherem um nome de menino também, só por segurança. — Ela afasta o sensor e nos deixa curtir um pouco o momento.

Andrew diz à enfermeira de repente:

— Bom, se você ainda não viu um belo pacote no meu bebê, com certeza é menina.

Sufoco uma risadinha e reviro os olhos para a enfermeira. O mais engraçado de tudo é que Andrew falou a sério. Ele inclina a cabeça quando nota a minha expressão divertida.

Passamos o resto do dia fazendo compras. Nenhum dos dois conseguiu resistir. Ficamos olhando coisas de bebê em outras ocasiões, mas nunca compramos muita coisa, porque não sabíamos se devia ser rosa ou azul e não queríamos acabar com um quarto todo amarelo. E, embora ainda haja uma possibilidade de ser menino, acho que Andrew está mais convencido do que nunca de que é menina, por isso entro na onda dele e acredito também. Mesmo assim, ele não me deixa gastar muito!

— Espera — ele insiste, quando vou comprar mais um vestidinho na seção de roupas de bebê. — Você sabe que minha mãe está planejando um chá de bebê, não?

— Sim, mas podemos comprar mais algumas coisas agora. — Eu ponho o vestido no carrinho assim mesmo.

Andrew olha para o carrinho e depois para mim de novo, com a boca cerrada, em contemplação.

— Acho que você já passou de algumas, amor.

Ele tem razão. Já pus uns noventa dólares de roupinhas no carrinho. Bom, na pior das hipóteses, se acabar sendo um menino, posso trocar tudo.

E assim se vai o resto do dia, até que passamos na casa da mãe dele para dar a notícia.

— Que maravilha! — Marna diz, me puxando para um abraço. — Eu tinha certeza de que ia ser menino!

Minhas mãos deslizam pelos braços da minha sogra e me sento à mesa da cozinha com Andrew, enquanto ela vai até a geladeira. Pega uma jarra de chá e começa a nos servir.

— O chá de bebê vai ser em fevereiro — Marna diz do balcão. — Já planejei tudo. Você só precisa aparecer. — Ela sorri para mim e guarda a jarra de chá.

— Obrigada.

Ela põe os copos diante de nós e puxa uma cadeira.

Sinto muita falta de casa. Mas adoro estar aqui também, e Marna é como uma segunda mãe para mim. Ainda não consegui tomar coragem para dizer a Andrew o quanto sinto falta da minha mãe e de

Natalie, de ter uma amiga com quem conversar. Você pode estar apaixonada pelo cara mais incrível do planeta — e, de fato, eu estou —, mas isso não significa que às vezes não seja meio difícil não ter outras amigas. Conheci uma garota da minha idade aqui, Alana, que mora no andar de cima com o marido, mas não consegui me identificar com ela em nenhum aspecto. Acho que, se já estou mentindo para não sair com ela quando ela liga, é porque talvez nunca consigo me entrosar.

Mas acho mesmo que minha tristeza secreta e a saudade de casa e tudo mais são por causa da gravidez. Meus hormônios estão todos alterados. E acho que isso tem muito a ver com as minhas preocupações. Eu me preocupo com tudo, agora. Quero dizer, eu já me preocupava muito antes de conhecer Andrew, mas agora que estou grávida minhas preocupações se multiplicaram: o bebê vai ser saudável? Eu vou ser uma boa mãe? Será que ferrei com minha vida... Tô fazendo isso de novo. Porra. Sou uma pessoa horrível. Cada vez que penso algo assim, me sinto tão culpada. Amo nosso bebê e não mudaria como as coisas estão nem se eu pudesse, mas não consigo deixar de me perguntar se eu... se nós não fizemos merda engravidando tão rápido.

— Camryn? — Ouço a voz de Andrew e acordo dos meus pensamentos profundos. — Você tá bem?

Forço um sorriso convincente.

— Tô, tô bem. Só tava sonhando acordada. Sabe, prefiro violeta em vez de rosa.

— Eu vou escolher o nome dela — Andrew diz —, então você pode escolher as cores que quiser. — Ele põe a mão por cima da minha sobre a mesa. Tenho vontade de sorrir só de saber que ele se importa com coisas assim.

Marna afasta o copo dos lábios e o deixa sobre a mesa, diante de si.

— Ê? — ela pergunta, intrigada. — Vocês já escolheram um nome?

Andrew balança a cabeça.

— Lily Marybeth. O segundo nome de Camryn é Marybeth. Ela deve ter o nome da mãe.

Meu Deus, ele acaba de derreter meu coração. Eu não mereço ele.

Marna sorri para mim, seu rosto cheio de felicidade e de todas as emoções que se possa imaginar que alguém como a mãe de Andrew sinta. Não só seu filho venceu a doença e voltou mais forte, depois de estar à beira da morte, mas agora ela tem uma neta a caminho.

— Bem, é um lindo nome — ela elogia. — Pensei que Aidan e Michelle teriam filhos primeiro, mas a vida é cheia de surpresas. — Algo no modo como ela disse isso parecia ter um significado oculto, e Andrew nota.

— Tá acontecendo alguma coisa com Aidan e Michelle? — Andrew pergunta, tomando um gole rápido de chá.

— Só coisas de casal — ela responde. — Nunca vi nenhum casamento sem algum tipo de dificuldade, e eles estão juntos há muito tempo.

— Quanto tempo? — pergunto.

— Casados, só há cinco anos — Marna nos conta. — Mas estão juntos há uns nove, acho. — Ela balança a cabeça pensando mais um pouco, satisfeita com sua memória.

— Deve ser culpa de Aidan — comenta Andrew. — Eu não iria querer ser casado com ele. — Ele ri.

— Ê, seria esquisito — concordo, franzindo o nariz para ele.

— Bem, Michelle não poderá vir para o chá de bebê — avisa Marna. — Ela tem que ir a alguns congressos em dezembro e sua agenda não permite, especialmente por ela estar tão longe. Mas provavelmente vai mandar os melhores presentes de todos. — Ela sorri docemente para mim.

Retribuo o sorriso e tomo mais um gole, mas minha mente está vagando de novo e não consigo evitar. Só

consigo pensar no que ela disse algumas frases antes, sobre não conhecer nenhum casamento sem dificuldades. E imediatamente volto para o modo de preocupação.

— Você faz aniversário dia 8 de dezembro, certo, Camryn?

Pisco os olhos e volto para o presente.

— Oh... sim. O grande dia. Vinte e um anos.

— Bem, então pelo jeito vou precisar planejar uma festa de aniversário também.

— Ah, não, não precisa.

Ela rejeita meu apelo como se fosse ridículo, e Andrew fica lá sentado, sorrindo com cara de bobo.

Eu me rendo porque sei que com Marna nem adianta tentar.

Voltamos para casa depois de uma hora, e já está escurecendo. Estou tão cansada pela correria do dia e pela empolgação com Lily.

Lily. Não consigo acreditar que vou ser mãe. Um sorriso se espalha pelo meu rosto quando entro na sala. Deixo a bolsa na mesinha de centro e desabo na almofada do meio do sofá, jogando os sapatos longe. Mas logo Andrew está sentado ao meu lado, com aquele ar de entendimento em seu lindo rosto.

Conseguí enganar Marna, mas devia imaginar que não conseguiria enganá-la.

ERGO CAMRYN EM meus braços e a puxo para o meu colo. Ficamos sentados juntos, meus braços ao redor dela e meu queixo aninhado na curva do seu pescoço. Sei que algo a está incomodando. Posso sentir isso, mas parte de mim tem medo de perguntar o que é.

— O que foi? — pergunto mesmo assim e prendo a respiração.

Ela se vira para me fitar, e os olhos dela estão cheios de preocupação.

— Tô com medo, só isso.

— Tá com medo de quê?

Ela faz uma pausa, correndo os olhos pela sala até ficar olhando diretamente à sua frente.

— De tudo — ela diz.

Estendo a mão e viro o queixo dela na minha direção.

— Você pode me contar qualquer coisa, Camryn. Sabe disso, não sabe?

Seus olhos azuis se enchem de lágrimas, mas ela não deixa que caiam.

— Eu... bom, não quero que a gente acabe como... bom, como muita gente.

Ah, sei onde isso vai dar. Eu a pego pela cintura e viro seu corpo para que fique de frente para mim, a cavalo no meu colo.

— Olha pra mim — peço, segurando as mãos dela. — Não vamos acabar como todo mundo. Quer saber como eu sei disso?

Ela não responde, mas nem precisa. Eu sei que ela quer que eu continue. Uma lágrima sai de um olho, e eu a enxugo com o meu polegar.

— Não vamos porque ambos temos consciência disso — começo. — Porque era destino que nos encontrássemos naquele ônibus no Kansas, e porque ambos sabemos o que queremos da vida. Podemos não ter os detalhes traçados, e não precisamos ter, mas ambos sabemos em que direção não queremos seguir.

Eu paro e continuo em seguida:

— Ainda podemos viajar pelo mundo. Só vamos precisar adiar um pouco mais. E enquanto isso, viveremos do jeito que queremos viver. Nada daquela bosta de rotina diária.

Consigo arrancar um sorrisinho dela.

— Bem, como, exatamente, vamos evitar isso? — ela pergunta, cruzando os braços com um sorriso irônico.

Aí está a Camryn brincalhona e metida que eu conheço e adoro.

Esfrego as mãos rapidamente nas coxas dela e digo:

— Se você quiser trabalhar, pode trabalhar. Não me importa se você quer ser chapeira numa lanchonete ou catar merda no zoológico, faça o que quiser. Mas assim que cansar ou sentir que aquilo tá se tornando a sua vida, mande tudo se foder. E, se você prefere relaxar e não fazer nada, pode fazer isso também, como eu já te falei. Sabe que vou cuidar de você do mesmo jeito.

Eu sei o que vem a seguir e me preparo. E, de fato, Camryn rosna para mim e argumenta: — De jeito nenhum vou sentar minha bunda no sofá e deixar você cuidar de mim.

Ela fica tão gostosa quando banca a independente.

— Tudo bem, então. Tanto faz — concordo, erguendo as mãos e me rendendo. — Mas quero que você entenda que não me importa o que você fizer, contanto que esteja feliz.

— E você, Andrew? Não pode me dizer pra não me preocupar com “a monotonia da vida” enquanto você a enfrenta sozinho porque temos um bebê pra sustentar. Não é justo.

— Parece o que você disse naquela primeira noite em que enfiei a cabeça entre as suas coxas. Isso foi

problema pra mim quando fiz aquilo?

Ela fica bem vermelha. Mesmo depois de tanto tempo e de tudo o que passamos juntos, ainda consigo deixá-la vermelha.

Eu me curvo, seguro seu rosto com as duas mãos e a puxo para um beijo.

— Enquanto eu tiver você, Lily e a minha música, não preciso de mais nada.

Mais uma lágrima escorre pelo seu rosto macio, mas desta vez ela está sorrindo.

— Jura? — ela pergunta.

— Juro, sim — afirmo com determinação, apertando as mãos dela. Desfaço a expressão séria e sorrio para ela de novo.

— Desculpa — ela diz, soltando um suspiro derrotado. — Não sei o que tá me dando ultimamente. Um dia tô toda sorrisos, me sentindo ótima, e depois, do nada, fico tão deprimida que é patético.

Eu rio baixinho.

— Tá levando uma surra das mudanças de humor. Trate de se acostumar.

Ela fica um pouco boquiaberta e ri também.

— Bom, acho que essa é uma maneira de descrever.

Ela para de repente.

— Ouviu isso? — Seus olhos se estreitam enquanto ela aproxima o ouvido da fonte do som. Eu ouço, mas finjo não ouvir.

— Que legal — comento. — Não me diga que a gravidez também causa esquizofrenia.

Ela bate de leve no meu peito e desce do meu colo.

— Não, é o seu celular — ela insiste, dando a volta no sofá. — Achei que estivesse sem bateria.

Não... só pus no silencioso e escondi pra você pensar isso. Ao menos eu acho que pus no silencioso.

— Acho que você tá sentado em cima do seu celular — ela diz.

Eu me levanto e dou uma de sonso, fuçando debaixo da almofada. Finalmente, puxo o aparelho e vejo a imagem de Natalie (tecnicamente, é o desenho de uma hiena que achei que a representa muito bem) nos olhando da tela. Droga. Que sinuca de bico.

Camryn tenta pegar o celular e nota o nome de Natalie.

— Desde quando Natalie começou a te ligar? — ela pergunta, arrancando o celular da minha mão.

Bota sinuca de bico nisso, porque ela não parece nem um pouco enciumada. Abriu um sorrisão!

Coço a nuca nervosamente, evitando encará-la, mas em seguida tento pegar o aparelho de volta.

— Ah, mas de jeito nenhum — ela ri, afastando-se do sofá.

— Vai, me dá o celular.

Ela me provoca com o telefone e eu salto sobre o encosto do sofá para ir atrás dela.

Ela ergue a mão aberta para mim.

— Cuidado! Eu tô grávida, você pode me machucar! — diz, sorrindo.

Ah, agora resolveu bancar a fragilzinha. Que peste.

Ela corre o dedo pela tela para atender e encosta o celular no ouvido, sorrindo o tempo todo de orelha a orelha.

Desisto. Não sou bom nesse tipo de coisa.

— Ora, olá, Natalie — Camryn atende, sem tirar o olhar brincalhão de mim. — Tá se encontrando com meu homem escondido de mim?

Ela balança a cabeça para a resposta de Natalie, seja qual for. É óbvio que Camryn sabe o que está acontecendo, ou ao menos tem uma boa noção, porque sabe que eu jamais a trairia, especialmente com sua

melhor amiga. A garota é bonita, mas parece um cruzamento de desastre de trem com reality show.

Camryn põe o celular no viva-voz.

— Confessem, vocês dois — ela exige.

— Hãã... uhbb... — Natalie consegue dizer do outro lado.

— Pela primeira vez na vida, Natalie não tem nada a dizer. Tô chocada! — Camryn olha para mim, esperando respostas.

— Desculpa, Andrew! — Natalie grita.

— Não é culpa sua — admito. — Esqueci de pôr no silencioso.

Camryn pigarreia, impaciente.

— Era pra ser surpresa — reclamo, franzindo o cenho.

— É! Juro que ele não tá me comendo!

Eu me retorço escancaradamente com o comentário de Natalie, e Camryn se esforça ao máximo para conter o riso. Mas, sendo Camryn, ela não perde a oportunidade de torturar as pessoas que ama, embora com a mais inocente das intenções.

— Não acredito, Nat — ela diz com voz grave.

— Hã? — Natalie parece completamente surpresa.

— Há quanto tempo isso tá acontecendo? — Camryn continua, numa interpretação convincente. Ela anda de um lado para outro, deixa o telefone sobre a mesinha de centro e cruza os braços.

— Cam... juro por Deus que não é nada disso. Meu Deus, eu nunca, nunca, nunca faria uma coisa dessas com você. Tipo, Andrew é gato demais, claro, não vou negar, e eu grudaria nele feito chiclete no cabelo se vocês dois não estivessem juntos, mas...

— Já entendi, Nat — Camryn a interrompe, felizmente, antes que ela comece o que Camryn chama de Monólogo de Natalie.

— Entendeu? — Natalie pergunta cautelosamente, ainda confusa, o que não me surpreende.

Camryn pega o telefone de novo, me mostra a tela e fala, sem emitir som: Sério? Aparentemente, a respeito do desenho da hiena.

Eu dou de ombros.

— Então, o que tá realmente acontecendo? — Camryn pergunta para nós dois, deixando as brincadeiras de lado.

— Camryn — começo a explicar, indo na direção dela —, sei que você sente falta de casa. Já tô sabendo há algum tempo, por isso, há algumas semanas, peguei o número da Natalie do seu celular e decidi ligar pra ela.

Camryn estreita os olhos. Eu a levo de volta para se sentar no sofá comigo.

— É, ele me ligou, disse o dia do seu ultrassom e achou que eu poderia querer... — A voz de Natalie some, esperando que seja eu a estragar a surpresa.

— Imaginei que ela iria querer organizar um chá de bebê pra você quando ficássemos sabendo se era menino ou menina, tentei ligar pra sua mãe primeiro, mas acho que ela ainda estava em Cozumel.

Camryn balança a cabeça.

— É, acho que ela estava, sim.

— Mas sua mãe tá completamente envolvida, agora — chega a voz de Natalie do pequeno alto-falante. — Ela e eu íamos organizar tudo juntas sem você saber. Hoje não consegui esperar mais que seu gato me ligasse pra dar a notícia, por isso liguei, e agora você descobriu tudo e a surpresa tá estragada!

— Não, não, Nat, não tá estragada — Camryn diz, pegando o telefone e aproximando-o mais da boca

ao se encostar no sofá. — Na verdade, foi melhor eu ter descoberto agora, porque assim vou ficar empolgada desde já, sabendo que vou voltar pra Carolina do Norte logo.

— Bem, você não vai ter que esperar muito — digo ao lado dela —, porque a gente vai partir sexta à tarde.

Camryn arregala os olhos e seu sorriso se alarga ainda mais.

Acho que era disso que ela precisava. Foi como se em dois segundos uma garota feliz saísse de dentro daquela que estava com saudade de casa. Adoro vê-la assim. Já deveria ter feito isso antes.

— Mas o quarto mês é meio cedo pra um chá de bebê — Camryn argumenta. — Não que eu esteja reclamando!

— Pode até ser — Natalie concorda. — Mas e daí? Você vai voltar pra casa!

Eu digo:

— Ê, a gente resolveu matar dois coelhos com uma cajadada só.

— Bom, eu tô empolgada. Obrigada aos dois — Camryn diz, com um sorriso.

— Então... qual é a grande notícia? — Natalie pergunta.

Camryn se segura por alguns segundos longos e torturantes, sabendo que está deixando Natalie maluca, e então diz: — É menina!

Natalie grita tão alto do outro lado que eu me encolho todo.

— Eu sabia! — ela berra.

Normalmente, isso seria motivo suficiente para eu sair daquela atmosfera de salão de beleza e ir fazer um sanduíche, tomar banho ou algo assim, mas não consegui me desvencilhar tão facilmente, dessa vez. Eu fazia parte do “grande segredo”, então acho que preciso ficar durante o resto da conversa.

— Tô tão emocionada, Cam. É sério, você não faz ideia.

— Na verdade, hãã, ela faz ideia, sim — digo.

Camryn olha para mim com ternura.

— Obrigada, Nat. Também tô emocionada. E nós já escolhemos um nome. Bom, tecnicamente, Andrew escolheu o nome.

— Quê? — Natalie diz, com voz desanimada. — Tá querendo me dizer que ele... realmente escolheu o nome? — Ela diz isso como se fosse algo muito perigoso.

O que é, toda mulher acha que homem não sabe escolher nome de criança? Que porra é essa?

— Lily Marybeth Parrish — Camryn diz, orgulhosa.

Me sinto muito melhor vendo que minha garota parece adorar mesmo o nome tanto quanto eu, e não está fingindo só pra não me magoar.

— Ai meu Deus, até que eu gostei, Cam. Boa, Andrew!

Não que eu precisasse do selo de aprovação de Natalie, mas sorrio feito um menininho vendo que até ela gostou.

ONTEM FOI UM dia exaustivo. De um jeito bom. Boas notícias pareciam chegar de todos os lados, e ainda estou pilhada com tudo. Isso só vai deixar ainda mais empolgante a noite no nosso bar favorito em Houston.

Andrew e eu começamos a nos apresentar em alguns bares aqui e ali há pouco mais de um mês, e eu adoro. Antes de Andrew, jamais na minha vida me imaginei cantando ao vivo em bares. Cantando ao vivo em qualquer lugar, aliás. Isso nunca me passou pela cabeça. Mas o gosto que adquiri pela coisa em Nova Orleans abriu um novo mundo para mim. Claro, a presença de Andrew teve uma importância enorme para que eu curtisse tudo, e isso continua valendo até hoje. Duvido que conseguiria continuar fazendo isso, se não fosse por ele.

Mas cantar em público não é o que eu realmente gosto; cantar em público com ele é o que eu adoro.

Falo um pouco com minha mãe sobre minha volta para casa daqui a uns dias, e ela está superempolgada em me ver. Ela e Roger se casaram no México! Fiquei meio puta por não poder estar presente, mas agora que pensei mais nisso, não ligo. Eles estavam sendo espontâneos. Fizeram o que sentiram que seus corações queriam e foram fundo. Aprendi, no meu tempo com Andrew, que ser espontâneo e se libertar das convenções muitas vezes é uma coisa boa. Afinal, nós não estaríamos juntos hoje se eu mesma não tivesse alguma experiência pessoal em ser espontânea.

E quanto à data do nosso casamento, bem, ainda não marcamos. Falamos disso uma noite e concordamos que vamos nos casar quando e onde acharmos que é certo. Nada de datas. Nada de planejamento. Nada de vestido de 5 mil dólares que só vou usar uma vez. Nada de buquê combinando com a decoração. Nada de padrinhos ou madrinhas. Tudo isso estressa a gente só de pensar.

Vamos nos casar quando estivermos prontos, e ambos sabemos que a espera não tem nada a ver com não termos certeza. É o que ambos queremos, não há como negar.

Ouço Andrew enfiando a chave na porta do apartamento e vou encontrá-lo na entrada. Salto em cima dele, cruzando as pernas apertado em sua cintura, e o beijo com força na boca. Ele fecha a porta com o pé e me abraça, mantendo os lábios grudados nos meus.

— Por que isso tudo? — ele pergunta, se desvencilhando.

— Só tô empolgada.

Suas covinhas ficam mais fundas.

Me agarro a ele com os braços ao redor do pescoço enquanto ele me carrega pela sala de estar até a cozinha.

— Queria ter levado você pra casa mais cedo — ele diz, pondo-me em cima do balcão. Ele fica no meio das minhas pernas erguidas e joga as chaves na bancada.

— Nada de culpa — retruco, dando-lhe um selinho nos lábios. — Vou sentir falta do Texas se ficar na Carolina do Norte tempo demais, tenho certeza.

Ele sorri, mas não parece convencido disso.

— Não precisa decidir nada agora, mas quero que você escolha onde vamos morar, e não quero que seja o Texas só por minha causa. Adoro minha mãe, mas não vou ficar com tanta saudade quanto você.

— Por que acha isso?

— Porque já moro sozinho há um tempo — ele explica. — Você não teve a oportunidade de fazer isso antes de partir de Raleigh.

Ele sorri, se afastando um pouco, e acrescenta:

— Além disso, você tá saturada dessas porras de hormônios e doida, por isso vou fazer tudo o que você

quiser sem discutir.

Eu lhe dou um pontapé de brincadeira, mas erro de propósito.

Ele se debruça entre as minhas pernas, levanta a barra da minha camiseta e aperta seus lábios quentes na minha barriga.

— E Billy Frank? — pergunto quando ele se endireita. — Se você deixá-lo de novo, talvez ele não te contrate mais.

Andrew ri e dá a volta no balcão, rumo aos armários. Giro sobre o balcão para ficar de frente para ele, jogando as pernas do outro lado.

— Billy Frank é meu chefe ocasional desde meus 16 anos — ele conta, pegando uma caixa de cereal. — Somos quase parentes, portanto, não é um emprego normal de mecânico. Preciso dele mais do que ele precisa de mim.

— Por que você continua fazendo isso? — pergunto.

— O que, consertando carros?

Balanço a cabeça.

Ele serve o leite no prato de cereal que acaba de fazer e o coloca de volta na geladeira.

— Gosto de mexer em carros — Andrew explica, dando uma colherada monstruosa. Com a boca cheia, continua: — Acho que é meio que um passatempo. Além disso, gosto de sempre ter dinheiro no banco.

Eu me sinto um pouco diminuída por ainda não ter um emprego. Ele sente isso, como parece sentir praticamente tudo. Engole a comida e me aponta com a colher.

— Não faz isso.

Olho para ele, curiosa, fingindo não entender que ele captou tão rapidamente o que eu sentia.

Ele se senta num banco perto de mim, apoiando os sapatos na base.

— Você se dá conta de que trabalha, certo? — ele pergunta, me olhando de lado. — Semana passada a gente ganhou quatrocentos paus, na noite em que tocamos no Levy's. Quatrocentos numa noite não é pouco.

— Eu sei — admito —, mas não parece um emprego.

Ele ri baixinho, balançando a cabeça.

— Não parece um emprego simplesmente porque você gosta de fazer. E porque não tá batendo ponto.

Ele tem razão, mas eu ainda não terminei de explicar.

— Se a gente estivesse sempre na estrada, sem aluguel, contas pra pagar e um bebê a caminho, seria diferente. — Respiro fundo e vou direto ao assunto. — Quero ter um emprego que seja um passatempo. Como o seu.

Ele balança a cabeça.

— Maravilha — Andrew responde e dá mais uma colherada, o tempo todo sentado casualmente, com os braços apoiados no balcão, ao redor de sua tigela. — O que você gostaria de fazer? — Ele aponta para mim: — Note a palavra-chave da pergunta: gostaria.

Penso por um momento, apertando os lábios em contemplação.

— Bom, gosto de fazer faxina, então talvez pudesse trabalhar num hotel — começo. — Ou seria legal trabalhar na Starbucks ou algo assim.

Ele balança a cabeça.

— Duvido que você vá gostar de limpar quartos. Minha mãe fazia isso antes de o meu pai ter o negócio dele. As pessoas deixam umas merdas bem nojentas em quarto de hotel.

Eu faço uma careta.

— Bom, vou pensar em alguma coisa. Assim que a gente chegar em Raleigh, vou procurar emprego.

A colher de Andrew para acima da tigela.

— Então você decidiu se mudar de volta pra casa?

EU NÃO QUERIA deixá-la com essa cara tensa. Tiro a tigela do caminho e a puxo para mim, deslizando-a sobre o balcão. Apoio os braços sobre suas coxas nuas e a olho com o sorriso mais sincero.

— Por mim tudo bem, de verdade, amor.

— Tem certeza?

— Sim. Absoluta. — *Eu me curvo e beijo sua coxa esquerda, depois a outra. — Vamos pra lá pro chá de bebê neste fim de semana, depois voltamos pra cá e começamos a fazer as malas.*

Ela segura minhas mãos.

— Mas depois que a gente se mudar, vamos ter que voltar pra cá em fevereiro pro chá de bebê que sua mãe tá planejando.

Abro um sorriso ainda maior.

— Combinado, então — concordo, mas sem ficar surpreso por ela levar em consideração também os sentimentos da minha mãe. — Tudo certo. Raleigh vai ser nosso novo lar. Pelo menos até a gente se cansar de lá.

Camryn, mais feliz agora do que estava quando foi me cumprimentar na porta, se pendura no meu pescoço. Eu me levanto e a ergo em meus braços, sua bunda bonitinha nas minhas mãos.

— Desculpa pelo cereal — ela fala.

— Hã?

Camryn baixa os olhos, constrangida.

— Aposto que quando você sonhava em se casar, imaginava sua esposa fazendo refeições de macho pra deixar qualquer chef da TV arrepiado.

Eu jogo a cabeça para trás e rio.

— Não, nunca pensei nada disso — asseguro, nossos rostos separados por centímetros. — Quanto a me deixar arrepiado, isso você faz muito bem.

Camryn aperta as coxas ao redor da minha cintura e seu rosto fica mais vermelho. Eu a beijo no nariz e depois olho em seus lindos olhos azuis. Fecho os olhos e sinto o calor mentolado de seu hálito perto de mim. Sua língua toca de leve meu lábio inferior, instigando minha boca a se abrir para a dela. Eu cedo muito facilmente, tocando o lado de sua língua com a minha antes de beijá-la com força, apertando seu corpo em meus braços. Eu a carrego para o quarto, sem interromper o beijo, e faço o que quero com ela por uma hora antes de irmos para Houston para nos apresentar.

~~~~~  
*Chegamos ao aeroporto na Carolina do Norte ao meio-dia de sexta, e eu já percebo o brilho nos olhos de Camryn. É só a segunda vez que ela volta para cá em quatro meses. Pegamos nossas malas e satmos ao sol para encontrar Natalie e Blake à nossa espera. E, como na primeira vez que a encontrei, me preparo para ficar cara a cara com aquela hiena da melhor amiga de Camryn.*

— Fiquei com tanta saudade de você, Cam! — Natalie a sufoca num abraço.

*Blake — posso começar a chamá-lo de Lourinho, só pra curtir — está de pé atrás de Natalie, com as mãos enfiadas fundo nos bolsos, os ombros caídos e um grande sorriso bobo em seu rosto bronzeado. Vejo logo quem é que está no comando. Ela deve manter o cara na coleira. Eu rio por dentro. Que bom pra ele. Cacete, eu também não posso falar muito...*

— Andrew! — Natalie se aproxima de mim, em seguida, e eu ativo meu escudo invisível à prova de doidos ao retribuir o abraço que não pedi.

*Tã, a verdade é que não gosto muito de Natalie. Não a odeio, mas é o tipo de garota com quem eu nem*

*pensaria em falar de novo se Camryn não estivesse envolvida. E o que Natalie fez com Camryn antes que ela embarcasse naquele ônibus deixou um gosto ruim pra caramba na minha boca. Sou totalmente a favor do perdão, mas só o fato de Natalie ser capaz de fazer algo assim já é motivo pra ter um pé atrás com ela o tempo todo. Foi difícil, para mim, tomar a iniciativa de ligar para ela naquele dia, há duas semanas, para dar a data do ultrassom de Camryn e tudo mais. Mas estava fazendo isso por Camryn, e é só isso que importa.*

*— Bom te ver de novo, Blake — Camryn diz, abraçando-o amigavelmente.*

*Sei tudo sobre Blake também, sobre como ele se interessou por Camryn antes de ficar com Natalie. E apesar de sua atração por Camryn antes que nos conhecêssemos, eu o considero um cara legal.*

*Nós trocamos um aperto de mão.*

*— Meu Deus, deixa eu ver! — Natalie diz. Ela levanta a camiseta de Camryn, coloca as duas mãos cuidadosamente sobre a barriga dela e abre um sorriso. Uma espécie de gemido abafado reverbera pela garganta de Natalie, e eu fico me perguntando como um corpo humano pode produzir sons assim.*

*— Posso ser a Tia Natalie, ou a Dinda Natalie!*

*Hãã, só que não?*

*Camryn sorri, balançando rapidamente a cabeça, e tomo cuidado para não emanar nenhuma energia ruim que ela possa detectar. A última coisa que quero é estragar sua volta para casa deixando que ela perceba que só tolero sua melhor amiga para não contrariá-la.*



O CHÁ DE bebê que minha mãe e Natalie organizaram foi ótimo. Ganhei um berço novinho, um andador, um balanço, um cadeirão, duas banheiras — uma rosa e outra azul, só pra garantir — umas 984 fraldas — bom, parecem muitas fraldas —, vários frascos de xampu e talco infantil, e umas coisas chamadas Anti-Bunda de Macaco e Pomada pro Bumbum, o que é muito perturbador, e... não me lembro de tudo, e tem umas coisas que nem faço ideia do que sejam.

Depois de um tempo sentada na sala, cercada por todas, começo a me sentir oprimida, mas estou pronta pra encerrar a reunião e ficar de molho num banho quente e demorado.

Mais duas horas se passam e todas já foram embora, menos Natalie, que me encontra de molho naquele banho tão necessário, rodeada por espuma.

— Cam? — ouço a voz de Natalie do outro lado da porta do banheiro. Ela bate de leve algumas vezes.

— Pode entrar.

A porta range e Natalie dá uma espiada. Não seria a primeira vez que ela me vê pelada.

Ela se senta na tampa da privada.

— Bom, agora é oficial — ela declara com um sorriso —, a gravidez deixa mesmo os peitos maiores.

Como sempre, ela está exagerando.

Tiro a mão da água e borrifio algumas gotas nela.

— Tá se sentindo bem? — ela pergunta, dando um tempo nas brincadeiras. — Parece exausta.

— Tô grávida — respondo secamente.

— É sério, Cam, você tá com uma cara horrível.

— Obrigada. — Eu mexo na presilha que pus no cabelo para não molhá-lo, depois relaxo o braço sobre a borda da banheira.

— Bom, você não devia estar radiante? É assim que dizem que as grávidas ficam.

Dou de ombros e balanço a cabeça sobre a borda da banheira.

Uma onda de dor atravessa a base da minha espinha e passa tão rápido quanto surgiu. Eu faço uma careta e ajeito o corpo.

— Tem certeza de que você tá bem? — Nat parece mais preocupada que o necessário.

— Dores e pontadas. Nada preocupante. Imagino que vá piorar daqui pra frente. As dores e pontadas, quero dizer. — Não sei por que senti necessidade de esclarecer essa última parte, a não ser pelo fato de que eu mesma queria ter certeza de que não estava me referindo a nada além disso.

— Ainda não tá vomitando pela manhã? — Nat pergunta. — Pessoalmente, prefiro uma dorzinha nas costas a botar os bofes pra fora.

— Ainda não. Bate na madeira, Nat.

Admito que se fosse mesmo pra escolher, eu também preferiria a dor e não o vômito. E até agora, parece que é isso que eu vou ter. Acho que sou uma daquelas sortudas que o enjoo matinal não atinge. E também não tive nenhum desejo esquisito. Portanto, ou eu sou uma aberração ou aquele papo de pickles com sorvete é uma tremenda bobagem.

Saio da banheira e enrolo uma toalha no corpo antes de abraçar Natalie para me despedir.

Em seguida, deito na cama, lembrando como ela é confortável. Mas não sinto tanta falta deste quarto, nem vontade de voltar para a minha vida de antes. Não. A “vida de antes” eu ainda quero evitar, e este é o primeiro motivo de eu estar tão dividida a respeito de voltar ou não para casa. Senti falta de minha mãe e de Natalie, e também da Carolina do Norte como um todo, admito. Mas não a ponto de querer voltar para



cá e fazer as mesmas coisas que eu estava fazendo antes. Eu fugi desse estilo de vida por um motivo, e não estou a fim de correr de volta para ele.

Em vez de sair com Natalie e Blake, mais tarde naquela noite, decido ficar em casa e ir dormir mais cedo. Me sinto absurdamente exausta, como se meu corpo estivesse sendo drenado de sua energia mais rápido do que o normal, e a dor nas costas também não sumiu de verdade. Ela vai e volta há horas.

Andrew deita na cama comigo, apoiando-se no cotovelo.

— Sinto que tô fazendo o que não devo, ficando aqui no seu quarto de criança com você assim. — Ele sorri.

Dou um sorriso fraco e afundo mais meu corpo sob o cobertor. Só está fresquinho lá fora, mas eu estou congelando. Puxo o cobertor até o queixo, apertando o tecido felpudo com os dedos.

— Se meu pai estivesse aqui — respondo, rindo —, você ia dormir no quarto de Cole.

Ele se aproxima de mim e passa o braço pela minha cintura. De início, parece que ele vai tirar vantagem total do fato de estarmos finalmente a sós, mas sua expressão fica mais séria, ele tira o braço da minha cintura e passa os dedos pelo meu cabelo.

— Tudo bem, tô começando a ficar preocupado com você. Você tá estranha desde que voltei pra cá com Blake. O que tá acontecendo?

Aproximo meu corpo do dele e digo:

— Já não basta Natalie, agora vem você também. — Olho para ele com meu rosto a centímetros do dele.

— Ah, então ela também notou? — Andrew pergunta.

Balanço a cabeça.

— Só tô com dor nas costas e me sentindo péssima de maneira geral, mas vocês dois se esquecem do motivo.

Ele mal sorri para mim.

— Talvez você devesse marcar uma consulta médica.

Balanço a cabeça fracamente.

— Não vou ser uma dessas paranoicas que correm pro hospital por qualquer coisinha. Fiz uma consulta semana passada. Tá tudo bem. Até ela confirmou. — Eu me aproximo dele, beijo suavemente seus lábios e sorrio um pouco mais, esperando tranquilizá-lo.

Andrew também sorri e afasta o cobertor para poder se aninhar perto de mim. Levanto o corpo e viro de lado, dando-lhe as costas, e ele encosta seu corpo quente no meu, me abraçando por trás. Ele é tão quentinho que me derreto nele, sabendo que em poucos minutos estarei dormindo profundamente. Sinto sua respiração no meu pescoço quando ele me beija ali. Fecho os olhos e o absorvo por inteiro, seu cheiro natural que sempre desejo, a firmeza de seus braços e pernas, o calor que emana de sua pele. Duvido sinceramente que um dia consiga de novo pegar no sono sem ele ao meu lado.

— Se piorar — Andrew fala baixinho atrás de mim —, é melhor você me contar. Também não quero que você seja uma dessas pessoas teimosas que não vão ao médico quando sabem que podem ter algum problema.

Viro a cabeça um pouco na direção dele, com um ar levemente divertido.

— Ah, tipo alguém que conheço, que se recusou a ir ao médico por oito meses porque tinha certeza de que seu tumor no cérebro era inoperável?

Ele suspira e eu sinto o calor de seu hálito no meu ombro. Minha intenção era fazê-lo rir, mas pelo visto ele não acha isso engraçado.

— Me promete e pronto — ele insiste, me apertando de leve com o braço. — Se sentir mais dor ou qualquer coisa esquisita, me avisa e a gente vai pro hospital.

Eu cedo, não por querer apaziguá-lo, mas porque ele tem razão. Nunca fiquei grávida antes, então sei tão pouco sobre o que é normal e o que não é quanto qualquer outra mãe de primeira viagem.

É DOMINGO À tarde, e acho que ontem eu só precisava de uma boa noite de sono. Me sinto um pouco melhor hoje, e a dor nas costas sumiu. Eu me visto e faço minhas malas para que tudo esteja pronto quando Andrew e eu partirmos hoje à noite para pegar o avião de volta para o Texas. Mas antes de a gente voltar, preciso passar um dia de mulherzinha com Natalie, e estou ansiosa por isso.

— Tem certeza de que não se importa de sair com Blake? — pergunto, enquanto Andrew veste uma camiseta azul-marinho. Ele está de pé diante do espelho ajeitando o cabelo, se é que “passar os dedos uma vez” pode ser chamado de ajeitar. Ele nunca se importou muito com o cabelo, contanto que não fique espetado onde não deve.

Andrew se vira para me encarar.

— Não ligo não. Blake é um cara bem legal. A gente vai pra um salão de bilhar jogar um pouco. — Ele passa os braços pela minha cintura. — Não se preocupe comigo. Divirta-se com Natalie.

Eu rio de leve.

— Sabe, se ela descobrir aquele desenho que você associou ao número dela no teu telefone, vai te matar.

O sorriso de Andrew aumenta.

— Você é muito corajosa, Camryn Bennett. — Ele me segura pelos ombros e balança a cabeça dramaticamente para mim. — Eu morreria esmagado pelo peso da personalidade daquela garota se tivesse que passar mais de uma hora no mesmo ambiente com ela. Ou isso, ou furaria meus tímpanos com um lápis, o que fosse mais rápido.

Eu sufoco uma risada e aperto as mãos com força no peito dele.

— Você é tão malvado.

— Ora, eu sou, sou sim — ele diz com um sorrisão.

Andrew se curva e aperta os lábios na minha testa. Faço melhor e seguro de leve a frente da camiseta dele, puxando-o para mim e beijando-o nos lábios.

— Não é tarde demais pra dar uma rapidinha aqui, só pra você saber. — Seus olhos verdes semicerrados sondam meu rosto e meus lábios antes de me beijar de novo, puxando meu lábio inferior com os dentes.

— É tarde demais sim — ouço Natalie dizer da porta do meu quarto.

O beijo é interrompido e ambos nos viramos ao mesmo tempo para vê-la de pé ali, de braços cruzados e com um sorrisinho no canto da boca. Seu cabelo longo e preto lhe cobre os dois ombros. A primeira coisa que me pergunto é o quanto ela ouviu.

Andrew revira os olhos discretamente com a intrusão. Pobrezinho. Cada coisa que ele faz por mim.

Natalie marcha para dentro do quarto e se joga no pé da minha cama. Obviamente, não ouviu nada comprometededor, senão já estaríamos sabendo. Ela bate palmas com um estalo e diz:

— Anda! Anda! Vamos à pedicure, manicure e todo tipo de cure hoje.

Pelo semblante de Andrew, sei que ele gostaria muito de deixar claro que ela tropeçou na própria língua. Olho para ele intensamente, avisando-o para não dizer uma palavra, e ele apenas sorri, de lábios cerrados e tudo.

— Tá se sentindo melhor hoje? — Natalie pergunta.

Enfio os pés nos meus mocassins Rocket Dog — ou, como Andrew diz, os sapatos mais feios que ele já viu — e começo a escovar o cabelo.

— Tô me sentindo melhor, sim — digo, olhando-a pelo reflexo do espelho. — Ainda um pouco esquisita, mas melhor do que ontem.

— Faz um favor pra mim, fica de olho nela — Andrew diz para Natalie. — Se ela começar a se queixar de dor ou qualquer outra coisa, me liga, tá?

Natalie balança a cabeça.

— Pode deixar. Não ia ser a primeira vez que ela ignora um problema de saúde. Ano passado, ela ficou dois dias gemendo e grunhindo com dor de dente, foi tão chato... Até que finalmente foi pro dentista.

— Eu tô bem aqui — digo, parando com a escova no cabelo.

Natalie faz um gesto de desprezo e volta a falar com Andrew.

— Eu te ligo se ela espirrar mais de quatro vezes seguidas.

— Ótimo — Andrew conclui, e volta a falar comigo. — Ouviu isso? — ele diz, sério. — Agora tenho reforços.

Quando foi que Andrew virou parceirão da Natalie? Há alguns segundos, ele era 100% anti-Natalie. Balanço a cabeça e volto a escovar o cabelo, enrolando-o com os dedos numa trança e prendendo a ponta com um elástico.

Andrew se despede de mim e de Lily com um beijo e sai sei lá pra onde com Blake. E eu saio com Natalie logo depois, esperando chegar ao fim do dia sem dores nas costas ou qualquer outra coisa que faça Natalie ligar para Andrew e me arrastar para o pronto-socorro mais próximo.

Primeiro ficamos algum tempo no nosso Starbucks de sempre, depois vamos para o shopping, para a Bath and Body Works, onde Natalie está trabalhando há um mês. Ela me apresenta à sua gerente e às duas garotas que trabalham com ela. Esqueço os nomes logo depois que elas me dizem. A gerente é legal, até me diz para voltar e preencher uma ficha, se eu quiser. Natalie entra no meio da conversa para explicar que logo vou voltar para o Texas, e quando não confirmo o que ela diz imediatamente, Natalie percebe que estou escondendo algo e mal consegue se aguentar. Sorrio e agradeço à gerente, e quando dou por mim, Natalie está praticamente me arrastando para fora da loja e me pressionando.

— Desembucha! — ela exclama, de olhos arregalados.

Vou até o parapeito e me apoio nele. Ela me segue, deixando a bolsa e uma sacola de compras no chão, perto dos pés.

Penso na minha resposta, porque realmente não sei o que dizer. Não posso dizer que sim, que vou me mudar de volta para Raleigh, porque Natalie vai entender como: Vou me mudar de volta pra cá e tudo vai ser exatamente como era antes. Na verdade, o que isso significa é que sinto falta de Natalie e da minha mãe, e que o Texas e eu não fomos feitos um para o outro.

A verdade surge de repente enquanto meu olhar se perde pelo shopping. Todos aqueles dias em que fiquei deitada, olhando para o teto, enquanto Andrew trabalhava na oficina com Billy Frank, fiquei tentando entender qual era o meu problema, por que eu sentia tanta saudade e ao mesmo tempo não queria realmente voltar pra casa. Lembro quando cheguei ao Texas com Andrew pela primeira vez. Caramba, lembro quando estávamos na estrada juntos, pouco antes de cruzar a divisa com o Texas. Eu não queria ir pra lá. Tinha medo de que tudo fosse terminar no Texas, que a vida empolgante que eu estava levando com Andrew na estrada se tornasse nada mais do que uma lembrança quando chegássemos ao nosso destino final.

E de certa forma... isso aconteceu...

Engulo um grande nó que se formou na minha garganta e recupero o fôlego mentalmente.

Não é por causa de Lily. Eu a amo muito e jamais poderia culpá-la. Porque a verdade é que a vida não acaba com uma gravidez. Muita gente parece achar isso, mas acredito sinceramente que tudo depende de como você escolhe vivê-la. Claro, ter um bebê é uma das coisas mais difíceis, mas não é o fim do mundo.

Não precisa ser a destruição dos sonhos da pessoa. O que Andrew e eu estamos fazendo aos poucos, sem perceber, é que destrói os sonhos: estamos nos acomodando demais. O tipo de acomodação que te pega de surpresa anos depois, te dá um tapa na nossa nuca e diz: Ei, babaca! Já percebeu que tá fazendo a mesma merda todo dia há dez anos?

Mantenho os olhos fixos à minha frente.

— Não sei ao certo o que estamos fazendo, Nat — respondo, e então finalmente olho para ela. — Quero dizer, sim, vou me mudar de volta pra casa, mas...

Suas sobrancelhas escuras se juntam com ar interrogador.

— Mas o quê?

Desvio o olhar, e quando não respondo imediatamente, ela diz:

— Oh, não, não me diga que Andrew não vem com você. Garota, tem algo acontecendo com vocês dois?

Eu volto a encará-la.

— Não, Nat, não é nada disso, e sim, ele vem comigo, com certeza... não sei. É difícil explicar.

Ela aperta os lábios, erguendo um canto da boca, e me segura pelo cotovelo.

— Temos a tarde toda pra você descobrir, então vamos pro salão de beleza e você pode pensar muito nisso no caminho. — Ela se abaixa, pega a bolsa e a sacola, pendurando-as no pulso livre, enquanto anda comigo até a saída mais próxima.

Chegamos ao salão de beleza em minutos, e o lugar está lotado, que é exatamente como lembro de lá nos fins de semana. Natalie e eu estamos aboletadas em cadeiras de pedicure, com duas garotas cuidando dos nossos pés. Passou muito tempo desde a última vez que fiz os pés, então espero que meus dedos não estejam horrorosos demais.

— Sabe, Cam, você nunca me contou por que foi embora. — Natalie olha para mim. — Por favor, me diz que não foi por minha culpa.

— Não foi culpa de ninguém em particular — explico. — Eu só precisava me afastar por um tempo. Não conseguia respirar.

— Bom, eu jamais faria algo tão ousado, mas admito que o resultado não foi nada menos que espetacular.

Isso me faz sorrir.

— Foi, não foi?

— Com certeza — ela diz, sorrindo, com os olhos castanhos brilhando. — Você acabou conquistando um deus do sexo — a garota que está fazendo os pés dela olha rapidamente para cima —, ficou noiva e tem um bebê lindinho a caminho — Natalie ri. — Tô com inveja, porra!

Eu rio também, mas não tão alto.

— Primeiro, por que ter inveja de mim quando você tem Blake? E segundo, como sabe que meu bebê vai ser lindo?

Natalie aperta os lábios e me olha como se eu fosse retardada.

— Fala sério, né? Pra vocês dois seria impossível gerar um bebê feio. — A garota que está me atendendo revira os olhos para a outra garota. — E não tô com inveja de você por causa de Andrew, tô com inveja porque provavelmente vou acabar como a minha mãe, que não saiu quase nunca da Carolina do Norte. Por mim, tudo bem. Não sou, tipo, viciada em viajar de ônibus, e sinto claustrofobia quando alguém respira muito perto de mim, mas de certa forma invejo você.

Reflito um pouco sobre o que ela disse, mas não estendo o assunto.

Minhas costas estão começando a doer de novo, e tento me ajeitar na cadeira sem mexer muito os pés.

*Meu quadril também dói um pouco, mas tenho certeza de que é porque andei muito hoje.*

— Então, já descobriu? — Natalie pergunta.

— O quê?

*Ela pisca, surpresa com a rapidez com que pareço ter esquecido nossa conversa no shopping. Não esqueci, na verdade; só estava tentando evitar o assunto.*

— A verdade — começo, desviando o olhar e imaginando Andrew — é que não quero nem me mudar de volta pra cá, nem ficar no Texas. Tipo, eu quero estar aqui, mas morro de medo de também acabar como a sua mãe. — Eu jamais usaria a mãe dela como exemplo, mas é realmente a maneira mais fácil de fazer Natalie entender, especialmente considerando que ela acabou de fazer a mesma comparação, então nem pensei muito a respeito.

— É, te entendo totalmente — Natalie concorda, balançando a cabeça. — Mas o que mais você poderia fazer? Você não tem outras opções, especialmente com um bebê a caminho.

*Meu Deus, por que Nat tinha que dizer isso? Suspiro baixinho e tento não olhar para ela, para que não veja a decepção estampada no meu rosto. Natalie é minha melhor amiga, mas eu sempre soube que ela seria uma dessas pessoas que passam a vida toda numa bolha sem cor e só caem na real para se arrepender quando é tarde demais para mudar. Ela acabou de provar isso com seu comentário sobre como ter um bebê praticamente significa o fim da linha para uma vida divertida e gratificante. E porque ela nunca vai entender. Também não respondo a isso.*

— Cam? Tem certeza que você tá bem?

*Prendo a respiração e olho para ela. Mais uma pontada atravessa meu quadril, e de repente sinto que estou começando a suar um pouco. Sem pensar na pedicure, retiro o pé de suas mãos e me seguro nos braços da cadeira para me levantar.*

— Preciso ir ao banheiro.

— Camryn?

— Eu tô bem, Nat — asseguro, levantando da cadeira. — Desculpa — digo para a garota, desvio dela e me dirijo para o curto corredor sob a placa que indica o toalete. Tento não demonstrar que estou sentindo dor ao andar, porque não quero que Natalie me siga, mas sei que ela vai me seguir assim mesmo.

*Me apoiando na cabine, eu abro a porta e me tranco lá dentro, podendo finalmente manifestar a verdadeira dimensão do meu desconforto. Gotículas de suor cobrem minha testa e a região sob as minhas narinas. Tem mesmo alguma coisa errada. Pode ser minha primeira gravidez, mas sou capaz de saber mesmo assim que o que estou sentindo agora não é normal. Uso o banheiro rapidinho, saio do pequeno cubículo, que só está piorando meu desconforto, e vou até o balcão da pia.*

*Isso não pode estar acontecendo...*

*Minhas mãos estão tremendo incontrolavelmente. Não, meu corpo todo está tremendo. Levanto a mão para pegar sabonete líquido no recipiente da parede e lavar as mãos, mas não chego nem a enxugá-las antes de o que está acontecendo me atingir com força total. Eu desabo e começo a chorar, me apoiando na borda do balcão. A dor física sumiu por ora, mas... talvez eu só esteja sendo paranoica. Sim, é só isso. Paranoia. A dor se foi, então com certeza estou bem.*

*Respiro fundo várias vezes antes de erguer a cabeça acima dos meus ombros curvados e me olhar no espelho. Com uma mão molhada, limpo o suor do rosto e as lágrimas das bochechas. Me sinto até bem o suficiente para ficar com nojo ao perceber que estou de pé num banheiro público, descalça.*

*A porta se abre e Natalie marcha para dentro.*

— Sério, você tá bem? Não, nem precisa responder, obviamente não tá, então me fala, o que tá

*acontecendo? Vou ligar pro Andrew. E é já. — Ela começa a sair do banheiro e voltar para o salão, onde seu celular está, mas eu a impeço.*

*— Nat, não, espera.*

*— Porra nenhuma — ela disse. — Vou ligar pra ele exatamente daqui a sessenta segundos, então você tem menos tempo que isso pra se explicar.*

*Eu cedo porque, por mais que eu queira me convencer de que estou bem, no fundo sei que não estou. Especialmente depois do que vi antes de sair do cubículo.*

*— Tô sentindo pontadas nas costas e no quadril e tô com manchas na calcinha.*

*— Manchas? — Ela faz uma cara levemente enojada, mas disfarça bem e está claramente mais preocupada do que com nojo. — Quer dizer... de sangue? — Ela me olha de lado, desconfiada, e não desvia o olhar até que respondo.*

*— Sim.*

*Sem mais uma palavra, a porta do banheiro se fecha atrás dela quando ela sai.*

*Sabe, existe um momento na vida em que é preciso encarar algo tão horrível que você sente que nunca mais vai voltar a ser a mesma pessoa. É como se algo tenebroso desse um rasante, vindo de cima, e roubasse cada migalha de felicidade que você já sentiu, e você só pode ficar olhando, sentir aquilo indo embora, sabendo que não importa o que você faça na vida, nunca mais poderá tê-la de volta. Todos passam por isso ao menos uma vez. Ninguém está imune. Mas o que não consigo entender é como uma pessoa pode passar por isso o bastante para cinco pessoas e em tão pouco tempo.*

~~~~~

Estou deitada numa cama de pronto-socorro, encolhida debaixo de um cobertor. Natalie está sentada na cadeira à minha esquerda. Não consigo falar. Estou apavorada demais.

— Por que estão demorando tanto, porra? — Natalie reclama, falando dos médicos. Ela se levanta e começa a andar pelo quarto, seus saltos altos estalando suavemente no chão de ladrilhos brancos e brilhantes.

Então ela muda o discurso.

Ela para, olha para mim e diz, com uma expressão esperançosa:

— Talvez estejam demorando tanto tempo pra te examinar porque acham que não é nada preocupante.

Não acredito nisso, mas não consigo dizer em voz alta. É a segunda vez que estou num pronto-socorro. Na minha primeira vez, quando quase morri afogada depois de mergulhar de umas pedras no lago, pareceu que fiquei ali por seis horas. E foi principalmente para dar pontos no corte que sofri no quadril ao bater nas pedras.

Eu me viro e fico deitada de lado, olhando para a parede. Segundos depois, a porta de vidro deslizante se abre. Acho que finalmente é um médico, mas meu coração falha algumas vezes quando Andrew entra no quarto. Ele e Natalie trocam algumas palavras em voz baixa, que eu finjo não ouvir.

— Eles nem entraram aqui ainda, a não ser pra fazer algumas perguntas pra ela e trazer um cobertor.

Os olhos de Andrew encontram os meus rapidamente, e leio a preocupação em seu rosto, embora ele esteja se esforçando muito para não parecer tão óbvio. Ele sabe o que está acontecendo tanto quanto eu, mas também como eu não vai falar disso ou se permitir acreditar enquanto um médico não confirmar.

Eles conversam por mais alguns segundos, e então Natalie se aproxima da cama e se curva para me abraçar.

— Só deixam uma pessoa por vez ficar aqui com você — ela diz ao se afastar. — Vou ficar na sala de espera com Blake. — Nat força um sorriso para mim. — Você vai ficar bem. E se eles não fizerem alguma coisa logo, vou surtar e armar um barraco nessa porra.

Sorrio um pouco também, grata pela capacidade de Natalie de fazer isso acontecer até na minha hora mais negra.

Ela para na porta e cochicha para Andrew:

— Por favor, me avisa assim que você souber — e sai do quarto, fechando a porta de vidro atrás de si.

Meu coração afunda quando Andrew me olha de novo, porque desta vez tenho toda a atenção dele. Ele puxa a cadeira vazia e a coloca perto da minha cama. Pega na minha mão e a aperta com ternura.

— Sei que você tá se sentindo péssima — ele começa —, então não vou nem perguntar.

Tento sorrir, mas não consigo.

Ficamos apenas nos olhando por um tempo. É como se soubéssemos o que o médico vai dizer. Nenhum dos dois se permite acreditar que talvez, quem sabe, tudo irá dar certo. Porque não vai dar. Mas Andrew, fazendo tudo o que pode para me reconfortar, não se permite chorar nem parecer preocupado demais. Mas eu sei que ele está usando essa máscara por minha causa. Sei que o coração dele está sofrendo.

Pouco depois, um médico entra com uma enfermeira, e num estado estranho, de sonho, acabo ouvindo-o dizer que não há batimentos. Acho que o mundo sumiu debaixo de mim, mas não tenho certeza. Vejo os olhos de Andrew, cobertos por um fino véu de lágrimas, enquanto ele olha para o médico, que diz palavras que somem no fundo da minha mente.

O coração de Lily não está mais batendo.

E eu penso... é, e o meu também não...

JÁ ESTAMOS EM Raleigh há duas semanas. Não vou nem falar do inferno que a gente — Camryn — atravessou nesse tempo. Me recuso a dar detalhes. Lily se foi, e Camryn e eu estamos arrasados. Não há nada que eu possa fazer para trazê-la de volta e estou tentando enfrentar isso da maneira que posso, mas Camryn não é mais a mesma desde aquele dia, e estou começando a me perguntar se voltará a ser como foi um dia. Ela não fala com ninguém. Nem comigo, nem com a mãe, nem com Natalie. Ela até fala, só não daquilo que aconteceu. Não aguento vê-la assim porque é óbvio que por baixo daquela fachada de “tô ótima” ela está sofrendo muito. E eu me sinto impotente para ajudá-la.

Camryn está no chuveiro há muito tempo, enquanto estou deitado no quarto dela, olhando para o teto. Meu celular toca ao meu lado no criado-mudo.

— Alô? — atendo.

É Natalie.

— Preciso falar com você. Você tá sozinho?

Pego de surpresa, levo um tempo para responder.

— Por quê? Sim, Camryn está no chuveiro.

Olho para a porta para verificar se ninguém está ouvindo. A água do chuveiro continua correndo, por isso sei que Camryn ainda está lá.

— A mãe dela falou alguma coisa sobre... qualquer coisa? — Natalie pergunta em tom suspeito, e isso me causa a sensação mais estranha.

— Você precisa ser um pouco mais específica — respondo. Essa conversa mal começou e já está me torrando o saco.

Ela suspira profundamente ao telefone e eu fico impaciente.

— Tã, escuta. Cam obviamente tá diferente — ela começa (ah, vá! É mesmo?) —, e você precisa convencê-la a voltar pra psiquiatra dela. Logo.

A psiquiatra dela?

Ouço a água sendo desligada e olho novamente para a porta fechada.

— Que história é essa de psiquiatra? — pergunto em voz baixa.

— É, ela fazia terapia e...

— Peraí — sussurro em tom ríspido.

A porta do banheiro se abre e ouço os passos de Camryn vindo para o quarto.

— Ela tá voltando — digo rapidamente. — Te ligo daqui a pouco.

Desligo e deixo o celular no criado-mudo segundos antes que Camryn abra a porta, usando um roupão cor-de-rosa e uma toalha enrolada na cabeça.

— Ei — falo, pondo as mãos atrás da cabeça e entrelaçando os dedos.

Tudo o que quero, na verdade, é ligar de novo para Natalie e descobrir o que ela ia me contar, mas faço melhor e vou direto à fonte. Além disso, não quero esconder segredos dela. Já fiz isso uma vez e não vou fazer de novo.

Ela sorri do outro lado do quarto, depois joga o cabelo para a frente e o enxuga com a toalha.

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro — ela diz, se endireitando e deixando o cabelo louro e úmido cair para trás.

— Você fazia terapia?

O sorriso desaparece do seu rosto e é instantaneamente substituído por uma expressão neutra. Ela anda até o closet e o abre.

— Por que a pergunta?

— Porque Natalie acabou de ligar e sugeriu que eu tentasse te convencer a voltar.

Ela balança a cabeça, de costas para mim, e começa a remexer nas roupas penduradas à sua frente.

— É bem da Natalie isso de achar que eu tô louca.

Ainda de cueca, me levanto da cama, deixando o lençol descobrir meu corpo, e ando até ela, pondo as mãos em seus quadris, por trás.

— Fazer terapia não quer dizer que a pessoa está louca. Talvez você devesse ir mesmo. Só pra falar com alguém.

Me incomoda eu não poder ser esse alguém, mas isso não é o mais importante.

— Andrew, eu vou ficar bem. — Ela se vira e sorri docemente para mim, pondo os dedos no meu queixo. Então ela me beija nos lábios. — Prometo. Sei que você, Nat e mamãe estão muito preocupados comigo e não culpo vocês por isso, mas não vou ver psiquiatra nenhum. É ridículo. — Ela se vira de novo e puxa uma camiseta de um cabide. — Além disso, o que essa gente quer, no fundo, é me receitar um remédio e me mandar pra casa. Não vou tomar nenhum remédio pra cabeça.

— Bom, não precisa tomar nenhum remédio “pra cabeça”, mas acho que se você tivesse outra pessoa com quem falar, isso ajudaria a tornar mais fácil lidar com o que aconteceu.

Camryn para, ainda de costas, e deixa os braços caírem ao lado do corpo, ainda segurando com força a camiseta. Ela suspira e seus ombros finalmente se relaxam em meio ao silêncio. Então ela se vira e fita meus olhos.

— A melhor maneira, pra mim, de lidar com o que aconteceu é esquecer — ela afirma, partindo o meu coração. — Vou ficar bem desde que não seja obrigada a me lembrar daquilo todo dia. Quanto mais vocês todos tentarem me fazer “falar a respeito” — ela faz as aspas com os dedos —, e quanto mais todos ficarem me olhando com essa expressão calada e triste cada vez que eu chego perto, mais tempo vou levar pra esquecer.

Isso não é algo que dá pra simplesmente esquecer, mas não tenho coragem de dizer isso a ela.

— Tá, então... — eu me afasto e volto distraidamente para perto da cama — ...quanto tempo a gente vai ficar aqui? Não que eu esteja ansioso pra voltar. — Essa é só uma de várias perguntas que quero fazer, mas tenho um pé atrás com todas elas. Nessas últimas duas semanas, me sinto pisando em ovos cada vez que digo qualquer coisa para ela.

— Não vou voltar pro Texas — ela diz casualmente, e continua enfiando um par de jeans.

Ovos. Essas merdas de ovos em todo canto.

Eu esfrego a palma da mão na minha nuca.

— Tudo bem. Eu volto sozinho, faço as malas e, se você quiser, pode sair com Natalie e procurar um apartamento pra nós até eu voltar. Você escolhe. O que quiser. — Sorrio cuidadosamente para ela do outro lado do quarto. Quero que ela seja feliz e faço qualquer coisa para isso acontecer.

Seu rosto se ilumina, e sinto que isso está genuinamente conseguindo me enganar. Ou isso, ou ela está sorrindo de verdade. A essa altura, já não consigo saber mais a diferença.

Camryn se aproxima de mim e me empurra sobre o pé de sua cama, apertando as mãos no meu peito. Então ela me joga na cama. Olho para ela. Normalmente, eu já estaria montando nela, a essa altura, mas isso me parece errado. Sei que ela quer. Ao menos, acho que quer... mas sinto medo de tocá-la, e estou sentindo isso desde o aborto.

Ela se senta sobre mim, a cavalo sobre meu peito, e, apesar de ter medo de tocá-la, o instinto me leva a me apertar contra ela. Ela fecha as mãos sobre meus ombros e me encara. Mordo minha bochecha por

dentro e fecho os olhos quando ela se curva para me beijar. Correspondo ao beijo, saboreando a doçura de seus lábios e inspirando seu hálito para o fundo de meus pulmões. Mas então me afasto e a seguro pela cintura, para que ela não me force a fazer nada.

— Amor, acho que não...

Ela parece chocada, com a cabeça inclinada para o lado.

— Acha que não o quê?

Não sei bem como pôr isto em palavras, mas digo a primeira coisa que me vem à mente.

— Faz só duas semanas. Você não tá ainda...?

— Sangrando? — ela pergunta. — Não. Dolorida? Não. Já falei, eu tô bem.

Ela está longe de estar bem. Mas sinto que, se eu tentar convencê-la, essa bomba de alguma forma vai explodir na minha mão.

Droga... talvez eu precise enfrentar a fera e falar com Natalie, no fim das contas.

Camryn desce do meu colo, mas fico de pé com ela e a envolvo com os braços, puxando-a para meu peito nu. Aperto o lado do meu rosto no alto de seu cabelo molhado.

— Tem razão — ela diz, se afastando para me olhar nos olhos. — É melhor, hãã... eu voltar a tomar anticoncepcional. Seria idiotice correr esse risco de novo.

Ela se afasta de mim.

Não era bem o que eu queria dizer. Claro que provavelmente é melhor tomarmos mais cuidado desta vez, por causa do que ela acabou de passar. Mas para ser completamente sincero, eu treparia com ela agora mesmo com a única intenção de engravidá-la de novo, se ela assim quisesse. Se ela me pedisse, não me arrependo nada da primeira vez e faria tudo de novo. Mas precisaria ser o que ela quer, e temo que se um dia eu tocasse nesse assunto, ela poderia achar que é minha sugestão, poderia se sentir culpada por perder a minha Lily, e iria querer engravidar de novo por achar que é o que eu preciso para me sentir melhor.

Camryn tira o roupão, joga-o no pé da cama e começa a se vestir.

— Se é o que quer fazer — digo sobre o anticoncepcional —, então eu tô com você.

— É o que você quer? — ela pergunta, parando para me fitar.

Parece uma pegadinha. Cuidado, Andrew.

Balanço a cabeça lentamente.

— Eu quero o que você quiser. E no momento, pelo seu bem, acho que é a melhor coisa a fazer.

Não consigo detectar absolutamente nenhuma emoção em seus olhos, e isso está me deixando nervoso.

Finalmente, ela também balança a cabeça e desvia o olhar de mim. Veste o jeans e remexe na gaveta da penteadeira, procurando um par de meias.

— Vou ver minha médica hoje, se conseguir um horário.

— Tá — concordo.

E como se não tivéssemos acabado de ter uma conversa séria e um tanto deprimente, Camryn se aproxima e sorri para mim antes de me dar um selinho nos lábios.

— Aí você vai poder voltar ao normal.

— Como assim?

— Ah, por favor! — ela exclama —, você não tentou transar comigo nenhuma vez desde que aquilo aconteceu. — Ela sorri, e seus olhos percorrem lentamente o meu peito nu. — Vou admitir que sinto falta do meu Andrew Parrish louco por sexo. Nos últimos três dias, tive que fazer justiça com as próprias mãos várias vezes. — Ela se curva rumo aos meus lábios e depois passa à minha orelha, puxando o lóbulo delicadamente com os dentes, e sussurra: — Fiz isso no chuveiro há uns minutinhos. Você precisava estar lá.

Calafrios correm pelas minhas costas e chegam até os pés. Cacete, por que ela não me pediu pra fazê-la gozar? Eu faria isso de bom grado. Acho que isso ela já deve saber, a essa altura.

Seguro o rosto dela e a beijo com força enquanto ela pega meu pau. Quando dou por mim, estou deitado atravessado em sua cama, e ela está subindo em mim. Seus dedos seguram o elástico da minha cueca, enquanto ela olha o meu corpo com olhos semicerrados e demoníacos.

Meu Deus, se ela me puser na boca agora...

Nem percebi que meus olhos haviam se fechado até sentir seus dedos se enfiarem entre minha cueca e a minha pele. Então ela começa a tirar a cueca, e aí eu não vejo mais nada.

Minha consciência volta à tona como um monstro do pântano e eu a seguro, levantando parte do corpo da cama, me apoiando nos cotovelos.

— Amor, agora não.

Ela faz bico. Juro que faz um bico, e é o equivalente perfeito do olhar do gatinho do Shrek, e eu meio que quero ceder, porque isso me derrete completamente.

— Eu queria. Acredite... queria muito que você fizesse isso. — Rio um pouco com essas palavras. — Mas vamos esperar. Sua mãe já vai voltar, e eu...

Ela inclina a cabeça para o lado e abre um sorriso.

— Tudo bem — ela se rende, e me beija mais uma vez antes de pular da cama. — Tem razão. A última coisa que eu quero é que minha mãe me flagre pagando um boquete.

Eu acabo de recusar um boquete? Essa garota não faz mesmo ideia do quanto me tem pelo cabresto. É melhor eu nem contar, senão ela pode abusar desse poder. Cacete, o que eu tô dizendo? Eu quero que ela abuse. Eu amo essa mulher, porra.

Camryn sai com a mãe mais tarde naquela manhã, depois de conseguir marcar uma consulta de última hora com a ginecologista. Tive vontade de puxar a mãe dela para o lado, num momento, e perguntar das coisas que Natalie tentou me contar, mas faltou oportunidade. Elas precisavam sair rápido para chegar a tempo na consulta, e teria sido bem esquisito se eu fosse para o quarto com a mãe dela. Camryn sacaria na hora que estávamos falando dela.

CAMRYN DEIXOU O carro dela comigo. Perguntei rapidamente por que ela não viajou de carro, em vez de embarcar num ônibus naquele dia, em julho passado, e ela respondeu com: "Por que você não viajou no seu?" Precisei de todas as minhas forças para me colocar no banco do motorista de um pequeno Toyota Prius vermelho, mas respirei fundo e dirigi até o Starbucks, onde combinara me encontrar com Natalie.

Tudo nisto parece perigoso e sujo. E não quero dizer sujo do jeito bom. Quero dizer que vou querer tomar banho com água sanitária quando isto acabar. Natalie chega sem Blake e cruza o salão na minha direção, seu longo cabelo preto preso num rabo de cavalo. Fiz questão de pegar uma mesa o mais longe possível das grandes vidraças, por medo de alguém me ver com ela. Não importa que ninguém me conheça por aqui; a questão não é essa. Tentei fazê-la me contar o que precisava me contar por telefone, mas ela insistiu que nos encontrássemos.

Ela se senta na cadeira vazia e joga a bolsa sobre a mesa ao mesmo tempo.

— Eu não mordo — ela diz com um sorrisinho.

Talvez não, mas aposto que a sua...

— Não precisa fingir que gosta de mim — ela interrompe meus pensamentos. — Cam não tá aqui. E eu não sou tão burra quanto você pensa.

Admito que ela me surpreendeu. Eu achava realmente que ela nem imaginasse que eu não ia com a cara dela. Nat pode ser a melhor amiga da minha noiva, mas magoou Camryn de verdade quando a repeliu, meses atrás, e não acreditou em Camryn quando Damon, o ex de Natalie, confessou estar apaixonado por Camryn. Foi muita mancada.

Eu me afasto da mesa e cruzo os braços sobre o peito.

— Bom, já que estamos sendo francos, me diz, qual o seu problema, afinal?

Isso a pegou desprevenida. Seus olhos se arregalaram com a surpresa e depois se estreitaram. Ela parece estar mordendo a bochecha por dentro de frustração.

— Você tá falando do quê? — Ela cruza os braços e inclina a cabeça para o lado, fazendo o seu rabo de cavalo cair do outro.

— Acho que você sabe do que eu tô falando. E se não sabe, então talvez seja tão burra quanto eu penso.

Não consigo deixar de ser filho da puta assim com ela. Eu poderia ter continuado a tolerá-la indefinidamente, sem nunca dizer uma palavra negativa, mas foi ela que pôs as cartas na mesa quando se sentou. A culpa é dela, cacete.

Uma lampadinha se acendeu em sua cabeça e o brilho de seus olhos castanhos diminuiu com a compreensão. Ela sabe exatamente a que me refiro.

— Eu sei, mereço isso — ela admite, desviando o olhar. — Vou me arrepender do que fiz com Camryn pra sempre, provavelmente, mas ela me perdoou, então não sei por que você precisa ser tão babaca a respeito disso. Você nem me conhecia na época. Você ainda não me conhece.

Não, não conheço, admito, mas sei o suficiente e isso me basta. Pelo menos posso confrontar Natalie. Damon, ou sei lá qual a porra do nome dele, é outra história. Bem que eu gostaria de tê-lo sentado à minha frente no lugar dela. Nada me daria mais satisfação do que enfiar os lábios dele no meio dos dentes.

— Mas não estamos aqui pra falar de mim — ela desconversa, novamente com aquele sorrisinho —, então me deixa explicar por que pedi que você me encontrasse aqui.

Eu balanço a cabeça e deixo por isso mesmo.

— Cam e eu somos melhores amigas há muito tempo. Eu a ajudei a enfrentar a barra quando a avó dela morreu, quando Ian morreu, quando o irmão dela, Cole, matou aquele cara e foi pra cadeia. Isso sem

falar quando o pai dela traiu a mãe e os dois se divorciaram. — Ela se curva sobre a mesinha. — Tudo isso aconteceu nos últimos três anos. — Ela balança a cabeça, se recosta na cadeira e cruza os braços de novo. — E essas foram só as coisas mais graves que viraram a vida dela de ponta-cabeça, Andrew. Sinceramente, acho que a sorte dela anda uma merda. — Ela levanta a mão diante do rosto e diz dramaticamente: — Oooh, mas eu não posso dizer isso pra Cam de jeito nenhum. Ela veio com três pedras na mão da última vez que tentei lhe dar algum crédito. Tô falando pra você, ela não gosta de piedade. Detesta isso. Ela tem essa mentalidade perturbada que diz que por pior que seja o que cai no colo dela, tem um monte de gente por aí que tem problemas piores. — Ela revira os olhos.

Eu sei exatamente do que Natalie está falando. Camryn tentou evitar seus problemas enquanto estava viajando comigo, então sei disso em primeira mão, mas o que Natalie não sabe é que eu ajudei Camryn a sair um pouco dessa casca. Sorrio ao pensar que consegui em menos de duas semanas o que Natalie, sua melhor amiga, por assim dizer, não conseguiu em todos os anos que as duas se conhecem.

— Por isso ela aceita e pronto — Natalie continua. — Sempre aceitou. Tô falando, ela tem muita dor, raiva, decepção e sabe Deus mais o que acumuladas, que ela nunca conseguiu processar direito. E agora, com o que aconteceu com o bebê... — ela engole em seco e seus olhos castanhos ficam pesados com a preocupação — ...tô com medo de verdade por ela, Andrew.

Eu não esperava que meu encontro com Natalie resultasse nesta preocupação profunda com a saúde e o estado mental de Camryn. Eu já estava preocupado com ela, mas quanto mais Natalie fala, pior isso fica.

— Me fala dessa terapia que ela fazia — peço. — Perguntei pra ela hoje, mas ela não quis falar disso comigo.

Natalie cruza as pernas e suspira profundamente.

— Bom, o pai conseguiu convencê-la a ir numa psiquiatra logo depois que Ian morreu. Cam ia toda semana, e parecia que tava dando resultado, mas acho que ela enganou a gente. Quem “tá melhorando” não embarca num ônibus e vai embora sem falar com ninguém, como ela foi.

— Foi o pai que convenceu Camryn a ir?

Natalie faz que sim.

— Foi. Ela sempre foi mais chegada ao pai do que à mãe. Nancy é ótima, mas às vezes é meio avoada. Quando o pai dela fez as malas, depois do divórcio, e se mudou pra Nova York com a nova namorada, acho que Cam ficou ainda mais perturbada. Mas é claro que ela jamais admitiria isso.

Eu respiro fundo e passo as duas mãos na cabeça. Me sinto culpado em ficar sabendo de tudo isso, e logo por intermédio de Natalie, mas aceito informações de onde vierem, porque pelo jeito Camryn nunca ia me contar nada.

— Ela falou alguma coisa de remédios — conto. — Falou que não ia ver psiquiatra nenhum porque eles só...

Natalie balança a cabeça e interrompe:

— É, receitaram uns antidepressivos, e ela tomou por um tempo. Depois só sei que ela admitiu que tinha parado há alguns meses. Eu nem fazia ideia.

Finalmente, vou direto ao assunto.

— Então por que você me trouxe aqui, exatamente? — pergunto. — Espero que não tenha sido só pra me contar todos os segredos dela. — Gostei de obter essas informações, mas sou obrigado a me perguntar se Natalie não está me contando só porque gosta de fofocar. Provavelmente não. Acho que ela gosta de Camryn de verdade, mas Natalie é Natalie, no fim das contas, e isso não é algo que eu possa ignorar.

— Acho que você precisa ficar de olho nela — Natalie diz, e recebe novamente toda a minha atenção.

— Ela ficou deprimida pra valer depois que Ian morreu. Tipo, por muito tempo, eu nem conseguia reconhecê-la. Ela não chorou nem fez o que imagino que uma pessoa depressiva faria, não, Cam foi... — Ela levanta os olhos, pensativa, depois me olha de novo. — Ela foi estoica, se é que essa é a palavra certa. Parou de sair comigo. Parou de se importar com a escola. Não quis fazer faculdade. A gente já tinha feito todos os nossos planos pro primeiro ano da faculdade, mas quando ela caiu nessa depressão, fazer faculdade nem passava pela cabeça dela.

— O que passava pela cabeça dela?

Natalie balança a cabeça de leve.

— Não sei dizer, porque ela raramente falava disso. Mas às vezes falava de umas merdas profundas, bem esquisitas: fazer um mochilão pelo mundo, coisas assim. Não lembro todos os detalhes, mas ela definitivamente não tava vivendo na realidade, pode ter certeza. Ah, e ela falava de vez em quando que queria sentir emoções de novo. Acho esquisito alguém não conseguir sentir emoções, mas sei lá. — Ela agita a mão diante de si, afastando a ideia. Em seguida sorri para mim, e não sei ao certo como interpretar isso até que ela fala. — Mas aí você apareceu e ela voltou ao normal. Só que umas mil vezes melhor. Eu senti, naquela noite em que falei com ela enquanto vocês tavam em Nova Orleans, que alguma coisa tinha mudado. Sinceramente, nunca vi a Cam do jeito que ela é com você. — Ela faz uma pausa e diz: — Acho que você é a melhor coisa que já aconteceu pra Cam. Não me mata por tocar nesse assunto, mas se você tivesse morrido...

Espero impacientemente que ela continue, mas ela para por aí. Ela desvia os olhos e parece pronta a retirar tudo o que ia dizer.

— Se eu tivesse morrido, o quê?

— Não sei — ela responde, e eu não acredito. — Só acho que você precisa ficar de olho nela. Sei que nem é necessário dizer que ela precisa de você mais do que nunca, agora.

Não, ela não precisava me dizer isso, mas com tudo o mais que ela me contou, não consigo deixar de sentir que preciso estar com Camryn agora mesmo, e a cada minuto de cada dia. Quase odeio Natalie por me contar tudo isso, mas ao mesmo tempo, eu precisava saber.

Levanto da mesa e enfio os braços na minha jaqueta preta, depois empurro a cadeira para a frente.

— Então você vai embora assim?

Eu paro e olho para ela.

— Vou, sim — respondo, e ela fica de pé. — Acho que já sei o suficiente.

— Por favor, não conta...

Levanto a mão.

— Olha, não leve a mal, agradeço por você me contar tudo isso, mas se Camryn perguntar, vou contar que me encontrei com você aqui em particular e que você me contou tudo o que sei. Portanto, não espere que eu guarde algum segredo dela.

Suas bochechas desincham.

— Tá bom — ela diz, e pega a bolsa de cima da mesa. — Mas eu só disse isso porque tô preocupada com o que ela pode sentir se souber que eu te procurei, não porque tô preocupada porque ela pode ficar puta comigo por isso.

Balanço a cabeça. Admito que acredito nela, desta vez.



Estou na sala de estar vendo TV quando Camryn e a mãe dela chegam em casa da consulta com a ginecologista. Percebo que me sento mais reto e fico sem jeito por estar na casa da mãe dela e tudo mais.

Deixo o controle remoto da TV na mesinha de centro de carvalho e me levanto para ir ao encontro de Camryn.

— Então, como foi lá? — *Postura constrangida. Perguntas retóricas constrangidas. Tudo constrangido. Odeio ficar constrangido. Precisamos ter nossa própria casa logo. Ou ir pra um hotel.*

Os olhos de Camryn se abrandam quando ela se aproxima de mim.

— Foi tudo bem — ela responde, beijando minha bochecha. — Consegui o que eu precisava. E o que você fez hoje? Aposto que tava todo sexy, dirigindo aquele carro moderninho de mulher por aí, hein? — O lado esquerdo de sua boca se levanta num sorriso.

Sinto meu rosto esquentando um pouco.

A mãe dela sorri discretamente para mim por trás de Camryn ao passar a caminho da cozinha. É o mesmo tipo de “sorriso discreto” de que Camryn falava hoje de manhã, aquele que grita *Ela está tão frágil e lamento tanto por vocês dois. Estou começando a entender por que Camryn detesta tanto isso.*

— Bom, eu não fiz muita coisa, mas suportei 15 minutos de conversa cara a cara com Shenzi no Starbucks.

— Shenzi?

Balanço a cabeça sorrindo, me lembrando das hienas de O Rei Leão, e digo:

— Deixa pra lá. Com Natalie. Ela quis me encontrar pra falar de você. Tá muito preocupada, só isso.

Camryn, aborrecida, começa a andar para o corredor que leva ao seu quarto. Eu a sigo.

— Posso até imaginar o que ela te contou — diz, entrando no quarto. Põe a bolsa e uma sacola de compras na cama. — E fico puta por ela te ligar sem me contar.

— Acho que não deveria ter ido me encontrar com ela — digo, ficando perto da porta. — Mas ela insistiu e, sinceramente, eu queria ouvir o que ela tinha pra dizer.

Ela se vira para me encarar.

— E o que você descobriu com isso?

A vaga nota de descontentamento no seu tom de voz me magoa um pouco.

— Só que você sofreu um bocado e...

Camryn levanta a mão e balança a cabeça, em reprimenda.

— Andrew, sério. Me ouve, tá? — Ela se aproxima e toma minhas mãos nas dela. — No momento, a única coisa que tá me fazendo sofrer mais é todo mundo se preocupando comigo o tempo todo. Pensa bem — a gente teve essa mesma conversa hoje de manhã. Agora olha pra mim.

Olho para ela. Lógico que eu já estava olhando.

— Eu tô chorando pelos cantos? — Não, não tá. — Quantas vezes você me viu sorrir esta semana? — Uma porção de vezes, na verdade. — Alguma vez você me ouviu dizendo alguma coisa que indicasse que eu tô sofrendo mais do que pareço? — Não, acho que não.

Ela inclina sua linda cabeça loura um pouco para o lado e passa de leve os dedos macios em volta do meu rosto.

— Quero que me prometa uma coisa.

Normalmente, eu diria “qualquer coisa” sem hesitação, mas dessa vez hesito.

Ela inclina a cabeça para o outro lado e sua mão se afasta do meu rosto.

Finalmente digo, relutante:

— Depende do que é.

Ela não discute, mas vejo a decepção em seu semblante.

— Promete que a gente vai voltar ao normal. É só isso que eu peço, Andrew. Sinto falta de como a gente

era antes. Sinto falta das nossas loucuras juntos, do nosso sexo louco, das suas covinhas loucas e da sua atitude louca, vibrante, apaixonada pela vida.

— Você sente falta da estrada? — pergunto, e o brilho some do seu rosto como se eu tivesse dito algo horriavelmente errado.

Seus olhos se afastam dos meus e ela parece perdida num momento profundo e sombrio.

— Camryn... você sente falta da estrada? — Preciso da resposta a essa pergunta agora mais do que segundos atrás, por causa de sua reação inesperada.

Depois de um momento longo e silencioso ela me olha de novo e me sinto perdido em seus olhos, mas de forma desconfortável.

Ela não responde. É como se... não conseguisse.

Sem saber o que se passa em sua cabeça e ansioso para descobrir, digo finalmente:

— A gente pode viajar, agora. — Eu coloco as mãos em seus antebraços. — Talvez isso seja exatamente o que você... isto é, o que a gente precisa. — À medida que a ideia se forma na minha língua, fico cada vez mais empolgado só de pensar nela. Camryn e eu. Na estrada. Vivendo livres e no presente, como tínhamos planejado. Percebo que estou com um sorriso enorme, com o rosto iluminado pelo entusiasmo. Puta merda! Sim, é isso que a gente precisa fazer. Por que não pensei nisso antes?

— Não — ela diz em tom neutro, e sua resposta me arranca do meu êxtase sonhador.

— Não? — Mal posso acreditar ou entender.

— Não.

— Mas... por que não? — pergunto, e ela se afasta casualmente de mim. — Não temos mais nenhum motivo pra esperar.

Entendo nesse mesmo segundo o motivo por trás de sua resposta. Mas não preciso tocar no assunto, porque ela faz isso por mim.

— Andrew — ela começa, com a expressão comovida pelo remorso —, se a gente fizesse isso, ficaria sempre no fundo da minha mente que era uma coisa que a gente tava adiando por causa da bebê. Não ia parecer certo fazer isso agora. Nem por um tempo. Um longo tempo.

— Tá — concordo, e me aproximo dela. Balanço a cabeça e sorrio com ternura, esperando fazê-la entender que em tudo o que ela quiser fazer, ou não fazer, estarei totalmente do lado dela.

— Então, que tipo de síndrome bipolar Natalie me atribuiu hoje? — Ela ri com um suspiro, vai até a sacola de compras que trouxe e enfia a mão dentro.

Rio também e me deito na largura da sua cama, com as pernas para fora e os joelhos dobrados.

— Alerta amarelo. O nível mais baixo possível. Mas ela mesma se atribuiu um alerta vermelho. — Viro a cabeça para o lado para olhá-la. — Mas isso com certeza você já sabia.

Ela sorri para mim, puxa um monte de calcinhas da sacola e começa a tirar as etiquetas adesivas do tecido.

— Bom, aposto que ela encheu sua cabeça de minhocas, dizendo que passei por uma fase depressiva, e falou tudo sobre a “merda” — ela faz as aspas com os dedos — que a minha sorte anda sendo. — Ela aponta para mim, fechando um pouco um dos olhos. — Mas é isso. Foi uma fase. Eu superei. Além disso, quem não passa por mortes de parentes, divórcios e separações? É ridículo que...

— Amor, o que eu falei pra você? Lá em Nova Orleans?

— Você me falou muita coisa. — Ela joga as etiquetas no cestinho de lixo.

— Que a dor não é uma competição, porra.

— Sim, lembro. — Ela começa a recolher as calcinhas da cama, mas eu tiro algumas da pilha antes

que ela consiga. Seguro uma rosada de renda diante de mim e ponho as outras duas no meu peito.

— Cacete, gostei desta — comento, e ela a arranca dos meus dedos.

— De qualquer forma — ela continua, enquanto pego as outras duas e faço o mesmo —, não quero mais falar disso, tá? — Então ela arranca as últimas calcinhas das minhas mãos, vai até a primeira gaveta da cômoda e enfia todas lá dentro.

Camryn volta para mim e sobe no meu colo, com os joelhos enterrados nos cobertores sobre a cama. Esfrego as mãos nas coxas dela, dos lados do meu corpo.

— Quero sair hoje à noite — ela declara. — O que você acha?

Aspiro ar entre os dentes, pensativo, antes de dizer:

— Combinado, então. Aonde você quer ir?

Ela sorri docemente para mim, como se já tivesse pensado muito nesse passeio hoje. Adoro vê-la sorrir assim. E é totalmente real, porra, então talvez Natalie esteja exagerando, no fim das contas.

— Bom, achei que a gente podia ir pro Underground com Natalie e Blake.

— Peraí, não foi nesse lugar que aquele babaca te beijou no terraço?

— Sim — ela responde, meio cantando. Cacete, se ela não parar de rebolar no meu colo assim... — Mas aquele “babaca” vai ficar um ano na cadeia. E Natalie quer muito que a gente vá. Ela me mandou uma mensagem de texto perguntando antes de eu chegar aqui.

— Tem certeza de que ela não tá tentando te puxar o saco por causa do peso na consciência?

Camryn dá de ombros.

— Pode ser, mas vai ser divertido mesmo assim. E vai ser legal ver uma banda ao vivo em vez de subir no palco, pra variar.

Ela se deita no meu colo, e eu agarro seu traseiro perfeito com as duas mãos e aperto. Ela me beija, e eu levanto as mãos e abraço seu corpo com força.

— Tudo bem — aceito docemente quando o beijo acaba e seus lábios ficam a centímetros dos meus. Passo os dedos no cabelo dela e seguro sua cabeça pelas bochechas. — Que seja o Underground. E amanhã vou voltar pro Texas e começar a fazer as malas.

— Espero que você não fique chateado por eu não ir.

— Por mim, tudo bem. — Beijo a testa dela. — Sabe, você não me respondeu se vai sair com Natalie pra procurar um apartamento.

Ela se levanta, endireitando as costas, e em seguida segura minhas mãos, entrelaçando os dedos nos meus.

— Eu vou chegar lá — ela diz sorrindo. — Um passo de cada vez e, no momento, o próximo passo é me arrumar pra sair à noite.

Balanço a cabeça, sorrindo para ela, e então aperto suas mãos e a puxo para mim de novo.

— Você é a coisa mais importante do mundo pra mim — sussurro em seus lábios. — Espero que nunca se esqueça disso.

— Nunca vou esquecer — ela sussurra em resposta, e mexe seus quadris delicadamente no meu colo. Então ela roça meus lábios com os dela e diz, antes de me beijar: — Mas se um dia eu esquecer, seja por que motivo for, espero que você encontre sempre um jeito de me fazer lembrar.

Eu estudo sua boca e depois suas bochechas, apertadas entre meus polegares.

— Sempre — digo, e a beijo com intensidade.

JÁ FAZ UM tempo desde que fui pra uma balada num clube como o Underground pela última vez. Cacete, só tenho 25 anos, e esse lugar me fez sentir velho. Acho que passar a maioria das noites em lugares mais calmos, como o Old Point, me fez esquecer que existe heavy metal. Ei, gosto de heavy metal, mas ainda prefiro o som das antigas. Camryn e eu passamos a noite com Blake e Natalie, ouvindo uma banda que se autodenomina Sixty-Nine — quanta originalidade — soltando uma nota estridente e desafinada após a outra na guitarra, enquanto o vocalista grunhia no microfone como um alce no cio.

Mas a galera parecia gostar. Ou talvez fosse porque a maioria estava bêbada ou chapada. Provavelmente as duas coisas.

Eu deveria estar bêbado, mas concordei em ser o motorista da rodada. E por mim, tudo bem. Eu queria que Camryn tomasse todas e se divertisse. Ela estava precisando. E fico orgulhoso por tentar, porque meio que esperava que ela se recusasse a fazer qualquer coisa ainda por um longo tempo. Também estou sofrendo com a perda de Lily, mas Camryn ainda está aqui e é ela que importa agora.

O ar frio de novembro é uma sensação boa depois de ficar metido naquele galpão quente e enfumaçado por três horas.

— Você consegue andar? — pergunto a Camryn, andando ao lado dela, segurando-a firmemente pela cintura.

Ela apoia a cabeça no meu ombro e enfia as mãos nas mangas do casaco.

— Tô bem — ela responde. — Você me parou na hora certa, desta vez, por isso não precisa se preocupar em me levar no colo o resto do caminho, como naquela noite em Nova Orleans. — Sinto sua cabeça virando para me olhar, e olho rapidamente para ela, tentando também ver por onde ando na calçada escura. — Você se lembra daquela noite, não lembra?

— Claro que me lembro. — Eu aperto mais a cintura dela. — Não faz tanto tempo, e além disso, mesmo que fizesse, eu jamais poderia me esquecer daquela noite, ou de qualquer outra noite com você, aliás.

Ela sorri para mim e também olha para a frente.

— Você é muito inesquecível — acrescento, sorrindo rapidamente para ela.

— Acordei uma vez naquela noite — ela conta, enterrando a cabeça no calor do meu braço. — Vi a privada ao meu lado e me perguntei como fui parar lá. Aí senti o seu corpo atrás de mim, o seu braço na minha cintura, e não quis levantar. Não porque eu ainda estivesse meio bêbada e com minha cabeça como se tivesse passado num triturador de papel, mas porque você tava comigo.

— Ê, eu lembro... — me perco naquela lembrança por um momento.

Andamos agarradinhos na noite fria por dez minutos até chegar ao posto de gasolina e ao terreno baldio onde o carro está estacionado. Ligo o aquecimento no máximo e dirijo o carro de mulherzinha de volta para a casa da mãe de Camryn, querendo que tivéssemos ficado num hotel todo esse tempo, e quando paro na garagem, vejo o carro da mãe dela parado na frente da casa. Gosto de Nancy, mas também gosto de poder andar pela casa de cueca, ou pelado, sem ter que me preocupar com uma plateia.

Ajudo Camryn a sair do carro e a levo para dentro, com o braço ainda na cintura só para o caso de a bebida fazer ainda mais estrago. Mas ela está bem. Bastante embriagada, mas bem. Tranco a porta atrás de nós, e Camryn imediatamente tira o casaco e o joga no canto do hall. Faço o mesmo.

A casa está em silêncio, e as únicas luzes acesas são o discreto brilho laranja da luzinha noturna no corredor e de uma lâmpada sobre o balcão da cozinha.

Camryn me surpreende quando suas mãos deslizam pelo meu peito e ela aperta meu abdômen com força com os dedos, me empurrando para a parede do hall. Ela enfia a língua na minha boca e eu a

mordo de leve, mordendo também seu lábio inferior antes de beijá-la. Sua mão direita desce para o botão do meu jeans e ela o abre com facilidade, puxando o zíper para baixo em seguida. Eu a beijo com mais força e gemo em sua boca quando ela enfia a mão na minha cueca e me agarra.

Meu Deus, faz tanto tempo, porra...

Ela se aperta contra mim com mais força, me empurrando na parede.

Interrompo o beijo só o tempo suficiente para dizer:

— Quero você pra caralho, mas pelo menos vamos pro seu quarto.

O beijo fica mais ardente e então ela diz, com os lábios ainda colados aos meus:

— Minha mãe não tá aqui. — Ela morde meu lábio com força, o bastante para machucar, mas isso me deixa ainda mais louco por ela. — Ela foi trabalhar com o carro do Roger esta noite.

Esmago minha boca contra a dela e a ergo nos braços para levá-la pelo corredor até o quarto. Não conseguimos chegar a tempo, e ela já tirou minha camisa antes que eu passasse com ela pela porta e a jogasse sobre o colchão. Arranco o resto de suas roupas, deixando só a calcinha. Ela se senta na borda da cama e termina de tirar meu jeans e minha cueca. Subo nela, apoiando o peso do corpo num punho enterrado no colchão, enquanto a acaricio com a outra mão, passando o dedo em seus lábios úmidos por cima do tecido da calcinha. Camryn se retorce embaixo de mim, fechando os olhos e afundando a cabeça no colchão, fazendo seus seios se levantarem na minha frente.

Levanto da cama e tiro a calcinha dela com dois dedos. Beijo a parte de dentro de suas coxas e não consigo me impedir de enfiar a cabeça no meio das pernas tão rapidamente, porque não pude fazer isso por ela pelo que parece uma eternidade. Eu não a provooco mais. Não faço isso porque já está me deixando louco.

Eu a lambo furiosamente, e ela tenta deslizar pela cama, fugindo da minha boca. Camryn agarra os lençóis acima de si até que sua cabeça sai da cama pelo outro lado. Eu a seguro firme no lugar com as mãos ao redor de suas coxas, meus dedos enterrados na sua pele. Chupo seu clitóris com mais força ainda, até que ela não aguenta mais e suas coxas tentam se fechar ao redor da minha cabeça.

Percebo que ela está para gozar quando puxa meu cabelo de repente e me força a tirar a boca.

Olho a geografia suave do seu corpo do meio de suas pernas e vejo que ela está me olhando. Ela enfia mais os dedos no meu cabelo. Eu espero, me perguntando o que ela está pensando, me perguntando por que me fez parar.

É como se ela estivesse esperando por algo, mas não sei ao certo o quê. No momento, só consigo pensar em penetrá-la. Preciso de uma força de vontade do caralho para me conter, para não virá-la de costas e colocá-la de quatro à força, para não puxar seu cabelo até machucá-la, para...

Camryn inclina a cabeça para o lado e me olha, me estuda como se estivesse esperando meu movimento seguinte. Estou hipnotizado pelo seu rosto. Há algo enigmático e frágil nele que nunca vi antes. Então ela me afasta da borda da cama, e instintivamente me deito de costas. Ela desliza pelo meu corpo, beijando minha barriga, minhas costelas e meu peito enquanto sobe, posicionando-se em cima de mim. Um gemido baixo ecoa sem controle pelo meu peito só de sentir seu calor e sua umidade. Ela sorri para mim, doce, inocente, embora eu saiba que não é nada disso. E então ela me segura com a mão, e sinto meus olhos virando para dentro da porra da minha cabeça quando ela me põe dentro de si e desliza em cima de mim tão lentamente que é uma tortura.

Eu deixo ela me foder pelo tempo que quiser, mas preciso de todas as minhas forças para não gozar antes dela. E naquele último segundo, algo acontece que nunca previ, e fico mentalmente em pânico, esperando que ela não perceba quando preciso tomar numa fração de segundo a decisão vital de gozar fora

ou não.

Camryn

Meu coração está batendo tão rápido. Estou sem fôlego e o suor goteja da minha testa mesmo no ar fresco dentro do quarto. Quando começo a gozar, Andrew, numa espécie de pânico confuso, puxa para fora. Isso me surpreende um pouco, mas não deixo que ele perceba. Em vez disso, me curvo para a frente, mal encostando meu peito no dele, e deslizo minha mão para cima e para baixo ao redor do seu membro.

Depois, desabo completamente em cima dele, com a bochecha encostada em seu peito, os joelhos ainda dobrados do lado do seu corpo, a cavalo sobre seu colo. Ouço seu coração batendo rapidamente em meu ouvido. Ele abre os braços dos dois lados da cama e recupera o fôlego antes de me envolver neles. Sinto seus lábios encostando no meu cabelo.

Fico deitada ali, pensando. Penso no que acaba de acontecer e no que não aconteceu. Penso em como seu cheiro é bom e como sua pele é quente contra a minha. Penso em como ele ficou manso. Tudo porque ele tem medo de me machucar, física, emocional, até espiritualmente, é provável, se isso fosse possível. E eu o amo por isso. Eu o amo pelo tanto que ele retribui meu amor, mas espero que não continue tão protetor assim comigo para sempre.

Por enquanto, vou deixá-lo em paz nesse aspecto. Acho que preciso provar que sou a mesma antes que ele consiga baixar a guarda perto de mim. E eu respeito isso.

Levanto a bochecha do peito dele e sorrio diante de seus olhos.

Eu me pergunto se ele vai tentar se explicar, me dizer por que gozou fora, talvez dizer que ele não sabia ao certo se devia ou não. Mas ele não se explica. Talvez esteja esperando por mim. Mas eu também não digo nada a respeito.

Para quebrar o silêncio entre nós e cancelar um pouco da incerteza no ambiente, mexo alegremente meus quadris em cima dele e rio um pouco.

— Você precisa deixar que eu me recupere antes, amor. — Andrew sorri para mim e dá dois tapinhas no meu traseiro.

Solto um grito exagerado, fingindo sentir alguma dor, e então rebolo um pouco mais em cima dele.

— É melhor você parar — ele me avisa, suas covinhas se aprofundando nas bochechas.

Eu rebolo de novo.

— Acha que eu tô brincando? Faz isso de novo e vai se arrepender.

Claro que eu faço de novo e me preparo mentalmente para o que quer que ele planeje fazer para me ensinar uma lição.

Ele enfia as mãos entre nós e segura meus dois mamilos com os dedos, apertando só o suficiente para me deixar paralisada de medo de me mexer abruptamente demais e correr o risco de vê-los arrancados.

— Aaaaa! — Solto uma gargalhada e seguro suas mãos, mas ele aperta um pouco mais quando tento tirá-las.

— Eu avisei — ele diz, balançando a cabeça para mim, fazendo uma cara séria que me impressiona, de tão convincente. — Você devia ter escutado.

— Por favor, por favor, por favor, soltaaaa!

Ele passa a língua pelos lábios e diz casualmente:

— Você vai se comportar?

Balanço a cabeça rapidamente umas dez vezes.

Ele aperta aqueles olhos verdes demoníacos, me dando corda.

— Jura?

— Juro pela alma do meu falecido cachorro, Beebop!

Ele aperta meus mamilos uma última vez, me fazendo cerrar os dentes e fazer uma careta, antes de soltar. E então se endireita na cama e põe minhas pernas ao redor da sua cintura. Ele se curva e passa a ponta da língua de leve nos meus seios, beijando-os em seguida.

— Tá melhor? — ele pergunta, me olhando nos olhos.

— Melhor — murmuro. Então ele beija meus lábios e faz amor comigo suavemente antes de pegarmos no sono, abraçadinhos, depois das três da manhã.

ACHEI QUE EU fosse ter uma ressaca muito pior hoje de manhã. Noite passada foi a primeira vez que bebi em meses, mas não estou reclamando. Viro para o lado, e quando vejo o relógio perto do meu rosto marcando uma hora e meia depois da hora em que Andrew deveria estar no aeroporto, arregalo os olhos e salto da cama.

— Andrew! — digo, sacudindo-o para acordá-lo.

Ele resmunga e vira para o outro lado, mal abrindo os olhos. Ele estende o braço e tenta me enterrar no colchão para voltar a dormir, mas eu o afasto.

— Levanta. Você perdeu o avião.

A única parte do corpo dele que se move são os olhos, ficando arregalados como os meus, e quando ele cai na real, o resto do corpo os segue.

— Porra! Porra! Porra! — Ele se levanta e fica de pé no meio do quarto, nu.

Nunca me canso de olhar para ele — nu ou vestido, tanto faz. Como acabei ficando com ele é algo que desafia a minha compreensão até hoje. Ele leva as mãos ao rosto e alisa o cabelo, parando com as mãos na nuca, seus braços rijos com músculos bem definidos. E então um longo suspiro de derrota desinfla o seu peito.

— Vou ter que pegar um voo mais tarde.

Saio da cama e pego meu roupão do chão para ir até o chuveiro.

— Não que eu me incomode em ficar aqui com você mais algumas horas — ele diz, chegando por trás de mim.

— Não sei, Andrew. — Enrolo o roupão no meu corpo e o amarro na frente. — Eu tava meio ansiosa pra me livrar de você. — Estou sorrindo muito, de costas para ele.

O silêncio inunda o quarto.

— Tá falando sério?

Sua voz embasbacada torna impossível não rir. Eu me viro e beijo seus lábios.

— Não, cacete, não tô falando sério. Talvez eu tenha desligado o despertador noite passada. Talvez eu tenha planejado tudo isto.

Seu sorriso aumenta, ele me beija e dá a volta na cama para achar sua cueca.

— Foi você? — ele pergunta, vestindo a cueca.

— Não, não fui. Mas é uma boa ideia. Vou lembrar pra próxima vez. Quer tomar uma ducha comigo? Naquele instante, alguém bate na porta do meu quarto. Sabendo que provavelmente é a minha mãe, Andrew fica um pouco mais tenso e se senta na cama para cobrir a parte de baixo do corpo com o cobertor.

Abro a porta e vejo minha mãe, com seu glorioso cabelo oxigenado, de pé ali. Ela está usando uma blusa de abotoar rosa-claro e blush rosa nas bochechas para combinar.

— Tá acordada? — ela pergunta.

Não, mãe, tô tendo um ataque de sonambulismo. Ela é engraçada, às vezes.

Noto que ela olha de relance para Andrew. Ela sempre manifestou sua preocupação com a possibilidade de eu engravidar de novo, mas claro que não pode esperar que não façamos sexo. É o que ela quer, mas, até parece, não vai acontecer.

Ela sorri fracamente para mim e pergunta:

— Quer ir comigo pra casa da Brenda hoje?

Definitivamente não. Adoro a tia Brenda, mas não a ponto de sufocar até a morte em sua casa cheia de fumaça de cigarro.

— Não, já fiz planos com Natalie.

Na verdade, não fiz plano nenhum, mas sei lá.

— Ah, tudo bem. Bom... — Ela olha de relance para Andrew de novo, e de novo para mim. — Ele não ia pro Texas hoje de manhã?

Eu aperto o cinto do roupão e cruzo os braços.

— Pois é, a gente dormiu demais, mas ele vai pegar outro voo mais tarde.

Minha mãe balança a cabeça e olha para ele mais uma vez. Ela sorri de leve e ele faz o mesmo. Constrangedor. Ela gosta muito de Andrew, mas definitivamente não está acostumada a ter um cara dormindo comigo no meu quarto, mesmo que ele já esteja aqui comigo há duas semanas. Se eu não tivesse quase 21 anos e não estivesse noiva dele, ele certamente nem estaria aqui. Ao mesmo tempo, ela sabe que nos amamos, e depois do que aconteceu com o bebê, quer que ele esteja aqui para me apoiar. Mesmo assim, é constrangedor. Para todos nós. É, Andrew e eu vamos ter mesmo que arranjar um lugar só nosso.

Um lugar só nosso... aqui em Raleigh. Sinto algo pesado no meu peito, de repente.

Minha mãe finalmente nos deixa a sós, e eu olho para Andrew, todo desconfortável com o lençol no colo e o cenho franzido.

— Ducha comigo? — pergunto de novo, mas posso ver que ele já não quer mais.

Ele se encolhe.

— Acho que vou tomar banho depois de você.

Eu rio um pouco de seu constrangimento adolescente, e então abrindo meu rosto.

— Vou procurar uma casa neste fim de semana. Prometo.

Ele fica de pé.

— Se quiser que eu procure com você, é só dizer. Só sugeri Natalie pro caso de você querer fazer alguma coisa na minha ausência. Sabe, pra ter uma opinião feminina sobre tapeçarias, padrões de cores, essas merdas.

Eu rio alto.

— Não vou escolher tapeçaria nenhuma. Cortinas, talvez, mas tapeçarias são pra decoradores de interiores e peruas ricas.

Ele balança a cabeça para mim quando saio do quarto e vou para o banheiro no fim do corredor.

Me sinto como o médico e o monstro. O tempo todo. Quando estou diante de Andrew, uso minha cara feliz, mas não como se estivesse fingindo. Eu fico feliz. Acho. Mas assim que fico sozinha de novo, é como se eu me tornasse outra pessoa. Sinto que alguém invisível está sempre de pé atrás de mim, apertando a porra de um interruptor no meu cérebro. Desligado. Ligado. Desligado. Ligado. Des... não, ligado.

Eu me sento no fundo da banheira com os joelhos encolhidos contra o peito, e deixo a água quente correr sobre meu corpo por uma eternidade. Penso no apartamento inevitável que vou acabar encontrando, em como me diverti no Underground noite passada, na roupa suja que preciso lavar, e em como o logotipo está começando a sumir no sabonete. Quando a água começa a esfriar, a mudança de temperatura me lembra o suficiente do meu estranho delírio para notar há quanto tempo estou ali. Nem me depilo antes de desligar a água e sair, evitando de propósito o tapetinho do banheiro porque odeio a sensação dele sob meus pés. Jogo uma toalha limpa em cima dele e fico parada ali, me olhando no espelho. Distraidamente, começo a contar os respingos de pasta de dente no vidro. Paro no catorze.

Abrindo a caixinha de remédios, remexo nos frascos e tubos de coisas procurando o Advil. Por sorte, minha ressaca, por assim dizer, só requer um par de comprimidos para dor de cabeça. Quando o encontro, preciso tirar o frasco de trás de alguns frascos alaranjados de remédios controlados, e então paro. Pego um dos remédios e leio o rótulo. Percocet 7,5 — Um comprimido a cada seis horas conforme a necessidade para

a dor — Nancy Lillard. Nem imagino por que minha mãe tem um frasco de analgésico, que obviamente ainda não tomou, mas ela tem dores nas costas já há algum tempo, então talvez tenha finalmente ido ao médico. Ou vai ver que mamãe, que é enfermeira licenciada, entrou pro mundo do crime e está se beneficiando de seu acesso privilegiado a remédios vendidos com receita.

Nah. Não deve ser isso, considerando que o frasco foi comprado há um mês e ainda está cheio. Ela é a mesma velha mãe que conheci toda a minha vida, que não gosta de tomar nada pra dor além dos inofensivos analgésicos vendidos sem receita.

Quando vou devolver o frasco, me vejo parando antes que ele esteja no lugar. Acho que não vai fazer mal. Eu estou com dor de cabeça, e dor de cabeça é dor, certo? Certo. Empurro a tampa de segurança para baixo e giro e jogo um comprimido na palma da mão. Eu o engulo com um pouco de água da torneira, me enxugo e enrolo o cabelo na toalha depois. Vestindo novamente o roupão, eu o amarro e volto para o meu quarto para me vestir. Ouço Andrew falando na cozinha, mas seu tom relaxado revela que não está falando com minha mãe. Deve estar falando ao telefone. Quando o ouço mencionar o nome de seu irmão Asher, me convenço de que minha hipótese estava correta e me visto.

Eu ia ter que encher a Natalie de porrada se fosse ela de novo. Ela precisa parar com isso de se preocupar e conspirar pelas minhas costas com Andrew.

Depois de pentear o cabelo úmido, vou para a cozinha ficar com ele.

— Eu sei, mano, mas acho que não é boa ideia no momento — ouço Andrew dizer, e fico um pouco para trás para não me intrometer rápido demais. — É. É. Não, ela tá melhor. Com certeza não tá tão arrasada quanto na primeira semana. Hã-hã. — Estico o pescoço e o vejo de pé perto do balcão, com o celular encostado num ouvido e a outra mão sobre o tampo. Ele balança a cabeça de vez em quando, ouvindo quem está do outro lado, que imagino ser Aidan. Acerto de novo quando ele diz: — Fala pra Michelle que agradeço o convite. Talvez a gente faça uma visita daqui a um mês ou dois, depois que Camryn tiver tempo pra... Não, talvez na primavera. Faz um frio da porra em Chicago no inverno. — Andrew ri e diz: — De jeito nenhum, mano, por que você acha que eu prefiro o Texas? — Ele ri de novo. Finalmente eu entro na cozinha e ele me vê.

— Eu quero ir — anuncio.

Andrew apenas me olha por um momento, e então interrompe Aidan.

— Só um segundo. — Ele cobre o microfone com a palma da mão. — Você quer ir pra Chicago? — Ele parece levemente surpreso.

— Claro — eu digo, sorrindo. — Acho que vai ser divertido.

De início, ele parece estar processando algo mentalmente. Talvez não acredite em mim, ou então está apenas considerando a ideia e só consegue ver vento e neve. Mas então seu rosto se ilumina e ele começa a balançar a cabeça lentamente.

— Tá — ele diz, hesita, e então encosta novamente o celular no ouvido. — Aidan, te ligo daqui a pouco, tá? Sim. Tá. Até mais.

Andrew passa o dedo na tela do celular e desliga. Então olha para mim novamente.

— Tem certeza? Pensei que quisesse ficar aqui por um tempo.

Eu entro na cozinha e pego uma garrafa de suco de laranja da geladeira.

— Não, tenho certeza — respondo, tomando um gole. — Parece que foi ideia de Michelle.

Ele balança a cabeça.

— Sim, Aidan disse que ela tá preocupada com você. Se ofereceu pra hospedar a gente por uns dias, se quiséssemos fazer uma visita.

Tomo mais um gole e deixo a garrafa sobre o balcão.

— Preocupada comigo? Bom, é legal da parte dela e tudo mais, mas espero que não estejamos indo pra lá pra eu me ver na mesma situação em que estou com a Natalie aqui.

Andrew balança a cabeça negativamente.

— Não, Michelle não é assim. — Ele repete o comentário para dar mais ênfase à toda a verdade que ele contém. — Michelle não é nada parecida com Natalie.

— Não foi isso que eu quis dizer, Andrew.

— Eu sei, eu sei — ele diz —, mas é sério, ela é legal.

Conhecendo Michelle como conheço, sei que ele tem razão.

Então aquele comprimido me atinge do nada, e de repente sinto como se minha cabeça se soltasse dos ombros. Meu corpo todo, da ponta dos pés ao alto da minha cabeça, está formigando, e levo um segundo para voltar a enxergar direito. Minha mão se apoia na borda do balcão instintivamente para me segurar.

— Uau. — Engulo em seco e pisco os olhos algumas vezes com força.

Andrew me olha com uma expressão curiosa.

— Você tá bem?

Um sorriso se abre tanto no meu rosto que sinto o ar do ambiente tocando meus dentes.

— Tô, eu tô ótima.

Ele inclina a cabeça para um lado.

— Bom, não vejo você sorrir assim desde que pus essa aliança no seu dedo. — Ele também está sorrindo de leve, mas ainda dominado pela curiosidade.

Levanto o dedo diante do rosto e admiro meu anel de noivado, que custou menos de cem pratas e provavelmente nem é considerado um anel de noivado por candidatas a noivas de todo o país. Eu o vi numa lojinha na Texas, um dia, e falei rapidamente que era bonito:

— Adoro este — falei, levantando-o para a luz do sol no ângulo certo. — É simples e tem alguma coisa especial nele.

Eu o devolvi para a mulher do quiosque improvisado, e ela o pôs de volta no balcão de vidro entre nós.

— Como assim, você não é dessas que acham que o diamante é o melhor amigo de uma garota? — Andrew perguntou. — Não quer uma aliança com uma pedra tão grande que vai precisar carregá-la num carrinho de mão?

— De jeito nenhum — respondi, rindo. — Um anel assim não tem nada de significativo. Normalmente, só importa o preço. — Saímos da joalheria e andamos pela calçada. — Você mesmo já disse isso, lembra?

— O que que eu disse?

Eu sorri e enfiei a mão na dele quando chegamos à esquina e viramos à esquerda rumo ao café.

— O simples é sexy — Eu apoiei a cabeça no ombro dele. — Foi naquele dia, na casa do seu pai, quando você me passou um sermão explicando por que eu não devia passar uma hora me maquiando e fazendo o cabelo ou algo assim.

Olhei para cima e o vi sorrindo, perdido na lembrança daquele dia, e então ele me puxou mais para perto.

— É, eu disse isso, não disse? “O simples é sexy.” Bem, é.

— Também é lindo — eu disse.

No dia seguinte, Andrew chegou em casa com aquele mesmo anel e o mostrou para mim. Então, no seu peculiar estilo, ele dobrou um joelho à moda antiga, só que um pouco mais dramático do que normal:

— Camryn Marybeth Bennett, a mulher mais bonita do planeta Terra e mãe do meu bebê, me concede a honra de ser minha esposa?

Eu sorri e olhei para ele de lado, meio desconfiada, e disse:

— Só do planeta Terra?

Ele piscou e disse:

— Bom, eu ainda não vi as garotas dos outros planetas.

Nenhum de nós conseguiu resistir a uma risada. E assim, rimos juntos. Mas então ele ficou bem sério, e essa sua mudança de humor provocou a mesma coisa em mim.

— Quer casar comigo? — ele perguntou.

As lágrimas escorrendo do meu rosto. O beijo longo e profundo que dei nele, que fez nós dois cairmos sobre o tapete, disse sim um milhão de vezes.

Claro que ele me pedira em casamento naquele dia em que eu disse que estava grávida, mas nesse dia ele fez do jeito certo, e nunca vou me esquecer disso enquanto viver.

— Você ainda tá viva?

Andrew agita a mão diante do meu rosto.

Eu volto do passado e acordo novamente no presente, mais chapada que a porra de um misto quente com aquele comprimido. E percebo imediatamente que preciso recuperar minha compostura, para que ele não saiba o que está acontecendo.

ACHO QUE AS mudanças de humor continuam por um tempo mesmo depois... bom, depois da gravidez. Camryn passou de normal a saltitante de alegria em menos de uma hora. Mas parece que ela está feliz, e quem sou eu para julgar como ela decide manifestar isso?

Mas o fato de ela querer repentinamente sair de Raleigh e ir a algum lugar completamente diferente, mesmo que só por um fim de semana, é estranho para mim, e preciso perguntar:

— Por que assim tão rápido? Quero dizer, eu tô a fim de ir, se você quiser, mas pensei que você quisesse ficar aqui, encontrar um apartamento e tudo mais?

— Bom, eu quero... — ela diz, de forma pouco convincente. Ela continua sorrindo vagamente, e eu acho isso esquisito pra cacete. — Só acho que a gente devia ir visitá-los enquanto podemos, porque depois que eu arrumar emprego aqui, ter tempo livre no fim de semana não vai ser garantido.

Ela levanta as mãos perto da barriga e as junta, passando os dedos de uma sobre a outra, como se estivesse pouco à vontade.

— Você tá... — Eu me interrompo. Não vou fazer exatamente o que ela disse que queria que todos nós parássemos de fazer: ficar constantemente preocupado com ela e perguntando se ela está bem o tempo todo. Em vez disso, sorrio e digo: — Vou ligar de volta pro Aidan e dizer pra ele e pra Michelle que vamos pra lá neste fim de semana.

Espero ela concordar com a data, ou não, e quando ela não diz nada, acrescento:

— Então quer dizer que nem adianta eu ir pro Texas pegar nossas coisas antes da gente voltar de Chicago. — Na verdade, era mais uma pergunta. Preciso admitir que toda essa incerteza sobre onde iremos no dia seguinte está começando a me deixar zozinho. É diferente de quando estávamos na estrada, vivendo o presente e definindo a palavra espontâneo. Pelo menos, então, era nosso objetivo não saber o que o dia seguinte traria. No momento, não sei ao certo o que está acontecendo.

Ela balança a cabeça e puxa uma cadeira na cozinha, onde ela nunca se senta, a não ser quando está comendo no café da manhã. Parece que ela precisa se sentar.

— Peraí — digo de repente. — Você concorda em arranjar um apartamento? A gente pode procurar uma casinha em algum lugar. — Acho que essa é minha maneira de pescar respostas sobre o que ela tem de errado sem realmente perguntar: Qual o seu problema?

Ela balança a cabeça.

— Não, Andrew, não me importo em morar num apartamento. Isso não tem nada a ver com nada. Além disso, não vou deixar que você gaste sua herança numa casa num estado que você não escolheu.

Eu puxo a cadeira ao lado dela e me sento com os braços sobre a mesa, na minha frente. Olho para ela daquele jeito que diz: “Você sabe que não me importo.”

— Eu vou aonde você for. Você sabe. Contanto que não queira comprar um iglu no Ártico nem mudar pra Detroit, não me importa. E vou fazer o que eu quiser com minha herança. E também, o que mais eu poderia fazer com a grana, além de comprar uma casa? É isso que as pessoas fazem. Compram coisas grandes com dinheiro grande.

Temos 550 mil dólares parados no banco, o dinheiro que herdei do meu pai quando ele morreu. Meus irmãos receberam a mesma quantia. É muita grana, e eu sou um cara simples. O que mais eu poderia fazer com essa fortuna, cacete? Se Camryn não existisse na minha vida, eu estaria morando numa casinha modesta de um quarto em Galveston, sozinho, comendo macarrão instantâneo e comida congelada. Minhas pequenas contas seriam pagas, e eu ainda trabalharia pra Billy Frank porque gosto do cheiro de motor. Camryn é muito parecida comigo nesse sentido da frugalidade, e isso torna o nosso relacionamento meio que

perfeito. Mas me incomoda, às vezes, como ela simplesmente parece não conseguir aceitar o fato de que meu dinheiro é dela também. Não me deixou nem pagar a fatura do cartão que ela usou na viagem de ônibus quando a gente se conheceu. Seiscentos dólares no cartão que o pai dela lhe deu para emergências. Mas ela insistiu — muito teimosamente — em pagar sozinha. E fez isso com sua metade do que faturamos tocando no Levy's.

Se tem uma coisa que me incomoda nela é só essa questão. Tomar conta dela é o que vou fazer, porra, quer ela goste ou não. E ela vai ter que aceitar.

— Vamos só passar uns dias em Chicago, e na volta a gente procura uma casa. Juntos.

Eu me levanto e empurro a cadeira, como que para dizer: Isso não está em discussão.

Ela parece surpresa, mas não de um jeito bom, e o sorriso esquisito sumiu de seu rosto.

— Não, se a gente vai comprar uma casa, vou economizar...

Eu agito as mãos no ar diante de mim.

— Para de ser tão teimosa, porra. Se você tá tão preocupada com "sua metade" da grana, pode sempre me pagar com sexo e um striptease de vez em quando.

Ela abre a boca e arregala os olhos.

— Como é que é?! — Ela ri ao mesmo tempo que tenta, sem sucesso, ficar ofendida. — Não sou uma piranha! — Ela se levanta e bate de leve com a palma da mão sobre a mesa, mas acho que é mais para manter o equilíbrio do que para protestar.

Eu sorrio e começo a me afastar.

— Ei, foi você quem pediu. — Chego até a porta da sala, e quando olho por cima do ombro, vejo que ela continua imóvel, provavelmente ainda em choque. — E você é o que eu quiser que você seja! — Grito enquanto me afasto. — Não tem nada de errado em ser a minha piranha!

Eu a vejo de relance correndo na minha direção. Saio correndo pela sala, saltando sobre as costas do sofá feito a porra de um ninja, e saio pela porta dos fundos da casa com ela no meu encalço. Seus gritos e risadas esganiçadas enchem o ar enquanto ela tenta me alcançar.



Nosso avião pousa em O'Hare no fim da tarde de sexta. Graças a Deus, não tem uma montanha de neve no chão. Retiro o que falei a Camryn, sobre me mudar para qualquer lugar que ela quiser. Eu certamente discutiria se ela decidisse que queria morar em qualquer lugar onde neve e um frio de matar são normais no inverno. Odeio isso. Com todas as minhas forças. E fico tão louco de felicidade quanto Camryn parecia estar na terça quando vejo uma paisagem sem neve e sinto a temperatura de 12 graus em meu rosto. Um pouco quente para esta época do ano em Chicago, mas não estou reclamando. Aquecimento global? Ei, isso não é tão ruim assim.

Aidan está nos esperando no terminal.

— Há quanto tempo, mano — cumprimento, apertando sua mão e abraçando-o. Ele bate nas minhas costas algumas vezes e olha para Camryn:

— É bom te ver.

Camryn o abraça forte.

— É bom te ver também — ela responde, se afastando. — Obrigada por nos convidar.

— Bom, esse mérito é todo da minha persistente esposa — Aidan brinca, erguendo uma sobrancelha. — Não que eu não quisesse que vocês viessem, é claro. — Ele pisca para ela.

Camryn fica vermelha e eu seguro sua mão.

Michelle está nos esperando com um almoço tardio quando chegamos à casa deles. Aquela mulher sabe

cozinhar. E ela é como Aidan e eu no que se refez à comida, por isso não me surpreende que tenha feito cheeseburgers gordurosos com queijo derretido pra acompanhar. E cerveja. No momento, estou no paraíso da comida.

Nós quatro comemos na sala, vendo um filme na TV de 60 polegadas de Aidan, e conversamos durante as partes chatas sobre vários assuntos. Quando chegamos aqui, eu estava um pouco preocupado que Aidan ou Michelle mencionassem qualquer coisa remotamente próxima do assunto proibido do aborto de Camryn. Mas em grande parte eu sabia que eles não fariam isso. Olhando para eles, eu não seria nem capaz de dizer que estão pensando nisso. Aidan provavelmente nem tanto. Ele foge de assuntos profundos como esse. E Michelle está jogando bem, fazendo Camryn se sentir completamente à vontade e não lhe dando qualquer motivo para pensar naquilo que ela quer esquecer.

E eu nunca vi Camryn com Natalie do jeito que ela está agora com Michelle, então isso é bom. Parece que essa viagem inesperada está se revelando mais benéfica do que eu imaginava.

Durante uma das nossas conversas, Aidan joga a cabeça para trás e ri. Meus dois irmãos nunca mais vão me deixar em paz com isso.

— É, Andrew tava pra lá de bêbado — Aidan explica a Camryn enquanto reviro os olhos — quando o caça-talentos da agência de modelos chegou nele no meu bar naquela noite.

Oh, lá vem a versão exageradamente dramática de Aidan sobre aquele acontecimento. Camryn está sorrindo de orelha a orelha e sem dúvida se divertindo ao me ver me retorcendo ao lado dela.

— O cara se sentou ao lado de Andrew no balcão e disse alguma coisa, tipo que ele tinha “o visual”. — Aidan para de falar e balança a cabeça. — E antes que o cara conseguisse terminar, Andrew virou pra ele e falou, fazendo cara de doido, estilo Charles Manson: “Cara, tu comeu meu amendoim?” A expressão no rosto do cara foi impagável. Ele ficou com medo, até recuou um pouco, como se achasse que Andrew fosse bater nele.

Camryn e Michelle riem.

— Ai o cara puxou um cartão de visitas da carteira e falou: “Já pensou em ser modelo?” E entregou o cartão pra ele. Andrew só olhou pro cartão, mas não pegou.

— Peguei, sim.

Aidan dá um sorrisinho para mim.

— Pegou, mas só depois de eloquentemente explicar que você nunca poderia ser modelo porque isso é pra “caras sem colhões” e...

— Tá, tá, Aidan — eu interrompo, tomando um pequeno gole da minha cerveja.

— Por que eu nunca te vi tão bêbado assim? — Camryn pergunta. Ela não consegue parar de sorrir, adorando cada minuto, e isso me faz sorrir e parar de fingir. Eu passo as pontas dos dedos em sua trança dourada.

— Bom — eu começo —, você nunca me viu tão bêbado porque eu cresci desde então.

Michelle sufoca uma risada.

— Ei — eu digo, apontando para ela —, você não pode falar nada, ‘Chelle. Lembro que a última vez que eu estive aqui, você ficou dançando feito uma stripper bêbada no balcão depois de tomar umas e outras. O queixo dela cai.

— Eu não tirei a roupa, Andrew!

Aidan ri e toma um gole de cerveja.

— Não sei, se eu não estivesse presente naquela noite, a gente poderia ter se divorciado.

Michelle bate no rosto dele com a almofada do sofá na qual estava encostada.

— Eu nunca tiraria a roupa — ela ri. Aidan, imune ao ataque, não consegue parar de sorrir. Nem Camryn. Eu me perco no sorriso dela por um minuto, feliz por ver que está se divertindo tanto. Michelle acrescenta:

— Vocês dois são nojentos quando se juntam.

— Ei, já que você se casou com o mais babaca — retruco —, você tem telhado de vidro.

— É — Aidan concorda. — Agradeça por Asher não estar aqui também, porque ele não é tão inocente como você pensa.

Porra nenhuma. Aquele merdinha sabe ser infernal quando quer.

Michelle tira as pernas de cima da almofada e se levanta para recolher os pratos e coisas da mesinha de centro. Camryn também se levanta.

— Bom, acho que sou uma Parrish há tempo suficiente pra saber disso. Pode confiar. — Ela empilha os pratos enquanto Camryn ajuda a recolher os guardanapos e algumas garrafas vazias de cerveja.

— Por que tá tão quieta, Camryn? — Aidan diz do sofá. — Você pode ainda não ter casado com meu irmão, mas é como se estivesse, praticamente, então também tem telhado de vidro. — Ele ergue a cerveja para ela, como que para fazer um brinde, e toma mais um gole, com um sorriso malicioso.

Que irmão esperto eu tenho. Se não fosse tão feio, eu daria um beijo na boca dele por isso. A última coisa que quero é que Camryn se sinta excluída.

Ela sorri para ele, equilibrando os objetos nos braços.

— Ainda bem que você ainda não sabe nada a meu respeito.

— Ainda — ele diz, balançando a cabeça uma vez, como que para enfatizar a inevitabilidade daquela palavra. — Então acho que você pode se preparar pra ser alvo de umas brincadeiras bem embaraçosas, hein?

Camryn franze seu lindo nariz para ele e segue Michelle até a cozinha.

— ESTOU MUITO feliz por vocês terem convidado a gente — digo atrás de Michelle, enquanto jogo as garrafas vazias de cerveja no lixo.

Michelle põe a pequena pilha de pratos no balcão e começa a enxaguar-los na pia antes de colocá-los na lava-louça.

— Ei, sem problemas — ela responde, sorrindo para mim. — Eu precisava de companhia, pra ser sincera. As coisas estão bem estressantes por aqui. — Ela coloca mais um prato na prateleira de baixo da lava-louça.

Eu me aproximo e me apoio no balcão, cruzando os braços. Ela está me dando permissão para perguntar mais? Não tenho certeza, mas me sinto suficientemente à vontade com ela para ir em frente e perguntar assim mesmo.

— Seu emprego tá te sugando muito? — O que eu realmente queria perguntar era: Tá tudo bem entre você e Aidan? Lembrando o que Marna disse sobre ela e Aidan terem problemas no casamento, mas acho que isso é perguntar demais, cedo demais.

Ela sorri com ternura e enxágua o último prato.

— Não, acho que trabalhar na clínica é uma terapia, na verdade.

Eu fico em silêncio, mas presto atenção.

— Aquele bar anda desgastando muito o Aidan ultimamente — ela continua —, mas o culpado é ele mesmo. Ele tem empregados mais do que suficientes pra cuidar de tudo, mas passa muito tempo lá, cuidando de coisas que paga os outros pra resolver.

Olho para ela com curiosidade.

— Por quê?

Ela fecha a lava-louça e olha para a entrada em arco que leva para a sala de estar, onde Aidan e Andrew estão conversando, rindo e falando muito “Porra, mano”. Então ela se vira para mim e diz em voz baixa:

— Ele tá bravo comigo. — Ela desvia o olhar e enxuga as mãos num trapo pendurado no puxador do armário sobre o balcão.

Só isso? Fico em silêncio por alguns segundos, só para o caso de ela ser o tipo de pessoa que faz pausas muito longas, mas ela não continua. Isso me deixa um pouco frustrada. Então, de repente, ela diz:

— Eu não deveria falar desses assuntos. Não depois do que você e Andrew enfrentaram. Desculpa mesmo.

— Não, Michelle — respondo, esperando aliviá-la. — Ei, eu tô aqui pra ouvir.

Por algum motivo estranho, Michelle mencionar o que Andrew e eu “enfrentamos” não me incomoda do modo como sempre incomoda quando os outros falam disso. Talvez seja porque eu sei que ela não está tentando me forçar a falar a respeito, nem tem medo de agir normalmente perto de mim. No momento, o mais importante é Michelle, e quero ficar do lado dela.

Ela hesita, olhando mais uma vez para a sala, e suspira.

— Ele quer ter filhos — ela confessa, e sinto meu coração se apertar, mas não deixo que isso transpareça no meu rosto. — E eu também quero, mas não agora.

— Ah, entendo. — Eu balanço a cabeça e penso nisso por um segundo. — Bem, poderia ser pior. Pelo menos ele não tá tendo um caso, nem começou a fabricar anfetamina no porão.

Michelle ri um pouco e pendura o pano de volta no armário.

— Tem razão — ela concorda, com os olhos castanhos iluminados pelo sorriso. — Nunca pensei dessa

forma. Só queria que ele me desse pelo menos mais três anos. Eu lido com crianças o dia todo, sou pediatra. Adoro crianças. É preciso, pra fazer o trabalho que eu faço, mas tenho uma visão mais profunda da responsabilidade que é criar um filho. Aidan só consegue imaginar o filho jogando beisebol e indo acampar com ele, você me entende?

Eu rio baixinho.

— Sim.

Uma parte bem pequena de mim se pergunta se Michelle está me falando isso como uma maneira de aliviar a minha dor, me dizendo que criar um bebê é difícil. Talvez esteja, mas ao mesmo tempo, acho que sou eu que estou imaginando isso. Para contar o que está acontecendo entre ela e Aidan e considerando o assunto, seria difícil não falar algo assim.

— Então, como vai a fisioterapia de Andrew?

O clima muda instantaneamente no ambiente, como se as duas pudéssemos respirar um pouco mais aliviadas, agora que já passamos pelos assuntos perigosos.

— Ele teve fraqueza muscular por uns tempos, mas tá ótimo. Praticamente já não faz mais fisioterapia.

Michelle balança a cabeça e também puxa uma cadeira.

— Que bom — ela diz, e um silêncio embaraçoso se segue.

Aidan e Andrew interrompem esse momento constrangedor quando entram na cozinha. Aidan vai direto para a geladeira enquanto Andrew senta a sua bundona pesada no meu colo.

— An-drew! — Eu reclamo e rio ao mesmo tempo, tentando afastá-lo. — Vê se perde uns quilinhos! Caramba, amor, você tá me esmagando!

Ele se vira no meu colo, ficando de lado tempo suficiente para amassar meu rosto com as mãos e me beijar no meio dos olhos.

— Sai. Sai! — eu grito, e ele finalmente sai. — Sua bunda é ossuda. — Esfrego as mãos nas pernas para aliviar os músculos. Claro que a bunda dele está longe de ser ossuda, mas a expressão dele valeu a mentira dramática.

— Parecem menininhos — Michelle diz de perto da pia.

Eu nem notei que ela se levantou.

Aidan fecha a geladeira com outra garrafa de cerveja na mão e se senta na cadeira da qual Michelle levantou. Andrew me levanta como se eu não pesasse nada e rouba minha cadeira, me pondo em seu colo depois.

— Muito melhor assim — comento.

Ele abraça a minha cintura.

— Então, eu tava falando com Aidan.

Uh-oh, não gostei desse tom.

— É? — pergunto desconfiada, olhando mais para Aidan, já que não consigo ver Andrew atrás de mim.

— Isso deve ser interessante — Michelle brinca da pia, olhando para nós com o quadril encostado no balcão.

Aidan deixa a cerveja na mesa e diz:

— Você estaria interessada em cantar no meu bar amanhã à noite? É a noite mais cheia da semana. O tipo de música que vocês cantam é perfeito pros meus clientes.

A única vez que realmente me senti tão nervosa me apresentando em qualquer bar ou clube foi a primeira vez que cantei com Andrew, no Old Point, em Nova Orleans. Acho que fico muito nervosa de

cantar na frente da família dele. Na frente de pessoas que não conheço e que provavelmente nunca mais vou ver não é tão desesperador, mas preciso dizer que isso está embrulhando meu estômago.

— Não sei...

Andrew me aperta suavemente por trás.

— Ah, vai — ele pede, tentando me encorajar sem ser autoritário demais.

Seja autoritário, Andrew! Pare de ser tão cauteloso! Seja como você foi quando me mandou subir no teto do carro na chuva, ou quando me obrigou a trocar aquela droga de pneu!

— Aceita, vai — Aidan insiste, jogando a cabeça para trás. — Andrew diz que você canta muito.

Fico vermelha e faço uma careta ao mesmo tempo.

— Bom, Andrew é suspeito, então você não pode aceitar a palavra dele.

— Eu acho uma ideia maravilhosa — Michelle acrescenta, e também se senta no colo de Aidan. Ele bate de brincadeira em suas coxas com as mãos, e isso me lembra de como Andrew costuma fazer a mesma coisa comigo toda hora. Aidan não se parece com Andrew tanto quanto Asher, mas com relação a todas as outras coisas em comum, dá para ver muito bem que são irmãos.

Penso por um momento e me viro para ver Andrew atrás de mim, abraçando seu pescoço e entrelaçando os dedos. Ele está sorrindo de orelha a orelha. Como posso dizer não a isso?

— Tudo bem — concordo. — Eu vou cantar. Mas eu escolho a música.

Aidan balança a cabeça em aprovação.

— O que você quiser — Andrew diz.

— Quanto tempo a gente vai tocar? — pergunto.

— O tempo que vocês quiserem — Aidan diz. — Só uma canção, se quiserem. Vocês que sabem.

Andrew e eu vamos dormir tarde depois de jogar cartas com Aidan e Michelle. E embora estejamos no quarto de hóspedes bem em frente ao deles, estar aqui não é tão constrangedor quanto na casa da minha mãe. Só que do quarto deles não vem nenhum barulho como o que sei que saía do nosso na última meia hora. Tentei gemer e gritar baixinho, mas, bem, não é fácil fazer isso quando Andrew está fazendo o que bem quer comigo.

Acho que estou deitada aqui, acordada, há umas três horas desde que Andrew pegou no sono. Ouço o barulho da rua lá fora e Andrew respirando suavemente ao meu lado. De vez em quando, os faróis de um carro passam por uma parte da parede e somem segundos depois.

Não consigo dormir. Tenho dificuldade para pegar no sono e continuar dormindo desde... bem, há algumas semanas. Tento não me agitar demais para não acordar Andrew. Ele parece tão em paz, deitado ali.

Finalmente, saio silenciosamente da cama e remexo minha bolsa à procura dos comprimidos. Eles têm me ajudado a dormir. E eu gosto de como eles me fazem sentir. Porque me fazem sentir alguma coisa diferente da dor. Mas estou tomando cuidado. Não tenho propensão a vícios, e nunca tomei nenhum tipo de droga na vida. Experimentei maconha algumas vezes no último ano do colegial, mas todo mundo experimentou.

Mas admito que penso muito no que vou fazer quando estes comprimidos acabarem...

Ponho um na palma da minha mão e olho para ele por um momento. Talvez eu devesse tomar dois esta noite, pra dormir profundamente. Quero estar descansada e pronta para me apresentar no bar de Aidan amanhã à noite. Sim, isso é motivo suficiente para tomar um a mais.

Engulo os comprimidos com um gole da garrafa d'água que deixei ao lado da cama e me deito ao lado de Andrew, olhando para o teto e esperando pelo efeito. Andrew, sentindo que me mexi, vira instintivamente

o corpo e põe o braço na minha cintura. Eu me encolho perto dele, correndo o dedo com cuidado pelo desenho de Eurídice no seu quadril. Faço isso até que finalmente minha cabeça fica leve como o ar, e meus olhos se enchem de centenas de borboletinhas fazendo cócegas no fundo das minhas pálpebras e nas minhas têmporas.

E eu...

Andrew

Camryn dormiu até bem depois do almoço. Quando finalmente consegui acordá-la, ela se levantou com enxaqueca e mal-humorada. Bonitinha, mas mal-humorada. Mal tomou duas cervejas noite passada, mas parece que bebeu um litro de engasga-gato, pelo modo como está derrubada na cama, com a cabeça enterrada debaixo do travesseiro.

— Eu trouxe um Advil pra você — digo, me sentando ao lado dela. — Talvez você esteja com um tumor no cérebro.

Ela me dá uma joelhada na coxa.

— Não tem graça, Andrew — ela reclama, com um gemidinho na voz.

Eu achei engraçado.

— Bom, toma isso — insisto, tirando o travesseiro de cima de sua cabeça. Ela protesta por um segundo antes de ceder.

Ela levanta o suficiente da cama para engolir os comprimidos com água e depois desaba de volta no colchão, fechando os olhos com força e esfregando as têmporas com as pontas dos dedos. Eu lhe devolvo o travesseiro e ela se esconde debaixo dele.

— Sabe, em geral as pessoas ficam acostumadas com a bebida quanto mais elas bebem, não o contrário.

— Só tomei duas cervejas — ela protesta, com a voz abafada pelo travesseiro. — É só uma dor de cabeça, provavelmente não tem nada a ver com a cerveja.

Eu me curvo e beijo a barriga dela, lembrando rapidamente a última vez em que fiz isso, quando ela estava grávida. Isso me deixa triste por um segundo, mas como venho fazendo desde que aconteceu, enterro esse sentimento e não deixo transparecer.

— Posso ficar aqui com você, se quiser.

— Não, eu vou ficar bem — ela responde, e sua mão emerge de baixo do travesseiro. Ela a coloca às cegas na minha virilha, até que percebe o que é e a desloca rapidamente para o meu joelho. Eu a atormentaria por isso, mas vou deixar barato desta vez.

— Tã, vou ficar com Aidan por algumas horas — digo e me levanto da cama. — Espero que você esteja melhor até a noite. Quero muito que a gente toque.

— Também quero — ela diz, e estica a mão para mim.

Eu a seguro e me abaixo, beijando os nós dos seus dedos antes de sair para acompanhar meu irmão enquanto ele cuida de uns negócios.

Quando anoitece, Camryn está vestida e sua dor de cabeça parece ter ido embora, por isso nós quatro vamos para o fino estabelecimento de cerveja, amendoim e música ao vivo de Aidan.

~~~~~

Os negócios no bar de Aidan estão prosperando, de acordo com ele, e quando entramos pouco depois das 19h, vejo que ele não exagerou. Nunca vi o lugar tão cheio assim, e já passei muitas noites de sexta e sábado aqui, em seus seis anos como dono do bar. A música sai dos numerosos alto-falantes no teto e nas paredes, algum folk rock, bem parecido com o que virou meio sem querer uma marca registrada para Camryn e eu.

Alguns anos atrás, se alguém me perguntasse que tipo de música eu tocaria se tivesse uma banda, eu jamais teria pensado em folk rock. Cantei e toquei rock clássico como Stones e Zeppelin em bares e clubes por muito tempo, mas depois que conheci Camryn, isso mudou um pouco. Adotamos o estilo do Civil Wars, principalmente, porque vinha muito naturalmente para nós como dupla, mas ainda tocamos alguns clássicos do rock também, quando nos apresentamos.

Um dos nossos favoritos: “Hotel California”, do Eagles, tecnicamente a primeira canção que cantamos juntos. Pode ter sido no carro, na estrada e só por diversão, mas grudou na gente. E tocamos “Laugh, I Nearly Died”, dos Rolling Stones, que Camryn insistiu em aprender.

Mas Camryn continua adorando coisas mais novas e o Civil Wars mais do que tudo, e por isso é o que tocamos normalmente.

Esta noite não vai ser diferente.

Eu tinha a impressão de que ela ia escolher “Tip of My Tongue” e “Birds of a Feather” porque são as duas canções que ela mais curte cantar. Adoro vê-la cantando essas duas ao meu lado no palco, porque ela fica vibrante, brincalhona e sexy pra cacete. Não que ela já não seja tudo isso, mas é como se outro lado mais ousado e paquerador dela se sobressaísse quando ela canta. E ela não apenas canta — ela dá um show. Acho que é aquela alminha de atriz que ela sempre teve guardada em algum canto. Ela me disse que já representou em peças da escola, e dá para ver que ela leva jeito.

Mas cantar ao meu lado também parece fazê-la feliz, e por isso esta noite é tão importante. É a primeira vez que vamos nos apresentar juntos desde que ela perdeu o bebê, e espero que seja terapêutico.

Abrimos caminho em meio à multidão apertada e vamos até o palco, onde nos preparamos com calma. Não tem muita coisa para preparar, na verdade, só com uma guitarra — infelizmente, não uma das minhas — e dois microfones, mas só vamos tocar daqui a 15 minutos.

— Tô tão nervosa — Camryn diz perto do meu ouvido, precisando falar alto por cima da música. Eu bufo com os lábios cerrados.

— Ora, por favor. Quando foi que você voltou a ficar nervosa? Já fizemos isso mais de cem vezes.

— Eu sei, mas tô cantando pro Aidan e pra Michelle desta vez.

— Ele não canta nada, então a opinião dele não vale nada.

Ela sorri.

— Bem, não tô nervosa a ponto de não querer fazer. Acho que é meio empolgante, na verdade.

— Essa é a minha garota — digo e me abaixo para beijar seus lábios.

— Aquelas duas garotas — Camryn grita para mim, sem olhar na direção delas —, na mesa da frente à sua esquerda, estão imaginando uma transa com você agora mesmo, juro por Deus.

Rio um pouco e balanço a cabeça.

— E aquele cara perto da mulher de blusa roxa — digo, acenando discretamente na direção dele — tá com a cabeça enterrada no meio das suas coxas desde que você subiu no palco.

— Então vão ser eles esta noite, hein? — ela pergunta.

Balanço a cabeça e confirmo:

— Há-há.

— Dá um bom trato nelas, amor — ela provoca, sorrindo maliciosamente para mim.

— Pode deixar — digo, com a mesma malícia no rosto.

Começamos isso na nossa segunda noite no Levy's: cada um escolhe um cara e uma garota da plateia que estejam nessa vibe de “como eu adoraria te comer” e fazemos com que se sintam “superespeciais” em uma das canções. Mas sempre começamos dando aos nossos alvos um pouquinho de atenção bem antes de

cair matando. Só um olhar, um contato visual de três segundos para que ela, ou ele, no caso de Camryn, saiba que chamou a atenção um pouco mais do que os outros presentes. Camryn já está fazendo sua mágica. O cara está com um sorriso babaca estampado no rosto, agora. Ela olha para mim e pisca. Enquanto passo a alça da guitarra pelo ombro, olho lentamente para as duas garotas. São bem gostosas, devo dizer. Cruzo olhares com a morena primeiro, olho por alguns segundos, depois olho para a amiga dela pelo mesmo tempo. Assim que desvio o olhar, noto que estão dando risadinhas e conversando, escondendo a boca com a mão. Eu apenas sorrio e dedilho as cordas da guitarra, testando a afinação. Camryn bate com o polegar no microfone e depois vai pegar os dois banquinhos nos quais provavelmente só vamos sentar para uma canção. Ela se senta no dela e cruza as pernas; aqueles saltos pretos sensuais de um quilômetro, sozinhos, já fazem parecer que ela sabe o que está fazendo neste ramo. São decorados com rebites prateados. Puta que pariu, tem umas coisas que ela veste que me deixam louco.

Um apresentador, jovem, aparece no palco e nos apresenta. Muitas das vozes que se ouvem no grande espaço se calam, e mais ainda quando começo a tocar guitarra. E quando Camryn canta a primeira canção, sua voz é tão sensual que ela atrai a atenção de praticamente todos na hora.

Cantamos quatro canções para uma plateia maravilhosamente receptiva que dança, se embriega e tenta cantar junto. A atmosfera no bar é explosiva e eu adoro.

Camryn desce os três degraus do palco com o microfone na mão e se aproxima de sua vítima. Antes que a canção acabe, ele está dançando com ela, se divertindo muito. Quando suas mãos chegam perto demais de lugares que só eu tenho permissão para tocar, Camryn, como uma profissional, sorri e continua a cantar para ele enquanto o afasta.

Então fazemos uma pequena pausa.

Camryn me puxa para trás do palco enquanto as vozes aumentam novamente ao nosso redor.

— Preciso ir ao banheiro — ela diz.

Tiro a alça da guitarra pela cabeça e a apoio na parede.

— Vai, vou pegar bebida pra gente — digo. — Quer alguma coisa?

Ela sorri, balançando a cabeça.

— Pode trazer qualquer coisa, tanto faz.

— Alcoólica? — pergunto.

Ela balança a cabeça de novo e me beija, ansiosa para se afastar logo, provavelmente para não mijar perna abaixo.

— Oh, e por que você não canta a próxima sozinho hoje? — ela sugere.

— Mesmo? Por quê?

Ela se aproxima e apoia as mãos no meu peito.

— Você canta essa melhor sozinho, e acho que já encerrei por hoje. Queria ver você. — Ela me dá um selinho. Fica tão alta com esse sapato que está na altura dos meus olhos.

Se é isso que ela quer, por mim, tudo bem. Não quero forçá-la.

— Tá, vou cantar sozinho — digo. — Assim vai ser mesmo mais fácil seduzir minhas duas garotas na plateia.

Ela sorri e diz, rindo ao mesmo tempo:

— Não exagera, Andrew. Lembra o que aconteceu da última vez?

— Eu sei, eu sei — digo, afastando-a com um gesto.

Ela se vira e eu lhe dou um tapa na bunda enquanto ela corre para o banheiro.





QUANDO CHEGO AO banheiro, tem uma fila de mulheres esperando por cabines vazias. O ar está espesso com o bafo de álcool, perfume e roupas cheirando a cigarro. Uma porta de cabine se abre e fecha com uma batida violenta de poucos em poucos segundos quando alguém entra ou sai. Lavo as mãos primeiro, precisando me espremer entre duas garotas bêbadas sentadas no balcão da pia, uma de cada lado. Por sorte, elas são o tipo de bêbada supersimpática, porque não estou podendo com uma briguenta e grosseira hoje. Elas pedem desculpas por atrapalhar e se afastam para me dar espaço.

— Obrigada — digo, abrindo a torneira.

— Ei, você é a menina que tava cantando — a garota da esquerda diz, apontando para mim e sorrindo. Ela olha para a amiga do outro lado, depois para mim de novo.

— Ê, acho que sou eu.

Não estou nem um pouco a fim de conversa de banheiro. Quanto mais tempo passo num banheiro público, com mais nojo eu fico.

— Vocês dois são muito bons — ela diz com um sorriso.

— Ê, sério — a amiga dela confirma. — Por que estão cantando em bares, afinal?

Eu dou de ombros e espremo mais sabão do reservatório na mão e tento evitá-las o mais gentilmente possível.

— De verdade — a da esquerda acrescenta. — Eu pagaria pra ver vocês tocarem.

Tudo bem, eu não sou totalmente imune a elogios. Sorrio e agradeço de novo.

Quando mais duas cabines ficam desocupadas, elas aproveitam a oportunidade e se trancam nelas. Logo depois, acenam em despedida e me desejam boa sorte na minha “carreira musical”. Quando estou quase sozinha, me viro para o espelho, mas não olho para mim. Em vez disso, enfio a mão no bolso e pego um comprimido, engolindo-o com água da pia.

É só pra tirar o nervoso.

Então eu me olho, empurrando o comprimido e o sentimento de culpa que vem cada vez que tomo um para o fundo da minha mente. Invento pretextos para justificar tomá-lo e quase engano a mim mesma. Mas eu sei que a culpa que sempre sinto tem um motivo.

Em menos de 11 minutos, não me importo mais com a culpa, os pretextos ou o nervoso, porque essa parte do meu cérebro foi adormecida.

Passo as pontas dos dedos embaixo dos olhos para limpar o rímel borrado, depois enxugo a oleosidade do meu rosto com papel higiênico. Preciso estar de cara boa quando voltar lá. Me sinto ótima, mas preciso parecer tão bem quanto me sinto.

Abrindo caminho em meio à multidão, encontro Aidan e Michelle de pé perto do enorme balcão do bar e me junto a eles. Então lembro que Andrew foi buscar uma bebida para mim, mas não quero atravessar aquele mar de gente de novo só para pegá-la.

— Vocês dois são fantásticos! — Michelle grita por cima da multidão barulhenta. Ela me abraça e eu retribuo, sentindo meu sorriso movido a comprimidos se alargando muito em meu rosto.

Eu me viro para Aidan.

— O que você achou?

— Concordo com Michelle! Vocês deveriam compor seu próprio repertório e tocar aqui mais vezes. Tem sempre caçadores de talentos aqui no bar. E celebridades. — Ele aponta para a parede do fundo, onde uma série de fotografias autografadas de vários músicos e astros do cinema formam uma linha reta. — Comecem a tocar material próprio — ele continua. — Aposto que vocês dois seriam contratados por uma

*gravadora em menos de um ano.*

*Estou tão chapada, no momento, que ele poderia me dizer que achou a gente uma bosta e sem futuro nenhum na música, e eu sorriria do mesmo jeito, deixando as palavras passarem por mim como uma brisa.*

*Olho para o outro lado do salão e vejo Andrew no palco com sua guitarra e a banda da casa, se preparando para a canção que é sua marca registrada, "Laugh, I Nearly Died". Ele provavelmente não me vê no meio da multidão, mas sabe que estou assistindo. Adoro vê-lo no palco, no seu elemento. Sei que, por mais que sejamos bons juntos, musicalmente, ele sempre é mais dono do palco quando toca sozinho. Talvez seja impressão minha, mas gosto de pensar nele como na primeira vez que o vi tocar. Porque naquela noite em Nova Orleans, ele estava cantando para mim, e eu me senti a garota mais sortuda do mundo.*

*Eu faria qualquer coisa pra me sentir assim de novo. Qualquer coisa...*

*Segundos depois de começar a tocar, Andrew, como sempre, tem a atenção de todos os presentes. As duas garotas na mesa estão de pé agora, dançando juntas de um jeito provocante, mas eu sei que é tudo para Andrew. Já vi isso antes. Elas o querem, e Andrew deixa que acreditem, só por uma noite, que ele também as quer. É perfeitamente inofensivo. Andrew e eu encaramos isso como uma maneira de levantar a autoestima dos outros. Um pouco de paquera aqui e ali, tornar uma garota ou um cara de sorte o centro das atenções só pelo tempo suficiente para corar e sorrir. Nunca se sabe o que acontece na vida das pessoas a portas fechadas, e um pouco de energia positiva da paquera nunca atrapalha.*

*Quando voltamos para a casa de Aidan e Michelle pouco depois da meia-noite, vou para a cama antes de todos. Fico deitada por uma hora, ouvindo as vozes deles vindo do corredor e entrando no quarto. Andrew ia se deitar comigo, mas insisti para que ele ficasse com o irmão. Ele anda se preocupando demais comigo ultimamente. Vamos voltar para Raleigh amanhã, e quero que ele passe o maior tempo possível com Aidan.*

*Mais uma hora passa e eu continuo acordada.*

*Frustrada, enfio a mão na bolsa, procurando o frasco. Sem nem perceber, já estou nos últimos comprimidos.*

*Desmaio com três, desta vez.*



— CAMRYN? AMOR, acorda, por favor. — Eu a sacudo com força pelo ombro.

Minha emoção dominante, no momento, é o medo. Minhas emoções secundárias são raiva e mágoa. Mas, estranhamente, a sensação de incerteza está mantendo todas as outras a distância.

Eu a sacudo de novo.

— Levanta.

Não faço ideia de quantas dessas porras de comprimidos ela tomou, mas julgando pelo frasco quase vazio, a perspectiva de ter sido o suficiente para uma overdose faz uma onda de pânico percorrer todo o meu corpo. Mas ela está respirando normalmente e seu ritmo cardíaco parece normal. Se ela não acordar...

Seus olhos se abrem lentamente, e eu respiro mais aliviado.

— Camryn. Olha pra mim.

Finalmente, ela acorda o suficiente para me olhar nos olhos.

— Que que foi? — Ela geme suavemente e tenta fechar os olhos de novo, mas eu a seguro pelos ombros e a obrigo a se sentar.

— Acorda. Fica de olhos abertos.

Ela se senta, toda mole, mas não é nada tão fora do comum, depois de ter sido forçada a acordar e a se endireitar assim.

— Quantos você tomou?

Michelle está na porta do quarto, atrás de mim.

— Quer que eu chame uma ambulância?

De repente, Camryn fica completamente alerta. Não sei se minha pergunta finalmente a alcançou ou se foi a menção de uma ambulância, mas ela me encara com olhos arregalados e assustados.

— Quantas dessas porras de comprimidos você tomou?

Ela desvia o olhar do meu e vê o frasco de comprimidos sobre o criado-mudo. Quando decidi que dormir até depois das 14h não era típico dela e fui ver o que estava acontecendo, encontrei o frasco no chão.

— Camryn? — Eu a sacudo de novo e ela volta a prestar atenção em mim.

Ela só me olha. Vejo tanta coisa em seus olhos agora que não sei dizer se é mais humilhação, arrependimento, mágoa, raiva ou resignação. E então seus olhos começam a se encher de lágrimas. Sinto seu corpo se agitando sob o peso dos meus braços. Ela desata a chorar, caindo em meus braços, soluçando descontroladamente, e aquilo me despedaça.

— Andrew? — Michelle diz da porta.

Sem olhar para trás, eu digo:

— Não, ela vai ficar bem. — E engulo minhas próprias lágrimas e a raiva, sentindo meu peito se apertar.

A porta se fecha silenciosamente atrás de mim quando Michelle sai do quarto.

Abráço Camryn por muito tempo, deixando-a chorar no meu peito. Não digo uma palavra. Ainda não. Em parte porque sei que ela precisa disso, poder chorar e desabafar. Mas a outra parte de mim está tão puta da vida e magoada que sinto que vou precisar me afastar e me recompor para não dizer coisas erradas. Eu a abraço forte, apertando os braços em volta do seu corpo trêmulo. Beijo seu cabelo e tento não chorar também. A parte de mim que está puta da vida ajuda nisso.

— Eu sinto muito! — ela grita e, nessa fração de segundo, quando ouço a dor em sua voz, minha raiva se apaga quase completamente e eu a abraço ainda mais forte.

— Tá pedindo desculpas pra mim? — pergunto, incrédulo. Eu a afasto, segurando-a firme pelos

antebraços. Balançando a cabeça furiosamente, volto a ficar como alguns minutos atrás. — Não, primeiro você precisa me dizer quantos você tomou. — Eu a encaro com firmeza.

— Ontem à noite. Só três.

— Quantos tinha no frasco no total?

— Não sei. Uns vinte.

— Então há quanto tempo você tá tomando?

Ela faz uma pausa e responde.

— Desde terça. São da minha mãe. Tomei um quando tava com dor de cabeça, mas aí comecei a tomar... — Seus olhos se enchem de água novamente.

Eu enxugo as lágrimas do seu rosto.

— Puta que pariu, Camryn! — exclamo, puxando-a para o meu peito por mais um breve momento.

— O que você tava pensando, porra?

— Eu não pensei! — ela grita. — Não sei o que eu tenho!

Seguro seu rosto com as palmas das mãos.

— Você sabe o que você tem. Tá arrasada por perder a Lily e não sabe como lidar com isso. Só queria que você tivesse falado comigo.

Com o rosto dela ainda nas mãos, seus olhos desviam dos meus. O silêncio tenebroso entre nós me afeta da forma mais estranha.

— Camryn? — Tento fazê-la me olhar de novo, mas ela se recusa. — Fala comigo. Você precisa falar comigo. Escuta, você não fez nada errado, nem poderia ter evitado o que aconteceu. Precisa saber disso. Precisa enten...

Sua cabeça se desvencilha das minhas mãos, seus olhos penetrando os meus, cheios de dor e de... algo mais.

— É culpa minha! — ela diz, se afastando de mim na cama.

Ela se levanta do outro lado e cruza os braços, me dando as costas.

— Não é culpa sua, Camryn. — Ando até ela, mas assim que sinto que vou me aproximar, ela se vira.

— É culpa minha sim, Andrew! — ela repete, com as lágrimas escorrendo dos olhos. — Eu não conseguia parar de pensar que minha gravidez ia ferrar com tudo! Detestava continuar morando em Galveston depois de quatro meses! Fiquei me perguntando como a gente ia fazer tudo o que queria com um bebê! Por isso, sim, é culpa minha que a perdemos e eu me odeio por isso, caralho! — Ela esconde o rosto nas mãos.

Atravesso a curta distância até ela, tomando-a em meus braços de novo.

— Meu Deus, Camryn, não foi culpa sua! — Acho que nunca falei nada para ninguém com tanta emoção. Meu peito tremia incontrolavelmente contra o dela.

— Olha pra mim! — imploro, afastando-a. — Isso é tão normal. E se você é culpada, então eu também sou. Tive esses pensamentos de vez em quando, mas, como você também, não teria desistido dela nem se pudesse.

Ela não precisa confirmar essa afirmação em voz alta, porque sei que ela também não teria desistido. Mas ela a confirma assim mesmo: — Não lamentei nada engravidar dela. E eu... quero minha bebê de volta!

— Eu sei. Eu sei. — Eu a abraço apertado e ando com ela até o pé da cama, fazendo-a sentar. Eu me agacho entre as pernas dela, apoiando os braços em suas coxas e tomando suas mãos nas minhas. Olho para ela e digo mais uma vez: — Não foi culpa sua.

Ela enxuga algumas lágrimas e nós ficamos sentados assim pelo que parece uma eternidade. Acho que ela acredita em mim — ou isso ou está só evitando encarar a realidade. Então ela olha para a parede atrás da minha cabeça e diz baixinho: — Isso faz de mim uma viciada em drogas?

Quero rir, mas não rio. Em vez disso, apenas balanço a cabeça e sorrio suavemente para ela, apertando as pontas dos dedos em suas mãos.

— Foi um momento de fraqueza, e até a pessoa mais forte não é imune à fraqueza, Camryn. Quatro dias e um frasco de analgésicos não fazem de você uma viciada em drogas. É falta de juízo, mas não é vício.

Ela olha de novo para mim.

— Michelle e Aidan vão achar que é.

Balanço a cabeça.

— Não, não vão. E ninguém mais vai. — Eu me levanto e me sento ao lado dela. — Além disso, não é da conta de ninguém, porra. É uma coisa que só você e eu precisamos saber e enfrentar.

— Nunca fiz nada assim antes — ela continua, olhando para a frente. — Não acredito...

— Você estava diferente. Está diferente desde que Lily morreu.

O quarto fica estranhamente em silêncio de novo. Olho para ela de lado, mas a deixo em silêncio por um momento. Ela parece perdida em pensamentos.

E então ela diz:

— Andrew, talvez nós não devêssemos estar juntos. — E suas palavras me atingem tão rápido e com tanta força que sinto que falta ar nos meus pulmões.

Fico tão surpreso que é como se suas palavras tivessem roubado todas as minhas. Meu coração está disparado.

Finalmente, quando ela não elabora, consigo balbuciar:

— Por que tá dizendo isso? — E fico com medo de sua resposta.

Ela continua olhando para a frente, com as lágrimas descendo lentamente pelo seu rosto. E então ela olha para mim e vejo a mesma dor intensa em seus olhos que eu sei que ela vê nos meus.

— Porque todo mundo que eu amo acaba me abandonando ou morrendo.

O alívio me invade, mas é superado pela sua dor.

É nesse exato momento que percebo que essa é a primeira vez que Camryn se abriu a respeito disso tudo comigo, ou com qualquer outra pessoa. Penso nas coisas que Natalie me contou, e nas conversas que Camryn e eu tivemos na estrada, e sei que no momento Camryn está admitindo a dimensão de sua dor não só para outra pessoa, mas o mais importante, para si mesma.

— Eu me sinto tão egoísta dizendo isso — ela continua, e deixo que ela fale à vontade, sem interrupções. — Meu pai abandonou a gente. Minha mãe mudou. Minha avó, a única pessoa que continuou a mesma e sempre me apoiou quando precisei, morreu. Ian morreu. Cole foi pra prisão. Natalie me apunhalou pelas costas. Lily... — Ela olha para mim, finalmente, a dor intensificada em seu rosto. — E você.

— Eu? — Me agacho diante dela de novo. — Mas eu tô aqui, Camryn. Vou estar sempre aqui. — Tomo as mãos dela nas minhas. — Não importa o que você faça, ou o que aconteça entre a gente. Nunca vou te abandonar. Vou estar sempre com você. — Aperto as mãos dela. — Lembra quando eu disse que você era a coisa mais importante do mundo pra mim? Você pediu que eu te lembrasse disso, se um dia você esquecesse. Bom, eu tô te lembrando agora.

Soluços percorrem seu corpo.

— Mas você podia ter morrido — ela insiste, com choro na voz. — Cada dia que passei naquele hospital, pensei que seria o seu último. E aí quando não era e você resistia, eu continuava prevendo isso

mesmo assim. Semanas, meses depois, porque uma parte de mim achava que eu precisava me acostumar com a ideia de perder você. Um dia. Porque eu sabia que você ia me deixar de um jeito ou de outro. Como todo mundo.

— Mas eu não deixei — digo com desespero, sorrindo um pouco ao mesmo tempo. Eu me sento no chão e a puxo para perto de mim. — Eu não morri. Não morri porque eu sabia que você tava lá comigo o tempo todo. Porque eu sabia que nosso destino era ficar juntos, e que se você vivesse, eu também viveria.

— Mas e se você morrer? — ela pergunta.

Isso eu não esperava.

— E se o tumor voltar?

— Não vai voltar — respondo. — E mesmo se voltar, vou vencê-lo de novo. Cacete, eu fiquei oito meses sem ir ao médico e venci assim mesmo. Com você na minha vida, me atormentando pra me fazer ir aos checkups regularmente, de jeito nenhum ele vai me matar.

Ela não parece totalmente convencida disso, mas vejo um pequeno raio de esperança em seu rosto, e era isso que eu queria ver.

— Eu sinto muito mesmo — ela diz, mas em vez de dizer que não precisa, também deixa que ela viva esse momento, porque parece mais que ela está se permitindo fechar um ciclo. — Aposto que você nunca pediu pra ter um fardo absurdo desses. — Ela passa os dedos sob os olhos.

Tentando aliviar um pouco o clima, esfrego as mãos em seus joelhos nus e digo: — Eu te amaria mesmo se você fosse uma daquelas garotas que correm pro banheiro pra vomitar depois de comer, ou se tivesse o fetiche secreto de transar com um palhaço.

Ela ri baixinho em meio às lágrimas, e isso me faz sorrir.

Levanto o queixo dela com um dedo e fico sério de novo, olhando bem em seus lindos olhos azuis e úmidos.

— Camryn, Lily não tava pronta, só isso. Não sei por que, mas você não pode se culpar por ela ou por qualquer um. E você precisa entender que estamos nisso juntos. Em tudo. Acredita nisso?

Ela balança a cabeça.

— Sim.

Eu me curvo e a beijo primeiro na testa, depois nos lábios.

Segue-se o silêncio, e a atmosfera no quarto parece diferente. Mais brilhante. Eu sei que Camryn não vai voltar a ficar 100% da noite pro dia, mas posso ver que ela já está melhor. Percebo só de olhar que ela se sente menos carregada, agora que tirou essas merdas da cabeça. Ela precisava disso. Precisava de alguém para fazê-la cair na real. Não alguém indiferente, ou que desse apenas respostas prontas para tudo.

Ela precisava de mim.

Eu me levanto e pego a mão dela.

— Vem cá.

Ela me segue, pego o frasco de comprimidos da mesa ao lado da cama e a puxo comigo para o banheiro da suíte. Levanto a tampa da privada e entrego o frasco a ela. E antes que eu diga qualquer coisa, Camryn vira o frasco sem hesitação e joga os últimos quatro ou cinco comprimidos na privada.

— Ainda não consigo acreditar que fui tão fraca. — Ela olha para a água enquanto os comprimidos giram no vaso e são sugados pelo cano. Depois olha para mim. — Andrew, eu podia facilmente ter ficado viciada neles. Não consigo imaginar...

— Mas você não ficou — interrompo, antes que ela fique remoendo aquilo mais. — E você tem direito a um momento de fraqueza. E chega.

Eu saio do banheiro e ando pelo quarto. Ela me segue e fica parada no meio do quarto, me olhando.



— Andrew?

*Eu paro, me viro para ela e digo:*

— *Me dá uma semana.*

*Ela parece meio confusa.*

— *Uma semana pra quê?*

*Sorrio fracamente.*

— *Só concorda. Fica aqui comigo uma semana.*

*Cada vez mais confusa, ela diz:*

— *Hãã, tá. Vou ficar aqui com você uma semana — embora esteja estampado em seu rosto que ela não sabe com o que está concordando.*

*Mas ela confia, e isso significa tudo para mim. Vou dar a nós dois o que ambos precisamos, querendo ela ou não.*



*Nunca pensei nem por um minuto que seria capaz de fazer o que fiz. Andrew chama de um momento de fraqueza e talvez tenha razão, mas vai levar tempo pra cacete pra que eu consiga me perdoar por aquilo.*

*Michelle deixou claro que não vai me julgar, e embora isso me faça sentir melhor, me sinto humilhada sempre que estou na presença dela ou de Aidan. Talvez seja por isso que eu me sinto tão mal, por eles serem tão compreensivos.*

*Uma semana. Nem faço ideia do que Andrew quis dizer com isso, mas estou em dívida com ele, por isso não faço perguntas e deixo que ele faça o que está planejando. Ele andou bem misterioso nos últimos dias, muitas vezes atendendo ligações em outros quartos para que eu não pudesse ouvir. Só tentei escutar uma vez, simplesmente ficando bem quieta no sofá quando ele foi para a cozinha falar com Asher. Mas então bisbilhotar assim me fez sentir culpada, por isso aumentei o volume da TV para não conseguir ouvir.*

*E posso ter tomado os comprimidos só por uma semana, mas pelo jeito foi tempo suficiente para eu ainda me sentir zozza três dias depois dos últimos que tomei. Me sinto mal, até mais incapaz de dormir do que antes de começar a tomá-los, mas pelo menos as dorezinhas de cabeça finalmente estão começando a desaparecer. Não consigo imaginar ficar viciada neles por meses ou anos. Sinto pena de quem fica...*

#### Dia Quatro

*Aidan entra com um pequeno maço de correspondências na mão, olhando cada uma enquanto anda pela sala.*

*Ele para num envelope branco por um segundo, constrangido, e o levanta, olhando para mim primeiro, até que Andrew entra na sala.*

*— Parece que esta é pra você. — Ele me olha de novo, mas entrega o envelope a Andrew.*

*Isso me dá uma sensação muito estranha, então me levanto instintivamente da espreguiçadeira e me aproximo de Andrew para ver o que é.*

*Pouco antes que Andrew escondesse o envelope de mim, vejo o nome de Natalie escrito nele.*

*Ele também sabe que eu vi.*

*— Não — diz Andrew, balançando a cabeça. — Vou deixar você ver outro dia. — E então ele enfia o envelope no bolso de trás do jeans.*

*Confio totalmente nele, mas sou humana, e uma pequena parte de mim está nervosa com essa situação toda. Por que Natalie mandaria uma carta para Andrew? Confiando ou não, a primeira coisa que viria à cabeça de qualquer um é se perguntar se tem alguma coisa acontecendo entre os dois. Mas isso é absurdo, e afasto essa ideia da minha mente com a mesma rapidez que ela veio.*

*Eles estão conspirando contra mim.*

*Eu só queria saber o que está acontecendo.*

#### Dia Cinco

*Falei com Natalie, minha mãe e Marna por telefone hoje. Marna tenta agir como se nada tivesse acontecido com o bebê, e é tão boa nisso quanto Michelle foi no meu primeiro dia em Chicago. Ela é tão meiga e delicada. Minha mãe, por outro lado, parece não conseguir falar de outra coisa além do meu relacionamento com Andrew. Ela me persegue sempre que pode, perguntando quando vamos nos casar, e resolveu enfiar na cabeça que vamos fazer isso do jeito que todo mundo faz. Têto dizer a ela que não quero um vestido caro, uma capela ou milhares de dólares em flores que vão murchar na semana seguinte, mas é como se ela não me escutasse. Ela só quer que a gente se case. Talvez assim se sinta melhor com ele*

dormindo no meu quarto. Não faço ideia do que passa pela cabeça da minha mãe, e metade do tempo acho que nem ela sabe.

Andrew foi a um médico aqui em Chicago fazer um checkup hoje. E como toda vez que ele vai, fico até com enjoo de preocupação até que acabe. Por sorte, ele voltou com boas notícias.

*Dia Seis*

Falo com Natalie por telefone de novo, mas novamente não menciono o envelope. Ela também não está agindo naturalmente. É óbvio que está se esforçando para não entregar nenhum dos segredos de Andrew, o que deixa as conversas cheias de momentos silenciosos e constrangidos. Quero rir dela por ser tão péssima em agir normalmente, quando só o que ela quer é me contar tudo e dar o assunto por encerrado.

*Dia Sete*

Esta semana foi uma das mais longas da minha vida. Fico na cama até mais tarde porque está começando a esfriar, mas também porque estou nervosa e não consigo fazer outra coisa. Andrew se levantou há uma hora, e só o vi voltar para o quarto uma vez, para calçar os sapatos. Ele me beijou e sorriu para mim como se estivesse secretamente empolgado, e então saiu de novo sem dizer uma palavra.

Eu viro para o lado, enrolada no cobertor, e olho pela janela. O sol está brilhando hoje, e o céu está azul e sem nuvens.

Ouçoo os três andando pela casa.

Os sapatos de Andrew rangem sobre o chão de madeira na porta do nosso quarto. Ele abre a porta e fica na entrada, olhando para mim.

— Levanta e se veste — ele diz, com a mão ainda na maçaneta.

Eu só o olho por um segundo, achando que talvez ele vá explicar o que vamos fazer, mas ele só aponta para os meus sapatos no chão, como que dizendo calce-os, depois fecha a porta e me deixa sozinha.

Faço exatamente o que ele manda. Me levanto e visto meu jeans favorito e uma blusa folgada de tricô de mangas compridas, depois um par de meias e meus mocassins. Quando saio do quarto para a sala, vejo Michelle encolhida no canto do sofá, com um cobertor sobre as pernas, vendo TV. Ela se vira para me ver, e está com um sorriso aberto, como se soubesse algo que não sei. E com certeza sabe.

— Ele tá lá fora com Aidan — ela diz, acenando na direção da porta.

Cada vez mais nervosa, ando lentamente até a porta e a abro.

Saindo na varanda de pedra, vejo Andrew e Aidan de pé do lado da estrada, em frente à casa, com Asher, e todos eles estão encostados na lateral do Chevelle.

Por um momento eu penso: Tá, então Asher veio nos visitar, é só isso que tá acontecendo? Não que eu não fique feliz em ver Asher, mas, francamente, não é algo que eu imaginaria que fosse justificar todos esses planos de Andrew em segredo.

É o carro, percebo, mas é só isso que consigo entender sozinha. Tenho uma teoria sobre o motivo de ele tê-lo trazido para cá, mas a esta altura vou só fazer o melhor que posso para não pensar nisso.

Desço rapidamente os degraus de pedra e dou um abraço apertado em Asher.

— Você tá ótima, garota — ele diz, com aquelas covinhas e os olhos verdes e brilhantes quase idênticos aos de Andrew. Então ele me aperta e me levanta um pouco do chão.

— É muito bom te ver — digo, sorrindo.

Fico correndo os olhos dele para Andrew, que está sorrindo tanto que duvido que consiga manter o mistério por muito mais tempo.

Olho para o Chevelle e então para Asher. Olho de novo.

— Então você veio dirigindo lá de... — Tudo bem, é um pouco mais intrigante do que eu imaginava.

O carro estava no Texas, até onde eu sei, e Asher estava em Wyoming. Finalmente continuo: — O que tá acontecendo?

Asher olha para Andrew, e Andrew dá um passo à frente.

— Eu pedi que Asher trouxesse o carro pra cá — ele diz.

— Mas por quê?

Asher cruza os braços e se apoia na porta de trás do carro.

— Porque ele é doido — Asher diz, rindo baixinho. — E porque não confiou num serviço de entregas pra trazer o carro.

Eu me viro para Andrew de novo, esperando que ele desembuche. Uma brisa fria atravessa minha blusa de tricô e eu enfio as mãos nas mangas.

— Você tem cinco minutos pra botar todas as suas coisas na mala — ele diz, e meu coração começa a bater descompassado antes que ele termine a frase. Ele bate no pulso sem relógio. — Nem um segundo a mais.

— Andrew...

— Isso não tá em discussão — ele diz. — Vai pegar suas coisas.

Eu só olho para ele, sem expressão.

Minha teoria estava certa, mas eu não queria que estivesse. Não quero cair na estrada... Isto é, eu quero... mas não está certo. Isso não está certo.

— Agora você tem quatro minutos — Asher diz.

— Mas a gente não pode partir assim — eu argumento. — Seria grosseria. — Aponto para Asher. — E Asher acabou de chegar. Você não quer ver...?

— Posso ver meu irmão mais velho a hora que eu quiser — Asher rebate. — No momento, acho melhor você fazer o que ele mandou, ou vai acabar na estrada, usando a mesma calcinha por uma semana.

Mais alguns segundos se passam e eu ainda não me mexi. Estou num leve estado de choque, acho.

— Três minutos, amor — Andrew diz, e está me olhando com expressão séria. — Não tô brincando. Sobe lá, bota suas porras nas malas e entra nessa merda de carro.

Cacete, ele voltou a ser como era...

Quando começo a discutir de novo, os olhos de Andrew ficam ferozes e ele diz:

— Anda logo. O tempo tá acabando! — E aponta para a casa.

Finalmente, baixando a guarda e entrando no clima tanto quanto posso me permitir, olho para ele com raiva e digo:

— Tudo bem. — Só concordo porque sei que ele está tentando melhorar as coisas. Mas me sinto culpada pra caramba.

Desconsiderando seu prazo bem-humorado de cinco minutos, giro nos calcanhares e ando muito lentamente na direção da casa, demorando de propósito, em parte minha maneira silenciosa de discordar da situação.

— Você sabia disso, Michelle? — pergunto quando passo por ela e vou para o corredor.

— Com certeza! — ela grita em resposta. Posso ouvir o sorriso em sua voz.

Abro a porta do quarto, ponho a mochila sobre a cama e começo a enfiar tudo dentro dela. Depois vou para o banheiro, pego nossas escovas de dentes e vários artigos de toalete. Arranco nossos carregadores da parede, pego meu celular do criado-mudo e enfio tudo na minha bolsa. Ando pelo quarto, torcendo para não ter esquecido nada.

Parece que Andrew já tinha feito as malas e eu nem percebi.

*Em seguida fico ali, vasculhando cada centímetro do quarto, mas sem ver nada, na verdade. Não quero fazer isso, mas talvez seja o certo.*

*Ouçô a buzina tocar três vezes e isso me arranca dos devaneios. Levantando a mochila, eu a jogo no ombro e pego minha bolsa de cima da cama.*

— *A gente se vê por aí!* — *Michelle diz do sofá.*

*Eu paro ao passar por ela, me curvo sobre o encosto do sofá para lhe dar um abraço desajeitado, atrapalhada pelas alças nos ombros.*

— *Divirta-se — ela acrescenta.*

— *Obrigada por nos convidar — eu digo.*

*Com um grande sorriso, Michelle gesticula para que eu vá, e eu saio da casa.*

*Quando desço os degraus, Andrew abre o porta-malas do Chevelle e eu jogo minha mochila lá dentro. Os cinco minutos que ele me deu passaram faz tempo, mas duvido que ele vá dizer alguma coisa.*

— *Tá pronta?* — *Andrew pergunta, fechando o porta-malas.*

*Eu respiro fundo, olho para Asher e Aidan, e antes de responder, vou abraçar os dois.*

— *Legal você ter vindo — diz Aidan.*

— *Vê se bota meu irmão na linha — Asher recomenda.*

*Sorrio para os dois, me sento no banco do passageiro e Andrew fecha a porta para mim.*

*Os três se despedem. Um minuto depois, Andrew se senta no banco do motorista, e uma lufada de ar frio entra no carro junto com ele.*

*Ele me olha.*

— *Então, vai ser assim — ele diz, apoiando os pulsos no volante. — A gente vai pro sudeste, pro litoral...*

— *Peraí — interrompo —, você planejou tudo? — Isso é tão fora do estilo dele. Me deixa cismada.*

*Andrew sorri suavemente e diz:*

— *Em parte. Mas é necessário.*

— *Que parte é necessária?*

*Ele me olha como que dizendo: Vai me deixar terminar?*

*Fico quieta e deixo que ele continue, enquanto ele se debruça e abre o porta-luvas.*

— *A gente vai pro sul, vamos ficar no litoral durante o inverno todo — ele diz, e agora só consigo me perguntar quanto tempo ele planeja ficar na estrada. O inverno todo? Não consigo entender que diabo de ideia é essa. Ele saca um mapa e o desdobra sobre o volante. Olho para ele, desconfiada. — Odeio o frio. Seguindo o litoral e indo mais pro sul na época certa, a gente vai evitar quase toda a neve e merdas assim.*

*Tã, o plano é bom, admito. Também não aguento o clima frio, portanto, sim, essa parte é necessária mesmo. Concordo com a cabeça e deixo que ele continue.*

*Andrew aponta para o mapa gigante e começa a correr o dedo pelo nosso itinerário.*

— *Vamos começar no litoral da Virgínia e ir pro sul, passando pelo seu estado, mas nada de parar pra visitar. — Ele aponta para mim. — A gente tá só de passagem, certo? — Ele espera a minha resposta.*

*Concordo com a cabeça novamente e digo:*

— *Certo — porque com certeza há um método em sua loucura, e sinto que devo concordar com ele.*

*Ele olha de novo para o mapa e volta a correr o dedo pelo papel.*

— *Depois, pela Carolina do Sul até a Geórgia, e aí vamos percorrer toda a costa da Flórida, da praia de Fernandina — seu dedo faz uma longa curva pelo papel — indo até Pensacola.*

— *Quanto tempo tudo isso vai levar?*

*Ele sorri e balança a cabeça para mim.*

*— Isso importa? — Então ele dobra o mapa desorganizadamente e o joga no banco, entre nós. — Eu decido a direção, desta vez. Sobreretudo porque não quero morrer de frio. Mas... — Ele se vira de novo e olha para a frente, tirando os olhos de mim — Bom, é assim que precisa ser.*

*— Por que a gente tá fazendo isso, Andrew?*

*Seus olhos pousam em mim mais uma vez.*

*— Porque é o certo — ele responde, com um olhar profundo. — Porque você tá no carro.*

*Suas palavras me deixam confusa.*

*— Porque eu tô no carro?*

*Ele balança a cabeça discretamente.*

*— Sim.*

*— Mas... o que isso significa?*

*Seus olhos verdes se abrandam com o sorriso, ele estende a mão e segura o meu queixo. Ele beija meus lábios e diz:*

*— Você podia ter lutado com unhas e dentes. Podia ter me mandado à merda quando falei pra pegar nossas coisas. Mas você não fez nada disso. — Ele me beija devagar mais uma vez, e o gosto de hortelã do seu hálito fica em meus lábios. — Você não entrou correndo naquela casa porque eu mandei, foi porque era o que você queria. Você nunca fez nada só porque eu mandei, Camryn. Eu sou só um chute no seu traseiro, mais nada.*

*Tento disfarçar o sorriso que está se abrindo em meu rosto, mas não consigo. Ele se curva, aperta os lábios na minha testa e se endireita no assento. O motor ronrona agressivamente por um momento quando o pé dele aperta o acelerador.*

*Ele tem razão. Tudo o que ele já me mandou fazer, mesmo quando reclamei, eu jamais teria feito se uma parte de mim não quisesse. Fico intrigada em ver como ele sempre sabe coisas sobre mim antes que eu saiba.*





ACHO QUE ONTEM, em Chicago, foi a primeira vez que não consegui prever a reação de Camryn a uma das minhas exigências. Minha garota estava arrasada. Isso me deixava mais apavorado a cada dia, a pessoa que ela estava se tornando. Corri um risco ligando para Asher naquela noite e pedindo que ele dirigisse o Chevelle até Chicago. Eu não sabia o que Camryn ia fazer e, para dizer a verdade, temi que ela se recusasse a ir. Por causa da culpa. Ei, odeio termos perdido a nossa Lily. Daria um braço ou uma perna para tê-la de volta. Mas o que está feito está feito, e ficamos parados nos afogando em sofrimento e nos recusando a fazer o que nos deixa felizes por qualquer motivo é uma puta duma bobagem. É assim que você se mata. Um suicídio lento e doloroso. Se Camryn recusasse, eu a carregaria sobre o ombro, esperneando e gritando, e a jogaria no banco de trás do carro. Porque essa é a nossa vida. Nós nos encontramos na estrada; nos conhecemos e aprendemos a nos amar na estrada. É onde devemos estar pelo tempo que for, e é o que vamos fazer até que fique claro que deveríamos fazer outra coisa.

As primeiras 14 longas horas de nossa viagem são calmas e silenciosas. Eu dirijo de Chicago até Virginia Beach ouvindo rádio, ou meus CDs quando não encontro uma estação decente. Camryn, embora sorria e fale sobre as coisas que vemos da estrada, ainda não voltou ao normal, mas vai chegar lá. Pode levar alguns dias, mas vai começar a cair na real.

As praias da Costa Leste são diferentes das do Texas. São mais limpas, e aqui a água parece água do oceano de verdade, e não a água barrenta e turva do Golfo em Galveston.

Já é quase noite. Vimos o sol se pôr no horizonte quando chegamos a Virginia Beach, e foi a primeira vez que vi aquela faísca nos olhos de Camryn, desde que ela perdeu o bebê. Se eu soubesse que um crepúsculo podia fazer isso, já a teria levado para ver um há muito tempo.

— Então, a gente vai pedir quartos separados? — ela pergunta quando saímos do carro no estacionamento do nosso primeiro hotel.

Percebo que ela está brincando, mas aposto que não espera que eu entre na brincadeira.

— É exatamente o que vamos fazer. — Eu abro o porta-malas e jogo nossas mochilas nos ombros.

— Tá falando sério? — Ela está chocada, e é engraçado.

Eu represento o melhor que posso. Nunca me passou pela cabeça pedir quartos separados, mas agora que ela mencionou isso, não acho tão má ideia.

Fecho o porta-malas e nós entramos no saguão do hotel.

— Andrew, acho que a gente já passou dessa fase.

— Dois quartos contíguos para não fumantes, por favor, se tiver.

A recepcionista digita o pedido em seu computador. Eu ignoro Camryn a maior parte do tempo, mexendo na minha carteira à procura do cartão de crédito.

— Andrew?

— Não tenho dois quartos contíguos — a mulher diz —, mas tenho dois que ficam um de frente pro outro no corredor.

— Pode ser — eu digo.

Camryn sussurra:

— Não acredito que você vai gastar dinheiro com dois quartos quando a gente já fez sexo milhares de vezes... — Camryn não para de falar, enquanto a recepcionista nos olha disfarçadamente como se fôssemos loucos. Adoro essa expressão no rosto das pessoas, esse ar surpreso de “não acredito que você disse isso”.

— Por favor, fique quieta — eu digo, me virando para Camryn. — Eu vou pro seu quarto e te como rapidinho, não se preocupe. Então para de dar espetáculo.

Camryn arregala os olhos tanto quanto a recepcionista.

Pego Camryn pela mão e a puxo para a saída do saguão.

— Espero que aprecie sua estada — a recepcionista diz em tom estupefato enquanto vamos para o elevador.

Camryn cai na gargalhada assim que as portas do elevador se fecham.

— O que foi aquilo?! — ela pergunta, incapaz de se conter. — Parecemos dois adolescentes imaturos!

— Mas você tá rindo — eu comento. — Portanto, a imaturidade valeu totalmente a pena.

O elevador para no segundo andar e nós saímos no corredor.

— Mas, sério, Andrew, por que quartos separados?

Provando mais ainda que a espontaneidade tem mesmo um propósito, eu penso no que pedi que Natalie enviasse a Chicago, enquanto andamos pelo corredor. Paramos no meio dele, diante dos nossos quartos, e eu jogo as mochilas no chão verde acarpetado.

— Só por esta noite — respondo, enfiando a mão na mochila para procurar o envelope.

Camryn fica perto de mim, assistindo a tudo em silêncio. Percebo que ela quer dizer alguma coisa, mas não tem certeza, nesse momento, do que poderia ser.

Eu endireito o corpo com o envelope na mão. Ela olha para ele, mas não sabe ao certo quais são as minhas intenções.

— Esta noite você vai ficar sozinha no seu quarto — eu digo e entrego o envelope a ela.

Ela parou de sorrir assim que tirei o envelope da mochila. Agora só consegue olhar para mim, confusa e intrigada.

Cuidadosamente, ela estende a mão e pega o envelope, ainda insegura com relação a tudo, talvez até quanto a querer ou não saber o que há dentro dele.

Eu passo o cartão na fechadura do quarto de Camryn e abro a porta, levando a mochila dela para dentro. Ela me segue, vários passos atrás, muda e desconfiada, com o envelope entre os dedos relutantes. Deixo a mochila dela sobre o balcão da TV e verifico o quarto, como sempre faço. Ligo e desligo as luzes e testo o aquecedor antes de puxar os lençóis para ver se estão limpos. Lembrando que Camryn tem fobia de colchas de hotel, eu a arranco completamente da cama e a jogo no chão, num canto do quarto.

Ela fica perto do pé da cama, imóvel.

Eu me aproximo e fico na frente dela. Olho-a nos olhos e observo o modo como ela retribui meu olhar. Passo o indicador por sua sobrancelha e pelo lado de seu rosto e sinto o calor de sua pele sob o meu toque. Eu a quero. Quando seus olhos baixaram para os meus lábios, isso desencadeou algo predador em mim. Mas eu controlo meus impulsos, pelo seu bem. Esta noite, se tudo der certo, um ciclo vai se fechar.

— Cam foi ao funeral — Natalie me disse pelo telefone no dia em que liguei para ela da casa de Aidan. — Mas chegou tarde, ficou bem no fundo, perto da porta, e foi embora antes que a cerimônia terminasse. Ela se recusou a ir até o caixão.

— Alguma vez ela falou com você a respeito disso? — perguntei.

— Nunca — Natalie disse. — E sempre que tentei abordar o assunto, o funeral, o acidente, qualquer coisa, ela não me deixou continuar.

Esta noite vai ser dura para Camryn, mas se ela não enfrentar isso, nunca vai melhorar.

— Você sabe onde estou — sussurro suavemente, deixando minhas mãos caírem dos seus braços. — Vou ficar acordado a noite toda. Comecei a compor outra canção ontem e quero muito trabalhar nela enquanto tá fresca na minha mente. — Aos poucos, mas sempre, estamos compondo material próprio, especialmente desde a viagem a Chicago; e depois da noite em que tocamos no bar de Aidan, Camryn mostrou interesse por

isso, por algum motivo.

Camryn balança a cabeça e sorri fracamente por baixo da expressão de preocupação em seu rosto, preocupação com o que se esconde dentro do envelope.

— E se eu não quiser ficar neste quarto sozinha? — ela pergunta.

— Tô pedindo pra você ficar — insisto com firmeza. — Só por esta noite.

Não quero dizer mais do que isso, mas espero que a sinceridade no meu rosto faça o que palavras poderiam fazer.

— Tá bom — ela concorda.

Eu a beijo de leve nos lábios e a deixo sozinha no quarto.

Só espero que esse tiro não saia pela culatra.

Camryn

Andrew me deixa no quarto. Sozinha. Não gosto disso, mas aprendi a lhe dar ouvidos nos curtos cinco meses que passamos juntos. Cinco meses. Isso me espanta cada vez que lembro, porque parece mais que estamos juntos há cinco anos, depois de tudo o que enfrentamos. Às vezes penso no meu ex, Christian, o namorado infiel que arranjei para preencher o vazio deixado por Ian, e com quem fiquei por quatro meses. A gente mal se conhecia. Pensando bem, agora não consigo nem lembrar o dia do seu aniversário ou o nome de sua irmã, que morava a duas quadras da casa dele.

É totalmente outro mundo com Andrew.

Em cinco meses, me encontrei com ele, me apaixonei total, incondicional e loucamente, aprendi de verdade a viver, conheci praticamente toda a sua família e logo me senti parte dela, enfrentei uma jornada desafiando a morte com Andrew, fiquei grávida e noiva. Tudo em cinco meses. E agora aqui estamos, enfrentando mais uma dificuldade. E ele continua comigo a cada passo. Fui idiota e fraca e tomei comprimidos, e ele continua aqui. Eu me pergunto se existe alguma coisa que eu possa fazer que seria tão horrível a ponto de ele me abandonar. Algo no meu coração diz que não, não existe nada capaz disso. Nada mesmo.

Nunca vou entender, enquanto eu viver, como tive a sorte de ficar com ele.

Durante esse momento de reflexão, noto que meus olhos não desviaram da porta por onde ele saiu. Finalmente, olho para o envelope na minha mão, e não sei por quê, mas fico com medo de pensar no que há dentro dele. Pensei nisso muitas vezes esta semana. Uma carta? Se for, do que poderia falar? E para quem seria, e de quem? Por que Natalie me escreveria uma carta? Por que ela escreveria para Andrew?

Nada disso faz nenhum sentido.

Eu me sento no pé da cama, deixando minha bolsa cair no chão ao meu lado, e passo os dedos pelo contorno do que está dentro do envelope. Mas já fiz isso algumas vezes esta semana e continuo chegando às mesmas conclusões: é um papel, meio grosso, dobrado duas ou três vezes. Não tem nenhuma saliência, nem mesmo algum relevo dentro. É só papel.

Eu suspiro e faço menção de soltá-lo, mas continuo segurando. Não sei por que não abro essa droga de uma vez. Está me deixando meio maluca há uma semana, e aqui estou eu, finalmente capaz de desvendar o segredo de uma vez, abrindo-o, mas tenho medo demais.

Deixo o envelope na cama e me levanto, cruzando os braços e olhando para ele com o canto do olho enquanto começo a andar pelo quarto. Me sinto ameaçada por ele, como se fosse pular em mim e cravar as garras na minha perna quando passo perto. Como aquela gata psicótica que minha tia Brenda tem. Até começo a mexer na minha bolsa, procurando o celular para ligar para Andrew e fazê-lo contar por que tudo isso, até que me dou conta de como isso seria idiota.

*Finalmente, eu pego o envelope e, depois de uma longa pausa, sentindo seu peso leve em minha mão, passo a ponta do dedo pela aba colada para soltá-la. Depois de tentar romper o lacre cuidadosamente e não conseguir, mando tudo à merda e rasgo o resto de alto a baixo. Jogo o envelope esfarrapado na cama e desdobro o papel de carta, vendo que a maior parte dele está em branco. Foi usado apenas para esconder a fotografia que tem dentro. Olhando para o verso da fotografia, primeiro me recuso a virá-la para ver o que há do outro lado. Em vez disso, leio a letra de Natalie no meio do último pedaço de papel:*

*Esta foi a melhor que eu achei.*

*Espero que ajude no que você está tentando fazer, seja o que for.*

*Sinceramente,*

*Natalie*

*Viro a fotografia e meu coração afunda como uma pedra quando vejo o rosto vibrante e sorridente de Ian me olhando. Minha bochecha está encostada na dele, olhando para a câmera. As luzes coloridas dos brinquedos do Parque Estadual da Carolina do Norte iluminam a noite ao fundo, atrás de nós. Como se eu tivesse caído num lago congelado, ver seu rosto me deixa totalmente sem fôlego. Lágrimas brotam instantaneamente dos meus olhos, e eu deixo a foto cair dos meus dedos sobre a cama. As duas mãos sobem ao meu rosto, onde os dedos cobrem meus lábios trêmulos.*

*Como posso me permitir chorar por ele?! Por que isso está acontecendo?!*

*Eu me desfiz de todas as fotos de Ian por um motivo. De todas. Deletei cada arquivo com fotos digitais nossas, tirei seu nome do meu celular. Até joguei fora o criado-mudo que eu tinha desde criança, porque Ian entalhara IAN AMA CAMRYN na madeira por baixo dele. Tentei tirar da minha vida cada coisa que me fizesse lembrar dele, o melhor que pude, porque doía demais saber que tudo o que me restava dele eram coisas materiais. Eu não podia fazer muita coisa com as lembranças, mas me esforcei ao máximo para esquecê-las também.*

*Por que Andrew faria isso comigo? Trazer toda essa dor de volta à minha vida, e ainda por cima tão pouco tempo depois de perdemos Lily?*

*Uma parte de mim quer berrar com Andrew, sair marchando pela porta, cruzar o corredor até seu quarto e lhe dizer o quanto isso dói. Mas minha razão me alcança rapidamente. Eu sei por que ele fez isso. Eu sei por que ele me colocou neste quarto, sozinha, com esta foto. Porque ele me ama tanto que está disposto a me devolver Ian só por uma noite, para que eu possa finalmente aceitar a perda dele.*

*Mas não consigo olhar essa droga de foto! Não consigo!*

*Com lágrimas escorrendo pelo rosto, pego meu suéter grosso da mochila e enfio os braços de qualquer jeito nas mangas. E então saio correndo do quarto e vou para o elevador.*

*Segundos depois, estou sentada na areia fria da praia, olhando para o oceano sem fim.*



*EU ME PERGUNTO se ela vai abrir. Cacete, me pergunto se ela vai me odiar por fazer isso com ela, mas se isso vai ajudá-la, aceito a barganha.*

*Aperto o botão de ligar do controle remoto e uma velha reprise de Seinfeld preenche o silêncio do meu quarto. Tiro os sapatos e entro no chuveiro, deixando a água quente bater em mim até ela começar a sair morna. Só consigo pensar no que Camryn está fazendo, sozinha no seu quarto, se está olhando para aquela foto de seu ex-namorado morto, e se está se aguentando. Quero ir lá ajudá-la, mas sei que é algo que ela precisa fazer sozinha. Algo que ela deveria ter feito há muito tempo, antes que nos conhecêssemos.*

*Depois de me enxugar, enrolo a toalha na cintura e remexo na mochila sobre a cama, procurando uma cueca. Eu me sento, olho fixamente para a TV, depois para a parede, depois para a TV de novo, até que me dou conta de que estou só tentando fazer qualquer coisa para parar de pensar em Camryn.*

*Deixo meu MP3 tocar umas cinco músicas aleatórias em meus ouvidos antes de decidir que preciso ao menos ver como ela está. Tento seu celular primeiro, mas ela não atende. Então uso o telefone do hotel e tento ligar para o quarto dela. Ainda sem resposta. Talvez ela esteja apenas tomando banho. Tento me obrigar a acreditar nisso, até que meu instinto fala mais alto. Visto meu jeans e uma camisa de manga comprida e atravesso o corredor até seu quarto. Encosto o ouvido na porta, tentando ouvir o chuveiro ligado. Nada. Por isso passo o cartão extra na porta para destrancá-la.*

*Ela não está ali. Meu coração acelera enquanto entro no quarto. A primeira coisa que noto é a fotografia, que na verdade eu nem tinha visto ainda, sobre a cama. Eu a pego e a estudo por um instante. Camryn parece tão feliz nela. Essa é a Camryn que eu conheci, aquela com um sorriso lindo e cheio de energia. Me lembro desse sorriso. Eu o vi dezenas de vezes quando estávamos na estrada juntos.*

*Entrando em pânico, tiro os olhos da foto e vou para a janela. Olho para o oceano negro lá fora e vejo algumas pessoas andando pelo calçadão. Com a foto ainda na mão, volto rapidamente para o meu quarto e calço os sapatos, deixando-os desamarrados enquanto saio e vou para a praia. O ar frio não é insuportável, mas é suficiente para me fazer pensar que fiz bem em usar mangas compridas. Procuro qualquer sinal dela, olhando de um lado para o outro no calçadão e nas cadeiras de praia perto do hotel, mas ela não está em lugar nenhum. Enfiando a foto no bolso de trás da calça, começo a correr um pouco e rumo para a praia.*

*Eu a encontro sentada na areia, não muito longe.*

*— Porra, amor, você me deixou apavorado.*

*Eu me sento ao lado dela, passando um braço ao redor do seu corpo.*

*Ela olha para o oceano, o vento gelado atravessando seu cabelo louro. Não olha para mim.*

*— Desculpa. Eu só queria...*

*— Eu te amo, Andrew — ela interrompe, mas continua com o olhar fixo à sua frente. — Não sei como uma garota pode ser tão sortuda e tão azarada ao mesmo tempo.*

*Sem saber aonde ela quer chegar com isso, tenho medo de dizer alguma coisa porque não quero dizer a coisa errada. Eu a aperto mais para compartilhar o nosso calor. E não digo uma palavra.*

*— Não tô brava com você — ela continua. — Primeiro fiquei, mas quero que saiba que não tô mais.*

*— Me fala o que você tá pensando — peço baixinho.*

*Ela ainda não desviou o olhar da escuridão à sua frente. As ondas mal lambem a praia a alguns metros de nós. Um pontinho branco, a luz de um barco, se move no horizonte.*

*De repente, sinto que Camryn está me fitando e me viro para olhá-la também. A luz dos prédios atrás de nós e do luar é suficiente apenas para mostrar seus traços suaves, os cachos do seu cabelo soprados sobre*

sua face fria. Eu afasto alguns fios dos seus lábios. Seu olhar se abranda quando ela me encara e diz:

— Eu amava Ian, amava muito. Mas não quero que você pense...

Eu balanço a cabeça.

— Camryn, não faz isso. Não estamos aqui pra falar de mim, tá? — Eu enfio o dedo em outro cacho do seu cabelo e o afasto da sua boca. — Não fale de mim.

Ela para por um momento, e sinto sua mão no meu colo e meus dedos se entrelaçando com os seus.

Camryn volta a olhar o oceano.

— Eu não queria ir ao funeral de Ian — ela me conta. — Não queria vê-lo pela última vez daquele jeito. — Camryn me olha. — Lembra aquele dia, no seu apartamento, quando cheguei e você tava falando ao telefone com Aidan, quando ele tava tentando te convencer a ir ao funeral do seu pai?

Balanço a cabeça.

— Lembro, sim.

— Você disse uma coisa pra ele, disse que preferia que a última vez que você visse alguém, que ele estivesse vivo, não morto, deitado num caixão. Bem, era isso que eu pensava do funeral de Ian. Eu não queria ir. Foi por isso, também, que eu não quis ver Lily. Por isso escolhi a cremação.

— Mas você foi. Ao funeral de Ian. — Eu evito o assunto de Lily por enquanto. É um caso mais doloroso. Para nós dois. Eu a vi. Era tão pequena que caberia na palma da minha mão. Mas Camryn se recusou a olhar.

Ela balança a cabeça.

— Não exatamente — ela explica, a respeito do funeral de Ian. — Eu tava lá, mas não tava. Minha maneira de me desapegar dele foi tirá-lo da minha mente, cada palavra que ele já me disse, seu rosto; tudo o que eu podia apagar, eu apaguei. Só fui porque era o que todos esperavam de mim. Se eu não estivesse tão preocupada com o que todos fossem pensar de mim, teria ficado em casa naquele dia.

— Mas isso não fecha o ciclo — digo cautelosamente. — É a mesma coisa que varrer a sujeira pra baixo do tapete. Ela continua lá. Você sabe que tá lá. E aquilo vai ficar te incomodando até você fazer certo.

— Eu sei — ela diz.

Depois de alguns longos segundos de silêncio, eu enfio a mão no bolso de trás e tiro a foto.

— Sabe, se ele ainda estivesse vivo, eu ficaria com um pouco de ciúme. Até que, pra um cara, ele é gato.

Camryn sorri para mim e noto que seu olhar mal pousa na foto.

Eu a deixo na areia perto dos nossos joelhos. Então fico sério de novo.

— Camryn, isso que tá acontecendo com você, os comprimidos e tudo mais, não é só por causa da perda da Lily. Você sabe disso, não sabe?

Ela não responde, mas percebo que está pensando muito no que eu falei.

— Você bloqueia tudo. Ian. Lily. De acordo com Natalie, até a morte da sua avó, o crime de Cole, e o fato do seu pai ter ido embora e parecer se importar mais com a nova namorada do que com você. — Digo as coisas como elas são porque é exatamente assim que precisam ser ditas. — Em vez de lidar com tudo isso, chorar, o que for, você só bloqueia essas merdas e espera que desapareçam sozinhas. Você já tava fazendo isso bem antes da gente se conhecer. Mas precisa saber que tudo se acumula, e um dia você desmorona e cai num abismo.

— Sei. Você tem razão, como sempre — ela concorda desconsoladamente.

— Você acredita nisso ou tá concordando só pra me fazer calar a boca? — Abro um sorriso para ela, esperando receber outro em troca.

*E funciona.*

*Ela sorri e diz:*

— Não, eu acredito mesmo. Só queria ter acreditado nisso antes.

— Por que acredita agora?

— Porque você é uma espécie de filósofo com tatuagens. — Ela ri, e isso espalha calor pelo meu sangue.

*Não acredito que ela está rindo. De início, imaginei que fosse levar muito tempo para Camryn aceitar tudo isso, mas ela me surpreende a cada dia.*

— Um filósofo? — digo. — Exagerada. Mas aceito o elogio.

*Camryn se vira de lado e deita a cabeça no meu colo. Ela olha para mim com aqueles olhos azuis de corça, e não consigo deixar de tocar seu rosto macio.*

— Quer saber a verdade? — ela pergunta.

— Claro — respondo, mas fico um pouco ansioso, de repente.

— É como te falei na casa de Aidan — ela continua. — Se um dia eu perdesse você, logo você, isso seria o fim pra mim. Quando tive o aborto, isso fez todos os meus medos voltarem. De perder você. Foi como se aquele instante de tragédia me fizesse lembrar de novo da morte, e com que rapidez ela pula em cima de uma pessoa. Se Deus, a natureza, ou sei lá quem ou que porra controla tudo, pode ser cruel e desalmado a ponto de matar o meu bebê, então Ele pode te matar também, sem pensar duas vezes. Isso me apavora, Andrew. A ideia de perder você me mata por dentro. E como já quase te perdi uma vez, o medo fica muito pior.

— Mas eu já te disse...

*Ela se levanta do meu colo e fica sentada na minha frente, com os joelhos enterrados na areia.*

— Eu sei o que você disse — ela interrompe. — Mas não importa o que você pensa, ou você saber dizer todas as coisas certas pra me fazer sentir melhor. Você não tem certeza do que vai acontecer, Andrew. O tumor pode muito bem voltar, e apesar de tudo o que fazemos, de todas as precauções que tomamos, ele pode te matar.

*Eu começo a discordar, mas ela está tão empenhada em me dizer essas coisas que sei que preciso deixar.*

— Você é a melhor coisa que já me aconteceu — ela continua — e agora posso te olhar nos olhos e dizer que, por mais que isto doa, consigo aceitar a morte de Ian. Consigo aceitar a morte de Lily. Consigo aceitar a morte de qualquer um, mesmo que essa morte seja insuportavelmente dolorosa. Mas a sua... — Ela se interrompe e nem pisca ao olhar no fundo dos meus olhos. — A sua eu jamais poderia aceitar. Jamais.

*O silêncio entre nós só amplifica o som do oceano. Quero pegá-la nos braços, apertar meus lábios contra os dela, mas fico sentado ali, olhando para ela, porque as palavras que ela me disse são as mais poderosas que já ouvi, senti ou entendi.*

*Finalmente, eu a pego em meus braços e a ponho no meu colo. Passo os braços pelas suas costas, fito seus olhos e digo:*

— Acredito em você e sinto a mesma coisa.

*Ela inclina um pouco a cabeça para o lado.*

— Mesmo?

— Sim. Camryn, não consigo viver sem você. Eu poderia tentar, mas ia ser uma existência péssima. Isso não vale só pra mim; você pode morrer amanhã tão facilmente quanto eu. Ninguém tá imune.

*Ela não discute, mas desvia o olhar por um breve momento.*

*Eu seguro seu rosto com as duas mãos, forçando-a a me olhar. Sua pele está gelada.*

— A gente precisa viver no presente, lembra? — eu digo e ela volta a prestar atenção em mim. —



Precisamos fazer um pacto, você e eu, agora mesmo. Topa fazer um pacto comigo? — Movo um pouco minhas mãos para aquecer suas orelhas geladas.

Ela concorda com a cabeça.

— Tá — diz, e fico feliz por ela confiar em mim o suficiente para não fazer perguntas antes de concordar.

Tirando uma mão de sua orelha, passo as pontas dos dedos na sua testa e pelos lados de suas bochechas.

— Não podemos controlar a morte. Nenhum dos dois pode fazer nada pra evitá-la ou adiá-la. Só o que podemos controlar é como vamos viver nossas vidas antes que ela nos alcance. Portanto, vamos prometer um pro outro coisas que possamos cumprir, haja o que houver.

Camryn concorda com a cabeça e sorri um pouco.

— Que tipo de coisas? — ela pergunta.

— Qualquer coisa. Tudo o que a gente quiser um do outro. Tipo... — Eu me levanto da areia e enfio as mãos nos bolsos. Olho para o oceano, vasculhando minha mente em busca da melhor promessa para começar. Só consigo pensar numa coisa no momento, por isso me viro novamente para ela, levanto o dedo indicador e digo: — Isto não tem nada a ver com o tumor, nem com nada específico, mas quero que você me prometa que, se algum dia estiverem me mantendo vivo por aparelhos, por qualquer motivo, e você sentir no fundo do coração que eu não vou melhorar, se você sentir que eu tô sofrendo, vai mandar desligar os aparelhos.

Seu sorriso desaparece, e ela me olha como se eu tivesse estragado o momento. Eu estendo os braços e a pego pela mão, fazendo-a levantar comigo.

— Não tô tentando ser mórbido. É só uma coisa que sempre me incomodou, sabe? Você vê isso na TV e nos filmes. O cara fica ligado a todo tipo de aparelho que a ciência já inventou pra se manter vivo porque a família tem esperança ou qualquer coisa assim. Nada contra ter esperança, mas, porra, aquilo me dá um puta medo. — Eu seguro seus braços delicadamente. — Nunca me deixe viver como um vegetal. Me prometa isso. Você me conhece melhor do que qualquer pessoa, e confio que você vai saber quando tiver chegado a minha hora. Então prometa.

Aos poucos, ela começa a entender. Leva um segundo, mas ela começa a concordar com a cabeça.

— Me promete a mesma coisa — ela pede.

Eu sorrio e digo:

— Tá prometido.

Ela dá um passo para trás e enfia as mãos nas mangas. Apertando bem o suéter ao redor do corpo, ela começa a andar de um lado para o outro.

Ela para e me olha.

— Promete que se um dia eu tiver mal de Alzheimer ou ficar senil e não me lembrar de ninguém, você vai me visitar todo dia e ler pra mim, como Noah lia pra Allie.

— Quem? — eu pergunto, mas aí a ficha cai. — Aaaah, entendi. — Eu rio dela e concordo com a cabeça.

Seus olhos e seu sorriso aumentam e ela grita:

— Andrew! Não tem graça! Tô falando sério! — Ela ri e eu a agarro, puxando-a para os meus braços.

— Tudo bem, tudo bem! — eu me rendo, apertando seu corpo que se retorce contra o meu.

— A ideia foi sua — ela acusa —, então não faz piada.

— Eu sei. Você tem razão, mas... é sério? Precisa ser tão fã assim de Diário de uma paixão?

Sinto o cotovelo dela atingindo meu estômago e me curvo um pouco e exagero a dor que isso me causa,

contorcendo o rosto com a agonia e o riso. Para me humilhar de vez, Camryn me dá um empurrão e me derruba na areia. Depois fica por cima de mim, com um pé de cada lado do meu peito e as mãos na cintura, toda autoritária. Mantenho uma mão na barriga, rindo e tentando ficar sério, embora eu saiba muito bem que não consigo enganá-la.

— Só você pra fazer piada num momento tão sério. — Ela reclama tão seriamente que isso só me faz rir mais, sobretudo pela dificuldade dela em ficar de cara fechada.

Ela começa a se sentar em cima de mim, e provavelmente vai tentar me bater com suas mãozinhas delicadas, mas eu a seguro antes que ela comece, meto a mão no meio das pernas dela e aperto com toda a força.

— Aaaaaaii! — Camryn geme, e começa a desabar, mas eu a mantenho na posição. — Que ideia é essa de apertar minhas paaarr... porra, Andrew! Apertar minhas partes?!

Faço mais pressão e levanto aos poucos as costas da areia, guiando-a para trás. Ela fica de joelhos olhando para mim.

— Porque eu gosto — sussurro sobre seus lábios. — Agora fica parada.

O clima entre nós muda em questão de segundos. Sua pele fria fica mais quente; seus olhos, arrebatados; seu corpo, conivente.

— Tem gente aqui... — ela tenta dizer baixinho, mas minha mão apertando-a no meio das pernas lhe rouba a voz.

— Não me importa — retruco, examinando seus olhos primeiro e então seus lábios úmidos e inchados. — Eles estão longe.

— Mas... o que você tá fazendo...

— Só fica parada. Quieta. — Eu passo a língua sobre seu lábio inferior e o chupo delicadamente. Sinto que ela tenta me beijar, mas não deixa. Eu puxo o tecido de sua calça e enfio a mão dentro da cintura folgada para achar o seu calor. Caramba, ela já tá molhada. Me curvando sobre o seu pescoço, fecho os olhos e inalo o cheiro de sua pele. Ela fica bem imóvel, mas posso sentir seu corpo tremendo e seu coração batendo forte sob o meu toque. Quero tanto comê-la. Mas não vou fazer isso ainda, porque gosto de me torturar. Adoro, porra.

Minha mão livre solta sua cintura e eu a ponho em sua coxa, forçando-a a abrir mais as pernas.

— Abre — eu instruo, com meus lábios roçando nela, e Camryn faz exatamente o que eu mando, afastando os joelhos na areia. Ela fica um pouco tensa quando percebo um homem andando não muito longe, mas eu a aperto de novo, enfiando dois dedos nela e obrigando-a a olhar só para mim. Ela geme e eu estremeço silenciosamente, sentindo suas entranhas se apertando em volta dos meus dedos. Encaro seus olhos, os meus de vez em quando se perdendo no estudo da curvatura de sua boca. — Não tira os olhos de mim — digo. — Não me importa se você sentir que precisa fechar os olhos. Não feche. Continue me olhando.

Ela balança um pouco a cabeça, como se temesse que eu vá parar se ela fizer errado.

Mexo os dedos para dentro e para fora dela, lentamente de início, tirando-os e usando seu gozo para manter seu clitóris úmido, esfregando meu dedo médio sobre ele num movimento circular. Cada vez que a toco, seus olhos começam a se fechar, mas eu paro assim que percebo, e ela volta a controlar o olhar. Mexo meus dedos dentro dela de novo, um pouco mais rápido, e com o polegar faço cada vez mais pressão no seu clitóris. Pequenos gemidos escapam de seus lábios abertos, chupando o ar gelado ao nosso redor e meu hálito quente à medida que fico mais ofegante em sua boca. Mas ela nunca tira os olhos dos meus e não fala, embora eu saiba que ela queira fazer tudo isso.

— Admite uma coisa — sussurro no ouvido dela. — Neste momento, você não estaria nem aí se alguém

estivesse olhando. Não é verdade? Me deixaria foder você aqui, na frente de todo mundo, e se preocuparia com a vergonha só depois que eu terminasse.

Sinto sua cabeça balançando perto da minha.

— O que mais você me deixaria fazer? — pergunto e mantenho os lábios perto do ouvido dela. Continuo mexendo os dedos.

— Tudo o que você quisesse — ela diz, com um gemido na voz.

— Tudo o que eu quisesse? — Eu esfrego meu polegar com mais força no seu clitóris.

— Tudo... — ela diz e perde um pouco o fôlego. — Qualquer porra que você quisesse...

Suas palavras, sua voz carregada de desejo, me deixam louco de tesão por ela, e meu pau está tão duro que mal consigo aguentar. Enfio os dedos com mais força e mais rápido. Seu corpo começa a tremer, suas coxas balançam tentando levantar o corpo. Eu me afasto do ouvido dela e a fito de novo. Ela mantém o olhar fixo no meu o melhor que pode, suas pálpebras estão ficando mais pesadas; sua respiração, irregular e ofegante. Mas seus olhos ficam arregalados e imóveis quando atinjo aquele ponto especial, e tomo cuidado para não interromper o ritmo.

— Não tira os olhos de mim — digo e continuo a olhá-la ferozmente.

Quando ela começa a gozar, meu olhar só fica mais forte, perfurando o dela num momento de luxúria faminta. É como se eu conseguisse ver o prazer emanando de suas íris, o calor do seu orgasmo saindo da pele sensível dos seus lábios, que querem beijar os meus tão selvagememente, mas mesmo assim eu não deixo. Quando seu corpo trêmulo começa a se acalmar, enfio os dois dedos mais fundo, sentindo-a se estreitar ao redor deles, o tempo todo mantendo a pressão no seu clitóris.

Ela desaba sobre o meu peito.

Eu envolvo seu corpo trêmulo nos braços e beijo o alto da sua cabeça.

— O que você tá fazendo comigo, caralho? — ela diz.

Eu rio um pouco e a abraço mais forte.

— Qualquer porra que eu quiser — respondo astutamente.

Erguendo a cabeça do meu peito, ela olha para mim.

— Bom, pode dizer o que quiser, mas não vai me fazer gozar desta vez sem que eu retribua o favor.

— Ah, é?

— É isso mesmo, por isso nem tenta.

— O que você vai fazer comigo, então? — Eu sinto o meu sorriso aumentando.

— Qualquer porra que eu quiser — ela diz, com um sorriso ainda maior e mais malicioso que o meu.

Então ela fica de pé e, segurando minha mão, me faz levantar com ela.

— Mas não aqui fora — ela diz. — Tá esfriando demais.

— Você que manda — digo, deixando que ela me puxe.

Eu jamais tocaria no assunto, mas noto, quando nos afastamos da praia, que Camryn olha para trás uma vez, para a foto dela e de Ian na areia. Sua mão aperta a minha forte e ela olha para meu sorriso suave quando atravessamos o calçadão.

Sei que tive muito pouco a ver com ela finalmente fechar esse ciclo. Tudo bem, eu a forcei a fazer isso, mas foi Camryn que, naquele momento, enfrentou um dos seus maiores medos. Ela olhou no rosto de alguém que amou e perdeu, e finalmente aceitou isso. Admito que foi estranho como tudo aconteceu, e eu não fui para lá com nenhuma intenção sexual, especialmente num momento como aquele. Mas Camryn, no tempo que passou sozinha naquela praia pensando em Ian, bem antes que eu chegasse, já tinha entendido tudo.

Não sei ao certo como ela fez, ou qual foi meu papel nisso, mas quando retornou da praia comigo

*naquela noite, ela já começava a ser como era antes.*

*Camryn estava voltando, e eu estava nas nuvens com ela.*



Quando começou a esfriar, Andrew e eu rumamos mais para o Sul. Passamos só uma noite em Virginia Beach e de lá percorremos o litoral da Carolina do Norte, ficando alguns dias em Myrtle Beach, Carolina do Sul, onde arranjei meu primeiro emprego na estrada. Como arrumadeira. Com certeza não era a minha primeira escolha, especialmente depois que Andrew me lembrou das coisas nojentas que os hóspedes costumam deixar nos quartos. Mas era um emprego e não me incomodava tanto, a não ser quando queriam que eu lavasse cestos de lixo com catarradas nojentas grudadas no fundo. Desculpa, mas só de pensar nisso me dá vontade de vomitar. Eu ligava para Andrew e implorava que ele viesse limpar. Claro que eu o subornava com promessas de boquetes enlouquecedores em lugares públicos. Puxa, que maravilha. Não, quem eu tô tentando enganar? Adoro fazer isso por ele. Só finjo detestar às vezes, mas acho que ele gosta quando eu finjo, porque gosta de me ouvir reclamar.

De qualquer forma, pelo jeito, empregos de arrumadeira são como portas giratórias, as funcionárias vêm e vão tão rápido que seria melhor nem incluí-las oficialmente na folha de pagamento. Pensei em como isso poderia trabalhar a meu favor enquanto estivéssemos na estrada. Assim, em troca de metade do valor das diárias do quarto que estávamos ocupando, e como o quadro de funcionários do hotel estava desfalcado, eu perguntei se poderia ajudar e eles me contrataram na hora.

Mas o emprego era só temporário, pois Andrew e eu precisávamos partir de Myrtle Beach e seguir para o nosso destino, onde quer que fosse. Nunca planejamos nossos destinos antecipadamente. A nossa única regra é ficar no litoral. Pelo menos até a primavera. Mas ainda faltam alguns meses até lá e, no momento, estamos felizes instalados num hotel estilo chalé bem em frente à praia, na linda Savannah, Geórgia.

E hoje eu faço 21 anos.

Andrew me acorda de um sono profundo abrindo as cortinas da janela gigante do nosso quarto e deixando o sol invadir o ambiente.

— Levanta, aniversariante — exclama ele de algum lugar perto do pé da cama. Eu o ouço batendo várias vezes na mesinha perto da janela com a palma da mão.

Resmungo e viro para o lado, dando as costas para o sol brilhante e me enterrando nos lençóis. Uma lufada de ar frio me atinge quando Andrew me arranca os lençóis.

— Ah, vai! — gemo, encolhendo os joelhos para o peito e puxando o travesseiro para cima da minha cabeça. — Eu devia poder dormir até tarde no meu aniversário.

De repente, meu corpo está sendo arrastado da cama e eu estico os braços freneticamente, tentando me agarrar à borda do colchão. A mão de Andrew segura com firmeza o meu tornozelo. Eu chuto e esperneio, tentando me soltar, mas ele me arrasta pela cama tão rápido e sem esforço que eu simplesmente desisto. Minha bunda bate no chão e os lençóis caem ao meu redor.

— Você é tão babaca! — eu rio.

— Mas você me ama. Agora levanta.

Com o cabelo todo emaranhado, olho para Andrew e faço bico. Ele sorri para mim e estende a mão. Eu a seguro e ele me puxa de pé.

— Feliz aniversário, amor — ele diz, e me dá um selinho.

Eu me encolho um pouco, porque sei que meu bafô está podre, e já estou ficando acostumada com a mania de Andrew de aproveitar qualquer oportunidade de me lembrar disso.

Sem olhar para mim, Andrew enfia a mão no bolso do casaco e tira uma caixinha de veludo preto. Obviamente, ele já saiu hoje, mas eu estou mais interessada na caixa que ele pôs na minha mão. Olho para

ele desconfiada, pronta para dar um esporro nele caso tenha gastado uma grana numa joia escondido de mim.

— Andrew? — digo, desconfiada.

— Abre de uma vez. Eu me comportei. Juro. — Ele ergue as duas mãos num gesto de rendição.

Ainda totalmente desconfiada de sua aparente sinceridade, abro a tampa da caixa e vejo um colar com pingente de diamante dentro e fico com um pouco de falta de ar. Então estreito os olhos para ele.

— Andrew, por favor. — Olho mais uma vez para o colar, me sentindo culpada só de tê-lo nas mãos.

— De jeito nenhum isso foi...

— Juro — ele diz com um sorriso encantador. — Não foi caro.

Mordendo o lábio com ceticismo, eu pergunto:

— Quanto custou, então?

— Ah, uns 125 dólares. Nada mais do que isso. Juro por Deus. — Ele faz uma cruz sobre o coração com o dedo.

Então tira o colar da caixa, deixando-o pendurado na mão.

— Gostou? — pergunta, indo para trás de mim.

Instintivamente, levanto meu cabelo embaraçado enquanto ele põe o colar no meu pescoço.

— É perfeito, Andrew. Eu mais do que gostei. Eu amei. — Olho para baixo enquanto ele o fecha e seguro o pingente brilhante de prata.

Eu me viro para Andrew e fico na ponta dos pés descalços para beijá-lo apaixonadamente.

Nem imagino como uma joia dessas pode não ter custado um caminhão de dinheiro, mas ele está dizendo a verdade. Eu acho...

— Obrigada, amor — agradeço, radiante.

De repente, ele me dá um tapão na bunda e diz:

— A gente precisa sair daqui hoje. Tô de saco cheio de me esconder em quartos assim. De saco cheio do frio. Eu queria poder hibernar.

— Eu também. E o que a gente vai fazer, exatamente? — Pego uma roupa limpa da minha mochila perto da TV.

— Sei lá. Qualquer coisa. Mas põe uma roupa quente.

Ele não precisava me lembrar disso, na verdade. Nem mesmo a proximidade do litoral e a mudança de latitude ajudaram muito a nos aquecer nos últimos dias. Ambos sonhamos com a primavera e o verão, a ponto de ser a única coisa da qual falamos. Eu reclamo muito de não poder esticar os pés descalços para fora da janelinha do carro sem matar nós dois de frio, e ele reclama que ainda não conseguimos dormir num gramado sob as estrelas. Claro que não vou dizer em voz alta, senão ele vai querer ainda mais, mas não estou muito ansiosa para dormir sob as estrelas. Jamais. Não depois do que aconteceu na primeira vez que tentamos. Não. Acho que estou satisfeita com as camas de hotel. Elas não têm cobras.

O inverno é deprimente. Acho que é por isso que o índice de suicídios é tão alto no Alasca. É um estado lindo, mas ainda prefiro o calor de rachar de um deserto do Sul.

Eu visto roupas extraquentes para o meu aniversário: casaco grosso, cachecol, luvas, o que tiver eu tô vestindo. E mesmo assim tô morrendo de frio.



Andrew meio que “esquenta” o inverno. Sempre achei que caras de gorro ficam sexy, mas o jeitão dele com sua jaqueta preta de grife e seu gorro de lã, suéter cinza-escuro, jeans preto e botas Doc Martens é tudo o que eu quero de presente de aniversário. Sorrio comigo mesma enquanto andamos de mãos dadas por uma

pequena multidão, todos se acotovelando no farol para se proteger do frio, e então três garotas, provavelmente turistas como nós, devoram Andrew com os olhos quando passamos. Isso acontece muito, e eu já deveria estar acostumada. Me vanglorio em segredo, mas quem não faria isso, na minha situação? Ele é a coisa mais sexy que eu já vi. Não admira que já tenha trabalhado como modelo. Ele odeia falar disso, então, naturalmente, eu toco no assunto com frequência para vê-lo sofrer. Andrew também está se barbeando menos; está com aquela barba sexy por fazer.

Subimos a escada em caracol até o farol debruçado sobre o oceano e olhamos o panorama juntos. Porque é algo para se fazer. Estamos apenas improvisando, andando de carro pela cidade e escolhendo as coisas quando as vemos. Mas, nos meses frios, até isso é um processo de tentativa e erro. Estendemos os braços sobre o corrimão e ficamos perto um do outro para nos aquecer. O vento gelado nos fustiga, naquela altitude, e eu sei que meu nariz e minhas bochechas devem estar vermelhos.

Levamos exatamente cinco minutos para mandar aquilo à merda e praticamente correr de volta para o carro.

— A gente podia ir pro cinema — ele sugere, no banco do motorista. — Ou... tá, acho melhor a gente hibernar e pronto.

Ficamos sentados por muito tempo, só pensando em alguma coisa para fazer.

— Vamos andar de carro mais um pouco — eu digo, sem nenhuma ideia.

— Talvez seja melhor ir embora de uma vez.

Dou de ombros.

— Se você quiser. — Então vejo uma placa que diz Feira de Antiguidades das Pulgas & Carrapatos.

— Vamos fazer compras — sugiro.

Andrew não parece empolgado.

— Compras?

Balanço a cabeça e aponto para a placa.

— Não no shopping, nada disso — explico. — Dá pra achar umas coisas bem bacanas em feirinhas de coisas usadas.

Sua expressão continua neutra, mas acho que ele se dá conta de que com certeza é melhor do que andar na rua no frio, ou ficar parado no carro sem fazer nada.

Andrew acaba cedendo porque, francamente, ele não tem mesmo muita escolha, e em seguida tira o carro do estacionamento e seguimos as placas até a feira de antiguidades. Encontramos um pouco de tudo: chapéus idiotas, instrumentos odontológicos antigos, colchas de retalhos feitas à mão, fitas de vídeo e discos. Andrew não se empolgou com muita coisa, até ver a caixa de madeira cheia de discos.

— Não vejo um disco do Led Zeppelin há anos — ele comenta, segurando um. A capa está tão detonada e desbotada que parece ter ficado num sótão por trinta anos, mas ele o segura com tanto cuidado que poderia ser um exemplar em perfeito estado.

— Você não tá pensando em comprar isso, tá?

— Por que não? — ele pergunta, sem olhar para mim.

Ele vira o disco e olha para o verso da capa.

— Porque é um LP?

— Tá, mas é um LP do Led Zeppelin — ele argumenta, olhando rapidamente para mim.

— Tá, e?

Ele não responde.

Eu continuo:



— Andrew, onde é que você vai tocar isso?

Finalmente ele me dá atenção total.

— Eu não vou tocar.

— Então por que quer comprar? — pergunto, e então respondo por ele, sarcasticamente. — Ah, já sei, é um artigo de colecionador. Você pode pendurá-lo no banco de trás do carro. — Dou um sorrisinho para ele.

— Ou posso pôr você no banco de trás e pendurá-lo na frente.

Eu fico levemente boquiaberta.

Andrew sorri e devolve o disco à caixa.

— Eu não vou comprar — ele resolve, pegando a minha mão.

Minutos depois, entramos em outra barraca, lotada de roupas antigas. Enquanto examino meticulosamente tudo o que há nos cabides, Andrew fica na barraca ao lado, onde centenas de DVDs e Blu-rays estão expostos numa parede. Ele para diante dela de braços cruzados, praticamente imóvel, lendo cada um dos títulos. Posso ver sua nuca através da treliça de madeira que separa seu quiosque do meu. Volto a olhar as roupas, sentindo urgência e necessidade a cada peça que toco. Eu adoro roupas antigas. Não que eu chegue a usar, ou que tenha comprado alguma vez, mas são coisas que não dá para deixar de olhar com admiração e se imaginar nelas.

Empurro os cabides finos de arame, um por um, para conseguir ver tudo. Camisas com mangas bufantes e cadarços de couro, espartilhos, vestidos plissados e com mangas longas, botas vitorianas...

O que é isso?

Meu coração para por um segundo quando puxo um dos cabides e vejo o vestido. É um modelo vintage cor de marfim, com mangas curtas drapeadas. Tiro o cabide da arara e seguro o vestido junto ao corpo, virando para o espelho. O comprimento por pouco não chega ao chão. Segurando-o com uma mão na altura certa, estico o tecido com a outra mão. Então eu rodopio.

— Meu Deus, amei este vestido — digo em voz alta para mim mesma. — Preciso comprar.

— Hãã, devo dizer — Andrew interveio por trás, me assustando — que é um vestido lindo.

Um pouco sem jeito porque Andrew provavelmente me viu enquanto eu me admirava com o vestido e falava sozinha, não olho para ele. Em vez disso, olho a etiqueta para ver se é do meu tamanho. É! Claro que agora preciso comprá-lo, sem mais perguntas. Era pra ser meu!

Abraçando apertado o vestido, eu giro para ficar de frente para Andrew.

— Você gostou mesmo? — pergunto com voz culpada, minha maneira de implorar para que ele não jogue na minha cara aquela conversa sobre o disco.

— Eu acho que você deve comprar — ele confirma, com um sorriso cheio de covinhas. — Já posso imaginar você vestida nele. Linda. Naturalmente.

Eu fico vermelha e olho para o vestido de novo.

— Você acha? — Não consigo parar de sorrir.

— Com certeza — ele diz. — E você fica mais acessível nele.

Típico!

Ignoro seu comentário pervertido, sobretudo porque estou apaixonada demais pelo vestido. Então me dou conta de que ainda não olhei o preço. Conhecendo os vestidos daquela marca, sei que eles não são caros. Mas quando o vendedor é alguém que acha que pode enganar um cliente, fazendo-o pagar três vezes o valor justo, não há como prever o preço na etiqueta. Prendo a respiração e olho o valor. Vinte contos! Perfeito.

Olho mais uma vez para Andrew e de repente me sinto uma vaca reclamona.

— Por que você não compra aquele disco do Led Zeppelin também? — digo timidamente.

Andrew balança a cabeça, sorrindo.

— Não, um LP antigo não serve pra nada mesmo. Mas um vestido como esse tem sua serventia. — Ele cruza os braços e me olha de cima a baixo.

Eu acho que ele está bancando o pervertido de novo, e dessa vez abro a boca para acusá-lo, quando ele acrescenta:

— Casar comigo vestida nele, por exemplo.

Seus olhos verdes parecem cruzar rapidamente os meus.

Meu sorriso se abrande e eu digo:

— É um vestido de noiva perfeito.

— Então tá combinado — ele diz, segurando a minha mão. — Quando a gente se casar, pelo menos você já vai ter o vestido.

— Só precisamos disso, na verdade — digo, saindo com ele da barraca com o vestido pendurado no braço.

Ele olha para mim.

— Alianças — ele diz, com um olhar estranho.

— Eu tenho aliança — digo, levantando a mão, achando que por algum motivo ele se esqueceu do anel que me comprou no Texas.

— Isso é um anel de noivado.

— É, mas basta.

— Bom, eu também preciso de uma. Ou você se esqueceu de mim? Casamento é pra dois, sabe.

Eu rio baixinho enquanto chegamos à pequena fila da caixa.

— Tá, tem razão, mas eu tô feliz com o meu anel. Além disso, eu sei que você gastou uma grana com este colar. Não pode fazer essas coisas.

— Vamos começar com isso de novo? — ele pergunta em tom brincalhão, tirando a carteira do bolso. — Não menti pra você sobre o preço do colar.

Talvez ele esteja mesmo dizendo a verdade.

— Acredito em você — digo finalmente.

Ele sorri e deixa por isso mesmo.



SIM, SOU UM baita mentiroso. Aquele colar custou pouco mais de 600 dólares, mas sei que não posso contar pra ela. Ela acha que o que importa nas coisas caras é quantos zeros há antes da vírgula, mas nem sempre é isso. Francamente, acho que normalmente é pra mulher que o preço importa tanto. Porra, já ouvi garotas reclamando e choramingando porque o cara delas não gastou o suficiente. Eu queria saber se elas percebem como dificultam a nossa vida quando se juntam com as amigas e comparam pedras como nós, homens, comparamos nossas ferramentas. A propósito, a gente não faz isso, na verdade. Pelo menos eu nunca consegui encontrar um cara que quisesse abrir o zíper e competir comigo.

Eu queria comprar algo bem legal pra Camryn no aniversário dela. Por pura coincidência, aquilo de que eu mais gostei, entre as coisas que vi, era caro.

Aceite isso, amor.

Ela é capaz de desmaiar se descobrir quanto eu gastei nas nossas alianças, que comprei enquanto estávamos em Chicago. Está difícil evitar que Camryn as veja. Mas consegui enfiar a caixinha num bolso escondido da minha mochila.

Passamos o dia todo fazendo o que sempre fazemos, ficando juntos e aproveitando o tempo frio como dá. Quando voltamos para o hotel, pego o violão e toco para ela uma canção que compus e na qual estou trabalhando há uma semana. Eu esperava terminá-la até o dia do aniversário porque faz parte do presente dela. Compus só pra ela. Eu a chamo de "A Tulipa na Colina", uma canção inspirada pelo primeiro dia que passamos juntos quando eu saí do hospital, depois da minha cirurgia.

— Eu acho que você deve pegar leve — Camryn disse naquele dia. — Nada de enfiar a cabeça nos motores de Billy Frank por uns tempos, nem bungee jumping, nem corridas de carros.

Eu ri um pouco, virando a cabeça para o lado para vê-la. Eu estava deitado de comprido numa mesa de piquenique de pedra. Camryn estava sentada no banco, perto da minha cabeça.

— Então sua definição de pegar leve é não fazer absolutamente nada? — perguntei, sorrindo para ela, com a cabeça apoiada nas mãos.

— O que tem de errado em passar um dia calmo no parque? — ela perguntou, passando os dedos na minha testa.

— Nada — respondi e beijei-lhe os dedos quando sua mão chegou à minha boca. — Eu gosto de ficar sozinho com você.

Ela virou a cabeça devagar para o lado e sua expressão ficou mais meiga. Depois olhou para o parque. As árvores estavam frondosas, e a grama, espessa e verdejante. Estava realmente um dia lindo. Fiquei me perguntando por que só nós dois, aparentemente, estávamos ali, aproveitando.

— Acho tulipas bonitas — ela disse com voz distante, olhando para a pequena colina coberta de grama do meu outro lado.

Olhei também e vi uma única tulipa brotando no alto daquela colina, sozinha. Não sei bem por quê, mas desde aquele dia, sempre que vejo uma tulipa em qualquer lugar, penso em Camryn.

Eu nunca vou esquecer o sorriso em seu rosto enquanto toco e canto a canção para ela. É tão terno, radiante e carinhoso, o tipo de sorriso que diz *Amo Você Mais Do Que Tudo Neste Mundo* sem precisar dizer essas palavras.

Estou tendo um sonho legal no qual salto de paraquedas (por algum motivo bizarro, com o ator Christopher Lee) e o céu está tão azul quanto... bem, quanto o céu. Christopher Lee, usando óculos de mergulho vermelhos, faz um sinal de positivo antes que o vento o arrebate para o éter azul. Então, de repente, meu coração para, e eu inspiro uma golfada de ar gelado. Meus olhos se abrem para a realidade. Meu corpo salta da cama tão rápido que abro o braço para o lado e bato no abajur parafusado na parede.

— Pu-ta-que-pariu! — eu grito.

Levo um segundo para entender o que aconteceu. Enquanto vejo Camryn no pé da cama ainda segurando um balde de gelo, jogo freneticamente os lençóis gelados e encharcados para o lado e tento recuperar o fôlego.

Camryn gargalha como uma bruxa.

— Feliz aniversário, amor! Levanta!

Acho que mereci isso, depois do que fiz com ela na manhã do seu aniversário, mês passado. Mas essa cretina maquiavélica me pegou de jeito, muito mais pesado do que fiz com ela. Acho que a vingança é sempre pior mesmo.

Incapaz de parar de sorrir, entro no clima e levanto lentamente minha bunda pelada da cama. Ela já está fazendo aquela cara de oh-oh quando começa a se afastar de mim e ir para a porta. Sabendo que essa é a sua única saída, eu a vigio enquanto ela estuda a situação.

— Sinto muito! — ela diz com um sorriso apavorado, com a mão para trás, tateando na direção da porta.

— Hã-hã, eu sei que você sente, amor.

Ando bem lentamente na direção dela, espreitando-a com os olhos semicerrados, como se eu fosse um predador brincando com sua presa.

Ela dá uma risada de bruxa de novo.

— Andrew! Nem pensa nisso! — Ela está a meio metro da porta, agora. Mas eu ajo com calma, deixando-a pensar que vai conseguir chegar até lá, meu sorriso aumentando até que sei que já devo estar parecendo um maniaco sádico.

De repente, Camryn grita, incapaz de se controlar mais, e corre para a porta, escancarando-a.

— Não! Por favor! — ela grita e ri ao mesmo tempo enquanto a porta se abre, batendo na parede com estrondo. Ela dispara pelo corredor.

Quando começo a persegui-la, sua expressão chocada e o modo hilariante como ela chega a parar dão a entender que ela não esperava que eu sáisse do quarto sem roupa.

— Ai meu Deus! Andrew, não! — ela grita, enquanto volta a correr a toda velocidade pelo corredor iluminado.

Eu continuo atrás dela, com meus documentos balançando ao vento. Essa garota ainda precisa aprender muito se achou mesmo que eu ia ficar com vergonha de correr atrás dela, de bunda de fora e com o pinto encolhido pelo frio. Eu não tô nem aí. Ela vai se arrepender daquele banho de gelo.

Passamos pelo quarto 321 no exato momento em que um casal de velhinhos está saindo. O homem puxa sua esposa de olhos arregalados para dentro quando o doido pelado passa ventando.

— Meu Deus do céu... — ouço uma voz distante dizendo atrás de mim.

Finalmente, quando Camryn chega ao final do imenso corredor, ela para e me encara, encurvada, com as duas mãos à sua frente como se fossem um escudo. Lágrimas escorrem de seus olhos de tanto rir.

— *Eu desisto! Eu desisto! Ai meu Deus, você tá pelado!* — *Ela não consegue parar de rir. Rio também quando a ouço fungar com força.*

— *Agora você me paga — eu digo, agarrando-a e jogando-a sobre o ombro.*

*Ela nem tenta esprepear, gritar e agitar os braços, dessa vez. Primeiro porque ela não consegue parar de rir o suficiente para controlar seu corpo a esse ponto. E, segundo, porque ela sabe que não adianta. Só espero que ela não mije em cima de mim.*

*Eu a carrego pelo corredor todo até nosso quarto, e quando chegamos ao quarto 321, digo:*

— *Desculpem por ter feito vocês verem isso. Tenham um bom-dia — acenando enquanto passo. O casal fica só olhando, o marido balançando a cabeça para mim, com uma expressão revoltada.*

*Fecho a porta atrás de nós e jogo Camryn na cama, sobre os cubos de gelo e a água gelada. Ela ainda está rindo.*

*Fico de pé no meio das pernas dela e tiro seu short e sua calcinha ao mesmo tempo, olhando para ela, sem dizer uma palavra. Fico de pau duro em segundos. Seu humor brincalhão muda instantaneamente e ela morde o lábio inferior, olhando para mim com aqueles olhos azuis docemente sedutores que sempre despertam algo primal em mim.*

*Sem nenhum aviso, eu me deito por cima dela e enfio tudo.*

— *Você sente muito mesmo?* — *susurro, tirando e pondo nela devagar. Meu peito apertado sobre o dela, nossas tatuagens se tocando, Orfeu e Euridice se juntando novamente enquanto eu e ela nos tornamos um só.*

— *Sim...* — *ela diz, as palavras tremulando de seus lábios.*

*Meto nela um pouco mais fundo, empurrando uma de suas coxas para cima com a mão.*

*Suas pálpebras ficam mais pesadas e ela joga a cabeça para trás.*

*Eu esmago minha boca sobre a dela, e seus gemidos reverberam na minha garganta quando começo a meter com mais força.*

*Então algo dentro de mim fica sombrio, predador. Me ajoelho na cama e agarro suas duas coxas, cravando os dedos em sua carne e arrastando-a pelo colchão para perto de mim tão rápido que ela nem consegue começar a se mexer. Agarrando seus braços, eu a viro de costas, seguro seus pulsos atrás das costas e a forço a ficar de joelhos. Com a outra mão, toco o contorno macio de sua bunda empinada diante de mim, apertando bem cada nádega antes de bater nelas com tanta força que seu corpo se retorce para a frente. Ela choraminga. Então aperto sua nuca com a mão, empurrando com força o rosto de lado contra o colchão. Sinto o calor emanando de sua pele no lugar onde minha mão já deixou marcas vermelhas.*

*Ela choraminga de novo e eu torço e aperto mais seus pulsos. Com a outra mão, enfio dois dedos em sua boca e puxo sua bochecha, enquanto enfio meu pau nela por trás.*

*Ela chora um pouco, com as coxas começando a tremer, mas eu não paro. Sei que na verdade ela não quer que eu pare.*

*Depois que eu gozo e meu coração volta a bater mais devagar, puxo seu corpo nu para perto do meu, sua cabeça suada aninhada na minha axila. Ela beija meu peito e faz dois dedos andarem pelo meu braço até minha boca. Eu pego sua mão e beijo os dedos.*

— *Que bom que você voltou ao normal* — *ela diz baixinho.*

— *Eu voltei ao normal?* — *pergunto, e ela levanta a cabeça para me olhar nos olhos. — Eu não tava normal?*

— *Não, antes não.*

— *Quando eu não tava normal?* — *Estou verdadeiramente confuso, mas acho adorável sua timidez ao*

me explicar o que quis dizer.

— Depois que a gente perdeu Lily — ela diz, e o sorriso brincalhão que estava se abrindo em meus lábios desaparece. — Não te culpo por isso, mas depois de Lily, você me tratava como uma boneca de porcelana, com medo de me quebrar se fosse bruto demais comigo.

Eu a aperto mais com meu braço e sua bochecha volta a encostar no meu peito.

— Bom, eu não queria te machucar — digo, passando meu polegar em seu braço. — Ainda sinto isso às vezes.

— Então não sinta — ela sussurra, beijando meu peito de novo. — Nunca se segure comigo, Andrew. Quero que você seja sempre você mesmo.

Eu sorrio e aperto seu braço mais uma vez.

— Sabe que tá me dando permissão pra te atacar sempre que eu quiser, certo?

— Sei, tenho plena consciência disso — ela diz, e ouço um sorriso como o meu em sua voz.

Eu beijo o alto de sua cabeça e a puxo para cima de mim.

— Feliz aniversário — ela diz novamente, e enfia a língua na minha boca.



Graças a Deus existe a Flórida no inverno. Depois da minha muito surpreendente — e prazerosa, devo acrescentar — manhã de aniversário, Camryn e eu passamos o dia ensaiando nossa nova canção. Bem, não é tecnicamente nossa, mas pra misturar um pouco as coisas, adotamos o hit sensacional de Stevie Nicks, “Edge of Seventeen”. Camryn está ficando frustrada com o modo como os versos se seguem tão rapidamente, mas está determinada a conseguir cantá-la. É a canção dela, aquela que ela quer cantar sozinha. É um passo importante para ela, porque nós sempre cantamos juntos.

E eu a admiro por isso.

Ela parece muito frustrada, mas por trás disso, tudo o que vejo é a minha Camryn voltando para mim cada dia mais. Sua alma está mais leve, a luz em seus olhos, mais brilhante, e cada vez que ela sorri, me lembro do dia em que nos conhecemos.

— Você consegue — asseguro, sentado na sacada da janela, com o meu violão encostado no peito. — Não faz tanto esforço, amor, só toma posse dela.

Ela suspira e joga a cabeça para trás, desabando na cadeira da mesinha redonda ao meu lado.

— Eu sei a letra toda, mas sempre me atrapalho naquelas últimas estrofes. Não sei por quê.

— Acabei de te falar. Você tá pensando demais, porque começa a cantar já esperando se atrapalhar quando chegar nessa parte. Não pensa. Agora tenta de novo.

Ela suspira profundamente de novo, nervosa, e fica de pé.

Ensaíamos por mais uma hora antes de ir à churrascaria mais próxima para um almoço tardio.

— Você vai conseguir. Não se preocupe — insisto, enquanto a garçonete traz nossos bifes.

— Eu sei. Mas é que é frustrante. — Ela começa a cortar o bife, com a faca numa mão e o garfo na outra.

— Demorei um pouco pra aprender “Laugh, I Nearly Died” — conto, enfiando um pedaço de bife na boca com o garfo. Mastigo um pouco e então continuo, ainda de boca cheia: — De qualquer jeito, a próxima canção que quero aprender é “Ain’t No Sunshine”, do Bill Withers. Sempre quis aprender essa, e acho que tá na hora de aposentar os Stones.

Ela parece surpresa. Aponta o garfo para mim, engole e diz:

— Oooh! Ótima escolha!

— Você conhece essa? — Também estou um pouco surpreso, considerando que ela não gostava tanto de

rock clássico ou blues quando nos conhecemos.

Ela balança a cabeça e come um pouco de purê.

— Adoro essa canção. Ela tava numa playlist que meu pai gostava de ouvir quando viajava a negócios. Esse Withers é danado pra cantar.

Eu dou uma gargalhada.

— Qual é a graça? — ela pergunta, me olhando com ar confuso.

— Você falou de um jeito tão country, agora. — Eu tomo um gole de cerveja e rio um pouco mais, balançando a cabeça.

— O quê? Tã dizendo que eu falei que nem caipira? — Seus olhos estão arregalados, mas seu sorriso não poderia ser mais óbvio.

— Tã mais pra uma roceira, na verdade. Esse Withers é danado pra cantar! Eeeiita ferro! — Eu a arremedo, jogando a cabeça para trás.

Ela ri comigo, se esforçando ao máximo para esconder o rubor do rosto.

— Bom, nisso eu concordo contigo — ela admite, tomando um gole de sua cerveja. Ela põe o copo na mesa e acrescenta, estreitando os olhos: — Com a escolha da canção, não com a coisa da roceira.

— Claro — digo com um sorriso, terminando meu bife.

O primeiro bife que comemos juntos foi como ela prometeu, alguns dias depois que sai do hospital após a cirurgia. E como naquele dia e toda vez que comemos carne juntos, ela só consegue comer metade. Melhor, sobra mais pra mim. Quando vejo que ela dá sinais de estar tão empanturrada que vai vomitar, estico o braço e puxo o prato dela para o meu lado.

Ela fica olhando para o celular, e então começa a responder uma mensagem de texto.

— Natalie tá pedindo pra você voltar de novo?

— Sim, ela é incansável. — Ela recoloca o celular na bolsa.

Camryn mente mal à beça. Muito mal. Não conseguiria mentir nem para salvar a própria vida, e no momento, o modo como ela fica olhando a parede de madeira rústica mostra que com certeza está mentindo. Eu palito os dentes e a estudo.

— Podemos ir? — pergunto.

Ela sorri para mim, sem graça, obviamente escondendo algo, e então percebo que a tela do seu celular se ilumina dentro da bolsa. Ela olha a mensagem de texto e de repente fica mais ansiosa para sair. Seu sorriso aumenta e ela se levanta rapidamente.

— Peraí, preciso pagar. — Aceno para a garçonete, e Camryn se senta de novo, impaciente. — Por que tá com tanta pressa assim de repente? — eu a provoco, enquanto a garçonete deixa a conta sobre a mesa, mas antes que ela vá embora, tiro o cartão de crédito da carteira.

— Por nada — Camryn desconversa.

Eu apenas sorrio.

— Tã — digo, e me encosto na cadeira, me espreguiçando e relaxando o corpo. É uma farsa. Quanto mais pareço relaxado, mais ela fica impaciente.

Minutos depois, a garçonete volta com meu cartão de crédito e o recibo. Eu anoto a gorjeta dela no recibo do restaurante e muito lentamente me levanto, visto o casaco, me espreguiço erguendo os braços bem alto, finjo bocejar...

— Porra, dá pra andar logo!

Sabia que ela não ia aguentar muito tempo. Rio, pego sua mão e saímos do restaurante.

Quando chegamos ao hotel, Camryn para no saguão.



— Pode subir. Eu subo daqui a pouco.

É óbvio que ela está armando alguma coisa, mas como é meu aniversário, entro no jogo dela, lhe dou um beijo no rosto e tomo o elevador. Mas assim que entro no quarto, sou eu que começo a ficar impaciente.

Não preciso esperar muito até que ela entra no quarto, segurando uma guitarra nova.

Eu fico de pé assim que a vejo.

— Uau...

Seu sorriso é doce e meigo, até envergonhado. Como se uma pequena parte dela tivesse medo de que eu não vá gostar.

Ando direto até ela.

— Feliz aniversário, Andrew — ela diz, me entregando a guitarra.

Coloco uma mão no braço, a outra no corpo e admiro a guitarra com um sorriso imenso. Fininha. Linda. Perfeita. Virando-a para ver a parte de trás, noto uma escrita prateada em cursivo no braço que diz:

*Ele arrancou lágrimas de ferro de Plutão*

*e fez o inferno dar o que buscava o coração.*

Um verso de uma das várias versões da história de Orfeu e Euridice. Eu estou sinceramente sem palavras.

— Você gostou?

Eu olho para ela.

— Eu adorei. É perfeita.

Ela desvia o olhar, corando um pouco.

— Bom, eu não entendo nada de guitarras. Espero que não seja uma marca vagabunda nem nada disso. O cara da loja de instrumentos musicais me ajudou a escolher. Aí precisei esperar alguns dias pra fazer a inscrição, que eu achei que nem ia dar certo porque teve primeiro um problema, depois outro, e...

— Camryn — digo, interrompendo sua tagarelice nervosa. — Nunca recebi um presente de aniversário melhor na minha vida. — Atravesso o espaço entre nós e beijo suavemente seus lábios.



Estamos na estrada há meses. Lá por março já tínhamos nos acostumado tanto a ir de um hotel para o outro que isso se tornou natural. Um quarto diferente a cada semana, uma cidade diferente, uma praia diferente, tudo diferente. Mas por mais que tudo seja diferente, cada vez que entramos, é como se estivéssemos passando pela porta de uma casa onde moramos há anos. Eu jamais teria imaginado que chamaria um quarto de hotel de “casa”, ou que seria tão fácil se acostumar à vida na estrada como foi para nós. Às vezes é difícil, mas tudo é uma experiência, e eu não mudaria nada.

Mas fico me perguntando se o longo inverno não me afetou. Isso porque já me peguei sonhando acordada com morar numa casa em algum lugar, levando uma vida caseira com Andrew.

É, tenho certeza de que foi só o inverno.

São duas da manhã, e nosso carro quebrou em algum lugar do sudoeste da Flórida, num longo trecho de estrada deserta. E está caindo um dilúvio. Chuva aos baldes. Pedimos um guincho há uma hora, mas por algum motivo ele ainda não chegou.

— Tem um guarda-chuva no carro? — pergunto por cima do estrondo da chuva no teto. — Eu posso segurar enquanto você conserta o motor!

— Tá um breu lá fora, Camryn — ele responde, gritando tanto quanto eu. — Mesmo com uma lanterna, duvido que eu fosse conseguir. Pra começar, precisaria descobrir qual é o defeito.

Eu afundo mais no banco da frente e apoio os pés no painel, com os joelhos dobrados junto ao corpo.

— Pelo menos não tá frio — comento.

— A gente vai se virar por aqui esta noite — ele declara. — Não vai ser a primeira vez que dormimos no carro. Talvez o guincho chegue antes de amanhecer, e se não chegar, eu conserto o carro quando estiver conseguindo enxergar.

Ficamos em silêncio por um momento, ouvindo a chuva batendo no carro, os trovões ecoando como ondas através das nuvens. Finalmente, ficamos tão cansados que vamos para o banco de trás, nos encolhemos nele juntos e tentamos dormir. Depois de um tempo, quando fica claro que ambos estamos desconfortáveis e o espaço não é suficiente para nós dois, Andrew passa para o banco da frente. Mesmo assim, não conseguimos pegar no sono. Eu o ouço se revirando por algum tempo, e então ele pergunta:

— Onde você se vê nos próximos dez anos?

— Não tenho certeza — respondo, olhando para o teto do carro. — Mas o que sei é que o que eu fizer, quero fazer junto com você.

— Eu também — ele diz do banco da frente, deitado como eu estou, agora, de costas, olhando para cima.

— Você pensou em alguma coisa específica? — pergunto, imaginando aonde ele quer chegar com isso. Troco o braço esquerdo pelo direito, enfiando-o embaixo da cabeça.

— Pensei. Quero morar num lugar quente e sossegado. Às vezes imagino você na praia, descalça na areia, com a brisa soprando seu cabelo. Eu tô sentado embaixo de uma árvore não muito longe, dedilhando minha guitarra...

— Aquela que eu te comprei?

— Claro.

Eu sorrio e continuo escutando, imaginando a cena.

— E você tá segurando a mão dela.

— A mão de quem?

Andrew fica em silêncio por um momento.

— Da nossa menina — ele diz num tom distante, como se sua mente estivesse indo um pouco mais longe do que a minha.

Eu engulo em seco e sinto um nó se formando na minha garganta.

— Gosto dessa imagem — digo. — Então você quer parar de viajar?

— Um dia. Mas só quando a gente sentir que é certo. Nem um dia antes.

Uma lufada de vento atinge a lateral do carro, e um trovão alto faz o chão tremer.

— Andrew? — pergunto.

— Sim?

— Número três, pra acrescentar à nossa lista de promessas. Se a gente chegar à velhice, ficar com dor nos ossos e não puder dormir na mesma cama, me promete que nunca vamos dormir em quartos separados.

— Tá prometido — ele responde, com um sorriso na voz.

— Boa noite — eu digo.

— Boa noite.

E quando pego no sono, minutos depois, sonho com aquela praia quente e Andrew me olhando andar pela areia, com uma mãozinha segurando a minha.



O guincho não veio. Acordamos na manhã seguinte, entrevados e doloridos, mesmo tendo um banco para cada um.

— Vou encher aquele cara do guincho de porrada, se ele aparecer — Andrew rosna debaixo do capô.

Ele está ocupado usando uma chave inglesa... não vou nem fingir que sei o que é aquilo. Ele está consertando o carro. Isso é tudo o que sei. E está de péssimo humor. Eu só fico por perto para ajudá-lo quando ele precisa de algo, e evito dar uma de loura burra, perguntando o que é essa rebimboca ou pra que serve aquela parafuseta. A verdade é que não me importa. Além disso, só ia deixá-lo mais estressado ter que explicar.

Mas o sol apareceu. E está quente! Até parece que eu morri e fui pro céu!

Fico saltitando nas poças de chuva da noite passada, encharcando meus chinelos de dedo. Não sei o que deu em mim, além da simples mudança de clima, mas levanto os braços acima da cabeça e olho para o céu, rodopiando sem parar no meio da estrada.

— Quer fazer o favor de me ajudar? — Andrew resmunga.

Saltito para perto dele e dou um beliscão de brincadeira na sua bunda, porque estou de ótimo humor e não consigo evitar. Mas então, bang, Andrew leva um susto com o beliscão e bate a cabeça na parte de baixo do capô. Eu me encolho e ponho a mão na boca.

— Poxa, amor! Desculpa! — Estendo a mão para Andrew, puto da vida, revirando aqueles olhos verdes, mas então ele os fecha, enche as bochechas de ar e bufa devagar.

Agarro a cabeça dele, esfrego e beijo o seu nariz. Não consigo parar de sorrir, mas não estou rindo dele, só tentando fazer cara de gatinho do Shrek.

— Tá desculpada — ele diz, apontando para o motor. — Preciso que você segure esta peça aqui um momento.

Eu vou para o outro lado, olho debaixo do capô e enfio a mão no lugar, guiada pelos seus dedos.

— Isso, aí mesmo — ele diz. — Agora segura.

— Por quanto tempo?

— Até eu mandar soltar — ele responde, e vejo o sorriso começando a se formar no canto de sua boca.

— Se você soltar, o cârter vai cair e a gente vai ficar parado aqui um tempão.

— Tá, então vai logo — digo, já sentindo um mau jeito começando a se formar no meu pescoço.

Ele vai até o porta-malas e pega uma garrafa d'água. Lentamente, abre a tampa. Toma um gole. Olha para a paisagem. Toma mais um gole.

— Andrew, você tá me zoando? — Eu olho de baixo do capô levantado, tentando vê-lo o melhor que posso.

Ele apenas sorri. E toma mais um gole.

Cacete, ele tá me zoando! Eu acho...

— Não solta. É sério.

— Besteira — eu insisto e começo a mover os dedos, mas decido não soltar. — Você tá dizendo a verdade? Sério mesmo?

— Claro que tô. O cârter vai cair e ainda é capaz de te molhar inteira de óleo de motor. É difícil pra cacete limpar aquela porra da pele.

— Minhas costas estão começando a doer — reclamo.

Ele demora uma eternidade, e quando estou a ponto de soltar, ele vem por trás de mim e me segura pela cintura, me tirando de perto do motor. Com uma mão, ele passa uma meleca preta na minha bochecha. Eu grito e dou um empurrão nele.

— Eca! Puta que pariu, Andrew! E se eu não conseguir limpar essa droga? — Estou realmente fula da vida, mas uma pequena parte de mim não resiste ao sorriso dele.

— Dá pra limpar, sim — ele diz, voltando para baixo do capô. — Agora entra no carro e liga a ignição quando eu mandar.

Rosno para ele antes de fazer o que ele pede, e rapidinho o Chevelle está funcionando de novo e estamos a caminho de St. Petersburg, a apenas uma hora dali.

Hoje parece um dia de verão, e queremos que não acabe nunca. Depois de arranjar um quarto de hotel e tomar um banho tão necessário, vamos para a loja de departamentos mais próxima, comprar um calção de banho para ele e um biquíni para mim, para irmos à praia nadar.

Ele insiste para que eu leve um biquíni preto minúsculo com estrelinhas prateadas, mas não é ele que vai ter que ficar puxando aquele fio dental de dentro do meu rabo a cada cinco segundos. Por isso compro um vermelho, bonitinho, que cobre um pouco mais.

— Acho que foi melhor você ter levado esse mesmo — ele diz quando entramos no carro no estacionamento da loja.

— Por quê? — pergunto, sorrindo e tirando os chinelos.

— Porque eu ia ter que quebrar a cara de uns sujeitos. — Ele dá ré e saímos do estacionamento.

— Só por olharem pra mim? — pergunto rindo, um pouco incrédula.

Ele inclina a cabeça para o lado e olha para mim.

— Não, acho que não. Na verdade, acho excitante quando outros caras olham pra você.

— Eca! — franzo o nariz.

— Não deseje isso! — ele diz. — Caramba! — Balança a cabeça, como que para dizer INacreditável, e ganhamos a rua, que está cheia de carros de turistas. — É que me sinto bem, sabe, quando tô com você. Isso faz maravilhas pelo ego de um cara.

— Ah, então sou só um troféu pra você? — Cruzo os braços e sorrio para ele.

— É, amor, só tô com você por isso. Achei que você já tivesse percebido.

— Tá, então acho que não é segredo que eu tô com você pelo mesmo motivo.

— Ah, é? — ele pergunta, me olhando de soslaio antes de voltar a prestar atenção na estrada à sua frente.

— É — eu afirmo, apoiando a cabeça no encosto. — Só tô com você pra fazer inveja na mulherada. Mas à noite, fico sonhando com o amor da minha vida.

— E quem seria ele?

Estufo os lábios e olho ao meu redor, depois para ele, com ar brincalhão.

— Bom, não vou dizer o nome dele, porque não quero que você tire satisfação com ele e leve porrada. Mas posso dizer que ele tem cabelo castanho, olhos verdes lindos e umas tatuagens. Ah, e ele é músico.

— É mesmo? Bom, pelo visto ele é demais, então por que me usar como troféu?

Eu dou de ombros, porque não consigo pensar numa boa resposta.

— Vai, pode me contar — ele insiste. — Eu nem conheço esse cara mesmo.

— Desculpa — digo olhando-o —, mas não falo dele pelas costas.

— Tudo bem — ele diz sorrindo. — Quer saber?

— O quê?

Andrew sorri maldosamente, e eu não gosto nem um pouco.

— Eu me lembro de umas coisinhas da nossa primeira viagem que você não chegou a fazer.

Oh-oh...

— Nem faço ideia do que você tá falando — eu minto.

Ele tira a mão direita do volante e a apoia na perna. Aquele seu olhar de desafio está ganhando força, e eu tento não tornar meu crescente nervosismo óbvio demais.

— É, acho que você me deve uma bunda de fora na janelinha, e ainda não testemunhei você comendo um bicho. O que prefere? Um gafanhoto? Um grilo? Uma minhoca? Ou talvez uma aranha tremedeira. Será que tem aranhas tremedeiras aqui na Flórida?

Eu fico toda arrepiada.

— Desiste, Andrew — digo, balançando a cabeça. Eu apoio o pé na porta e enrolo minha trança nos dedos, tentando disfarçar a preocupação. — Não vou fazer isso. Além do mais, isso foi na primeira viagem, e você não pode transferir coisas daquela viagem pra essa. Devia ter me obrigado a fazer quando teve chance.

Andrew continua sorrindo, como o merdinha malicioso que ele é.

— Não — digo de novo, bem séria.

Eu olho para ele.

— Não! — repito uma última vez, e ele fica rindo.

— Tudo bem — ele diz, voltando a segurar o volante com as duas mãos. — Mas valeu a tentativa. Não pode me culpar por tentar.

— Acho que não.

Andrew

Passamos o dia inteiro nadando e tomando sol na praia. Vemos o sol se pôr no horizonte e finalmente as estrelas, quando elas ganham vida na escuridão. Uma hora depois que escurece, encontramos um grupo de pessoas da nossa idade. Eles estavam na praia perto de nós havia algum tempo, curtindo.

— Vocês são daqui? — o cara alto com o braço direito cheio de tatuagens pergunta.

Um dos casais se senta na areia perto de nós. Camryn, sentada no meio das minhas pernas, endireita o corpo e presta atenção.

— Não, a gente é de Galveston — respondo.

— E Raleigh — Camryn completa.

— A gente é de Indiana — diz a garota de cabelo preto, se sentando. Ela aponta para os outros, que ainda estão de pé. — Mas eles moram aqui.

Um dos outros caras abraça a namorada.

— Eu sou Tate, esta é Jen — ele aponta para a namorada, depois para os outros de pé ali perto. — Johanna. Grace. E aquele é meu irmão, Caleb.

Os três acenam e sorriem para nós.

— Eu sou Bray — a garota de cabelo preto perto de Camryn diz. — E este é o meu noivo, Elias.

Camryn se endireita mais e espana a areia das mãos, esfregando-as.

— Prazer — ela responde. — Eu me chamo Camryn e este é meu noivo, Andrew.

Elias aperta a minha mão.

Tate, o cara tatuado, diz:

— A gente tá indo pra um lugar reservado, numa praia a meia hora daqui. É ótimo pra uma balada. Bem isolado. Se vocês quiserem, podem ir com a gente.

Camryn vira um pouco o corpo para olhar para mim. Nós dois conversamos com os olhos por um momento. De início, eu não estava com muita vontade de ir, mas ela parece querer muito. Fico de pé e a ajudo a levantar.

Eu me viro para Tate.

— Tá. A gente segue vocês.

— Show de bola — ele diz.

Camryn e eu pegamos nossas toalhas e a sacola que trouxemos com carne-seca, água mineral e filtro solar, e seguimos Tate e seus amigos da praia até o estacionamento.

E agora estamos de novo no carro e podemos ser espontâneos. Não estou muito tranquilo com essa porra, porque faz muito tempo que não saio com ninguém além de Camryn, mas eles parecem bastante inofensivos. A tal viagem de meia hora acaba levando uns 45 minutos.

— Agora não faço mais ideia de onde a gente tá.

Pegamos uma estrada escura depois de sair da rodovia principal há no mínimo vinte minutos, o Jeep Sahara deles queimando o chão na nossa frente a 120 por hora. Consigo acompanhar o ritmo sem problemas, mas não costumo correr tanto em território desconhecido à noite, quando não dá pra avistar de longe a polícia escondida nas laterais da estrada. Se eu for multado a culpa é minha, mas posso encher o tal Tate de porrada mesmo assim, só por uma questão de princípio.

— Pelo menos a gente tá com o tanque cheio — ela diz. Depois ri, estica o pé para fora da janela e continua: — Vai ver que eles estão planejando ir pra uma cabana sinistra no meio do mato e matar a gente lá.

— Ei, eu também pensei nisso — digo, rindo junto com ela.

— Bom, eu confio em você pra me proteger — ela brinca. — Não deixa nenhum deles fazer picadinho de mim, nem me obrigar a ver Honey Boo Boo.

— Pode deixar. O que me lembra do número quatro na nossa lista de promessas: se um dia eu me perder ou desaparecer, prometa que não vai parar de me procurar exatamente por 365 dias. No dia 366, aceite que se eu estivesse vivo, já teria dado um jeito de voltar pra você, e que portanto tô morto faz tempo. Quero que você siga com sua vida.

Ela se ergue do banco, puxando o pé para dentro do carro.

— Não gostei disso. Tem gente que desaparece e é encontrada anos depois, viva e saudável.

— É, mas não é o meu caso. Pode acreditar, se passar um ano, eu morri.

— Tã, tudo bem — ela diz, afastando o cinto de segurança e chegando perto de mim. Ela encosta a cabeça no meu ombro. — Só se você topa fazer o mesmo por mim. Um ano. Nem um dia a mais.

— Prometo — eu digo, mas é uma mentira deslavada. Eu continuaria procurando por ela até morrer.





NÃO TEM PROBLEMA mentir sobre algumas coisas. Essa “promessa” é uma delas. De jeito nenhum eu conseguiria parar de procurá-lo depois de um ano. Na verdade, jamais iria parar de procurar. Esse pacto cheio de promessas que juramos manter é importante para nós dois, mas acho que pra certas coisas, vou ter que concordar abertamente e depois fazer o que eu quiser, caso aconteçam.

Além disso, tenho a impressão de que ele também está mentindo.

Andrew não sabe, mas vi aquela garota de cabelo preto, Bray, algumas horas antes, nos banheiros perto da praia. Ela acabou entrando na minha cabine depois de mim. Não chegamos a conversar, só nos cruzamos com um sorriso amigável e mais nada. Acho que foi isso que a motivou a fazer seus amigos nos convidarem para a balada.

Acho que vai ser divertido. Andrew e eu passamos 100% do nosso tempo sozinhos um com o outro, e imagino que seja bom para os dois sair um pouco do casulo e socializar mais com outras pessoas. E ele não levantou nenhuma objeção, então acho que ele também supõe que não vai fazer mal nenhum.

A viagem pro tal lugar “reservado” parece levar uma hora.

O jipe deles vira à esquerda numa estrada parcialmente pavimentada e, quanto mais avançamos, mais o asfalto fica esburacado. Os faróis do carro deles se agitam na escuridão diante de nós, até que a estrada arborizada se abre numa grande clareira de areia e pedras. Andrew para ao lado deles e desliga o motor.

— Bom, é isolado mesmo — eu comento ao sair do carro.

Andrew chega perto de mim, olhando para a praia deserta. Ele segura a minha mão.

— A gente pode voltar agora, ainda dá tempo — ele me provoca. — Depois que nos tirarem de perto do carro, pode ser a última vez que vamos nos ver. — Ele aperta a minha mão e me puxa mais para perto, brincando.

— Acho que vamos sobreviver — decido, quando o último do grupo sai do jipe e nos encontra atrás dos carros.

Tate abre a porta de trás do jipe, tira um isopor gigante e o joga na areia.

— Tá cheio de cerveja aqui — ele diz, erguendo a tampa e mexendo dentro.

Ele joga uma garrafa de Corona para Andrew. Não é sua favorita, eu sei, mas ele também não chega a recusar.

Bray e o noivo, nem lembro mais o nome dele, se aproximam de mim, enquanto Tate destampa outra garrafa de Corona e me entrega.

Eu aceito.

— Obrigada.

Andrew abre a tampa da sua com o abridor de garrafas do chaveiro.

— Se vocês têm um cobertor, é bom trazer — Tate diz. Sua namorada se junta a ele, sorrindo para mim ao passar entre nós com seu biquíni branco minúsculo. — E tenho um som da porra no carro — ele acrescenta, dando tapinhas no jipe —, então música também não vai ser problema.

Andrew abre o porta-malas e pega o cobertor que sempre leva no carro, o mesmo que usamos na noite em que tentamos dormir naquele campo julho passado. Só que agora, graças a mim, ele foi lavado e não está fedendo a óleo e fumaça de carro.

— Cadê meu short? — pergunto, remexendo no banco de trás.

— Aqui — Andrew diz do porta-malas. Quando saio do carro, ele joga o short para mim e eu o apanho no ar.

— Não pretendo nadar nesse abismo à noite — digo, vestindo o short por cima do meu biquíni

vermelho.

Ouvindo o que eu falei, Bray diz:

— Ainda bem que não sou só eu!

Sorrio para ela por cima do teto do Chevelle e fecho a porta.

— Você já veio aqui com eles?

Tate e os outros estão indo para a praia agora, carregando o isopor, sacolas de praia e outros objetos. Eles deixam as portas do jipe abertas, com os alto-falantes despejando rock no último volume.

— A gente veio ontem — Bray conta —, mas Elias logo ficou bêbado e começou a pôr os bofes pra fora, por isso eu tive que voltar dirigindo pro hotel bem cedo.

Elias, isso, esse é o nome do noivo dela. Ele balança a cabeça e lança um olhar sarcástico de obrigado-por-contar-para-todo-mundo para ela.

Andrew e eu andamos ao lado de Bray e Elias, de mãos dadas, até onde todos já estão acampando não muito longe, perto da água. Quando chegamos e estendemos nosso cobertor na areia, Tate risca um fósforo e o joga num monte de galhos. A chama acende o fluido de isqueiro que ele espalhou antes na fogueira. Uma coluna de fogo alta e brilhante espirala por cima do monte e ilumina a escuridão ao nosso redor com uma luz laranja dançante. O calor das chamas já está chegando em mim, por isso afasto um pouco mais nosso cobertor da fogueira, antes que eu e Andrew sentemos nele. Bray e Elias também se sentam sobre duas toalhas de praia gigantes. Tate, o irmão dele e as outras três garotas dividem uma grande colcha. Enfio o fundo da minha garrafa de cerveja na areia ao meu lado, para que ela fique de pé.

Tate me lembra aqueles surfistas da Califórnia, muito louros e bronzeados. Como todos os outros caras, incluindo Andrew, Tate se senta com os joelhos dobrados e os braços apoiados neles. E enquanto estudo todos discretamente, logo vejo algo com o rabo do olho que me faz ficar territorial na hora. A loura ao lado do irmão de Tate, que duvido que seja namorada dele porque os dois não parecem estar juntos, está olhando para Andrew com olhos famintos. Não quero dizer de um jeito inocente, de quem só vai olhar sem tocar. Não, essa garota tentaria dormir com ele assim que eu me afastasse.

Quando ela nota que a estou observando, desvia o olhar e começa a conversar com a garota ao seu lado.

Não tenho com que me preocupar com relação a Andrew, mas se ela me desrespeitar sabendo que ele é meu noivo, não vou pensar duas vezes antes de enchê-la de porrada.

Eu me pergunto se Andrew percebeu.

Andrew

Espero que Camryn não tenha percebido o jeito como aquela garota me olhou agora. Se eu e ela ficássemos cinco segundos sozinhos aqui, ela tentaria dar pra mim. Nem fodendo eu ia querer isso, mas este luau já ficou um pouco mais interessante.

Aposto minha bola esquerda que ela já dormiu com Tate e o irmão dele. Talvez não com Elias — ele parece o tipo fiel —, mas ela daria pra ele também, se ele topasse.

Putá merda, ela olhou pra mim de novo.

Olho rapidamente para Camryn para não cruzar olhares com a menina e não dá outra, Camryn está com aquele sorriso revelador no rosto. É, com certeza ela viu.

Eu pego Camryn no colo e a coloco no meio das minhas pernas.

— Não se preocupe, amor — sussurro no seu ouvido, e então beijo seu pescoço para que a garota veja.

— Eu não tô preocupada — Camryn diz, deitando sobre o meu peito.

Não está preocupada comigo, claro, mas sinto a tensão territorial emanando de seu corpo. Cacete, só a ideia de vê-la pulando em cima daquela garota por minha causa... Tudo bem, eu não deveria pensar

nisso. Fodeu. Tarde demais.

— Essas tatuagens são iradas — Tate diz, apontando.

Todos estão olhando a tatuagem em mim e Camryn. Ela se ergue do meu peito para que vejam melhor.

— Pode crer — Bray diz, encantada. Ela rasteja pela areia mais para perto de nós. — Eu tava curiosa mesmo pra ver.

A loura que estava me olhando agora há pouco ri de Camryn, embora Camryn não note, porque está ocupada mostrando a tatuagem para Bray.

Uso essa oportunidade em meu benefício.

— Vira pra cá, amor, mostra como elas se encaixam. — Eu viro Camryn no meu colo e me deito de costas, deitando seu corpo sobre o meu.

O grupo nos olha com atenção, o rosto da loura ficando um pouco amargo quando a encaro diretamente enquanto aperto meu corpo contra o de Camryn. Alinhamos nossas tatuagens para formar o desenho de Orfeu e Euridice; minha Euridice usando uma veste branca comprida e transparente, colada ao corpo pelo vento, dobras de tecido sopradas atrás dela, que estende os braços para o Orfeu tatuado nas costelas de Camryn. Bray olha atentamente os detalhes, seus olhos pretos arregalados de assombro. Ela olha novamente para Elias e agora ele parece nervoso, como se tivesse medo de que Bray vá arrastá-lo para o tatuador mais próximo amanhã.

— Isso. É. Demais — Bray diz. — Quem são eles?

— Orfeu e Euridice — respondo. — Da mitologia grega.

— Uma história trágica de amor verdadeiro — Camryn acrescenta.

Eu a abraço mais forte.

— Bom, vocês dois não parecem ter nada de trágico — Tate diz.

Abraço Camryn ainda mais forte, nós dois pensando em coisas particulares, que é melhor guardar só para nós. Eu beijo o alto do seu cabelo.

Bray se afasta, ainda sentada com os joelhos afundados na areia.

— Eu achei linda. E é bom que seja, porque sei que isso dói um bocado.

— É, doeu mesmo — Camryn diz. — Mas valeu cada hora de sofrimento.

Algum tempo depois, Camryn e eu já tomamos pelo menos três Coronas cada um, mas só ela demonstra. Está um pouco alta, mas só o bastante para ficar mais tagarela.

— Eu sei! — ela diz para Bray, a de cabelo preto. — Vi um show deles com minha melhor amiga, Nat, e eles são demais! Não tem muitas bandas que conseguem tocar quase como no disco.

— É verdade — Bray diz, terminando sua cerveja. — Você disse que é da Carolina do Norte?

Camryn levanta as costas do meu peito e se senta de pernas cruzadas na areia.

— Sou, mas Andrew e eu não moramos mais lá.

— Onde vocês moram? — Tate pergunta. Ele puxa um longo trago do seu cigarro e segura a fumaça enquanto fala. — No Texas?

Todos se viram para me olhar quando respondo.

— Não, a gente meio que... viaja.

— Viaja? — Bray pergunta. — Como, vocês têm um trailer?

— Não exatamente — Camryn diz. — A gente só tem o carro.

A loura que está me olhando o tempo todo entra na conversa:

— Por que vocês estão viajando?

Noto imediatamente por sua expressão que ela está se esforçando ao máximo para chamar a minha

atenção, mas eu a ignoro e respondo, olhando para Bray, que está ao nosso lado: — A gente toca junto.

— Como, vocês têm uma banda? — a loura pergunta.

Eu olho para ela, desta vez.

— Mais ou menos — digo, mas é só o que eu respondo, e volto a dar atenção para Bray.

— Que estilo de música vocês tocam? — pergunta Caleb, o irmão de Tate. Ele está se engraçando com a outra garota desde que chegamos. Provavelmente também não estão juntos, mas ele com certeza vai se dar bem hoje.

— Rock clássico, blues e folk, coisas assim — respondo, tomando um gole de cerveja.

— Vocês precisam tocar pra gente! — Bray diz, empolgada.

Ela está claramente tão alta quanto Camryn, e as duas parecem estar se dando bem.

Camryn vira na areia para me olhar, de olhos arregalados e cheios de entusiasmo.

— A gente podia. O violão tá no banco de trás.

Eu balanço a cabeça.

— Não, não tô a fim agora.

— Ah, vai, amor, por que não?

Aí estão a cara de gatinho do Shrek e o jeito de choramingar que é a marca registrada de Camryn, que nunca falham em me obrigar a fazer tudo o que ela quer. Mas eu enrolo mais um pouco, talvez esperando que ela desista e diga deixa pra lá.

É claro que ela não desiste.

— É, cara, se você trouxe um violão e sabe tocar, vai ser show — Tate diz.

A essa altura, todos estão me olhando — até Camryn, que na verdade é a única pela qual vou fazer isso.

Cedendo, eu me levanto, vou até o carro e volto trazendo o violão.

— Você vai cantar comigo — digo para Camryn quando me sento ao seu lado.

— Não! Eu tô muito bêbada! — Ela me beija na boca e vai se sentar perto de Bray e Elias, para me dar um pouco de espaço, acho.

— Tudo bem, o que você quer que eu cante?

A pergunta era para Camryn, mas Tate responde:

— Ei, o que você quiser, cara.

Penso em várias canções por um minuto e finalmente escolho uma porque é bem curta. Mexo um pouco nas cordas, afino o violão rapidinho e começo a tocar “Ain’t No Sunshine”. No início, estou pouco me fodendo se está bom, mas como sempre, depois que começo, me torno outra pessoa e dou tudo de mim. Meus olhos ficam fechados a maior parte da canção, mas sempre consigo sentir a energia das pessoas ao meu redor, se elas estão curtindo ou não.

Todas estão.

No segundo refrão, olho nos olhos de Camryn enquanto dedilho as cordas. Ela está sentada na areia sobre os joelhos, seu corpo balançando de um lado para o outro. As outras garotas fazem o mesmo, totalmente imersas na música. Eu canto o último refrão, e essa canção basta para que eu queira tocar mais. Bray mal consegue se segurar, me dizendo o quanto foi bom e dando bastante atenção a Camryn, o que a faz ganhar pontos comigo. Diferente da loura, que está me olhando um pouco mais do que antes.

— Porra, cara, você não tava brincando — Tate diz.

Ele acende um baseado.

— Toca outra — Bray diz, encostando-se em Elias de novo, que a abraça por trás.

Tate passa o baseado primeiro para Camryn. Ela apenas o olha por um segundo, sem saber se deve aceitar ou não. Vejo uma expressão fugidia de dor em seu rosto; eu sei que ela está se lembrando do seu momento de fraqueza com os comprimidos. Ela balança a cabeça.

— Não, obrigada, acho que hoje só vou beber.

Eu sorrio por dentro, orgulhoso de sua decisão. E quando Tate o oferece para mim em seguida, faço o mesmo, não porque eu não queira dar uns tapas, mas porque não consigo curtir assim quando Camryn não quer.

Nunca fui muito fã de maconha, mas curto dar um pega de vez em quando. Agora não é o momento.

Toco mais algumas canções em volta da fogueira. Camryn finalmente canta uma comigo, e depois quero só relaxar com a minha garota e curtir essa onda tão rara. Deixo o violão ao nosso lado no cobertor e puxo Camryn novamente para o meu colo.

O irmão de Tate está chupando a língua daquela garota e bolinando-a há algum tempo. Eles não falam muito, por motivos óbvios. A loura que antes estava me olhando finalmente se tocou, eu acho. Ou isso, ou já está chapada demais para se importar comigo.

A música do jipe de Tate aumenta de novo, e ele volta de lá trazendo uísque, uma garrafa de dois litros de Sprite e uma pilha de copos descartáveis. A namorada dele começa a misturar as bebidas e distribuir os copos.

— Bebe aí, cara — Tate aconselha. — Nem esquenta se vai dirigir depois. A polícia não conhece esse lugar.

— Tá, eu aceito um copo — respondo.

Olho para Camryn, lembrando sua expressão quando Tate lhe passou o baseado.

— Se você não quiser, eu não bebo — digo.

A parte não querer que ela sinta que está traindo a si mesma bebendo demais, também não quero que encha a lata a ponto de ficar um lixo na manhã seguinte.

— Não, tudo bem, amor. Só vou tomar uma dose, tá?

Ela sorri docemente para mim como se estivesse esperando a minha permissão, o que eu acho bonitinho pra cacete.

— Tá — eu cedo, por não querer magoá-la, e ela aceita o copo da namorada de Tate.

Todos relaxamos, bebemos e conversamos sobre tudo quanto é assunto por um tempo enorme. Camryn está gargalhando, sorrindo e falando com Bray sobre absorventes íntimos, um assunto que não faço ideia de como surgiu, nem quero saber, mas estamos nos divertindo muito. Músicas de bandas que nunca ouvi tocam alto no som perto dali, e fico intrigado com as últimas canções, que tenho certeza de que são com o mesmo cantor.

— Quem são esses? — pergunto a Tate.

Ele desvia o olhar da namorada, que está com a cabeça no seu colo.

— Quem? A banda?

— Sim — digo. — Eles são muito bons.

— Isso, meu amigo, é Dax Riggs. Tá fazendo carreira solo agora. Ele começou no Acid Bath, acho... — Ele parece pensativo, como se não tivesse certeza. — Bom, ele tocou em vários grupos. Acid Bath e Agents of Oblivion são os mais conhecidos.

— Acho que já ouvi falar do Acid Bath — comento, tomando mais um gole de uísque com Sprite.

— Eu não me espantaria — Tate acrescenta.

— Preciso conhecer o som desse cara. Ele é desconhecido?

Camryn, abandonando a conversa sobre absorventes com Bray, se aproxima de mim e encosta a cabeça no meu ombro.

— É, ele nunca aderiu ao mainstream — Tate diz. — Ainda bem, porque o mainstream é uma bosta. Fico puto quando vejo um grupo legal se vendendo, fazendo comercial de pasta de dente e merdas assim.

Eu rio um pouco.

— Com certeza. Eu nunca assinaria um contrato com uma gravadora, nem se me oferecessem.

— Falou tudo, cara — Tate diz. — Depois que você assina, vira a putinha deles. Sua música não te pertence mais e você precisa abrir as pernas pro cuzão que assina seus cheques.

Tô começando a gostar desse cara. Só um pouquinho.

— Andrew, preciso fazer xixi — Camryn diz.

Eu olho para ela. Tirando o copo de sua mão, eu o deixo na areia.

— Também tô precisando dar uma mijada — digo tanto para ela quanto para Tate.

Tate aponta para a esquerda com outro cigarro entre os dedos e diz: — Vão praquele lado. Não tem vidro quebrado nem merda nenhuma no chão.

Deixo meu copo perto do de Camryn e a ajudo a levantar. Andamos pela areia até um lugar cheio de árvores e pedras, distante o suficiente para que ninguém nos veja.

— A gente vai ter que passar a noite aqui. Não tô em condições de voltar dirigindo.

Ela se agacha enquanto mijo a poucos metros dela.

— Eu sei. Acho que finalmente vamos dormir sob as estrelas, hein?

Estou rindo dela por dentro. Minha gata está tão bêbada que está até enrolando a língua.

— Pois é, acho que sim — concordo. — Mas é bom você saber que na verdade esta vez não conta porque você mal vai lembrar amanhã.

— Vou, sim.

— Não, não vai.

Ela quase cai depois de terminar e tentar ficar de pé. Eu a seguro pelo braço e passo o meu pela sua cintura. Então a beijo no alto da cabeça.

— Eu te amo tanto.

Não sei por que senti tanta vontade de dizer isso nesse momento, mas só de tê-la ao meu lado e saber que ela não está em condições de se cuidar esta noite, eu precisava dizer. Essas palavras estavam presas na minha garganta e, admito, eu estava começando a ficar engasgado com elas. Eu poderia culpar o álcool, mas não, mesmo completamente sóbrio, eu a amo pra cacete.

Ela passa os dois braços pela minha cintura, aninha a cabeça no meu peito quando começamos a voltar e me aperta.

— Eu também te amo.

À MEDIDA QUE a noite avança, as cenas do nosso pequeno grupo começam a mudar. As pessoas estão falando menos e se pegando mais. Bray e Elias estão deitados ao lado da fogueira. Tate e a namorada já poderiam estar transando; só falta tirarem a roupa. Por sorte, a loura sinistra me esqueceu e está ajudando a amiga a apalpar Caleb a uns dois metros e meio de mim e Camryn.

É, tenho certeza de que imagino no que isso vai dar. Nada de especial. Não é uma situação que eu ainda não tenha vivido, mas desta vez meu principal objetivo não é satisfazer duas garotas ao mesmo tempo. Só preciso manter Camryn longe dessa merda.

Quando começo a virar o corpo para falar com Camryn, que está deitada ao meu lado, o mundo todo some debaixo de mim. Tento levantar a cabeça. Eu acho. Sinto fadas dançando em cima dos meus olhos. Abertos.

— Caralho... — digo em voz alta, mas talvez não tenha dito. Talvez tenha sido só minha imaginação.

Eu levanto a mão diante do rosto e a lua parece estar aninhada entre meu polegar e meu indicador. Tento soltá-la, mas ela é pesada demais e empurra meu braço para baixo. Sinto meu cotovelo bater na areia como um haltere de 40 quilos.

Minha cabeça está rodando. A cor do fogo é azul, amarela e vermelho-escura. O som do oceano está triplicado em meus ouvidos, misturando-se ao crepitar da madeira no fogo e a alguém gemendo.

— Camryn? Cadê você?

— Andrew? Eu... eu tô aqui. Eu acho.

Nem sei dizer se era realmente a voz dela.

Fecho os olhos com força e abro de novo, tentando clarear a visão, mas percebo que não quero enxergar melhor. Estou sorrindo. Meu rosto parece tão esticado que por um instante tenho medo de que não vá parar de esticar e acabe rasgando no meio. Mas tudo bem.

Putá que me pariu... eu tô viajando. Que. Porra. Eles. Me deram pra beber?

Tento me levantar, mas quando acho que estou de pé, olho para baixo e percebo que nem me mexi. Tento de novo, com o mesmo resultado.

Por que não consigo levantar?!

— Caralho, Tate — ouço uma voz dizer, mas nem consigo dizer se é masculina ou feminina. — Que puta bagulho bom. Caraaalho... Tô vendo arco-íris e o escambau. É a porra do Reading Rainbow<sup>1</sup>...

Em seguida, quem disse isso começa a cantar o tema do Reading Rainbow.

Me sinto na cidade dos malucos, mas na verdade não quero ir embora.

Finalmente, eu me deito de costas e verifico duas vezes minha posição, apalpando a areia dos dois lados do corpo com as palmas das minhas mãos pesadas. Então olho para o céu cheio de estrelas e vejo que elas se movem para lá e para cá na escuridão, num balé poético.

O rosto de Camryn aparece sobre o meu peito, como um fantasma emergindo da neblina.

— Amor? — pergunto. — Você tá bem?

Estou preocupado com ela, mas não consigo parar de sorrir.

— Tô. Eu tô óooootima. Tô ótima.

— Deita aqui comigo — digo para ela.

Fecho os olhos quando sinto sua cabeça sobre o meu peito e sinto o cheiro do xampu que ela sempre usa, só que agora está muito mais forte. Tudo está mais forte. Cada ruído. A sensação do vento no meu rosto. Dax Riggs cantando "Night Is the Notion" ao fundo, em algum lugar que minha mente diz ser longe, mas o som está tão alto que parece que o jipe está encostado na minha cabeça. Consigo quase sentir o cheiro de



*borracha dos pneus.*

*E eu não consigo evitar. Começo a cantar “Night Is the Notion” o mais alto que posso. Não sei como já conheço a letra, mas conheço. Conheço, caralho. E parece que a canção dura horas, e eu nem ligo. Finalmente, paro de cantar, só fecho os olhos e sinto a música passar através de mim. E não me importa mais nada agora, a não ser o momento. E eu tô doido de tesão. Levo um segundo — eu acho — para perceber que meu pau está sentindo a mesma brisa que meu rosto sente. E é bom.*

*— Camryn? Quê? Tá.*

*Nem sei o que estou dizendo, ou se estou realmente dizendo alguma coisa. Minha mente me diz que preciso me certificar de que ela não está chapada a ponto de fazer um boquete na frente dos outros, mas ao mesmo tempo não quero que ela pare.*

*Eu fico sem fôlego e minha cabeça cai para o lado. Vejo Caleb em cima de uma das garotas, as coxas nuas dela apertadas ao redor do corpo dele, que sobe e desce. Desvio o olhar. Olho para o céu de novo. Traços de luz vão para um lado e para o outro com o movimento das estrelas. Estremeço quando sinto meu pau batendo no fundo da garganta dela.*

*Eu olho para baixo. Vejo uma cabeleira loura. Estendo a mão para tocá-la, parte de mim querendo afastá-la, outra parte querendo forçá-la a engolir mais fundo. Acabo escolhendo a segunda opção, mas quando jogo a cabeça para trás e vejo o rosto de Camryn ao lado do meu, ergo os ombros da areia.*

*— Sai de cima de mim, piranha! — consigo gritar.*

*Eu a chuto para longe e o barato muda completamente. Não estou mais curtindo.*

*Eu me obrigo a sentar, tento dar murros na cabeça com as mãos, esperando ficar sóbrio com o choque, mas não adianta porra nenhuma. Só consigo enfiar o pau de volta no short, olho para o outro lado da fogueira e vejo aquela piranha nojenta já desmaiada perto de Caleb. Não sei quanto tempo passou, mas todos estão capotados, menos eu.*

*Estou em pânico, não consigo nem respirar. O que foi que aconteceu, porra?*

*Eu viro para o lado e abraço Camryn, forçando-a a ficar perto de mim, e não solto mais.*

*E essa é a última coisa de que me lembro.*

*Camryn*

*Estou enjoada. Meu Deus, eu nunca, nunca tive uma ressaca assim. O sol da manhãzinha e a brisa que vem do oceano me acordam. De início fico deitada ali, pois tenho medo de vomitar se me mexer. Minha cabeça está latejando, as pontas dos meus dedos estão dormentes, o resto do meu corpo treme, tomado pela náusea. Eu gemo e acabo de abrir os olhos, pressionando um braço horizontalmente sobre a barriga. Sei que de jeito nenhum vou conseguir sair desta praia sem antes vomitar por uns bons cinco minutos, mas tento me segurar o máximo que posso.*

*Minha bochecha está apertada contra a areia debaixo de mim. Sinto grãos grudados na pele. Com muito cuidado, limpo a areia com um dedo antes que ela entre no meu olho.*

*Ouçó uma pancada, seguida por um estalo e gritos.*

*Apesar dos protestos do meu estômago, viro para o outro lado, olhando para o oceano.*

*— Sai de cima dele! — ouço uma garota gritar.*

*Isso me lembra ainda mais, e por uma fração de segundo me dou conta do quanto eu estava desacordada. Mas agora estou totalmente alerta. Levanto a cabeça da areia e vejo Andrew moendo Tate com os punhos.*

*— Andrew! — tento gritar, mas minha garganta está irritada e minha voz sai rouca, por isso só consigo balbuciar seu nome. — Andrew! — digo de novo, controlando melhor minha voz.*

— Qual é o seu problema, caralho?! — Tate grita.

Ele está tentando se afastar de Andrew, mas Andrew continua avançando. Ele dá mais e mais socos, dessa vez derrubando Tate sentado na areia.

Então o irmão de Tate vem ajudar e soca o quadril de Andrew. Os dois caem longe de Tate e rolam vários metros. Andrew pega Caleb pela garganta e o levanta acima de seu corpo, jogando-o com força na areia, e está em cima dele em segundos. Ele dá três socos em Caleb antes que Tate chegue por trás, puxando-o para longe.

— Fica frio aí, porra! — Tate grita.

Mas Andrew gira o corpo e atinge seu queixo com um gancho, e eu ouço outro estalo de ossos de virar o estômago. Tate cambaleia para trás, segurando a mandíbula.

— Você drogou a gente! Eu vou te matar, caralho! — Andrew ruge.

Finalmente consigo ficar de pé, embora eu tropece uma vez antes de chegar perto de Andrew. Quando vou segurar o braço dele para puxá-lo, sou empurrada por trás e caio sentada. Nem sei o que aconteceu, mas por um segundo fico sem fôlego. Levanto a cabeça e vejo Caleb em cima de Andrew. Devo ter sido atingida quando Caleb atacou Andrew por trás.

Eu me levanto novamente da areia e vejo Elias se aproximando.

Em pânico, olho para meus dois lados e novamente para Elias. Tudo parece estar em câmera lenta. Os três vão se juntar contra Andrew? Ah, nem fodendo! Começo a agarrar Tate enquanto ele e Caleb estão esmurrando Andrew, mas sou empurrada para longe por Elias.

— Sai! — ele rosna para mim.

Andrew consegue se aguentar bem contra Tate e Caleb, ainda está de pé e trocando socos com os dois, mas se Elias entrar na briga, acho que ele não vai conseguir lutar contra os três.

Elias entra no bolo e não consigo entender quem está batendo em quem, quando um par de mãos me pegan pelas axilas por trás.

— Fica aqui comigo, garota — Bray diz.

No meio da minha confusão e pavor, vejo Elias esmurrando Caleb e o alívio toma conta do meu corpo, embora isso dure pouco.

A boca de Andrew está sangrando. Mas todos os quatro estão sangrando em algum lugar. A luta parece continuar para sempre, e a cada golpe que Andrew dá ou recebe, eu me encolho e fecho os olhos, querendo apenas bloquear tudo. Estou sentada na areia com Bray me abraçando por trás, porque ela ainda acha que vou tentar entrar na briga. Mas voltei a sentir que vou vomitar e mal consigo me mexer. Gotas de suor brotam na minha testa. Minha nuca está fria e úmida. O céu está começando a girar.

— Oh, não. Bray... acho que eu vou...

Eu perco o controle ali mesmo. Sinto meu corpo se desvencilhando com violência dela e minhas mãos se estendendo, afundando na areia. Minhas costas se arqueiam e descem, se arqueiam e descem, e eu vomito sem parar, sem parar. Meu Deus, por favor, faz isso parar. Eu nunca mais vou beber! Por favor, faz isso parar! Mas parece que eu nunca vou parar. Quanto mais vomito, mais meu corpo reage ao cheiro do vômito, ao som, ao sabor dele, e isso me faz vomitar ainda mais. Mal consigo ouvir a luta ao fundo por cima dos meus próprios ruídos, e dos estertores secos quando não resta mais nada no meu estômago para devolver. Finalmente, caio para o lado. Não consigo me mexer. Meu corpo treme incontrolavelmente, minha pele está fria e quente e pegajosa em todo lugar. Sinto que Bray está sentada ao meu lado.

— Você vai ficar bem — eu a ouço dizer. — Uau, aquele bagulho te zooko forte.

— O que era? — pergunto, e partes da noite anterior começam a voltar à minha memória.

*Nem ouço se ela respondeu ou não à minha pergunta.*

*Lembro que tudo estava bem, era só uma bebedeira normal, até pouco depois que começamos a tomar o gim. E então, do nada, eu não conseguia mais enxergar o que estava à minha frente, porque tudo estava perto demais. Eu ficava tentando focar os olhos em coisas mais distantes, o oceano, as estrelas, as luzes dos barcos ao longe, sobre a água. Lembro que achei que um navio estava se aproximando de nós e que ia bater na praia. Mas eu não me importava. Eu achei... lindo. Ia matar a todos nós, mas era lindo. E lembro que ouvi Andrew cantando uma canção bem sexy. Deitei a cabeça no peito dele e fiquei ouvindo-o cantar. Eu queria subir em cima dele e tirar a roupa, e teria feito isso, se conseguisse me mexer.*

*E lembro...*

*Peraí.*

*Aquela piranha loura. Ela me perguntou... peraí.*

*Eu levanto o corpo da areia.*

*— Acho que você precisa ficar deitada um pouco — Bray diz.*

*Meus dedos tocam minha testa.*

*Lembro que ela estava sentada perto de mim e de Bray. Estava tão chapada quanto todos nós, mas eu não estava mais com ciúmes. Ela conversou com a gente um pouco, e eu não me importei.*

*À medida que as lembranças vão voltando, meu corpo começa a tremer mais.*

*Ela tentou me beijar. Acho que eu deixei...*

*Acho que vou vomitar de novo.*

*Eu encolho os joelhos e apoio os cotovelos em cima deles, afundando o rosto nas mãos. Ainda estou tão zozna. Sinto que ainda não acabei de vomitar. Não tenho aquela grande sensação de alívio que vem depois de passar mal. Não, a ânsia só ficou mais intensa, desta vez provocada pelos meus nervos.*

*O resto está voltando aos poucos, e embora eu queira me forçar a esquecer, não consigo.*

*Ela perguntou se podia dormir comigo e com Andrew. Sim, me lembro agora. Mas... meu Deus... pensei que ela quisesse dizer dormir, mas agora me dou conta de que estava tão chapada que não percebi que ela queria dizer sexualmente.*

*Eu disse que não me importava.*

*Então lembro que ela...*

*Eu perco o fôlego. Levo a mão à boca, com os olhos arregalados e ardendo por causa da brisa.*

*Lembro que ela fez um boquete em Andrew.*

*Tentando ficar de pé, sinto a mão de Bray nas minhas costas.*

*— Para, garota — ela diz, me puxando de volta para a areia. — Não vai lá. Você só vai se machucar. Solto meu pulso da mão dela e tento ficar de pé de novo, mas os movimentos bruscos, junto com meus nervos em frangalhos, causam mais ânsia de vômito.*

*Então ouço Andrew de pé perto de mim.*

*— Cacete — ele diz para Bray — Você pega uma garrafa d'água no isopor no banco de trás do meu carro?*

*Bray vai pegar a água.*

*Andrew me puxa para suas pernas assim que eu paro de tentar vomitar. Ele afasta meu cabelo dos olhos e da boca.*

*— Eles deram droga pra gente, amor — ele diz.*

*Meus olhos se abrem um pouco e o vejo em cima de mim, com as palmas das mãos nas minhas bochechas.*

— Eu mato aquela vaca. Juro por Deus, Andrew.

A expressão dele é de uma pessoa atordoada. Acho que ele não sabia que eu tinha visto.

— Ela ainda tá desacordada. Amor, eu...

A culpa em seu rosto me corta o coração.

— Andrew, eu sei o que aconteceu — digo. — Sei que você achou que fosse eu. Vi o que você fez.

— Não importa — ele diz, cerrando os dentes. Seus olhos ficam rasos d'água. — Eu devia saber que não era você. Porra, me desculpa. Eu devia saber. — Suas mãos apertam meu rosto.

Estou para mandá-lo parar de se culpar quando Elias se aproxima.

— Desculpa, cara, a gente não sabia. Juro.

— Eu acredito — Andrew diz.

Bray volta com a água, e eu já estou recuperando um pouco das minhas forças. Levanto o corpo e fico sentada, encostada no peito nu de Andrew. Ele me abraça e me aperta tão forte, como se temesse que eu fosse levantar e sair correndo.

Então ele pega a garrafa de Bray, tira a tampa, joga um pouco d'água na mão e passa na minha testa e na minha boca. O frescor me alivia na hora.

— Olha, cara, desculpa — Tate diz, chegando por trás de nós. — A gente achou que vocês não iam ligar. Só pusemos um pouco na bebida de todo mundo. Fizemos uma presença. Não trouxemos vocês pra cá com más intenções.

Andrew consegue se afastar delicadamente de mim, mesmo assim tão rápido que mal noto sua ausência, e esmurra Tate de novo. Um estalo de ossos nauseabundo ecoa pelo espaço.

— Por favor, Andrew! — eu grito.

Elias segura Andrew e Caleb segura Tate, apartando-os.

Andrew deixa Elias segurá-lo por trás, mas depois se desvencilha e volta para mim, me ajudando a levantar.

— Vamos embora — ele diz, ele começa a me pegar no colo, mas eu balanço a cabeça, para que ele saiba que consigo andar sozinha.

Ele pega o violão e eu pego o nosso cobertor, e nós vamos para o Chevelle.

— Talvez fosse bom a gente dar uma carona pra Bray e Elias — digo.

Andrew joga o violão no porta-malas e pega o cobertor de mim, guardando-o também. Então ele vai para o seu lado do carro, estende os braços sobre o teto e apoia a cabeça entre eles. Ele respira fundo e dá um murro na lataria.

— Puta que pariu! — grita, dando outro murro.

Em vez de tentar chamá-lo à razão, decido deixar que ele se acalme sozinho. Olho para ele com ternura do outro lado do carro. Depois entro e fecho a porta. Ele fica ali mais um minuto, até que o ouço dizer:

— Se vocês quiserem, podem voltar com a gente.

Elias e Bray, carregando suas coisas, vêm até o carro e se sentam no banco de trás.

1 Programa infantil de incentivo à leitura da TV pública americana. (N.T.)



NEM SEI COMO achei o caminho de volta tão facilmente. Acho que num certo momento eu nem me importava muito se nos perdêssemos. Mas volto sem virar uma esquina errada nem ter que parar e pedir informações. Os quatro não falamos muita coisa na volta. E do pouco que foi falado, não lembro nada.

Paramos no estacionamento do hotel e nos despedimos de Elias e Bray. Talvez eu tivesse agradecido a Elias ou desejado sorte para o resto da viagem, ou talvez até convidado os dois para saírem conosco à noite, mas dadas as circunstâncias, só consigo responder com um aceno quando eles agradecem pela carona.

Eu dou partida no carro e vou para o nosso lado do hotel.

Camryn ainda parece insegura sobre conversar comigo. Não com medo, apenas insegura. Eu não consigo nem olhar para ela. Me sinto um bosta pelo que aconteceu, e nunca vou me perdoar.

Camryn segura a minha mão e vamos direto para o nosso quarto. Eu abro a porta e começo a jogar nossas coisas nas mochilas.

— Não foi sua...

Eu a interrompo.

— Não. Por favor. Só... me dá um minuto...

Ela olha para mim tão desolada, mas balança a cabeça e concorda.

Logo estamos na estrada de novo, indo para o Norte pelo litoral. Destino: qualquer lugar, menos a Flórida.

Depois de dirigir por uma hora, o que aconteceu na noite passada não me sai da cabeça, e eu tento entender, de alguma forma. Eu saio da estrada e o carro roda até parar no acostamento. Está tão silencioso. Olho para baixo, depois pelo para-brisa. Percebo que estou com os nós dos dedos brancos de tanto apertar o volante. Finalmente, abro a porta e saio do carro.

Ando rapidamente pelo cascalho e então desço a encosta da vala, atravessando para o outro lado e indo direto para a primeira árvore.

— Andrew, para! — ouço Camryn gritar.

Mas eu continuo andando, e quando fico frente a frente com aquela merda de árvore, bato nela com tanta força quanto bati em Tate e Caleb. A pele de dois dos meus dedos se abre, o sangue escorre pelas costas da mão e entre os dedos, mas eu não paro.

Só paro quando Camryn entra na minha frente e empurra meu peito com tanta força com as duas mãos que eu quase caio para trás. Lágrimas escorrem dos seus olhos.

— Para! Por favor! Para com isso!

Eu desabo sentado na grama, com os joelhos dobrados, minhas mãos ensanguentadas pendendo dos pulsos. Meu corpo se curva para a frente, cabisbaixo. Só consigo ver o chão embaixo de mim.

Camryn se senta na minha frente. Sinto suas mãos no meu rosto, tentando levantar minha cabeça, mas eu não deixo.

— Você não pode fazer isso comigo — diz com voz trêmula. Camryn tenta me forçar a olhá-la, e eu finalmente deixo porque me mata de dor ouvi-la chorar. Olho nos olhos dela, os meus cheios de lágrimas de raiva que estou tentando conter. — Amor, não foi culpa sua. Você tava drogado. Qualquer um poderia ter se enganado, chapado como você tava. — Seus dedos apertam meu rosto. — Não. Foi. Culpa. Sua. Entendeu?

Tento desviar o olhar, mas ela afasta minhas mãos e se senta no meio das minhas pernas sobre os joelhos, de frente para mim. Instintivamente, eu a abraço.

— Mesmo assim, eu devia saber — digo, olhando para baixo. — E não é só isso, Camryn, eu devia

*cuidar da sua segurança. Você nem deveria ter sido drogada, pra começar. — Só de pensar nisso, a raiva e o ódio por mim mesmo aumentam de novo. — Eu devia cuidar da sua segurança!*

*Ela me abraça e me força a apoiar a cabeça em seu peito.*

*Ela se afasta.*

*— Andrew, olha pra mim. Por favor.*

*Eu olho. Vejo dor e compaixão em seus olhos. Seus dedos delicados envolvem meu rosto barbado. Ela beija meus lábios suavemente e diz:*

*— Foi um momento de fraqueza — como que para me lembrar do que eu disse a ela há vários meses sobre os comprimidos. — Foi minha culpa tanto quanto sua. Eu não sou burra. Deveria ter imaginado que não podia deixar nossas bebidas na mão deles nem por um segundo. Não é culpa sua.*

*Eu baixo o olhar, e então olho para ela de novo. Não sei como posso fazê-la entender que, por causa de como e quem sou, sinto um forte senso de responsabilidade por ela. Uma responsabilidade da qual me orgulho, que senti desde o dia em que a conheci. Me mata... me mata saber que no meu “momento de fraqueza” eu não pude protegê-la, que, por eu ter baixado a guarda, ela poderia ter sido ferida, estuprada, morta. Como posso fazê-la entender que não importa se ela não me culpa por isso, que sua opinião, embora eu não a considere sem valor, não desculpa meu momento de fracasso? Ela tem direito a um momento de fraqueza. Eu não tenho. O meu é só fracasso.*

*— E eu nunca, jamais culparia você por aquilo — ela acrescenta.*

*Eu só olho para ela, procurando um significado em seu rosto, e então ela continua:*

*— O que aquela garota fez — ela explica. — Eu jamais jogaria aquilo na sua cara. Porque você não fez nada errado. — Eu sinto seus dedos afundando em meu rosto. — Você acredita em mim?*

*Eu balanço a cabeça lentamente.*

*— Acredito, sim.*

*Ela suspira e diz:*

*— De todo modo, pode ter sido em parte minha culpa. — Ela desvia o olhar.*

*— Como assim?*

*— Bem — ela diz, mas hesita com uma expressão distante de arrependimento no semblante —, acho que, sem querer, posso ter dado permissão pra ela.*

*Aquilo certamente me pega de surpresa.*

*— Lembro que ela perguntou sobre dormir com a gente, e acho que falei que sim, que ela podia. Eu-eu não sabia que ela queria dizer... sexualmente. Se eu estivesse sóbria, com certeza teria sacado isso. Andrew, me desculpa. Desculpa por eu ter deixado aquela piranha louca violentar você.*

*Eu balanço a cabeça.*

*— A culpa não é de nenhum dos dois, então não começa a se culpar também, tá?*

*Quando não vejo aparecer o sorriso que eu queria causar rápido o suficiente, eu a agarro dos dois lados pela cintura. Ela grita quando começo a fazer cócegas. Ela ri e se retorce tanto que cai para trás na grama, e eu me sento em cima dela, me apoiando nos joelhos dos dois lados para não esmagá-la.*

*— Para! Não! Andrew, tô falando sério, caralho! Paraaaa! — Ela ri alto e eu enfio mais os dedos nos seus quadris.*

*Então ouço um carro de polícia tocar a sirene uma vez e silenciar, parando atrás do meu carro.*

*— Fodeu — eu digo, olhando para Camryn. Seu cabelo está emaranhado e cheio de fios de grama.*

*Saio de cima dela e estendo a mão ensanguentada para ajudá-la a levantar. Ela a toma e fica de pé, espanando a roupa. Voltamos para o carro enquanto o policial sai de sua viatura.*

— Você costumam deixar a porta do carro escancarada assim na estrada? — o policial pergunta.

Eu olho para a porta e novamente para ele.

— Não, senhor — eu digo. — Fiquei com vontade de vomitar e nem pensei nisso.

— Habilitação, comprovante do seguro e documentos do veículo.

Tiro a habilitação da carteira, entrego para ele e enfio o corpo pela janela do lado do passageiro para procurar os documentos no porta-luvas. Camryn está encostada na traseira do carro, com os braços cruzados nervosamente sobre o peito. O policial volta para a viatura — depois de notar o sangue nas minhas mãos — e se senta para consultar o meu nome.

— Espero que você não esteja escondendo nenhum assalto, assassinato ou nada assim de mim — Camryn diz, quando me apoio no capô ao lado dela.

— Não, já parei com os assassinatos — respondo. — Ele não tem como me prender. — Eu a cutuço de leve com o cotovelo.

Passados alguns minutos de pura tensão, o policial se aproxima de nós e me devolve os documentos.

— O que aconteceu com a sua mão? — ele pergunta.

Olho para ela, sentindo-a doer e latejar pela primeira vez, agora que ele chamou minha atenção. Em seguida, aponto para a árvore perto dali.

— Eu meio que bati na árvore.

— Você meio que bateu na árvore? — ele pergunta, desconfiado, e noto que olha para Camryn várias vezes. Que legal, ele deve estar achando que bati nela ou alguma porra assim, e considerando como ela está detonada depois do incidente de ontem à noite e do nosso rala-e-rola na grama, suas suspeitas devem estar sendo confirmadas.

— Tá, eu bati na árvore.

Ele olha para Camryn, agora.

— Foi isso que aconteceu? — ele pergunta a ela.

Camryn, nervosa pra caramba e pelo visto imaginando, como eu, o que o policial acha que realmente aconteceu, de repente faz a Natalie.

— Foi, senhor — ela diz, gesticulando muito. — Ele ficou nervoso porque uns filhos da puta... — ela se encolhe toda — desculpa, se aproveitaram da gente ontem à noite, e ele ficou se martirizando com isso a manhã toda e acabou descontando naquela árvore! Eu corri pra lá pra não deixar que ele se machucasse, a gente conversou, e eu tô com essa cara de merda pisada... ai, desculpa... por causa da noite de cão que a gente passou. Mas juro que não somos más pessoas. Não usamos drogas e ele não é um psicopata nem nada, então, por favor, libera a gente. Pode até fazer uma busca no carro, se quiser.

Momento. Sorvete. Na testa.

Eu rio por dentro. Não temos com que nos preocupar se ele quiser vasculhar o carro. A não ser que... nossos amigos temporários, Elias e Bray, tenham acidentalmente deixado uma trouxinha de erva ou qualquer porra incriminadora no banco de trás.

Putá merda... por favor, que não aconteça agora o que sempre acontece nos seriados de TV.

Eu olho para Camryn e balanço discretamente a cabeça.

Ela arregala os olhos.

— O que foi que eu falei?

Eu apenas sorrio, ainda balançando a cabeça, porque é só isso que posso fazer, na verdade.

O policial funga e depois mastiga a bochecha por dentro. Seus olhos vêm e vão entre mim e Camryn várias vezes e ele não diz uma palavra, o que só aumenta a nossa tensão.



— Da próxima vez, não deixem a porta escancarada assim — o policial diz, sua expressão tão neutra quanto esteve o tempo todo. — Seria uma pena alguém passar e arrancar a porta de um Chevelle 1969 em tão bom estado.

Um sorriso discreto ilumina o meu rosto.

— Com certeza.

O policial parte antes de nós, que ficamos dentro do carro estacionado por um mais um momento.

— “Pode fazer uma busca no carro, se quiser”? — repito.

— Pois é! — ela ri, jogando a cabeça para trás. — Eu não queria dizer isso. Escapou.

Eu rio também.

— Bom, parece que seu monólogo inocente... que, a propósito, me dá um pouco de medo; acho que aquela sua amiga bipolar tá te contagiando... deixou o policial com peninha e livrou a nossa cara.

Eu apoio as mãos no volante.

Ela estava sorrindo e provavelmente ia comentar minha piadinha com Natalie, até que vê de novo minha mão ensanguentada. Então se aproxima de mim e a pega delicadamente.

— A gente precisa limpar isso antes que infeccione — ela diz. Olha mais de perto e começa a tirar pequenos fragmentos de grama e terra em volta e dentro do ferimento. — Tá muito feio, Andrew.

— Não é tão grave assim — digo. — Não vai precisar de pontos.

— Não, você precisa é apanhar. Nunca mais faz isso. Tô falando sério. — Ela pega um último fragmento e depois se debruça por cima do encosto, procurando o pequeno isopor no banco de trás.

Eu viro a cabeça e só vejo a bunda dela saindo do short. Com minha mão ensanguentada, enfio o dedo dentro do elástico da calcinha do biquíni e o estalo sobre a pele dela. Ela não se assusta, mas revira os olhos quando para de remexer no banco traseiro, com uma garrafa d'água na mão.

— Enxágua isso — ela ordena, me passando a garrafa.

Eu abro a porta, pego a garrafa, estendo a mão para fora e derramo água sobre o ferimento.

Enquanto procura algo na bolsa, ela diz:

— Da próxima vez que você ficar puto e descarregar a raiva em algum objeto, vou pôr oficialmente o seu nome na minha Lista de Psicopatas. — Ela me passa um tubo de pomada.

Eu só balanço a cabeça e pego o tubo. Acho que não dá pra discutir com ela quanto a isso.

Ela aponta para a pomada e me manda aplicá-la logo. Eu rio e digo:

— Você parece uma sargenta.

Camryn me dá um soco de brincadeira no braço (machucando a própria mão, na verdade) e me acusa de insinuar que ela é gorda. É tudo brincadeira, e acho que é sua maneira de me ajudar a não pensar no que aconteceu. Depois de minutos, estamos conversando sobre música e sobre os bares ou clubes onde podemos tocar a caminho de Nova Orleans.

Sim, num certo momento decidimos que, não importando onde vamos parar ou quanto tempo vamos ficar, temos que visitar nosso lugar favorito à margem do Mississippi, haja o que houver.



Isso foi há dois dias. Hoje estamos acomodados num belo hotel no grande estado do Alabama.



— *TÁ EMPOLGADA com o que a gente vai fazer hoje à noite ou precisa respirar num saco de papel: — Andrew pergunta, saindo do banheiro com uma toalha enrolada na cintura.*

— *As duas coisas — respondo. Deixo o controle remoto sobre o criado-mudo e me sento na cama. — Conheço a música, mas é minha primeira apresentação solo. Por isso, sim, tô surtando um pouco.*

*Ele remexe na sua mochila perto da TV e acha uma cueca limpa. A toalha cai no chão. Eu inclino a cabeça, admirando sua bunda sexy da cama. Ele veste a cueca e ajeita o elástico na cintura.*

— *Você vai botar pra quebrar — ele diz, virando-se para mim. — Ensaiei um monte e já tá afiada. E se eu achasse que você não tava preparada, eu falaria.*

— *Eu sei que falaria.*

— *Bom, pronta pra trabalhar? — ele pergunta, terminando de se vestir.*

— *Ê. Acho que sim. Como eu tô?*

*Eu me levanto e dou uma volta, usando um top minúsculo preto com alcinhas finas e um jeans apertado.*

— *Peraí — eu exclamo, levantando o dedo. Calço minhas novas botas três quartos reluzentes e fecho o zíper na lateral. Então giro e faço pose de novo, exagerando um pouco.*

— *Insuportavelmente sexy, como sempre — ele elogia com um sorriso, e então se aproxima de mim e passa a mão na minha trança.*

*Posso estar me apresentando sozinha cantando “Edge of Seventeen” da Stevie Nicks hoje, mas por duas horas, antes de subir no palco, vou trabalhar como garçonne e Andrew vai limpar mesas. Ganhei dele! Eu consegui o emprego mais legal.*

*A casa está lotada quando chegamos, às 19h. Adoro a atmosfera deste lugar. O palco é de bom tamanho, mas a área das mesas e a pista de dança são enormes. E está cheio, o que me deixa mais nervosa ainda. Eu vou até a cozinha, apertando a mão de Andrew, abrindo caminho no meio da multidão. Com estes empregos temporários, tivemos a sorte de trabalhar juntos por algumas noites. Quase todos os serviços que pegamos durante a viagem, desde a Virgínia, foram esporádicos. Eu trabalho como arrumadeira aqui e ali, enquanto Andrew trabalha de garçom ou até substitui algum leão de chácara. Ele pode não ser o tipo bombado (ainda bem, porque acho isso nojento), mas seus músculos são grandes o suficiente para ele ser contratado com facilidade. Por sorte, ele não precisou arrastar ninguém para fora pela camisa, nem apartar nenhuma briga.*

*Nosso chefe pelos próximos dias, German — é o nome dele mesmo, apesar de ele definitivamente não ser alemão, e sim o típico caipira do Meio-Oeste americano —, entrega a Andrew um avental branco e um broche que o identifica como “Andy”.*

*Eu seguro o riso, mas Andrew percebe a minha expressão divertida.*

*German esfrega sua mão roliça como uma salsicha no nariz, limpa-a no jeans e diz:*

— *Quando o povo levanta de uma mesa e termina de reçoie as porra deles toda, cê vai lá e deixa a mesa limpinha pro próximo cliente. — Ele agita o dedo para Andy, há, isto é, Andrew. — E não toca nas gorjeta. São só pras garçonne, tá me entendeno?*

— *Sim, senhor — Andrew diz. Quando German baixa os olhos para seu bloco de pedidos por um segundo, Andrew diz para mim, sem emitir som: Que porra...? E eu tento endireitar a boca e evitar sorrir quando German olha para nós de novo.*

*German olha para mim, mas olha mesmo, totalmente diferente de como estava olhando para Andrew agora há pouco. Ele abre um sorriso amarelo e diz:*

— E ocê só pricisa fazê exatamente essa carinha que tá fazeno agora. Abre esse sorriso lindo e enche os bolso cas gorjeta.

Fico imaginando o que as outras garçonetes que trabalham aqui em tempo integral têm que aguentar desse cara.

Pisco meus olhos azul-bebê para ele e digo, com um sotaque caipira doce e sedutor:

— Pode deixá, seu German. E mais tarde, quando meu turno terminá, vô tê que ir lá pra dentro e retocá a maquiage antes de me apresentá, o senhor entende, né?

Noto que Andrew arregala os olhos e parece mais intrigado, mas eu continuo dando atenção a German, que já está comendo na minha mão de um jeito que, se eu o mandasse lamber o chão, elealaria: Diz quando é pra pará, tá?

Andrew

Esse sotaque de bela do Sul que surgiu do nada me deixou morrendo de tesão. Vou ter que conversar com ela a respeito disso mais tarde.

Eu ponho meu broche, amarro o avental nas costas e pego a espécie de bacia de plástico que German aponta quando olho para ele. Cacete, não me incomoda fazer esse tipo de trabalho, mas German é um caipirão babaca, que espero que fique longe de mim pelas próximas duas horas. E ele está precisando de um desodorante. A porra do tubo inteiro, quero dizer. Ele realmente não combina com esse lugar. Parece uma bandeira confederada pendurada na janela de uma mansão de 400 mil dólares. O bar e restaurante até que é bem decorado. Por dentro, pelo menos.

Eu me dirijo para a área das mesas com a bacia debaixo do braço e vou para a primeira mesa vazia que vejo. Pego todo o lixo, os pratos sujos cheios de fritas e bolinhos que sobraram e jogo tudo dentro da bacia. Depois limpo a mesa com o trapo que tiro do bolso do avental e endireito os potes de ketchup e molho de churrasco. É tudo muito automático, diferente do serviço de garçomete, e acho que por isso somente Camryn precisou fazer uma hora de treinamento ontem para começar a trabalhar hoje. Ela pode ter o emprego que rende gorjetas, na qual pode usar seu charme sexy, mas precisa aguentar o chefe nojento e tarado. E eu tô adorando isso. Bem feito pra ela por tirar sarro do meu emprego de limpar mesas. Ela fez piadinha, me chamando de “escória” do bar. Bem, espero que ela não ache que vou tirar o traseirinho magro dela da reta, caso German resolva avançar o sinal. Ela vai ter que se virar sozinha.

Eu limpo mais algumas mesas, deixando uma gorjeta de cinco dólares numa e outra de vinte na outra. Quando estou para voltar para a cozinha para esvaziar a bacia, sou parado por quatro garotas numa mesa perto do balcão do bar.

— Ei, gatão — uma das mulheres mais velhas diz, me chamando com um dedo. — Podemos pedir nossas bebidas pra você?

— Sinto muito, senhora, mas eu só limpo as mesas.

Eu tento me afastar, mas outra mais bonita me impede.

— Aposto que se a gente pedisse pra você ser nosso garçom, você seria promovido. — Seus olhos estão vidrados e sua cabeça balança um pouco. Eu noto, porque é difícil não notar, seus peitos enormes saindo do top apertado. Ela os empina mais ainda.

— Bom, vocês podem pedir — eu digo, também mostrando meu charme, sorrindo com o canto da boca. — E se a chefia deixar, serei seu a noite toda.

As quatro se entreolham numa espécie de conversa silenciosa. Já estão comendo na minha mão.

Camryn chega atrás de mim carregando uma bandeja cheia de copos de uísque e um copo já lotado de notas. Eu me pergunto se aquele é o dinheiro das gorjetas ou o pagamento dos drinques. Isso está me

*deixando ansioso.*

*Ela dá um sorrisinho para mim, olhando para a mesa das mulheres, e depois rapidamente para mim de novo.*

— *Ele está incomodando vocês?* — *ela pergunta.*

*Eu sei que ela não está com ciúmes; hoje só o que importa é a competição entre nós dois. E ela vai fazer tudo o que puder para impedir que eu ganhe a pequena aposta que fizemos no carro a caminho daqui:*

— *Você acha que não consigo ganhar gorjetas só porque tô limpando mesas?*

— *Não consegue* — *ela disse.* — *Copeiro não ganha gorjeta.*

— *Pense bem* — *eu disse, olhando-a do banco do motorista.* — *É um bar cheio de mulheres e álcool.*

*Aposto que consigo ganhar gorjetas.*

— *Ah, é mesmo?* — *ela perguntou, estufando os lábios.*

— *Sim* — *eu disse, e então aumentei o cacife, porque estava me sentindo ousado:* — *Na verdade, aposto que consigo ganhar mais gorjetas do que você.*

*Camryn riu.*

— *É sério? Quer mesmo apostar isso?* — *Ela cruzou os braços e balançou a cabeça como se eu estivesse dizendo algo ridículo.*

— *Quero* — *eu disse, mesmo sabendo que deveria ter dito Não, tô brincando.*

*Mas eu não disse não, e agora estou amarrado a essa aposta, e se Camryn ganhar, vou ter que fazer uma massagem de uma hora nela por três noites seguidas. Uma hora é muito tempo de massagem. Fico com os braços cansados só de pensar.*

*A mulher mais velha responde para Camryn:*

— *Não, ele não tá incomodando nem um pouco, lindinha.* — *Ela me olha de alto a baixo como se quisesse arrancar minha roupa e me lambe, apoiando o queixo nas duas mãos.* — *Ele pode ficar aqui o tempo que quiser. Cadê o seu chefe?*

— *Ele tá por aqui* — *Camryn diz.* — *É só procurar um gordão de uniforme. O nome dele é German.*

— *Obrigada, gata* — *a mulher diz, e volta a olhar para mim.*

*Essa mulher, admito, meio que me dá medo. E como ela parece ser a líder da matilha, decido que preciso sair dali antes que ela ache que estou mesmo a fim dela, porque aí eu é que vou precisar da ajuda de Camryn pra sair da enrascada em que me meti.*

— *Tenham uma ótima noite, madames* — *digo com um sorriso acolhedor, e me viro para ir embora.*

*Sinto uma mão deslizando para dentro do bolso do meu avental. Eu paro e olho para a mão que a mulher já está tirando do meu bolso. Ela está me encarando com aquele famoso olhar cheio de tesão.*

— *Pra você também, docinho* — *ela diz.*

*Pisco para ela e sorrio para as outras três enquanto me afasto casualmente. Quando chego à cozinha, esvazio a bacia, enfio a mão no bolso e tiro dele três notas de vinte dólares.*

*Porra, talvez aquela aposta não tenha sido tão ridícula, no fim das contas.*

*Duas horas depois...*

*A aposta foi ridícula, sim.*

— *240, 241, 246, 256.* — *Camryn fica contando suas gorjetas, agora que nosso curto turno acabou. Ela dá um sorrisinho e acrescenta:* — *E você, quanto conseguiu?*

*Estou tentando ficar sério para que minha decepção pareça minimamente genuína, mas ela não está facilitando. Por isso pego meu dinheiro, conto de novo e respondo:*

— *82 dólares.*

— Bom, até que não tá ruim pra um copeiro, admito — ela diz, embolsando sua grana.

— Como assim, admite? — pergunto, desatando o avental e tirando-o. — Vai perdoar a aposta?

— Pfah! De jeito nenhum.

German chega atrás de nós.

— É bom que a cantoria docês preste. E nada dessas merda de rap, nem musiquinha new age metida a besta. — Ele estala os dedos rapidamente, como se estivesse tentando lembrar algum exemplo, mas logo desiste. — Cês num tão no Ídolos.

— Entendido — Camryn diz, com aquele seu sorriso doce.

German, com um sorriso de babação na cara, desperta do feitiço dela e, ao se afastar, rosna quando passa por mim. Melhor isso do que me olhar do jeito que ele olha para Camryn, por isso não vou reclamar.

Eu me viro para Camryn.

— Não fica nervosa. — Eu seguro as mãos dela. — Já falei, você vai botar pra quebrar.

Ela balança a cabeça nervosamente. Então solta um suspiro rápido, fazendo bico, e respira fundo.

— Vou pegar a guitarra enquanto você se prepara — digo.

— Tudo bem.

Eu a beijo nos lábios e vou até o carro pegar a guitarra elétrica que ela me deu de presente de aniversário, que está na porta-malas. Apesar de “Edge of Seventeen” ser o solo dela, o próprio riff da guitarra é tão conhecido que estou quase tão nervoso quanto ela por ter que tocá-lo. Tudo bem, talvez não tão nervoso — é uma música até bem fácil. O que me deixa um pouco tenso é o medo de estragar o número dela. É só por causa dela que o show de hoje me deixa tenso.

Eu subo no palco e encontro o baterista, Leif, que conhecemos ontem, se preparando.

— Obrigado por tocar com a gente, cara — agradeço.

— Sem problemas — Leif diz. — Já toquei essa várias vezes num bar da Geórgia onde eu trabalhava, uns anos atrás.

Camryn ficou feliz por encontrar um baterista que conhece a canção. Ela estava preparada para se apresentar só comigo, sabendo que não seria a mesma coisa sem a bateria. Mas quando conhecemos Leif ontem, durante o treinamento dela como garçonzete, e ele concordou em tocar conosco esta noite, acho que Camryn se sentiu bem mais confiante.

Eu passo a alça da guitarra pelo ombro assim que Camryn aparece no palco.

Ela vem direto na minha direção, eu encosto no seu ouvido e digo:

— Você tá gostosa.

Ela fica vermelha e olha para sua roupa. Ela trocou o top preto bonitinho que estava usando por outro de seda, também preto, com um decote nas costas que expõe sua pele quase até a cintura. O colar que comprei para ela brilha sobre a seda preta na frente. E ela soltou o cabelo. Adoro a trança que ela sempre usa, mas devo dizer que ela fica sexy em outro nível com o cabelão sedoso e louro caindo sobre os ombros.

O vozerio no bar ecoa pelo ambiente espaçoso, alto até enquanto Leif testa o bumbo da bateria atrás de nós. Todas as mesas estão ocupadas, bem como os bancos junto à parede dos fundos. Minhas quatro “amigas” ainda estão aqui e migraram de seu lugar para uma mesa mais próxima do palco. Elas parecem intrigadas com minha transformação de copeiro em guitarrista. Normalmente, a essa altura, eu estaria procurando na plateia minha “vítima” da noite, mas hoje é diferente, e não vamos fazer nada disso. Camryn está nervosa e concentrada demais para tentar nossa brincadeira de sempre.

Depois que finalmente nos preparamos e estamos prontos para começar, Camryn prende a respiração por um momento e olha para mim.

*Eu espero que ela me dê o sinal, e quando a vejo acenar, começo a tocar, e todos os olhos na multidão se viram para nós. Essa introdução da guitarra sempre chama a atenção de todos numa casa lotada. E Camryn, assim que começa a cantar, como sempre acontece também comigo, se transforma em alguém completamente diferente, a ponto de me deixar atordoado. Ela é a dona da canção. Está muito diferente de como estava em todos os nossos ensaios. Confiança e sensualidade derramam de cada verso da canção e de cada movimento seu, e todo o meu corpo reage a isso.*

— Ooo, baby, ooo, ooo! — eu acompanho no refrão.

*Mas todos estão olhando para ela, até minhas quatro amigas, que sei que de início haviam se aproximado para me olhar. Não, agora elas pertencem sobretudo a Camryn, e isso me deixa orgulhoso.*

*Antes mesmo que termine a primeira estrofe, a pista de dança já está lotada. A energia e o sexo na voz de Camryn, misturados com o fascínio de todos com sua apresentação, me fazem perder o controle, e eu martelo aquele riff com mais devoção do que antes.*

— Ooo, baby, ooo, ooo!

*A cada poucos segundos, ouço uma voz gritar ao fundo:*

— HUUUUU! — E também cada vez que Camryn solta uma nota tocante.

*E eu não me canso disso.*

*Canto a plenos pulmões junto com ela nos dois refrões seguintes, e sei que a quarta estrofe, aquela em que ela sempre se embanana, vem a seguir. Olho para ela, ainda agitando a palheta rapidamente sobre as cordas, com as costas arqueadas, e não vejo nenhum sinal de nervosismo em seu rosto. Ela está no controle; posso perceber, só de olhar, que de jeito nenhum ela vai errar.*

*E então a letra sai tão rápida e impecavelmente de seus lábios que sinto meu rosto esticado até o limite por um sorriso quando canto junto com ela a todo volume o refrão seguinte.*

*Porra, minha gata tomou posse da canção. Te cuida, Stevie Nicks!*

*Passando a metade da canção, Camryn canta: Oooo! E sua voz some naquela parte sombria da melodia que permite um breve descanso à sua voz.*

*Mas o solo de guitarra continua. É cansativo, mas meus dedos não param, sem errar uma nota.*

*Camryn e eu nos entreolhamos e temos um momento só nosso. Então ela volta a cantar, e eu canto junto no momento certo.*

*Ela continua cantando, suas duas mãos seguram o suporte do microfone, seus olhos se fecham quando ela berra com tanta emoção:*

— Yeah! Yeah!

*Então ela olha para mim de novo e continua me encarando enquanto solta a estrofe seguinte, como se estivesse cantando apenas para mim.*

*Calafrios percorrem a minha espinha. Eu sorrio e continuo tocando até a canção acabar.*

*A plateia explode com uivos e gritos. Camryn agradece as palmas primeiro, depois eu. Ela está com um sorriso enorme, olhando para a multidão, e eu fico meio comovido por dentro.*

*Sem tirar a guitarra, que empurro para as costas, me aproximo de Camryn e a levanto do chão em meus braços. Os assobios e gritos vêm de todos os lados, mas a única coisa que eu noto é Camryn me olhando. Eu a beijo profundamente, e a multidão assobia e grita ainda mais.*

*Antes de a noite acabar, fazemos um show completo de dez canções para uma multidão cada vez maior, com o passar das horas. Voltamos a cantar algumas das nossas favoritas: “Barton Hollow”, “Hotel California” e “Birds of a Feather”, entre outras, e cada canção parece agradar mais ao público. Não canto sozinho esta noite, embora Camryn chegue a me pedir isso. A noite foi dela e só dela. Me recuso a ser o centro*

*das atenções, mesmo por apenas uma canção.*

*Voltamos ao hotel às duas da manhã, e eu pago de bom grado a aposta que perdi.*





— GERMAN PARECE achar que a gente vai ficar muito tempo aqui — eu digo, com o lado direito do rosto encostado no colchão. — Eu falei pra ele que era só temporário.

As mãos mágicas de Andrew pressionam os dois lados das minhas costas dos ombros até a cintura, e eu viro massa de modelar em suas mãos. Fico deitada ali e curto essa massagem como se nunca tivesse sido massageada na vida. Mal consigo abrir os olhos. Ele está sentado sobre meu corpo quase nu, a cavalo sobre minha cintura.

— É, ele me puxou de lado uma hora e perguntou a que horas a gente ia tocar amanhã. — Andrew ri e aperta as pontas dos dez dedos com força na minha pele, mexendo as mãos num firme movimento circular.

Eu gemo debaixo dele.

— A gente pode ficar mais uns dias — ele diz —, mas acho que devíamos partir logo.

— Concordo. E também, os mosquitos em Mobile são horríveis! Você viu que enxame apocalíptico em volta das lâmpadas quando a gente saiu de lá?

Andrew ignora a pergunta e diz:

— Você foi sensacional hoje. Eu sabia que você ia mandar bem, mas pra falar a verdade, não tava esperando aquilo.

Eu finalmente abro os olhos e espio pela janela.

— O que, exatamente? — pergunto.

Suas mãos não param de massagear minhas costas.

— Você subiu no palco e tomou posse da canção. Você tem um talento natural.

— Não sei se tenho — respondo. — Mas tô orgulhosa de mim mesma. Sério, não sei o que deu em mim. Esqueci o nervosismo e mergulhei de cabeça.

— Bom, funcionou — ele diz.

— Só porque você tava lá comigo — eu saliento.

Ficamos em silêncio por vários minutos, eu de olhos fechados, com sua massagem ameaçando gradualmente me mandar para a terra dos sonhos. A circulação ao redor dos meus olhos parece aliviar; minha cabeça toda está formigando, e minha nuca se arrepia quando ele afunda os dedos no meu couro cabeludo.

Antes que passe uma hora, começo a me sentir culpada por fazê-lo trabalhar tanto tempo e digo:

— Se você estiver cansado, pode parar.

E quando ele não para, eu o faço parar, virando o corpo e me deitando de costas. Ele fica em cima de mim e me beija de leve na boca. E nós nos olhamos por um momento, um examinando os olhos do outro, estudando os lábios. Sinto-o pressionar meu corpo lá embaixo, sua boca se fecha sobre a minha num beijo apaixonado e ele começa a fazer amor comigo.



ESTAMOS NA ESTRADA de novo, em algum lugar de uma rodovia entre Gulfport, Mississippi e Nova Orleans. O dia está perfeito, com céu azul e calor na medida certa para que possamos viajar de janelas abertas, sem sentir necessidade de ligar o ar-condicionado do carro. Camryn está dirigindo e eu descanso no banco do passageiro, numa posição bem parecida com a sua de sempre, com um pé para fora da janela.

Ficamos em Mobile uma semana e pagamos o quarto de hotel, toda a comida e a gasolina só com uma fração do dinheiro que ganhamos tocando e das gorjetas de Camryn como garçom. Minhas gorjetas de copeiro foram só uma gota no oceano, comparadas com as dela.

Meu celular vibra no bolso da minha bermuda preta de lona e eu atendo.

— E aí, mãe, tudo bem?

Ela diz que sente muito a minha falta e logo começa a fazer perguntas sobre os meus checkups.

— Não, eu tô fazendo, sim — digo. — É, fiz tomografia esses dias num hospital em... Não, eles só ligaram pro dr. Masters pra pedir minha ficha e... Tá, mãe. Eu sei. Eu tô me cuidando. — Olho para Camryn, que está sorrindo. — Camryn não me deixa faltar. É. Bom, agora a gente tá indo pra Nova Orleans, não sei quanto tempo a gente vai ficar lá, mas depois vamos passar por aí pra te visitar, tá?

Depois que eu desligo, Camryn pergunta:

— No Texas?

Imediatamente, sinto que ela está pensando a mesma coisa que pensou na nossa primeira viagem, mas ela me desmente quando diz:

— Pra mim não tem problema nenhum. Só tô curiosa pra saber nosso destino. — Ela sorri, e percebo na hora que não está escondendo nada.

— O Texas não te preocupa? — eu pergunto.

Ela olha de novo para a estrada ao chegar numa curva, depois volta a olhar para mim.

— De jeito nenhum. Não como me preocupava antes.

— O que te fez mudar de ideia? — Eu tiro o pé da janela e me viro para olhá-la melhor, intrigado pela mudança de opinião.

— As coisas estão diferentes agora — ela diz. — Mas de um jeito bom. Andrew, o mês de julho foi difícil. Pra nós dois. Não sei como eu sei, mas acho que eu já previa desde o início que alguma coisa ruim ia acontecer quando a gente chegasse ao Texas. Por um tempo, achei que eu só estivesse preocupada por aquela ser a última parada da nossa viagem. Mas agora não sei mais. Era como se eu soubesse...

Eu sorrio um pouco.

— Acho que eu entendo — digo. — Então preciso fazer uma pergunta.

Ela olha para mim, esperando.

— A gente vai parar definitivamente um dia?

Sua reação não é a que eu esperava. Eu esperava que seu sorriso sumisse e o momento se perdesse, mas em vez disso, seus olhos brilham, e sinto um ar de calma emanando dela.

— Um dia — ela diz. — Mas ainda não. — Ela olha novamente para a estrada e continua: — Sabe, Andrew, quero ir pra Itália um dia. Pra Roma. Sorrento. Talvez não agora, nem mesmo nos próximos cinco anos, mas espero ir pra lá. Pra França também. Pra Londres. Adoraria até conhecer a Jamaica, o México e o Brasil.

— É mesmo? Ia levar um tempão visitar todos esses lugares — eu digo, mas não de forma a desencorajá-la. Eu também adoraria.

O vento da janela aberta roça seu cabelo, soltando mais fios de sua trança, que dançam ao redor do seu rosto radiante.

— Eu me sinto livre com você — ela diz. — Sinto que posso fazer qualquer coisa. Ir a qualquer lugar. Ser o que eu quiser. — Seus olhos pousam em mim mais uma vez e ela continua: — A gente vai parar logo, mas nunca quero parar definitivamente. Isso faz sentido?

— Com certeza — respondo. — Eu não teria dito melhor.

Chegamos à divisa da Louisiana logo depois que escurece, e Camryn para no acostamento.

— Acho que não consigo mais dirigir — ela diz, esticando os braços para trás e bocejando.

— Eu falei há uma hora que você precisava me deixar dirigir.

— Bom, agora eu tô deixando. — Ela fica ranzinza quando está cansada.

Ambos saímos para trocar de lugar, mas paramos quando nos encontramos na frente do carro.

— Você viu onde a gente tá? — pergunto.

Camryn olha para os dois lados da rodovia deserta. Ela dá de ombros.

— Hã, no meio do nada?

Eu rio baixinho e aponto para o campo. Depois aponto para as estrelas.

— A última vez não valeu, lembra?

Seus olhos brilham, mas sinto que ela está dividida. Não levo muito tempo para entender por quê.

— É um campo plano e aberto. E não tem vaca nenhuma até onde a vista alcança — digo.

Eu sei que absolutamente nada que eu disser vai tranquilizá-la quanto à possibilidade de cobras, mas estava tentando ser sutil e dar uma de idiota, esperando que ela esquecesse isso.

— E as cobras? — ela pergunta, não esquecendo.

— Não deixe seu medo de cobras estragar uma oportunidade perfeita de finalmente dormir sob as estrelas.

Ela estreita os olhos para mim.

Resolvo apelar para a artilharia pesada e simplesmente imploro.

— Por favor? Por favoriiiiinho? — Eu me pergunto se minha cara de gatinho do Shrek é tão eficaz com ela quanto a dela sempre é comigo. Meu instinto inicial foi jogar a desgraçada em cima do ombro e carregá-la à força, mas também estou curioso quanto à eficiência da minha técnica implorativa.

Ela ruma por um minuto e finalmente cede ao meu charme.

— Tá — ela admite, um pouco exasperada.

Eu pego o cobertor do porta-malas e nós passamos juntos por cima da vala e da cerca baixa, depois cruzamos o enorme campo até que encontramos um bom lugar, vários metros à frente. Tenho uma sensação de déjà vu. Estendo o cobertor na grama seca e verifico rapidamente se há cobras nos arredores, só para deixá-la mais tranquila. Nós nos deitamos lado a lado, de costas, com as pernas esticadas sobre o cobertor, cruzando os tornozelos. E olhamos para a imensidão escura e infinita do céu cheio de estrelas. Camryn aponta várias constelações e planetas, me explicando cada um em detalhes, e eu fico impressionado em ver o quanto ela sabe, e como consegue reconhecê-los.

— Eu nunca imaginei que você fosse tão... — tenho dificuldade para encontrar as palavras certas.

— Tão culta? — Sinto que ela sorri discretamente ao meu lado.

— Bom, eu... não quis dizer que acho você...

— Uma garota desmiolada e superficial que não sabe que a Via Láctea não é uma comida de bebê, nem que a teoria do Big Bang é mais do que um seriado de TV?

— É, alguma coisa assim — digo, só para fazer o jogo dela. — Não, mas falando sério, como sabe tudo

isso? Nunca pensei que você se interessasse por ciências.

— Eu queria ser astrofísica. Decidi isso quando tinha uns 12 anos.

Fico completamente chocado com sua confissão, mas continuo olhando as estrelas com ela, meu sorriso aumentando.

— Bom, na verdade eu queria ser isso, mais física e astronauta e também trabalhar na NASA, mas acho que eu tava meio iludida, na época. Obviamente.

— Camryn — eu digo, ainda tão surpreso que mal sei o que dizer. — Por que você nunca me contou isso?

Ela dá de ombros.

— Não sei — ela diz. — O assunto nunca surgiu. Você nunca sonhou em ser alguma coisa diferente do que é?

— Acho que sim — respondo. — Mas, amor, por que você não foi atrás disso? — Eu levanto o corpo do cobertor e me sento. Isso pede toda a minha atenção.

Ela olha para mim como se eu estivesse exagerando.

— Provavelmente pelo mesmo motivo que você não foi atrás do que você queria ser. — Ela dobra os joelhos e cruza as mãos sobre a barriga. — O que você queria ser?

Não quero falar de mim agora, mas acho melhor responder, já que ela me perguntou duas vezes.

Eu também dobro os joelhos e apoio os antebraços sobre eles.

— Bom, à parte o clichê de sonhar em ser um astro do rock, como todo mundo, eu queria ser arquiteto.

— Sério?

— Sim — digo, balançando a cabeça.

— Era isso que você tava estudando antes de largar a faculdade?

Eu balanço a cabeça.

— Não — digo, e rio um pouco do absurdo da minha resposta. — Eu tava fazendo faculdade de ciências contábeis e administração.

Camryn franze o cenho.

— Ciências contábeis? Tá falando sério? — Ela está quase rindo.

— Pois é, você vê? — digo, rindo também. — Aidan me ofereceu sociedade no bar dele. Na época, eu só via cifrões na minha frente, e achei que ter um bar seria uma oportunidade e tanto. Eu poderia tocar lá e... não sei o que eu tava pensando, mas topei a proposta do meu irmão na hora. Até ele começou a dizer que eu precisava entender a parte administrativa do negócio, essa porra toda. Eu entrei na faculdade, e foi então que a ideia foi por água abaixo. Eu tava cagando pras ciências contábeis, pra administrar um bar ou ter que lidar com todos os aspectos negativos de ter um negócio. — paro por um momento e então digo: — Acho que, como você disse, eu tava iludido, queria todos os aspectos positivos, mas nenhum negativo. Quando percebi que não era assim que funcionava, falei: foda-se.

Ela se senta junto de mim.

— Então por que você não foi atrás de ser arquiteto?

Eu dou um sorrisinho.

— Provavelmente pelo mesmo motivo que você não foi atrás de ser astrofísica.

Ela apenas sorri, sem ter como rebater isso.

Eu olho para o cabelo louro de Camryn e para o campo.

— Acho que somos só duas almas perdidas nadando num aquário — declaro.

Seus olhos se estreitam.

— Já ouvi isso em algum lugar.

Eu sorrio e aponto rapidamente para ela.

— É Pink Floyd. Mas é verdade.

— Você acha que a gente tá perdido?

Eu inclino um pouco a cabeça, olho para as estrelas atrás dela e digo:

— Na sociedade, talvez. Mas juntos, não. Acho que estamos exatamente onde precisamos estar.

Nenhum dos dois diz mais nada por um bom tempo.

Ficamos deitados um ao lado do outro, fazendo o que fomos fazer ali. Enquanto olho para a escuridão infinita daquele céu, fico totalmente assombrado com o momento. Acho que encontro um pouco de mim mesmo naquelas estrelas. Por um bom tempo esqueço a música, a estrada, o tumor que quase me matou ano passado e o momento de fraqueza que quase matou o espírito de Camryn. Esqueço que perdemos Lily e que sei que Camryn parou de tomar anticoncepcional e não me contou. E esqueço também que parei de gozar fora por um motivo e não contei a ela.

Eu realmente esqueço tudo. Porque é isso que um momento assim faz com você. Faz você se sentir algo tão pequeno, dentro de algo tão imenso que está além da compreensão. Apaga todos os seus problemas, suas dificuldades, todas as suas necessidades, aspirações e desejos mundanos, te obrigando a perceber o quanto tudo isso na verdade é insignificante. É como se a Terra ficasse completamente silenciosa e imóvel, e sua mente só pudesse entender ou sentir a imensidão do Universo, e você fica sem fôlego pensando no seu lugar dentro dele.

Quem precisa de psiquiatras? Quem precisa de acompanhamento psicológico, mentores e palestras motivacionais? Vão todos pra casa do caralho. Apenas olhe para o céu noturno e se deixe perder nele de vez em quando.



Algo desagradável me acordava na manhã seguinte. Farejo o ar de olhos ainda fechados, minha mente não totalmente acordada, mas meu corpo e meu olfato funcionando antes de mim. Há uma brisa fresca no ar e minha pele parece úmida, como se eu estivesse coberto de orvalho. Virando para o outro lado, farejo o ar de novo e o cheiro é ainda pior do que antes. Ouço algo raspando nas proximidades, e finalmente meus olhos se abrem um pouco. Camryn está capotada ao meu lado. Mal consigo ver sua trança loura em cima do cobertor entre nós. Ela parece estar encolhida em posição fetal.

Que fedor é esse?!

Cubro a boca com a mão e começo a me levantar do cobertor. Camryn começa a se mexer ao mesmo tempo, virando de barriga para cima e esfregando o rosto e os olhos com as duas mãos. Ela boceja. Quando me sento e abro completamente os olhos, Camryn pergunta:

— Que fedor da porra é esse? — e faz uma careta.

Estou para responder que deve ser o bafô dela, quando seus olhos azuis ficam arregalados de pavor, ao olhar atrás de mim.

Instintivamente, eu me viro rápido.

Uma manada de vacas está a poucos metros de nós, e quando percebem que estamos nos mexendo, elas se assustam.

— Meu Deus! — Camryn se põe de pé num pulo mais rápido do que na noite em que a cobra subiu no nosso cobertor, me fazendo pular também.

Duas vacas mugem, gemem e grunhem, recuando para perto das outras, agitando a manada ainda mais.

— Acho melhor a gente sair correndo — digo, pegando Camryn pela mão e disparando com ela. Nem paramos para pegar o cobertor, de início, mas eu paro e me viro, segundos depois, para agarrá-lo. Camryn grita, eu começo a rir e nós desabalamos para longe das vacas, na direção do carro.

— Puta meeeerda! — eu grito, enfiando o pé num monte enorme da substância.

Camryn cacareja de tanto rir, e ambos praticamente rolamos o resto do caminho pelo campo, eu tentando raspar a bosta da sola do sapato e correr ao mesmo tempo, e os chinelos de dedo de Camryn grudando no chão, tentando acompanhar seus passos.

— Não acredito que isso aconteceu! — Camryn ri quando finalmente alcançamos o carro. Ela fica encurvada e apoia as mãos nos joelhos, tentando recuperar o fôlego.

Eu também estou sem fôlego, mas continuo a raspar incansavelmente a sola do meu sapato no asfalto.

— Puta que pariu! — exclamo, esfregando o pé para todo lado.

Camryn se senta no capô do carro, balançando as pernas.

— Agora valeu pra você? — ela pergunta, com riso na voz.

Eu fico parado, ofegando. Olho para ela, para seu sorriso lindo e radiante e digo:

— É, acho que já dá pra riscar esse item da lista.

— Ótimo! — ela diz. Depois aponta para trás de mim. — Esfrega na grama. Assim você só tá espalhando bosta pra todo lado.

Eu saltito para a grama e começo a esfregar o pé de novo.

— Desde quando você virou especialista em bosta?

— Veja lá como fala — ela avisa, se sentando no lugar do motorista.

— Por que, o que você vai fazer? — eu provoco.

Ela dá a partida no Chevelle e acelera algumas vezes. Há um brilho cruel no seu olhar. Ela apoia o braço esquerdo na janela aberta, e quando me dou conta, o carro já está passando lentamente por mim.

Eu a fuzilo com o olhar como aviso, mas seu sorriso só aumenta.

— Eu sei que você não me deixaria aqui! — grito quando ela passa.

É claro que não...

Ela se afasta cada vez mais, e de início eu pago pra ver, parado ali, vendo o carro ficar cada vez menor...

Por fim, eu saio correndo atrás do carro.





A PRIMEIRA COISA que me vem em mente quando chegamos a Nova Orleans é *lar doce lar*. Fico empolgada quando o cenário se torna familiar: os grandes carvalhos e as lindas casas históricas, o Lago Pontchartrain e o Superdome, os bondes vermelhos e amarelos que sempre me pareceram de brinquedo. E, é claro, o Bairro Francês. Tem até um homem tocando saxofone numa esquina, e sinto que entramos diretamente num cartão-postal de Nova Orleans.

Olho para Andrew e ele sorri para mim rapidamente. Ele dá a seta e viramos à direita na Royal Street. Meu coração falha e bate forte ao mesmo tempo quando vejo o Holiday Inn. Tanta coisa aconteceu aqui há dez meses. Este lugar... logo um hotel... é tão mais do que isso para mim, para nós dois.

— Imaginei que você gostaria de ficar aqui enquanto estivéssemos na cidade — Andrew diz, com um enorme sorriso.

Como as lembranças ainda estão, por assim dizer, tirando meu fôlego, não consigo responder, por isso só balanço a cabeça e sorrio como ele.

Pegamos nossas coisas no carro e entramos no saguão. Tudo parece exatamente igual, exceto talvez as duas mulheres na recepção, quando nos aproximamos. Não me lembro delas.

Ouçoo vagamente Andrew perguntar sobre a disponibilidade dos quartos que ocupamos da outra vez enquanto olho ao meu redor, tentando absorver tudo.

Meu Deus, senti falta deste lugar.

— Sim, parece que esses dois quartos estão vagos — ouçoo uma das recepcionistas dizer. — Querem ficar com os dois?

Isso chama a minha atenção.

Andrew se vira para mim. Acho que ele quer minha opinião.

Passo a bolsa para o outro ombro e hesito por um momento, ponderando a pergunta. Não previ isso, nem que a decisão seria tão difícil.

— Hãã, bem... — Olho para Andrew e depois para a recepcionista, ainda indecisa. — Não sei. Tã, talvez a gente devesse ficar naquele onde... — Eu me interrompo, sem querer dar a impressão de que somos dois adolescentes imaturos, desta vez, e encaro Andrew com um olhar que diz tudo. — Aquele onde o pacto foi selado.

Andrew luta para se manter sério, mas vejo claramente o sorriso em seus olhos quando ele entrega o cartão de crédito à recepcionista.

Saímos do saguão logo depois e tomamos o elevador até nosso andar. Andando pelo corredor, ainda estou absorvendo tudo ao meu redor, até a cor da tinta das paredes, porque tudo faz parte de uma lembrança, por maior, menor ou aparentemente insignificante que seja. A sensação de estar aqui de novo... sinto quase que vou cair no choro de felicidade. Mas também estou empolgada, e isso me salva de me debulhar em lágrimas.

Andrew para entre as duas portas dos nossos antigos quartos, com as duas mochilas e a guitarra elétrica que lhe dei penduradas nos ombros. Ele quer comprar um estojo para a guitarra, mas ainda não fez isso.

— É estranho estar aqui de novo, não? — ele pergunta, me olhando.

— Estranho, mas de um jeito bom.

Ficamos assim por um minuto, olhando um para o outro e para as duas portas, até que finalmente Andrew se dirige para o quarto que escolhemos e passa o cartão na fechadura.

É realmente como entrar no passado. A porta se abre lentamente, e é como se todas as emoções que experimentamos naquele quarto tivessem sido deixadas ali e estivessem nos cumprimentando agora, quando

entramos. Assim que pisamos lá dentro, lembro cada noite que passamos aqui, separados e juntos, como se fosse ontem. Olho para o lugar perto da cama onde eu estava quando Andrew me domou e me tornou sua. Olho pela janela para as ruas movimentadas do Bairro Francês. Revejo o dia em que Andrew se sentou naquela soleira tocando violão, e até me vejo ali, dançando e cantando “Barton Hollow”, quando achei que estava sozinha. Eu me viro para ver o banheiro, e quando Andrew acende a luz, meu olhar vai primeiro para o chão e lembro, embora vagamente, a noite em que ele dormiu ao meu lado.

Acho que às vezes as melhores lembranças se criam nos lugares mais improváveis, mais uma prova de que a espontaneidade é mais recompensadora do que uma vida meticulosamente planejada. Do que qualquer coisa meticulosamente planejada.

Eu me viro para Andrew.

— Não sei por quê, mas eu sinto... bom, sinto que todos os meses que passamos na estrada desde dezembro foram pra chegar a este lugar. Esta cidade. Este hotel. — Não acredito que estou dizendo isso, e imediatamente começo a questionar meus motivos. Pode significar tantas coisas diferentes, mas acho que o maior significado é que nós precisávamos voltar para lá.

Sim, é exatamente isso, ou pelo menos é o que eu precisava. Quando recebo essa revelação, me vejo parada naquele quarto, cercada por pensamentos em vez de objetos materiais. Olho nos olhos de Andrew, mas na verdade não é ele que vejo. O que vejo é ele no passado. Os mesmos olhos verdes magnéticos, outro ano.

Por que estou me sentindo assim?

— Talvez você tenha razão — ele concorda, e então seu tom de voz fica mais misterioso. — Camryn, o que você tá pensando agora?

— Que a gente foi embora cedo demais da última vez. — Foi a primeira coisa que pensei, e só agora que falei começo a entender o quanto pode ser verdade.

— Por que você acha isso? — ele pergunta, se aproximando de mim.

Não sinto que ele está me fazendo perguntas para as quais já sabe as respostas, desta vez. É como se ambos estivéssemos seguindo a mesma linha de raciocínio, ambos tentando entender o sentido de tudo e buscando respostas um no outro.

Nós nos sentamos no pé da cama juntos, eu com as mãos no meio das coxas, como ele, e ficamos em silêncio por vários longos segundos. Finalmente, viro a cabeça para olhá-lo à minha direita e digo:

— Eu não queria partir quando a gente partiu, Andrew. Eu sabia que nossa próxima parada, depois de Nova Orleans, seria Galveston. Eu não tava preparada pra deixar este lugar... mas não sei por quê.

E essa verdade me deixa ansiosa.

Por quê? Além de temer que o Texas significasse o fim da nossa viagem, ou mais tarde sentir que eu sabia que algo ruim iria acontecer lá, por que mais eu iria querer ficar? Eu não queria necessariamente ficar ali para sempre, só acho que partimos cedo demais.

— Não sei — ele diz, dando de ombros. — Talvez seja porque foi aqui que finalmente selamos o pacto. — Ele me dá uma cotoveladinha de brincadeira.

Não consigo deixar de sorrir.

— É, talvez, mas acho que é mais do que isso, Andrew. Acho que é porque a gente se encontrou aqui. — Eu olho para a parede, pensativa. — Não sei mesmo.

Sinto a cama se movimentar quando Andrew se levanta.

— Bom, sugiro que desta vez a gente aproveite ao máximo antes de partir. — Ele estende a mão para mim e eu a seguro. — Talvez a gente desvende esse mistério.

*Eu me levanto e digo:*

*— Ou... talvez seja uma nova chance.*

*Sinceramente, não faço ideia do que me levou a dizer isso.*

*— Uma nova chance de quê, exatamente? — ele pergunta.*

*Eu fico em silêncio, pensando, e em seguida respondo:*

*— Isso eu também não sei...*



*EU ANINHO O rosto dela em minhas mãos.*

— *A gente não precisa entender tudo isso já — digo, beijando-a nos lábios. — Eu tô fedendo a bosta de vaca e preciso de um banho. Espero que isso não seja brochante demais e que você queira tomar banho comigo.*

*A expressão pensativa de Camryn se dissolve no sorriso que eu queria provocar.*

*Eu a pego no colo, segurando sua bunda, e ela cruza as pernas ao redor da minha cintura, com os braços nos meus ombros. Assim que sinto sua língua quente na minha boca, começo a levá-la para o chuveiro comigo, nós dois já tirando as camisetas antes de passar pela porta do banheiro.*

~~~~~  
O primeiro lugar aonde vamos depois que escurece é o Old Point Bar. Ao entrarmos somos recebidos por uma Carla empolgada, que praticamente remove dois caras grandes do caminho aos empurrões para me alcançar, de braços abertos. Nós nos abraçamos.

— *É tão bom ver você de novo! — Carla exclama, por cima da música alta. — Deixa eu te olhar! — Ela dá um passo para trás e me examina de alto a baixo. — Continua bonitão como sempre.*

Ela se vira para Camryn, agora. Depois olha pra mim e novamente para Camryn.

— *Hã-hã, eu sabia que ele não ia largar de você. — Ela puxa Camryn para um abraço apertado. — Eu falei pro Eddie, depois que vocês foram embora — Carla continua, olhando de um para o outro —, que ela tinha vindo pra ficar. Eddie concordou, é claro. Ele disse que a próxima vez que você viesse pra cá, Camryn estaria com você. Tentou me convencer a apostar dinheiro nisso. — Ela aponta para mim e pisca. — Você sabe como Eddie era.*

Em dois segundos, sinto meu coração afundar até os pés.

— *“Era”? — pergunto, desconfiado, com medo da resposta dela.*

Carla não deixa de sorrir, um pouco, talvez, mas quase não deixa de sorrir.

— *Sinto muito, Andrew, mas Eddie morreu em março. Dizem que foi um derrame.*

Eu fico sem ar e me sento num banquinho do bar que está ao meu lado. Percebo Camryn chegando perto de mim. Só consigo olhar para o chão.

— *Ah, não, não faz isso, tá me ouvindo? — Carla pede. — Você conhecia Eddie melhor do que ninguém. Ele não chorou nem quando perdeu o filho. Lembra? Tocou guitarra a noite toda em homenagem ao Robert.*

A mão de Camryn segura a minha. Eu não ergo os olhos até que Carla dá a volta no balcão e pega dois copos e uma garrafa de uísque da prateleira de vidro atrás dela. Ela põe os copos na minha frente e começa a servir.

— *Ele sempre dizia — Carla continua — que, se morresse antes da gente, ia preferir ser acordado do Outro Lado por pessoas dançando sobre o tímulo dele, e não chorando em volta. Agora bebe. O uísque favorito dele. Eddie não iria querer outra coisa.*

Carla tem razão. Mesmo assim, e mesmo sabendo que Eddie detestaria que qualquer um chorasse por ele, não consigo fechar o buraco sem fundo que sinto no coração, agora. Olho para Camryn ao meu lado e vejo que ela está tentando não chorar, com os olhos rasos d'água. Mas ela sorri, e sinto sua mão apertando a minha de leve. Camryn pega um dos uísques que Carla serviu e espera que eu pegue o outro. Estendo a mão sobre o balcão e seguro o copo.

— *Ao Eddie — digo.*

— *Ao Eddie — Camryn repete.*

Nós batemos os copos, sorrimos um para o outro e bebemos.

Nosso momento sério termina rapidamente quando Camryn bate o copo de boca para baixo no balcão. Ela faz a cara mais enojada e chocada que já vi uma garota fazer e solta um som como se sua garganta estivesse pegando fogo.

Carla ri e tira o copo do balcão, limpando o lugar com um trapo.

— Eu não falei que era bom, só falei que era do Eddie.

Até eu preciso admitir que aquela bosta é horrorosa. Engasga-gato horrroso da porra. Não sei como Eddie aguentou bebê-lo todos esses anos.

— Vocês dois ainda cantam juntos? — Carla pergunta.

Camryn se senta no banquinho vazio ao meu lado e responde primeiro: — Sim, a gente tem cantado muito.

Carla olha para nós dois, desconfiada, pegando meu copo e guardando-o sob o balcão.

— Têm cantado muito há quanto tempo? E por que não vi vocês por aqui antes?

Eu suspiro fundo e apoio as mãos no balcão para ficar mais confortável.

— Bom, depois que a gente saiu daqui, fomos pra Galveston e eu meio que fui parar no hospital por causa daquele tumor.

— Você meio que foi parar no hospital? — Carla repete, e eu me pergunto se a espertinha não é parente distante daquele policial da Flórida. Ela aponta severamente para mim, mas está falando com Camryn. — A gente falou pra ele ir pro médico, mas ele não ouve.

— Vocês também sabiam? — Camryn pergunta.

Carla balança a cabeça.

— A gente sabia, sim. Mas esse cara é teimoso feito uma mula.

— Nisso eu concordo com você — Camryn diz, com um traço de riso na voz.

Eu balanço a cabeça e me afasto novamente do balcão.

— Bom, antes que vocês duas juntem forças contra mim — digo —, obviamente eu tô vivo. Depois, Camryn e eu tivemos uns problemas sérios, mas conseguimos superar numa boa. — Eu sorrio para ela com ternura.

— Parece que vocês fecharam um ciclo — Carla diz e chama a nossa atenção ao mesmo tempo. — Espero que toquem esta noite. Eddie adoraria estar no palco com vocês pela última vez.

Camryn e eu nos entreolhamos rapidamente.

— Eu topo — ela diz.

— Eu também.

Carla bate palmas.

— Tudo bem, então! Podem se apresentar a hora que quiserem. A única banda que ia tocar hoje cancelou.

Ficamos no balcão com Carla por uma hora antes de finalmente subir ao palco. E embora o bar não esteja muito cheio hoje, tocamos para uma plateia animada. Começamos com nosso dueto tradicional, “Barton Hollow”. Parece adequado que seja o primeiro número, já que foi em Old Point que o tocamos juntos pela primeira vez. Tocamos várias canções antes de finalmente chegar a “Laugh, I Nearly Died”, que eu anuncio antes ser em homenagem a Eddie Johnson. Canto sem Camryn e com um substituto de Eddie, um creole simpático chamado Alfred.

Pouco depois da meia-noite, Camryn e eu nos despedimos de Carla e do Old Point Bar. Mas, bem ao estilo de Nova Orleans, não vamos para a cama cedo, ficamos na rua e curtimos feito gente grande.

Passamos primeiro no d.b.a., depois no bar onde Camryn me ensinou como se joga bilhar, naquela noite. Já faz quase um ano que estivemos ali e fomos jogados na rua depois de uma briga; espero que não se lembrem de mim. As duas da manhã, depois de vários jogos e vários drinques, como da última vez, estou ajudando Camryn a entrar no elevador do hotel, porque ela mal se aguenta em pé.

— Você tá bem, amor? — pergunto, rindo, ajeitando meu braço na sua cintura.

Sua cabeça balança de um lado para o outro.

— Não, não tô bem. E é lógico que você ri.

— Aaah, desculpa — eu digo, mas sou sincero só em parte. — Não tô rindo de você, só imaginando se vamos dormir ao lado da privada de novo.

Ela geme, embora eu ache que é seu jeito de protestar comigo, e não de manifestar desconforto. Eu a seguro melhor quando a porta do elevador se abre e ando com ela pelo corredor até nosso quarto. Eu a levo até a cama, tiro toda a sua roupa, menos a calcinha, e a ajudo a vestir um top. Ela encosta a cabeça no travesseiro e eu começo a cobri-la com o lençol. Mas aí lembro que, bêbada assim, qualquer coisa além da calcinha e do top vai fazê-la suar muito, levando-a a perder todo o álcool que bebeu esta noite.

Só por segurança, pego o cestinho de lixo de perto da TV e o coloco ao lado da cama, no chão. Depois vou para o banheiro, molho um pano com água fria e torço na pia. Mas quando volto para a cama para limpar o rosto e a testa de Camryn, ela já está capotada.



Quando acordo na manhã seguinte, fico surpreso ao ver que ela acordou antes de mim.

— Bom dia, amor — ela diz tão baixinho que é quase um sussurro.

Abrindo os olhos, eu a vejo deitada de lado, virada para mim, com o rosto encostado no travesseiro. Seus olhos azuis estão quentes e vibrantes, não com o olhar cansado de ressaca que eu esperava.

— Por que tá acordada tão cedo? — pergunto, passando os dedos na sua bochecha.

— Não sei — ela diz. — Eu mesma fiquei um pouco surpresa.

— Como se sente?

— Tô ótima.

Passo o braço em sua cintura e puxo seu corpo para junto do meu, trançando nossas pernas nuas. Ela passa a ponta do dedo nos músculos definidos do meu peito. Seu toque faz minha pele ficar arrepiada.

Estudo seus olhos, sua boca e deixo as pontas dos meus dedos seguirem cada caminho que meus olhos fazem. Eu a acho tão linda. Linda pra cacete. Ela passa seus dedos nos meus e depois os beija, um por um, e aproxima ainda mais seu corpo. Algo está diferente nela.

— Tem certeza de que você tá bem? — pergunto.

Um sorriso terno aquece seus olhos e ela balança a cabeça. Então encosta os lábios nos meus, apertando os seios com força no meu peito. Seus mamilos estão duros. Eu fico de pau duro antes mesmo de sentir sua mão segurando minha ereção. Ela lambe a ponta da minha língua antes de fechar a boca ao redor da minha, e eu abraço seu corpo num gesto possessivo. Ela se aperta contra mim lá embaixo, com a maciez de sua pele e sua umidade que sinto tão facilmente através da calcinha fina de algodão. Sem interromper o beijo faminto, enfio os dedos nos lados de sua calcinha e a tiro. Empurro o quadril contra ela, apertando meu pau inchado no seu calor.

Eu rolo por cima dela e a olho nos olhos. Mas não digo uma palavra. Não digo o quanto ela está molhada, nem a obrigo a me olhar. Não a domino com palavras, gestos ou exigências. Só olho em seus olhos e sei que este é um momento em que palavras não são necessárias.

Beijo seus lábios suavemente de novo, os cantos de sua boca, o contorno de seu maxilar. Abrindo-lhe os

lábios com a língua, eu a beijo muito suavemente e seguro meu pau, esfregando-o nela. Sinto suas ancas se aproximarem de mim, me comunicando o quanto ela me quer dentro de si. Não quero provocá-la desta vez, nem negar o que ela precisa, por isso enfio só um pouco e a vejo perder o controle do seu olhar, seus olhos tremendo, seus lábios se abrindo. Forçando o pau mais para dentro, sinto suas pernas tremendo em volta de mim. Ela geme baixinho, mordendo o lábio inferior. Eu a beijo de novo e finalmente meto fundo nela, até onde consigo. Mantenho o pau ali, curtindo as convulsões de suas pernas, o tremor de suas mãos que se agarram em mim, seus dedos afundando nas minhas costas.

Eu entro nela com mais força, mexendo os quadris. Uma fina camada de suor começa a se formar nos nossos corpos. Quero lambê-lo, mas não paro. Não consigo parar...

Levanto o corpo o suficiente para que nossos peitos não se toquem e pego uma de suas pernas das minhas costas, segurando-a atrás do joelho, empurrando-a para baixo para poder ir mais fundo. Penetro nela com mais força, empurrando a coxa contra a cama. Ela diz meu nome, suas mãos agarrando meu peito, mas ela me larga e afunda os dedos no alto do colchão, acima de sua cabeça. Eu olho com desejo seus seios balançando para cima e para baixo sobre seu peito e meto com mais força ainda, me curvando para chupar seus mamilos e depois mordê-los.

Minha visão fica embaçada. Ela geme alto e depois começa a murmurar. O murmúrio me deixa louco. Eu largo sua coxa e sinto meu corpo se aproximando dela de novo, seus seios esmagados no meu peito, seus braços apertando forte minhas costas. Sinto suas unhas cravadas dolorosamente na minha carne. Ela movimentando os quadris contra os meus, e minha boca bate com força na dela. Quando começo a gozar, meu beijo fica mais faminto. Tremores percorrem meu corpo, eu gemo na sua boca e minhas arremetidas violentas se reduzem a um rebolado suave. Camryn prende meu lábio inferior nos dentes e eu a beijo com delicadeza, ainda balançando os quadris contra ela até terminar.

Eu desabo sobre o peito dela. Minha pulsação irregular tenta voltar ao ritmo certo, e sinto o sangue latejando nos dedos das mãos e dos pés e castigando a veia da minha têmpora. Encosto a lateral do rosto em seus seios nus, de boca aberta, minha respiração escapando irregular dos lábios. Seus dedos atravessam meu cabelo úmido.

Ficamos juntos assim ali a manhã toda, sem dizer uma palavra.

NÃO ME LEMBRO de ter pegado no sono. Quando abro os olhos, o relógio ao lado da cabeceira diz que são 11h10. E percebo que me sinto nu não por estar sem roupa, mas sim porque Camryn não está na cama comigo.

Ela está sentada na sacada da janela, de short e camiseta, sem sutiã. Está olhando pela janela.

— Acho que a gente devia ir embora — ela anuncia, sem tirar os olhos da brilhante paisagem de Nova Orleans.

Eu me sento na cama com o lençol enrolado na cintura.

— Quer ir embora de Nova Orleans? — pergunto, confuso. — Mas você não disse que a gente foi embora cedo demais, da outra vez?

— Sim — ela diz, mas ainda sem se virar. — Da primeira vez a gente foi embora cedo demais, mas não podemos ficar aqui mais tempo, agora, pra compensar.

— Mas por que você quer ir embora? A gente só ficou um dia.

Ela se vira para me encarar. Há algo como sentimento ou firmeza em seus olhos, mas não consigo saber qual dos dois, ou se são os dois.

Depois de uma longa hesitação, ela diz:

— Andrew, sei que pode parecer bobagem, mas acho que se a gente ficar aqui... eu...

Eu me levanto da cama e visto a cueca que encontro no chão.

— O que tá acontecendo? — pergunto, me aproximando dela.

Ela olha para mim.

— Eu só acho que... bom, quando a gente chegou aqui, ontem, eu só conseguia pensar no que este lugar significava pra gente julho passado. Me dei conta de que eu ficava imaginando os momentos que passaram, tentando revivê-los...

— Mas não são exatamente os mesmos — digo, tendo uma ideia.

Ela leva um segundo, mas finalmente diz, balançando um pouco a cabeça:

— É. Acho que o problema é que este lugar é uma lembrança tão importante... Porra, Andrew, eu nem sei o que tô dizendo! — Sua expressão pensativa se dissolve em frustração.

Eu puxo uma cadeira da mesa diante da janela, me sento, me debruçando para a frente e pondo as mãos fechadas entre os joelhos, e olho para ela. Começo a acrescentar algo à sua explicação, mas ela é mais rápida.

— Talvez a gente nunca mais devesse voltar aqui.

Eu não esperava que ela dissesse isso.

— Por quê?

Ela aperta as palmas das mãos na sacada para erguer o corpo, com os ombros rígidos e as costas encurvadas. A confusão e a incerteza começam a desaparecer de seu rosto à medida que os segundos passam e ela começa a entender.

— Tipo, sabe, não importa o que você faça, mesmo se tentar reproduzir uma experiência em cada detalhe, ela nunca vai ser do jeito que foi quando aconteceu naturalmente da primeira vez. — Ela olha pelo quarto, pensativa. — Quando eu era criança, Cole e eu sempre brincávamos no bosque atrás da nossa velha casa. São minhas melhores lembranças. A gente construiu uma casa na árvore lá. — Ela me olha e ri um pouco, expirando. — Bom, não era bem uma casa na árvore, só umas tábuas pregadas no meio de dois galhos. Mas era a nossa casa na árvore, e tínhamos orgulho dela. E a gente brincava nela e naquele bosque todo dia depois da aula. — Seu rosto se ilumina quando ela lembra esse momento de sua infância. Mas

então seu sorriso começa a desaparecer. — A gente se mudou de lá pra casa onde minha mãe mora agora, e eu sempre pensei naquele bosque, na nossa casa na árvore e nos momentos divertidos que passamos juntos ali. Eu ficava sentada sozinha no meu quarto, ou então tava dirigindo pra algum lugar, e me perdia tanto nessas lembranças que conseguia sentir as mesmas emoções, exatamente como senti há tantos anos. — Ela põe a mão no peito, com os dedos abertos. — Eu voltei pra lá um dia — ela continua. — Fiquei tão viciada naquela nostalgia que achei que poderia intensificar a sensação se eu fosse pra lá, se ficasse no lugar onde ficava a casa na árvore, se me sentasse no chão, no lugar onde me sentava e riscava o chão com um pauzinho, deixando mensagens secretas para Cole ler quando chegava antes dele. Mas não foi a mesma coisa, Andrew.

Eu a observo e a escuto atentamente.

— Não foi a mesma coisa — ela repete com voz distante. — Fiquei tão decepcionada. E parti naquele dia com um buraco no coração ainda maior do que aquele que eu tinha quando fui pra lá tentar preenchê-lo. E todo dia depois disso, sempre que tento visualizar tudo aquilo, como eu fazia antes, não consigo mais. Eu destruí essa lembrança voltando lá. Sem perceber até que fosse tarde demais, eu substituí a lembrança pelo vazio daquele dia.

Eu conheço exatamente essa sensação de nostalgia. Acho que todos a sentem em algum momento de suas vidas, mas não explico nem conto minhas próprias experiências com ela. Em vez disso, continuo a escutar.

— A manhã toda fiquei enganando meu cérebro, tentando convencê-lo de que não estamos realmente neste quarto. Que o bar aonde a gente foi ontem não era o Old Point. Que a notícia triste sobre Eddie foi só um sonho que eu tive. — Ela me olha nos olhos. — Quero ir embora antes de destruir esta lembrança também.

Ela tem razão. Está coberta de razão.

Mas estou começando a me perguntar se...

— Camryn, por que você tava tentando reviver aquilo? — Odeio o que vou dizer a seguir. — Você não tá feliz com as coisas como estão? Com a gente?

Sua cabeça se ergue bruscamente, seus olhos incrédulos. Mas então seu semblante relaxa e ela diz:

— Meu Deus, não é isso, Andrew. — Ela se afasta da sacada e entra no meio das minhas pernas abertas. — Não é nada disso. Acho que foi só porque a gente veio pra cá que eu comecei, no meu subconsciente, a tentar recriar uma das experiências mais memoráveis da minha vida. — Ela apoia as mãos nos meus ombros, e eu seguro os lados de sua cintura, olhando para ela. Não poderia estar mais aliviado pela sua resposta.

Sorrio, me levanto com ela e digo:

— Bom, sugiro que a gente suma daqui antes que seu cérebro descubra que você tá zoando com ele.

Ela dá uma risadinha.

Eu me afasto dela e imediatamente começo a jogar nossas coisas nas mochilas. Depois aponto para o banheiro.

— Não esqueça nada. — Seu sorriso aumenta e ela corre imediatamente para o banheiro. Em poucos minutos frenéticos, nossas malas estão feitas. Temos duas mochilas, uma guitarra e um violão, e sem olhar para trás, saímos do quarto. Nenhum dos dois olha nem de relance para a porta do quarto ao lado, que não ocupamos desta vez. Quando chegamos ao saguão, vou até o balcão da recepção e peço reembolso pela semana que paguei adiantado. A recepcionista pega meu cartão de crédito e faz o estorno enquanto eu entrego a chave do quarto.

Camryn espera impacientemente ao meu lado.

— Para de olhar pras coisas — exijo, sabendo que ela está pondo sua lembrança em risco. Ela ri baixinho e fecha os olhos com força por um momento.

— Obrigada por se hospedarem no Holiday Inn Nova Orleans — a recepcionista diz, quando nos afastamos do balcão. — Esperamos vê-los de volta.

— Holiday Inn? — eu finjo. — Não, este é o... Embassy Suites de... Gulfport. É, aqui é o Mississippi. Qual o seu problema, moça?

A funcionária faz uma careta e arregala os olhos, mas não responde, e nós saímos do prédio.

Camryn entra na brincadeira quando saímos e começamos a pôr tudo no Chevelle:

— Sugiro que a gente passe reto por Nova Orleans, quando chegar na Louisiana.

Fingir que estamos num lugar diferente não é tão difícil quanto pensei que seria, na verdade.

— Combinado — digo, fechando a porta do meu lado. — A gente pode passar reto por Galveston, também, se você quiser.

— Não, precisamos visitar sua mãe — ela diz. — Depois podemos ir pra qualquer lugar.

Eu engato a marcha e digo, antes de sair do estacionamento:

— Mas isso não impede que a gente pare em algum lugar a caminho de Galveston.

Ela estufa os lábios, balançando a cabeça afirmativamente.

— É verdade. — Em seguida, me olha como que dizendo: Agora vamos embora daqui.



Pegamos o caminho mais longo saindo de Nova Orleans e vamos para noroeste passando por Baton Rouge e Shreveport, e finalmente cruzamos a divisa do Texas e chegamos a Longview. Paramos para abastecer em Tyler e dirigimos de lá até Dallas, onde Camryn insiste em parar no West Village para comprar um “chapéu de vaqueira di verdadei” (suas palavras, não minhas).

— Num dá pra viajar pelo Texas sem tá vistida de texana! — ela disse, antes que eu concordasse em levá-la.

Eu não uso chapéu nem botas de vaqueiro, mas devo dizer que o visual fica bem nela.

E paramos por uma noite em La Grange, onde tomamos uns drinques e assistimos à apresentação de um ótimo grupo de country-rock. E na noite seguinte vamos pro Gilley's, onde Camryn monta El Torro, o touro mecânico, com aquele chapéu sexy de vaqueira, é claro. E mais tarde, quando voltamos para o hotel, como sou um puta dum tarado, finjo que sou o touro mecânico e deixo Camryn me montar. Usando o chapéu de vaqueira, naturalmente.

Dois dias depois, nos vemos a cerca de uma hora de Lubbock, parados no acostamento, com um pneu estourado. Acho que eu deveria ter verificado os quatro naquele posto de gasolina em Tyler.

— Que bosta, amor — eu reclamo, agachado perto do pneu estraçalhado. — Não tenho outro estepe.

Camryn se apoia na lateral do carro, cruzando os braços sobre o peito. O suor brilha em seu rosto e na pele do decote. Está um calor do cacete. Não há nenhuma árvore nem abrigo de espécie alguma num raio de quilômetros. Estamos rodeados por uma paisagem quase completamente plana e estéril de terra batida. Já faz muito tempo que não vou tão para o interior do Texas, e estou começando a me lembrar do motivo.

Fico de pé e me sento no capô do carro.

— Me dá seu celular — digo.

— Vai chamar um guincho? — ela pergunta, depois de pegar o celular do banco da frente e entregá-lo na minha mão.

Passo o dedo pelo display, virando duas telas para encontrar o aplicativo das Páginas Amarelas.

— É a única coisa que a gente pode fazer. — Eu digito “socorro automotivo” e escolho um dos resultados.

— Só espero que ele venha mesmo, desta vez — ela comenta.

O serviço de socorro automotivo responde, e enquanto estou falando com o cara, dizendo qual o tipo de pneu de que preciso, noto Camryn enfiando o corpo na janelinha de trás do carro e saindo dela com aquele chapéu sexy de vaqueira, provavelmente para se proteger do sol.

Ela dá a volta no capô e se senta ao meu lado.

— Tá, valeu, cara — digo ao telefone e desligo. — Ele disse que vai levar pelo menos uma hora pra chegar aqui. — Deixo o celular sobre o capô e sorrio para ela. — Sabe, era só você cortar as pernas daquele jeans que tá na sua mochila e transformá-lo num shortinho, tirar o sutiã e usar só o top, que...

Ela põe um dedo sobre os meus lábios.

— De jeito nenhum — ela diz. — Nem pense nisso.

Ficamos em silêncio por um momento, olhando para o nada ao nosso redor. Parece que está ficando mais quente, mas acho que é porque estamos sentados ao sol, no capô de um carro preto que absorve o calor como uma esponja. De vez em quando, um ventinho gostoso roça nossos rostos.

— Andrew? — Ela tira o chapéu e o coloca na minha cabeça, depois deita as costas no para-brisa. Ela põe as mãos atrás da cabeça e dobra os joelhos. — Número cinco na nossa lista de promessas: se eu morrer antes de você, quero ser enterrada naquele vestido que compramos na feirinha, e descalça. Ah, e nada de sombra azul estilo anos 80 nos olhos, nem de sobancelha desenhada. — Ela inclina a cabeça para o lado e olha para mim.

— Mas pensei que você quisesse casar comigo usando aquele vestido.

Ela estreita os olhos, desviando-os do sol.

— É, quero, mas também quero ser enterrada com ele. Tem gente que acredita que quando a pessoa morre, ela revive seus momentos mais felizes na vida após a morte. Um dos meus vai ser o dia em que eu me casar com você. Então é bom já levar o vestido.

Eu sorrio para ela.

Tiro o chapéu e me deito ao seu lado, apertando minha cabeça perto o suficiente da dela para pôr o chapéu sobre as duas e nos proteger do sol. Depois de equilibrá-lo, digo:

— Número seis: se eu morrer antes de você, quero que toquem “Dust in the Wind” no meu funeral.

Ela vira a cabeça para me olhar, com cuidado para não derrubar o chapéu.

— De novo isso? Você tá começando a me fazer detestar um belo clássico do rock, Andrew.

Rio um pouco.

— Eu sei, mas é que eu vi o episódio de Highlander em que a mulher do cara, Tessa, morre. Tocaram essa música ao fundo. Nunca mais consegui tirar da cabeça.

Ela sorri e enxuga o suor da testa.

— Prometo — ela diz. — Mas já que estamos falando disso, quero acrescentar o número sete. Você já viu Ghost — Do Outro Lado da Vida?

Olho rapidamente para ela.

— Bom, vi. Acho que todo mundo já viu esse filme. A menos que tenha 16 anos de idade. Porra, tô surpreso que você tenha visto. — Eu lhe dou uma cotovelada de leve.

Ela ri.

— Culpa da minha mãe — ela admite. — Ghost e Dirty Dancing — Ritmo Quente eu já vi umas cem vezes. Ela era doida pelo Patrick Swayze e, quando criança, eu era a única pessoa do sexo feminino pra quem ela podia dizer o quanto ele era gostoso. Bom, então você já viu. Número sete: se alguém te matar, trata de voltar, como o Sam do filme, e me ajudar a achar seu assassino.

Eu rio e balanço a cabeça, derrubando acidentalmente o chapéu por um momento.

— Que lance é esse que você tem com filmes? Deixa pra lá. Tá, prometo voltar pra puxar seu pé.

— É bom mesmo! — ela exclama, rindo alto. — Além do mais, eu sei que vou ser uma daquelas pessoas que acham que os entes queridos continuam por perto depois de morrer. Seria bom me dar mais motivo pra acreditar.

Não sei bem como vou fazer isso, mas tudo bem. Vou tentar, porra.

— Prometo se você prometer — digo.

— Como sempre.

— Número oito — eu continuo —, não me enterre num lugar frio.

— Concordo plenamente. O mesmo vale pra mim!

Ela enxuga mais suor do rosto e eu me levanto do capô, estendendo a mão para ela.

— Vamos ficar dentro do carro, longe do sol.

Ela pega minha mão e eu a ajudo a descer.

Duas horas depois, o guincho ainda não apareceu e está começando a escurecer. Parece que vamos poder ver o pôr do sol juntos na paisagem deserta do Texas.

— Eu sabia — Camryn diz. — Qual o problema desses guinchos?

E assim que ela diz isso, um par de faróis ofuscantes aparece na estrada vindo na nossa direção. Muito aliviados, saímos para recebê-lo, e a primeira coisa que eu noto é a mesma que Camryn nota. O cara poderia ser uma cópia de Billy Frank. Ela e eu nos entreolhamos, mas não comentamos em voz alta.

— Querem que eu reboque ou só o pneu? — ele pergunta, puxando as alças do seu macacão de jeans.

— Só o pneu — eu digo, seguindo-o para a traseira do guincho.

— Bom, não tenho tempo pra ficar aqui enquanto você troca — ele diz, cuspidando tabaco na estrada.

— Vocês vão ficar bem?

— Vamos, sim. Mas espera um momento. — Eu levanto o dedo e enfito o corpo no carro para virar a chave na ignição. Quando o motor parte sem problemas, eu o desligo e volto até ele. — Só queria ter certeza de que tá funcionando.

Pago ao sócia de Billy e fico olhando as lanternas traseiras do guincho sumindo no horizonte escuro à medida que ele se afasta. Quando volto para o carro, onde deixei o pneu, levo um puta susto ao ver Camryn já erguendo o carro com o macaco.

— Porra, essa é a minha garota!

Ela sorri para mim, mas continua trabalhando, com a trança loura jogada sobre um ombro.

— Não é tão difícil — ela diz, rolando agora o novo pneu para perto, depois de conseguir tirar as porcas do antigo sozinha. Acho que tô ficando de pau duro. Não, peraí, já tô mesmo de pau duro.

— Não, não é, de fato — respondo finalmente, com um sorriso ainda maior.

Alguns minutos depois, ela baixa o carro e joga o macaco no porta-malas. Eu carrego o pneu furado para ela e também o jogo lá dentro.

Entramos no carro e ficamos parados.

Tudo está tão silencioso. Enormes faixas de cirros violeta e azuis estão amontoados no céu, estendendo-se bem além do horizonte. À medida que o calor do dia diminui, a brisa suave do anoitecer entra pelas janelas abertas do carro. O crepúsculo está lindo. Para ser sincero, eu nunca tinha prestado muita atenção em um. Talvez seja a companhia.

E não sei ao certo o que está acontecendo entre nós agora, mas seja o que for, estamos tão sintonizados um com o outro que ambos sentimos isso. Eu olho para ela. Ela olha para mim.

— *Pronta pra voltar?* — pergunto.

— *Sim.* — *Ela fica em silêncio, olhando pelo para-brisa, perdida em pensamentos. Então se vira para mim, com mais certeza do que há alguns segundos.* — *É, acho que tô pronta pra ir pra casa.* — *Ela sorri.*

E pela primeira vez desde que saí de Galveston sozinho naquele dia, ou que Camryn subiu no ônibus em Raleigh naquela noite, nós finalmente nos sentimos... realizados.

ACHO QUE A gente fechou mesmo um ciclo. Mas preciso dizer, agora que estamos finalmente de volta a Galveston, depois de sete meses, que a sensação é diferente, desta vez. Não estou preocupada por estar aqui, mas com medo de que meu tempo junto com Andrew esteja acabando. Não estou esperando que uma tragédia médica ressurgir a qualquer momento. É bom estar aqui. E quando paramos no estacionamento do prédio dele, sinto satisfação. Posso até me imaginar morando aqui. Mas até aí, também consigo me imaginar morando em Raleigh. Acho que isso significa, talvez, que nós estamos prontos para parar de viajar. Só por um tempinho. Nunca definitivamente, como eu já disse a Andrew, mas por tempo suficiente para nos recuperarmos da estrada.

Andrew concorda.

— É — ele diz, pegando nossas mochilas do banco de trás. — Sabe de uma coisa? — Ele devolve as mochilas para o mesmo lugar e olha por cima do carro para mim.

— O quê? — eu pergunto, curiosa.

Ele está sorrindo com o olhar.

— Você tem razão de não querer ficar na estrada tanto tempo a ponto de a gente se cansar dela, e nem ficar num só lugar por tempo demais pelo mesmo motivo. — Ele para e estende os braços por cima do carro. — A gente podia viajar na primavera ou no verão, deixar o outono e o inverno pra ficar em casa e levar uma vidinha família nas férias... minha mãe ficou bem chateada porque a gente não passou o Natal ou o Dia de Ação de Graças com ela.

Eu balanço a cabeça.

— É uma boa ideia. E como é um saco viajar no frio, faz muito sentido.

Nós nos olhamos por cima do carro por um longo momento, até que eu interrompo as engrenagens que estão girando nas nossas cabeças e digo:

— Bom, pega as mochilas. A gente pode conversar lá dentro. Você precisa olhar a Georgia.

— Ah, a Georgia tá bem — ele diz, mexendo novamente no banco de trás. — Minha mãe vem sempre regar.

Eu pego o violão, a guitarra e a minha bolsa. Quando entramos no apartamento de Andrew, sinto exatamente o cheiro que senti na primeira vez que entrei ali: de apartamento vazio. E como Andrew disse, Georgia está viva e bem.

Eu praticamente desabo no sofá, exausta, estendendo as pernas para fora pela lateral.

— Mas o próximo lugar que a gente for — Andrew diz, passando atrás do sofá — vai ser longe daqui. — Eu ouço seu chaveiro tilintar sobre o balcão da cozinha.

Ergo o corpo e pergunto:

— Longe quanto?

— Na Europa, na América do Sul — ele diz com um sorriso, voltando para a sala. — Você disse que quer conhecer a Itália, o Brasil e todos aqueles lugares. Sugiro que a gente escolha um e vá pra lá.

Uma carga de energia atravessa o meu corpo. Eu fico de pé e olho para ele, agora tão empolgada com a ideia que mal consigo me conter.

— Sério?

Ele balança a cabeça com um sorriso gigante de lábios fechados.

— Porra, pra manter a tradição, a gente podia até escrever todos os lugares que queremos visitar em papeizinhos, pôr num chapéu e sortear um.

Eu dou um berro. Um berro mesmo! Encosto as mãos no peito.

— Isso é perfeito, Andrew!

Ele se senta no sofá, agora, apoiando os dois pés na mesinha de centro, com os joelhos dobrados. Eu não consigo sentar. Fico onde estou, olhando para seu rosto sorridente.

— Claro que precisamos continuar faturando — ele diz. — Temos muito dinheiro no banco, mas viajar pra exterior com certeza vai acabar com ele mais rápido.

— Mal posso esperar pra arranjar um emprego — digo, e esse comentário estimula a minha memória.

— Andrew, você já me disse pra ser totalmente sincera com você a respeito de onde eu quero morar.

Isso chama a atenção dele.

— Onde você quer morar?

Penso nisso por um momento e respondo:

— Por enquanto, acho que em Raleigh, mas só porque gostaria de ficar perto de Natalie e da minha mãe, e porque sei que posso arrumar emprego facilmente no trabalho da Natalie. A chefe dela disse que gostou de mim e pediu que eu preenchesse uma ficha e...

Andrew me interrompe.

— Não precisa explicar seus motivos. — Ele estende a mão para mim e eu me sento em seu colo, de frente para ele. Não tinha me dado conta de que estava falando mais que uma matraca, de nervoso. Só não queria que ele se sentisse obrigado a nada.

Ele sorri para mim e abraça a minha cintura.

— Minha pergunta — ele continua — é o que, exatamente, significa “por enquanto” pra você?

— Bom... essa é a parte difícil.

Ele inclina a cabeça para o lado, me olhando com curiosidade, as covinhas mal aparecendo em suas bochechas.

Finalmente, eu digo de uma vez:

— Acho que a gente não deve gastar todo o dinheiro numa casa, porque não quero ficar lá pra sempre. E se fizermos isso, não vamos ter muito dinheiro pra gastar quando quisermos ir pra Europa ou qualquer lugar, e trabalhar ganhando salário mínimo não vai ajudar a poupar muito.

Ele me olha de lado.

— Peraí. Espero que você não queira morar na casa da sua mãe. A gente precisa de privacidade. Quero poder te catar de quatro por cima da mesa da sala quando eu quiser.

Eu rio e aperto as coxas ao redor dele, por brincadeira.

— Você é tão safado! Mas não, com certeza não quero morar com a minha mãe.

— Bom, se você não quer comprar uma casa e não quer morar com sua mãe, a única opção que resta é alugar, e isso custa muito caro também.

Fico constrangida, porque chegamos ao ponto em que preciso falar do dinheiro de Andrew como se fosse meu também, e duvido que um dia eu vá me acostumar com isso.

Eu desvio o olhar.

— Lembra quando você disse que a gente podia comprar uma casinha em algum lugar?

— Lembro — ele diz, e seus olhos brilham mais, como se ele já soubesse o que vou dizer.

— Bom, a gente podia, quem sabe, comprar uma casa bem pequena ou um apartamento com dinheiro vivo, só o suficiente pra nós... sei lá, algo bom e barato, e ainda sobriaria muito dinheiro no banco pras nossas viagens. Não vamos pagar aluguel, e só vamos precisar pagar todo mês contas e coisas assim, e podemos custear isso trabalhando e tocando em bares, sem mexer nas nossas economias.

Por que ele está sorrindo como o gato da Alice?!

Sinto minha cabeça afundando no meio dos ombros, meu rosto ficando quente.

— Qual é a graça?! — pergunto, apertando as mãos no seu peito e tentando não rir.

— Graça nenhuma. Só gostei de ver que você finalmente entendeu que o que é meu é seu. — Ele aperta os dedos na minha cintura.

— Se você tá dizendo — eu balbucio, tentando esconder o rubor do meu rosto, fingindo estar ofendida.

— Ei — ele diz, balançando meus quadris —, não faz isso. Termina o que você tava dizendo.

Depois de uma longa pausa, eu continuo:

— E quando a gente partir pro destino do papelzinho no chapéu, Natalie pode tomar conta da casa. Ou! — eu aponto para cima. — Quando finalmente encontrarmos aquele lugar sossegado na praia que você sonhou pra morar, podemos vender nossa casa em Raleigh ou alugá-la pra ter uma renda extra. Talvez até alugar pra Natalie e Blake!

Posso ver que algo está acontecendo dentro da mente dele. Seu sorriso continua suave e ele nunca tira os olhos de mim. Mas está tão quieto, até que finalmente quebra o silêncio e diz:

— Parece que você pensou muito nisso. Quanto tempo levou pra planejar tudo?

Só agora me dou conta de que foi muito tempo. Penso no dia em que comecei a tentar organizar nosso futuro, quando decidi oficialmente que queria ter uma casa e estava cansada da estrada.

Andrew espera pacientemente que eu responda, sempre com um olhar suave e pensativo, sua maneira de me lembrar constantemente de que nada que eu possa lhe dizer jamais criará qualquer negatividade entre nós.

— Foi na estrada, depois que partimos de Mobile — digo. — Quando falei que eu queria conhecer a Itália, a França e o Brasil um dia. Quando eu disse que nunca ia querer parar de viajar pra sempre. Daquela noite em diante, fiquei determinada a planejar tudo. Como a gente faria tudo isso. — Meu olhar vaga. — Eu infringi as regras e planejei tudo.

Ele se inclina para a frente e beija meus lábios.

— Às vezes planejar é necessário — ele diz. — Você fez um bom trabalho. Acho que o plano todo tá perfeito. — E então ele me agarra com um beijo apaixonado.

Quando o beijo termina, eu o olho por um momento, com seu rosto nas mãos.

— Mas quero me casar com você aqui — conto, e os olhos dele se iluminam. — Não quero que a sua mãe se sinta excluída, sabe? Na verdade, ela é o único motivo de eu me sentir culpada por querer ir morar em Raleigh. E me sinto ainda pior porque ela tava planejando aquele chá de bebê e a gente nem...

— Ela vai gostar disso — ele aprova, me interrompendo antes que eu comece a matraquear de novo. — Eu adorei.

Ele me beija de novo.

EU NÃO PODERIA ter pedido um dia mais perfeito. O clima está perfeito. Os planos para o casamento que não fizemos se encaixaram perfeitamente. Eu liguei para a minha mãe ontem e pedi que nos encontrasse na praia da Ilha de Galveston. Ela chegou a tempo, sem fazer ideia do motivo do convite.

Eu levanto a mão quando a vejo, acenando para chamá-la, e assim que ela nos vê, entende tudo. Seu rosto se abre num sorriso enorme, e é fácil se contagiar.

— Ah, vocês dois — minha mãe diz, se aproximando —, não acredito que finalmente vão fazer isso. Estou... estou tão... — Lágrimas correm do seu rosto e ela as enxuga, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Camryn, descalça e com aquele vestido vintage cor de marfim que encontrou na feirinha, abre os braços e abraça minha mãe.

— Oh, Marna, não chore, por favor — ela pede, embora eu ache que é mais uma súplica, porque ver minha mãe chorando a está deixando com um nó na garganta.

— Mais alguém vem? — minha mãe pergunta depois.

— Você é nossa convidada de honra exclusiva — digo orgulhosamente.

— É — Camryn acrescenta —, é só você e o reverendo aqui.

Minha mãe passa por nós para abraçar também o reverendo Reed. Ela frequenta a igreja dele há nove anos — tentou me levar junto um milhão de vezes, mas eu não sou muito de igreja. Mas pensei, quem melhor do que ele pra casar a gente?

E enquanto o reverendo Reed está diante de nós na praia, com sua Bíblia gasta nas mãos e dizendo algumas palavras, tudo o que consigo ver ou ouvir é Camryn de pé na minha frente, com suas mãos nas minhas. A brisa passa pelos fios soltos do seu cabelo, livres daquela trança dourada sobre seu ombro que eu amo tanto. Adoro seu sorriso, seus olhos azuis e sua pele macia. Quero beijá-la agora e acabar com isso. Eu aperto os dedos de leve sobre suas mãos e a puxo mais para perto. O vento sopra seu vestido longo, fazendo-o aderir ao seu corpo de violão. Eu contenho o sorriso quando noto um cacho do cabelo entrando em sua boca. Ela tenta disfarçadamente tirá-lo com a língua, sem atrair atenção para si.

Sabendo que ela não quer criar nenhum tipo de interrupção, nem para algo simples assim, eu afasto o cacho para ela.

Sinto que somos as duas únicas pessoas do mundo.

Quando chega a hora de dizermos nossos votos, eu sei que nenhum dos dois escreveu nada, nem teve muito tempo para pensar no que queria dizer. E assim, praticamente da mesma forma que costumamos fazer tudo, nós fazemos e pronto.

Eu aperto mais suas mãos entre nós e digo:

— Camryn, você é a outra metade da minha alma, e eu vou te amar hoje e todo dia pelo resto das nossas vidas. Prometo que se um dia você me esquecer, lerei para você, como Noah lia para Allie. Prometo que, quando ficarmos velhos e nossos ossos doerem, nunca dormiremos em quartos separados, e que se você morrer antes de mim, será enterrada com esse vestido. Prometo assombrar você como Patrick Swayze assombrou Demi Moore. — Seus olhos começam a se encher de água. Eu acaricio as palmas das mãos dela com meus polegares. — Prometo que nunca vamos acordar um dia, daqui a anos, e nos perguntar por que desperdiçamos nossas vidas sem fazer nada, e que seja qual for a dificuldade que enfrentemos, eu sempre, sempre estarei com você. Prometo ser espontâneo, sempre baixar o volume da música quando você adormecer, e cantar a música das uvas-passas quando você estiver triste. Prometo sempre amar você, em qualquer lugar do mundo ou de nossas vidas em que estejamos. Porque você é a outra metade de mim, sem a qual eu sei que não consigo viver.

Lágrimas escorrem dos seus olhos. Ela leva um instante para se recompor.

E então ela diz:

— Andrew, prometo nunca te manter vivo por aparelhos, deixando você sofrer, se eu sentir no fundo do meu coração que sua vida acabou. Prometo que, se um dia você se perder ou desaparecer, eu... nunca vou parar de te procurar. Jamais. — Isso me faz sorrir. — Prometo que quando você morrer, vou mandar que toquem “Dust in the Wind” no funeral, e você não será enterrado num lugar frio. Prometo sempre te contar tudo, por mais que eu me sinta envergonhada ou culpada, e confiar em você quando me pedir pra fazer alguma coisa, porque sei que tudo o que você faz tem um propósito. Prometo ficar sempre ao seu lado e nunca deixar que você enfrente nada sozinho. Prometo amar você para sempre nesta vida e aonde quer que formos depois da morte, porque eu sei que não consigo viver em nenhuma vida, a menos que você também esteja nela.

O pastor Reed me diz:

— Andrew Parrish, aceita Camryn Bennett como sua legítima esposa, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, amando-a e respeitando-a pelo resto da vida?

— Aceito — afirmo, pondo a aliança que comprei em Chicago no dedo dela. Ela fica discretamente sem fôlego.

Então ele se vira para Camryn e pergunta:

— Camryn Bennett, aceita Andrew Parrish como seu legítimo esposo, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, amando-o e respeitando-o pelo resto da vida?

— Aceito.

Finalmente, eu entrego a ela a minha aliança, porque estava escondendo as duas dela até este momento, e ela a põe no meu dedo. O pastor Reed conclui, incluindo aquelas aguardadas sete palavras — “Eu agora os declaro marido e mulher” — e então me dá permissão para beijar minha esposa. É tudo o que queríamos fazer desde que a cerimônia começou, e agora que podemos, ficamos só nos olhando, perdidos nos olhos um do outro, nos vendo numa luz diferente, muito mais brilhante do que desde que nos conhecemos no Kansas, naquele ônibus. Sinto meus olhos começarem a arder e a tomo em meus braços e esmago minha boca sobre a dela. Ela soluça durante o beijo e eu aperto suas costas, erguendo seus pés descalços completamente da areia e rodopiando com ela. Minha mãe está chorando feito um bebê. Eu sinto que nunca mais vou parar de sorrir.

Camryn é a minha esposa.

Camryn

Eu acabo de me tornar Camryn Parrish. Não consigo nem entender as emoções que estou sentindo. Estou chorando, mas meio que rindo por dentro ao mesmo tempo. Me sinto empolgada, porém ansiosa. Olho de novo para esta aliança que ele acaba de pôr no meu dedo e sei que ele gastou muito dinheiro nela. Então olho para a dele, quase idêntica à minha, mas numa versão masculina, e não consigo ficar brava com ele. Não consigo. Ouço Marna soluçando atrás de mim, e não posso deixar de ir até ela e abraçá-la de novo.

— Bem-vinda à família — ela diz com a voz embargada.

— Obrigada. — Eu sorrio e enxugo as lágrimas.

Andrew passa o braço na minha cintura e o pastor se junta a nós. Quando Marna e ele começam a pôr a conversa em dia, Andrew e eu nos afastamos um pouco, e ele não consegue parar de me olhar. Eu fico vermelha.

— O que foi? — pergunto.

Ele balança a cabeça, com um sorriso radiante.

— Eu te amo — ele diz, e fico com vontade de chorar de novo, mas consigo me controlar.

— Eu também te amo.

Passamos a lua de mel no nosso apartamento, quebrando a tradição. Porque queremos esperar até nossa primeira viagem ao exterior para fazer uma verdadeira lua de mel.

— Onde você acha que será? — ele pergunta.

Estamos sentados na varanda, em duas cadeiras de praia, tomando cerveja e ouvindo a música ao vivo que vem da praia ou do parque, de algum lugar distante.

— Não sei — respondo, tomando um gole no gargalo. — Quer fazer uma aposta?

Andrew esfrega o lábio inferior com o polegar.

— Hmmm. — Ele pensa a respeito, tomando mais um gole de cerveja, e então diz: — Acho que o primeiro país que vamos tirar daquele chapéu vai ser... — ele estufa os lábios — ...o Brasil.

— Brasil, é? Legal. Mas eu não sei — tenho a estranha sensação de que vai ser mais alguma coisa tipo a Itália.

— É mesmo?

— Sim.

Ambos tomamos um gole ao mesmo tempo.

— Talvez a gente devesse apostar alguma coisa — ele diz, com a covinha da bochecha direita ficando mais funda.

— Uma aposta, é? Tá, eu topo.

— Tudo bem. Se for o Brasil, você vai ter que ir comigo pra praia, bem no estilo do Rio de Janeiro. — Seu sorriso é malicioso.

Eu levo um minuto para entender o que ele está dizendo, e quando a ficha cai, sinto o ar noturno nos meus dentes ao abrir a boca.

— Sem. Chance!

Andrew ri.

— Não vou ficar saltitando de topless em público!

Ele joga a cabeça para trás e ri mais alto.

— Não, acho que elas não fazem isso lá, amor — ele explica. — Quero dizer que você vai ter que usar um daqueles biquínis brasileiros. Nada daquelas porras tipo tô-com-vergonha que você usou na Flórida. Você tem um corpo legal. — Ele toma mais um gole e deixa a garrafa sobre a mesa à nossa frente.

Eu penso por um momento, mordendo a bochecha por dentro.

— Fechado — concordo.

Parecendo um pouco surpreso por me ver concordar tão facilmente, ele balança a cabeça.

— E se for a Itália — digo, também com um sorrisinho —, você vai ter que fazer uma serenata pra mim na escadaria da Piazza di Spagna... na língua local. — Eu cruzo uma perna sobre a outra. Eu sabia que a última parte ia pirar aquela cabecinha sexy dele.

— Você não tá falando sério — ele argumenta. — Como é que eu vou fazer uma porra dessas?

— Sei lá — respondo. — Acho que, se eu ganhar, você vai ter que dar um jeito.

Ele balança a cabeça e faz uma careta pensativa.

— Tudo bem. Tá apostado.

RALEIGH, CAROLINA DO NORTE — Junho

— Surpresa! — Várias vozes gritam quando entro na nossa nova casa.

Realmente surpresa, eu tenho um sobressalto e ponho a mão no peito. Natalie está bem no meio, com Blake ao seu lado. Meus amigos do meu Starbucks favorito e a irmã de Blake, Sarah, que conheci há duas semanas, quando Andrew e eu voltamos, estão todos aqui.

— Uau, a gente tá comemorando o quê? — pergunto, ainda tentando recuperar um pouco o fôlego, porque eles quase me mataram de susto. Eu me viro para Andrew. Ele está sorrindo, portanto é óbvio que teve algo a ver com tudo isso.

Natalie, agora com luzes ruivas no cabelo, me puxa para um abraço.

— É sua festa oficial de boas-vindas. — Ela dá um sorrisinho para mim e olha para Andrew. — Por que você acha que eu tava fazendo tão pouco caso da sua volta nos últimos dias?

— Você não fez pouco caso — comento.

— Tã, talvez não tenha dado pra perceber — ela admite —, mas por favor, Cam, você não notou que eu tava escondendo alguma coisa?

Acho que ela tem razão, pensando bem. Ela parecia contente por eu ter voltado, mas não eufórica, como ficaria normalmente. Acho que eu só imaginei que talvez Blake finalmente a tivesse domado um pouco.

Eu me viro para Andrew de novo.

— Mas a gente não tem nem móveis.

— Ah, tem, sim! — Natalie diz, me puxando pelo pulso.

Ela me arrasta para a sala de estar, onde oito pufes gigantes estão espalhados pelo chão. No meio da sala estão quatro caixotes de leite amarrados com uma tábua em cima, que eu presumo que sejam a mesinha de centro. A eletricidade nem foi ligada ainda, mas na “mesinha de centro” estão três velas apagadas sobre tampas de latas de biscoitos, prontas para quando escurecer, daqui a algumas horas.

Eu apenas rio.

— Eu tô adorando! — comento com Andrew. — Proponho que a gente desencane totalmente dos móveis e mantenha esse tema dos pufes gigantes retrô! — Claro que estou brincando, e Andrew sabe disso.

Ele se joga no pufe mais próximo e estica as pernas no chão, refestelando-se no vinil acolchoado.

— Eu até me viro com eles, mas a gente vai precisar de uma cama, com certeza. — Eu me sento no pufe ao lado e me ajeito. Todos fazem o mesmo, enquanto Natalie e Blake vão para a cozinha.

Andrew e eu encontramos aquela casinha cinco dias depois que chegamos. Querendo sair da casa da minha mãe tão rápido quanto humanamente possível, ele passou horas na internet e olhando anúncios de imobiliárias, mesmo enquanto eu fazia corpo mole e só relaxava depois da longa viagem desde Galveston. Praticamente deixei Andrew se ocupar da procura da casa. Ele me mostrava fotos e eu dava minha opinião. Mas aquela casa era perfeita. Foi a terceira que visitamos pessoalmente (e nem acho que o fato de ele tê-la adorado tenha algo a ver com ele ter acidentalmente visto minha mãe seminua quando ela achou que não estívéssemos em casa). O preço era ótimo porque os antigos donos, que já tinham se mudado havia quatro meses, queriam vendê-la logo e encerrar o assunto. Acabamos conseguindo comprá-la por vinte mil a menos do que seu real valor, e isentamos os antigos donos de fazer qualquer conserto antes de fechar o negócio. Como pagamos com dinheiro vivo, tudo aconteceu muito rápido.

Hoje é oficialmente nosso primeiro dia como os novos proprietários.

Trouxemos muitas coisas de Galveston, alugamos um pequeno reboque de mudanças, que lotamos com

tudo o que coubesse dentro. Mas logo vamos ter que voltar para buscar os móveis. Infelizmente, Andrew está irredutível quanto a conservar a velha poltrona fedida do pai dele, mas prometeu mandar limpá-la. E é bom que mande mesmo!

Natalie e Blake voltam para a sala, cada um trazendo três garrafas de cerveja, que começam a distribuir.

— Obrigada, mas eu não quero — digo.

Natalie parece ficar arrasada, projetando o lábio inferior e me olhando. Ela está usando uma camiseta branca apertada que deixa seus seios empinados.

— Quero distância de cerveja por no mínimo uma semana, Nat — eu explico.

Ela torce o nariz, mas depois dá de ombros e diz:

— Sobra mais pra mim!

Depois que Blake passa uma cerveja para Andrew, ele se dirige para o último pufe que sobrou, mas Natalie corre e chega antes dele. Assim, ele se senta em cima dela. Enquanto eles estão se engalfinhando, Natalie dá uma risada esquisita, e eu vejo de soslaio a expressão no rosto de Andrew.

— Shenzi — ele sussurra, e balança a cabeça, tomando um gole de cerveja.

Eu rio baixinho, agora sabendo o que Andrew quis dizer a primeira vez que a chamou assim. Pesquisei no Google logo depois e descobri que esse é o nome da hiena desbocada de O Rei Leão.

— Vocês prometeram me contar sobre a viagem — Natalie diz, agora sentada no pufe, no meio das pernas de Blake.

Todos olham para mim e Andrew.

— Já te contei bastante coisa, Nat.

— É, mas não contou nada pra gente — diz Lea, minha amiga que trabalha no Starbucks.

Alicia, que trabalha com ela, acrescenta:

— Eu já caí na estrada com a minha mãe e meu irmão, mas com certeza deve ter sido totalmente diferente da sua viagem.

— E você ainda não me contou o que aconteceu na Flórida — Natalie diz. Ela toma um gole de sua cerveja e deixa a garrafa ao seu lado no chão, apoiando em seguida os braços sobre as pernas de Blake. Ele a beija no pescoço.

Eu me encolho toda por dentro só de pensar na Flórida, mas percebo que é porque Andrew, na verdade, é que poderia ficar constrangido com o que aconteceu. Por um segundo, não consigo nem encará-lo, pois me sinto culpada por ter tocado no assunto com Natalie. Não dei nenhum detalhe, só mencionei que um lance muito sinistro aconteceu enquanto estávamos ali.

Quando finalmente olho para Andrew, percebo que ele não está com raiva de mim. Ele pisca e também deixa sua cerveja no chão, ao seu lado.

— A Flórida — ele começa, para minha surpresa. — Essa provavelmente foi a pior etapa da viagem, se não foi também a mais estranha. Mesmo assim, tem algumas partes que não me desagradaram tanto.

Não faço ideia de onde ele quer chegar com isso.

Todos estão olhando para Andrew, agora, especialmente Natalie, cujos olhos estão esbugalhados de antecipação.

— Conhecemos uma moçada que convidou a gente pra uma balada com eles numa parte pouco acessível da praia. E a gente foi. E se divertiu. Mas aí as coisas ficaram esquisitas.

— Esquisitas como? — Natalie interrompe.

— Esquisitas tipo LSD ou sei lá que porra.

Os olhos de Natalie se abrem ainda mais e ficam ferozes quando ela me olha.

— Você tomou LSD? Que porra de ideia foi essa, Cam?

Eu balanço a cabeça.

— Não, claro que não tomei de propósito. Eles drogaram a gente!

Os olhos de todos estão arregalados como os de Natalie, agora.

— É — Andrew continua. — A gente nem sabe direito o que era, mas ficamos completamente chapados.

— Eu já levei um “boa noite Cinderela” uma vez — conta a irmã de Blake, Sarah.

Ela aparenta ter uns 18 anos.

Blake tem um sobressalto e levanta o corpo, fazendo Natalie bater os dentes no gargalo da garrafa.

— Quê? — ele pergunta, soltando fogo pelos olhos.

— Ah, você não sabia? — Sarah diz docemente, como se tivesse apenas esquecido de contar.

Obviamente, teria sido melhor não ter contado.

— Aaa! — Natalie choramanga, com a mão na boca.

— Desculpa — Blake diz. Ele beija sua bochecha e se vira para a irmã. — Sarah, quem foi que te dopou, porra? E não me enrola. É melhor você me contar... aconteceu alguma coisa? — O medo está estampado no seu rosto.

Sarah revira os olhos.

— Não. Não aconteceu nada, porque Kayla tava lá e me trouxe pra casa. E não, eu não sei quem foi, Blake, então fica frio aí, por favor. — Depois ela se vira na nossa direção. — Vocês tavam dizendo?

— Eu vou com você, cara — Andrew diz para Blake. — Se você descobrir quem foi, é só avisar. Isso é muita sacanagem.

Eu dou uma leve cotovelada em Andrew. Ele entende e diz:

— Bom, preciso dizer que a Flórida foi uma experiência, mas que nunca mais quero repetir.

Andrew não diz nada sobre a piranha nojenta que tentou fazer um boquete nele. Fico feliz por isso, porque seria uma conversa constrangedora. Isso sem falar que Natalie ia se divertir um monte com uma informação dessas. Ficamos sentados nos pufes e conversamos com nossos amigos por algumas horas, até umas oito da noite, quando Blake precisa levar Sarah para casa. Pouco depois que os três saem, o resto vai embora, e Andrew e eu ficamos sozinhos no nosso primeiro lar oficial como recém-casados.

Ele volta da cozinha com uma vela na mão, depois de acendê-la no fogão. O gás foi ligado antes. Então ele usa a chama para acender as outras, sobre a mesa.

— A gente vai dormir no chão? — pergunto, olhando para ele.

— Não — ele responde, afastando-se das velas. Ele puxa todos os pufes para o meio da sala e os junta, criando uma cama improvisada, depois bate nela com a palma da mão. — Por enquanto, vai ter que ser assim. Eu não vou dormir no chão. Acordo todo entrevado.

Eu sorrio.

— Isto é estranho, não? — comento, olhando ao redor para as paredes nuas da nossa casa, imaginando que tipo de fotografias ou quadros ficariam bem nelas.

— O que, não ter móveis nem eletricidade? Você já deveria estar acostumada. — Ele dá uma risadinha.

Eu me levanto do pufe perto da parede e me sento na cama que ele fez. Estendo a mão para a mesa e fico cutucando a cera quente de uma vela, deixando que me queime, depois esfrie e se molde à ponta do meu dedo.

— Não, quero dizer esta casa. A gente. Tudo, na verdade.

— Estranho de um jeito bom, espero.

— É claro — confirmo, sorrindo para ele.

O silêncio enche a casa. A luz das velas projeta grandes sombras dançantes nas paredes. A casa cheira a água sanitária, desinfetante e outros produtos de limpeza, embora fracamente.

— Andrew, obrigada por vir morar aqui.

Finalmente, ele se senta ao meu lado e ambos olhamos as chamas por um momento.

— Onde mais eu poderia estar, se não junto com você?

— Você sabe do que eu tô falando — respondo. Passo a palma da mão por cima de uma chama, só para sentir o calor na minha pele e ver o quanto consigo aproximá-la sem me queimar.

— Eu sei — ele admite —, mas mesmo assim.

Eu afasto a mão e olho para ele; seu rosto parece delicado no brilho alaranjado das velas, mesmo com a barba por fazer que está começando a aparecer de novo.

— Camryn, preciso contar uma coisa pra você.

Instantaneamente, meu coração fica apertado no peito com o modo como ele falou.

— O quê... isto é, como assim, precisa me contar uma coisa? — Estou tão nervosa. Não sei por quê.

Andrew dobra os joelhos e apoia os antebraços sobre eles. Ele olha de novo para as chamas uma vez, só por alguns segundos, mas até alguns segundos é tempo demais.

— Andrew? — viro completamente o corpo para encará-lo.

Noto que seu pomo de adão se mexe quando ele engole em seco. Ele me olha nos olhos.

— Eu tô sentindo dores de cabeça — ele começa, e meu coração afunda até o estômago. Sinto que vou vomitar. — Só desde segunda, mas marquei uma consulta com um médico daqui. Foi recomendação da sua mãe.

Eu a odeio na hora por esconder isso de mim. Minhas mãos estão tremendo.

— Pedi pra sua mãe não contar nada pra você porque queria que o lance da casa acontecesse tranquilamente...

— Você devia ter me contado.

Ele tenta pegar minha mão, mas sem perceber eu a puxo e fico de pé.

— Por que você escondeu isso de mim?! — Eu estou zonha.

Andrew fica de pé também, mas mantém distância.

— Já te falei — ele diz. — Eu não queria...

— Não quero saber! Você devia ter me contado!

Eu cruzo os braços sobre a barriga e me curvo um pouco para a frente. Estou surpresa de ainda não ter vomitado. Meus nervos estão tão em frangalhos que é como se estivessem realmente se partindo dentro de mim.

— Isso não pode estar acontecendo... — Finalmente, escondo o rosto nas mãos e começo a soluçar. — Por que isso tá acontecendo, porra?!

Andrew está ao meu lado em segundos. Eu sinto seus braços me envolverem. Ele puxa meu corpo trêmulo para o seu peito e me abraça. Apertado.

— Essas dores não querem dizer nada — Andrew afirma. — Sinceramente, não me sinto como da outra vez, Camryn. Tenho dores de cabeça, sim, mas são diferentes.

Quando domino os soluços o suficiente e sinto que vou conseguir falar sem engasgar, levanto a cabeça para olhá-lo.

Ele segura meu rosto com as mãos e sorri fracamente para mim.

— *Eu sabia que você ia reagir assim, amor — ele continua baixinho. — Não quero que fique estressada pelos próximos quatro dias, até minha consulta na segunda. — Ele continua me olhando nos olhos. — Eu não tô sentindo a mesma coisa. Se concentra nisso, porque tô dizendo a verdade.*

— *Você tá? — pergunto. — Ou tá dizendo isso pra não me deixar preocupada? — Eu já enfiei na cabeça que o que ele está fazendo é exatamente a segunda opção. Me afasto dele e começo a andar de um lado para o outro, de braços cruzados, com uma mão sobre a boca. Não consigo parar de tremer.*

— *Não tô mentindo pra você. Eu vou ficar bem. Sinto que vou ficar bem, e você precisa acreditar.*

Eu me viro para encará-lo de novo.

— *Não consigo mais viver assim, Andrew. Não quero.*

Ele inclina um pouco a cabeça; seu olhar é pensativo, curioso, preocupado.

Eu sei que ele quer que eu explique melhor o que falei, mas eu não posso. Não posso, porque as coisas que quero dizer só o deixariam chateado e magoado. E seriam apenas palavras. Palavras resultantes da dor e da raiva e de uma parte de mim que quer olhar na cara de Deus, ou seja lá quem ou o que for, e mandá-Lo pro inferno.

Eu preciso me acalmar. Preciso parar e respirar.

Eu faço exatamente isso.

— *Camryn?*

— *Você vai ficar bem — afirmo com sinceridade. — Eu sei que você vai ficar bem.*

Ele volta para perto de mim, me beija na testa e diz:

— *Eu vou.*

OS ÚLTIMOS QUATRO dias foram estressantes. Embora Camryn tivesse dito que continuaria pensando positivo e que não se deixaria afetar, ela andou diferente. Seus nervos estão em frangalhos. Por duas vezes a ouvi chorando no banheiro e vomitando. Desde que contei sobre as dores de cabeça, na terça à noite, ela está agindo de um jeito bem parecido com a forma como agiu antes de partirmos para visitar Aidan e Michelle em Chicago: fingindo sorrisos e rindo forçado quando algo supostamente seria engraçado. Ela não é a mesma. Preocupado e lembrando o que aconteceu depois do aborto, com os comprimidos, perguntei à queima-roupa se ela teve mais algum “momento de fraqueza”.

Camryn diz que não, e eu acredito.

Mas nada vai consertá-la desta vez, a não ser sairmos hoje deste hospital com os resultados dos meus testes negativos.

Caso contrário... bem, não quero pensar nisso.

Estou mais preocupado com ela do que comigo mesmo.

Pediram que Camryn esperasse em outra sala enquanto faziam a tomografia. Percebo que ela queria discutir com a enfermeira, mas faz o que pediram. E, como da última vez, parece que já estou aqui há horas, me sentindo um pouco claustrofóbico no túnel desta máquina enorme e barulhenta. Fique bem parado, o técnico me pediu. Tente não se mexer, senão vamos ter que refazer o exame. Nem preciso dizer que fiquei praticamente sem respirar por 15 minutos.

Quando a tomografia acabou, tirei os tampões de ouvido e os joguei no cesto de lixo.

Camryn quase perdeu as estribeiras quando a enfermeira que veio me liberar disse que só saberíamos de alguma coisa na quarta-feira.

— Você tá de brincadeira comigo! — Os olhos de Camryn estavam animalescos. Iam e voltavam entre mim e a enfermeira, esperando que um de nós pudesse fazer alguma coisa.

Eu olhei para a enfermeira.

— Tem algum jeito de a gente saber o resultado ainda hoje?

Percebendo, só de olhar para a expressão de Camryn, que ela não iria ceder, a enfermeira suspirou e disse:

— Vão sentar na sala de espera, vou ver se consigo convencer o dr. Adams a dar uma olhada agora.

Quatro horas depois, estávamos sentados no consultório do dr. Adams.

— Não vejo nenhuma anormalidade — o doutor declarou, e eu senti a mão de Camryn afrouxar o aperto mortal em que prendia a minha. — Mas, considerando seu histórico, acho que seria do seu interesse se consultar comigo uma vez por mês pelos próximos meses e ficar atento de qualquer alteração que considerar importante.

— Mas o senhor falou que não viu nada — Camryn disse, apertando minha mão de novo.

— Não, mas ainda acho que isso seria do interesse de Andrew. Só por segurança. Assim, se alguma coisa surgir, vamos detectá-la bem cedo.

— Tá dizendo que alguma coisa vai surgir?

Eu queria rir da sutil cara de frustração do médico, mas em vez disso olhei para Camryn, que estava à minha esquerda, e falei:

— Não, ele não tá dizendo isso. Fica calma. Tá tudo bem. Viu? Eu falei que ia ficar tudo bem.

E daquele dia em diante, só pude torcer para que eu estivesse dizendo a verdade.

MUITOS MESES DEPOIS...

Andrew me escreveu outra carta, em algum momento do nosso primeiro mês na nova casa. Acho que já a li umas cem vezes. Em geral eu choro, mas também me pego sorrindo muito. Ele disse que queria que eu a lesse uma vez por semana para marcar mais uma semana que passava sem nada acontecer, em que tudo continuava bem. E eu fiz isso. Costumava lê-la no domingo à noite, depois que ele já tinha pegado no sono ao meu lado na cama. Mas às vezes, quando eu adormecia antes dele, na manhã seguinte tirava a carta de dentro do livro ao lado da cama e a lia antes que ele acordasse. E como em todas as vezes anteriores, eu olhava para ele dormindo, depois de lê-la, e torcia por mais uma semana.

Andrew sempre me intrigou. O modo como sua mente funcionava. O modo como ele conseguia me olhar sem dizer nada e fazer com que eu me sentisse a pessoa mais importante do mundo. Sempre me intrigou como ele conseguia ser sempre tão otimista, mesmo quando o mundo estava desmoronando ao seu redor. E como ele sempre fazia uma luz brilhar nos recantos mais sombrios da minha mente, quando eu achava que nunca mais veria outra luz ali.

Claro que ele tinha maus dias, “momentos de fraqueza”, mas jamais conheci alguém nem de longe como ele. E sei que jamais vou conhecer.

Talvez no fundo eu seja uma pessoa fraca, na verdade. Talvez, se não fosse por Andrew, eu não fosse a pessoa que sou hoje. Às vezes me pergunto o que seria de mim se eu jamais o tivesse conhecido, se ele não tivesse aparecido para me salvar daquela viagem de ônibus perigosa e imprudente que decidi fazer sozinha. Eu me pergunto o que teria acontecido comigo se ele não gostasse de mim o suficiente para me ajudar a superar o meu momento de fraqueza. Odeio pensar em mim assim, mas às vezes é preciso simplesmente enfrentar a realidade, enxergar como as coisas são e como elas poderiam ter sido, por causa das nossas ações. Acredito de coração que, se não fosse por Andrew, talvez eu nem estivesse aqui hoje.

Os últimos meses foram muito difíceis para nós, mas ao mesmo tempo foram cheios de vida, empolgação, amor e esperança.

A vida é uma coisa misteriosa e muitas vezes injusta. Mas acho que aprendi, no tempo que passei com Andrew, que ela também pode ser maravilhosa, e que em geral, quando acontece uma coisa que parece injusta, é só o jeito de a vida abrir espaço para coisas melhores que virão. Gosto de pensar assim. Me dá forças quando mais preciso.

E no momento, eu preciso muito.

Tento olhar para cima, para o relógio no alto da parede branca e estéril da sala, mas mal consigo enxergar os ponteiros com minha visão embaçada. Quero saber há quanto tempo estou aqui. Estou exausta e enfraquecida mental e fisicamente e não aguento mais. Eu engulo o nó na garganta e sinto que minha boca está seca como uma lixa. Enxugo uma lágrima do meu olho. Mas só uma. Na verdade, não chorei muito. Porque a dor estava tão insuportável, antes, que praticamente secou todas as minhas lágrimas.

Eu não vou conseguir. Sinto que a qualquer momento vou querer simplesmente desistir. Quero dizer pra todos que estão na sala que vão embora, que me deixem em paz e parem de me olhar como se minha alma estivesse doente. Ela está! Está, porra! Mas ninguém aqui pode curá-la.

O que mais sinto é entorpecimento. Não consigo sentir mais nada. Mas as paredes do hospital estão começando a se fechar ao meu redor, me deixando um tanto claustrofóbica. Mas quanto à dor e à angústia, não sinto nada. Eu me pergunto se vou ficar entorpecida para sempre.

— Você precisa tentar fazer força — Andrew recomenda ao meu lado, segurando a minha mão.

Eu viro a cabeça bruscamente para olhá-lo e discuto:

— Mas eu não tô sentindo minha cintura! Como posso fazer força se não consigo sentir que tô fazendo força! — Acho que só tenho força para expelir essas palavras entre meus dentes cerrados.

Ele sorri e beija minha testa suada.

— Você consegue — assegura a dra. Ball, do meio das minhas pernas.

Eu fecho os olhos, aperto a mão de Andrew e faço força. Eu acho. Abro os olhos e me permito respirar.

— Eu fiz força? Tá dando certo?

Meu Deus, tomara que eu não solte um peido! Ai meu Deus, ia ser um puta dum mico!

— Você tá indo muito bem, amor.

Andrew olha para a obstetra, agora, esperando.

— Mais algumas vezes vão ser suficientes — a obstetra me tranquiliza.

Odiando as palavras dela, solto um suspiro frustrado e jogo com força a cabeça contra o travesseiro.

— Tenta de novo, amor — Andrew pede delicadamente, sem jamais perder a calma, embora toda vez que o vejo olhar para a obstetra eu perceba um traço de preocupação oculta em seu rosto.

Eu ergo as costas do travesseiro novamente e tento fazer força, mas como de costume, não sei dizer se estou mesmo fazendo força ou só achando que estou. Andrew põe um braço nas minhas costas para me ajudar a ficar erguida, e eu me apoio nele e faço força de novo, fechando os olhos tão apertado que sinto que eles estão afundando no meu crânio. Meus dentes estão cerrados e à mostra. O suor escorre da minha testa.

Eu grito algo incompreensível quando paro de fazer força e consigo respirar de novo.

E sinto alguma coisa. Opa... não é dor — a epidural me curou disso —, mas a pressão do bebê com certeza eu senti. Se eu não soubesse que é impossível, acharia que alguém acabou de enfiar algo desconunal na minha vagina. Meus olhos ficam cada vez mais arregalados.

— A cabeça do bebê saiu — ouço a obstetra dizer, e depois ouço um barulho nojento quando ela limpa a garganta do bebê com um bulbo de sucção.

Andrew quer olhar; vejo seu pescoço se esticar como o de uma tartaruga, tentando ver melhor, mas ele não quer sair do meu lado.

— Só mais umas vezes, Camryn — a dra. Ball repete.

Eu faço força de novo, me esforçando ainda mais, agora que sei que está dando certo mesmo.

Ela puxa os ombros do bebê para fora.

Eu faço força mais uma vez e nosso bebê nasce.

— Você foi ótima — a obstetra elogia, enquanto limpa melhor a garganta do bebê.

Andrew beija a minha bochecha e minha testa, e afasta meu cabelo empapado do meu rosto e do pescoço. Alguns segundos depois, o choro do bebê enche a sala de sorrisos e empolgação. Eu caio no choro, soluçando tanto que todo o meu corpo treme descontroladamente de emoção.

E então a obstetra anuncia:

— É menina.

Andrew e eu mal conseguimos tirar os olhos dela, até que pedem que ele corte o cordão umbilical. Ele sai de perto de mim, mas sorri orgulhosamente ao ir para o outro lado e fazer as honras. Parece incapaz de decidir para quem ele quer olhar mais, se para mim ou para nossa filha. Eu sorrio e volto a encostar a cabeça no travesseiro, completamente esgotada. Finalmente consigo enxergar o relógio de parede. Ele diz que fiquei em trabalho de parto por mais de 16 horas.

Sinto mais pressão, cutucões e puxões entre minhas pernas enquanto a obstetra faz coisas sobre as quais, francamente, não quero saber nada. Fico só olhando para o teto por um momento, perdida nos momentos dos últimos nove meses, até que ouço nossa bebê gritando do outro lado da sala e novamente levanto a cabeça

tão rápido que quase destronco o peçoço.

Andrew fica por perto enquanto uma das enfermeiras a limpa e começa a embrulhá-la em cobertores. Ele olha para mim e diz:

— Bom, ela tem os seus pulmões, amor — e enfia dois dedos nos ouvidos. Eu sorrio e olho para os dois, tentando não pensar nos puxões que continuo sentindo lá embaixo. E então Andrew volta para o lado da cama.

Ele beija meus lábios e sussurra:

— Suada. Parece que você correu uma maratona. Sem maquiagem. Numa camisola de hospital. E mesmo assim consegue ser bonita.

E apesar de tudo isso, mesmo assim ele consegue me deixar vermelha.

Levanto a mão da qual sai o tubo do soro e seguro o rosto dele, puxando-o para mim.

— Conseguimos — eu murmuro perto dos seus lábios.

Ele me beija delicadamente de novo, e então a enfermeira se aproxima com nossa filha no colo.

— Quem quer segurá-la primeiro? — ela pergunta.

Andrew e eu nos entreolhamos, mas ele faz menção de dar passagem para que a enfermeira possa entregá-la para mim.

— Não — eu insisto. — Você primeiro.

Só um pouco dividido a respeito disso, Andrew finalmente cede e estende os braços para pegá-la. A enfermeira a coloca cuidadosamente no colo dele e se afasta assim que percebe que ele a está segurando firme. De início, ele parece desajeitado e infantil, com medo de derrubá-la ou de não a estar segurando direito, mas logo fica mais à vontade.

— Loura — ele anuncia perto de mim, sorrindo de orelha a orelha, com os olhos verdes levemente marejados de lágrimas. — E cabeluda também!

Ainda estou tão exausta que só consigo reagir com um sorriso.

Andrew olha para ela, toca suas bochechinhas com os nós dos dedos e lhe beija a testa. Depois de alguns momentos, ele a coloca nos meus braços pela primeira vez. E assim que fico frente a frente com minha menina, eu desmorono de novo. Mal consigo enxergar em meio a tantas lágrimas.

— Ela é tão perfeita — digo, sem tirar os olhos dela. Estou quase com medo de tirar, como se desviando o olhar por um segundo ela vá sumir, ou eu vá acordar de um sonho. — Perfeita — murmuro e beijo seu narizinho.

TODOS OS PARENTES, tanto meus quanto de Camryn, estão na sala de espera — menos o pai e o irmão de Camryn. Ninguém sabe ainda se é menino ou menina. Camryn e eu não quisemos saber durante toda a gravidez. Decidimos deixar que ela nos surpreendesse. E nos surpreendeu.

Antes de deixar a família entrar para vê-las, fico com Camryn no quarto particular para onde nos transferem logo após o parto. Estamos ali há um tempinho, esperando que as enfermeiras tragam a bebê de volta depois de fazer o que elas fazem, seja lá o que for. Eu a pego no colo depois que a enfermeira verifica a pulseira de identificação de Camryn e a compara com a que “Bebê Parrish” está usando no tornozelinho. Eu também verifico, antes de deixar a enfermeira sair. E examino bem a bebê. Hoje em dia, todo cuidado é pouco, e eu vou controlar pra ver se eles trazem sempre o mesmo bebê que levaram. Mas não há como confundir aquela cabeleira loura e aquela vozinha estridente, mas de gelar o sangue, que me põe em submissão absoluta. Se ela soubesse falar, eu faria tudo o que ela pedisse sem pensar duas vezes. Me dá a mamadeira! Sim, senhora! Troca a minha fralda! É pra já! Pisa no pé daquela enfermeira que me enrolou feito um burrito! Tudo bem, garotinha!

Camryn a segura perto do tórax, deixando que ela mame no peito.

Ela descobriu que estava grávida de novo um dia antes de mudarmos para a nova casa. Mas ela só me contou depois da minha consulta no médico, na segunda-feira seguinte. Ela disse que estava com medo, acho que da mesma forma que fiquei com medo de contar a ela imediatamente que eu estava sentindo dores de cabeça. Mas depois disso, conversamos muito sobre as coisas que faríamos diferente, desta vez. Uma dessas coisas foi sua decisão de amamentar. Na primeira gravidez, Camryn não ficou muito empolgada com a ideia de ter um bebê sugando seus seios, especialmente porque talvez precisasse amamentá-la em público. Na época, eu só concordava com o que ela queria e não tentava fazê-la mudar de ideia. Eu não tinha nenhum motivo para isso, na verdade.

Mas desta vez, quando Camryn tocou no assunto de novo, ela disse:

— Quer saber, amor? Andei lendo muito sobre gravidez e os benefícios da amamentação, e não quero nem saber o que os outros vão pensar. Eu sinto que quero e devo fazer isso.

E eu disse:

— Então também acho que você deve.

Eu me sento ao lado dela. Fiquei feliz por ela ter tomado essa decisão sozinha, sem que eu desse palpite. Ei, tanto que eu não comece a ter fetiche por lactação e ela não queira que eu prove, o que ela decidir tá bom pra mim.

— Eu li que a maioria dos bebês nasce com olhos azuis — Camryn diz, olhando para a bebezinha —, mas acho que mais tarde ela vai ter os seus olhos verdes.

Eu afago a cabeça da nossa filha de leve com as pontas dos dedos.

— Talvez. — Não consigo parar de olhar para as duas, minha linda mulher e minha preciosa filhinha. Sinto que entrei em outro mundo, muito mais brilhante do que jamais imaginei. Eu realmente não achava que poderia ser mais feliz do que eu era com Camryn. Não achava isso possível.

Acho que Camryn ainda está um pouco em choque.

— O que você tá pensando? — pergunto, sem parar de sorrir ternamente.

Seus olhos cansados se abrandam quando ela me olha.

— Você tinha razão — ela diz.

A bebê faz um barulhinho de sucção, tão fraco que mal o ouço, mas percebo que estou prestando atenção em cada ruído e movimento dela.

Camryn continua:

— Você disse que eu não ia perdê-la, desta vez. Você disse que o tumor não ia voltar. Disse que ia dar tudo certo. E deu. — Ela olha para a bebê por um momento, afagando sua sobrancelha com o dedo, e então para mim de novo. — Obrigada por estar certo.

Eu me levanto da cadeira, seguro seu queixo e levanto sua cabeça para poder beijá-la na boca.

Alguém bate de leve na porta e ela se abre devagar. A cabeça da minha mãe aparece.

— Entra — eu digo, chamando-a com um gesto.

A porta larga se abre completamente, e tanta gente entra no quarto em fila indiana que eu paro de contar depois de Aidan e Michelle, que está grávida de cinco meses.

Nós nos abraçamos, todos passando os braços ao meu redor, mas tentando dar uma olhada na bebê ao mesmo tempo.

— Parabéns, mano — Aidan diz, me dando tapinhas nas costas. — Eu tava sentindo que você ia ser pai antes de mim. — Ele acaricia a barriga redonda de Michelle. Ela afasta sua mão de um jeito bem-humorado e o avisa para não enfiar mais o dedo no seu umbigo. Depois me abraça e se aproxima de Camryn na cama.

— Nós vamos ter um menino — Aidan conta.

— É mesmo? — exclamo. — Que legal.

A notícia também chama a atenção de Camryn, mas Michelle fala primeiro.

— Ele não tem certeza — ela diz. — Só acha que sabe.

Camryn ri baixinho e diz:

— Pode acreditar, se um dos irmãos Parrish diz que vai ter um menino ou uma menina, provavelmente vai acertar.

— Tudo bem, veremos — Michelle desconversa, ainda incrédula.

Eu olho para o meu irmão, e já vi essa expressão confiante. E, eles vão mesmo ter um menino.

— Ai meu Deus — ouço Natalie dizer baixinho em algum lugar do quarto —, o cobertor é cor-de-rosa. Isso significa o que eu tô pensando? — Ela leva as mãos ao rosto, cobrindo a boca com os dedos cheios de anéis. Na verdade, estou surpreso por vê-la tão calma. Blake está ao lado dela, em silêncio, como sempre.

Camryn olha primeiro para mim, eu sinalizo com a cabeça minha autorização e ela diz a todos:

— Sim, esta é a nossa filha.

Todas as mulheres migram imediatamente até a cama. A mãe de Camryn estende os braços, querendo ser a primeira a segurá-la no colo, e Camryn cobre o seio com a camisola e a entrega cuidadosamente.

— Oh, ela é tão linda, Camryn — Nancy elogia. Seu cabelo oxigenado está preso num coque malfeito no alto da cabeça. Seus olhos são tão azuis quanto os de Camryn. Elas se parecem mesmo. — Ela é perfeita. Minha netinha perfeita. — O padraсто de Camryn, Roger, parece apavorado, apoiado na parede, sozinho. Não sei se é porque esse tipo de situação o deixa constrangido ou porque se deu conta de que agora está casado com uma avó. Eu rio por dentro.

Asher me abraça a seguir.

— Se fosse menino, eu ia me preocupar em ter outro como você à solta por aí. — Ele sorri e me cutuca com o cotovelo.

— Bom, pode esperar, maninho — eu retruco, sugando ar entre os dentes —, você é o próximo da fila, e outro igual a você é tão ruim quanto outro igual a mim.

— Não sei não — ele rebate.

— É, tem razão. Pra isso você precisa de uma namorada. Acho que não vai precisar se preocupar com

essa possibilidade tão cedo.

— Cara, eu tenho namorada.

— Quem é? Lara Croft? Ou alguma desenhada por Luis Royo? — eu rio.

— Deixa quieto, cara — ele diz, cruzando os braços e balançando a cabeça, mas sei que é preciso bem mais para deixá-lo puto. Se eu não tirasse um sarrinho, ele ia achar que eu estava doente.

— Tio Asher — eu digo, para me redimir mesmo assim. — Até que soa bem.

Ele faz que sim com a cabeça, pensativo, e concorda:

— É, também acho.

Nancy passa nossa filha para minha mãe, em seguida. Eu nunca a vi tão orgulhosa. Seus olhos passam de mim para a bebê, indo e voltando.

— Ela tem seu nariz e seus lábios, Andrew — minha mãe afirma.

— E o cabelo e os pulmões de Camryn — eu lembro.

Natalie está no pé da cama agora, e está agitada, com as mãos à frente do corpo. Minha mãe percebe o quanto ela está ansiosa para pegar a bebê, por isso beija a cabeça da neta e a passa para Natalie.

— Espero que você tenha lavado as mãos, Nat — Camryn diz da cama.

— Eu lavei! — Natalie responde, e em seguida ignora Camryn e começa a falar com minha filha, embora ela esteja dormindo: — Oh, você é a coisinha mais linda que eu já vi — sua voz ficando mais alta à medida que ela fica mais emocionada. Então ela olha Camryn nos olhos e diz, séria: — Meu Deus, eu quero um também.

Blake arregala os olhos, e acho que para de respirar. Quando olho para ele de novo, alguns minutos depois, vejo que já está ao lado de Roger, encostado na parede.

Brenda, a tia de Camryn, é a próxima a pegar a bebê no colo, e depois uma de suas primas. Depois que Michelle a segura por alguns minutos, derramando elogios à sua beleza, ela a devolve para Camryn. Eu me sento novamente na cadeira ao seu lado.

— Então, já escolheram um nome? — minha mãe pergunta.

Camryn e eu nos entreolhamos, e ambos estamos pensando a mesma coisa.

— Ainda não — Camryn responde, e é só o que ela diz. Eu sei que devo ser o único no quarto que percebe na hora o que a questão do nome causou: Camryn não conseguiu evitar pensar em Lily. Mas ela deixa esse momento passar e beija a bochecha da nossa bebê, obviamente tão orgulhosa do que tem, apesar do que perdeu.

A maioria dos parentes vai embora antes de escurecer, mas nossas mães ficam até um pouco mais tarde, se conhecendo melhor. É a primeira vez que elas se encontram oficialmente. E por fim vão embora, pouco depois das sete, quando a enfermeira entra no quarto para dar uma olhada na bebê e em Camryn.

Quando nós três ficamos a sós de novo, eu reduzo a iluminação do quarto, deixando só a luz do banheiro acesa. Nossa filha dorme profundamente no colo de Camryn. Eu sei que minha mulher está cansada, completamente exausta, mas ela não consegue largar a bebê para também dormir um pouco. Eu me ofereci para pegá-la para que ela possa dormir, mas Camryn insiste em ficar acordada.

Eu olho para as duas por um instante, um momento tão perfeito, e então me aproximo e me sento na beira da cama, perto delas.

Camryn olha para mim, depois mais uma vez para nosso anjinho adormecido.

— Lily — eu digo simplesmente.

Camryn volta a me olhar, confusa.

Eu balanço a cabeça devagar, como que para dizer: Sim, você ouviu certo, e toco a cabecinha macia

da nossa bebê de novo.

— Lembra o que eu disse? Em Chicago, quando encontrei os comprimidos?

Ela balança a cabeça negativamente.

Desta vez, eu toco o rosto de Camryn, correndo os dedos por um lado dele e depois pelo outro.

— Eu disse que Lily ainda não tava pronta. — Fico em silêncio e depois acrescento, com um sorriso: —
Mesma alma, outro corpo.

Algum pensamento brilha nos olhos de Camryn. Ela inclina a cabeça um pouco para o lado, me olhando, intrigada. E então olha de novo para a bebê e não ergue mais o olhar pelo que parece uma eternidade.

Quando ela levanta a cabeça, lágrimas estão escorrendo pelo seu rosto.

— Você acha? — ela pergunta, esperançosa.

— Sim. Eu acho.

Ela começa a chorar mais copiosamente e aperta com delicadeza a bebê Lily contra os seios, ninando-a. Então olha para mim e balança a cabeça várias vezes.

— Lily — ela murmura baixinho, beijando-lhe o alto da cabeça.

Na manhã seguinte, eu me espreguiço na cadeira ao lado da cama de Camryn, onde peguei no sono na noite anterior. Eu a ouço falando em voz baixa no quarto e, como todas as outras vezes, finjo ainda estar dormindo enquanto ela lê a carta que escrevi meses atrás.

Querida Camryn,

Eu sei que você está com medo. Eu estaria mentindo se dissesse que não estou com um pouco de medo também, mas preciso acreditar que desta vez vai ficar tudo bem. E vai ficar.

Nós passamos por tanta coisa juntos. Mais do que a maioria das pessoas, em tão pouco tempo. Mas em qualquer situação, a única coisa que nunca mudou é que ainda estamos juntos. A morte não conseguiu me tirar de você. A fraqueza não conseguiu me fazer ver você de forma negativa. As drogas e as merdas que vêm com elas não conseguiram tirar você de mim, nem voltar você contra mim. Acho que podemos afirmar com toda a segurança que somos indestrutíveis.

Talvez tudo isso tenha sido um teste. Sim, eu penso muito a respeito e me convenci disso. Muita gente prefere ignorar o Destino. Alguns têm tudo o que já quiseram ou precisaram ao alcance das mãos, mas abusam disso. Outros passam reto pela sua única oportunidade porque nunca abrem os olhos por tempo suficiente para ver que ela está ali. Mas você e eu, até antes de nos conhecermos, corríamos todos os riscos, tomávamos nossas próprias decisões sem dar ouvidos aos outros ao nosso redor nos dizendo, de tantas maneiras, que o que fazíamos estava errado. Não, porra, nós fazíamos do nosso jeito, por mais imprudente, louco ou fora do convencional que fosse. Parecia que quanto mais avançávamos e lutávamos, mais árduos ficavam os obstáculos. Porque precisávamos provar que nós somos os caras.

E eu sei que fizemos exatamente isso.

Camryn, quero que você leia esta carta para si mesma uma vez por semana. Não importa que dia ou que hora, apenas leia. Cada vez que você a abrir, quero que veja que mais uma semana se passou e você continua grávida. Eu continuo com saúde. Nós ainda estamos juntos. Quero que você pense em nós três, você, eu e nosso filho ou filha, viajando pela Europa e pela América do Sul. Só visualize isso. Porque nós vamos fazer isso. Eu prometo.

Você é tudo pra mim, e quero que continue forte e não deixe que seu medo do passado contamine o caminho para o nosso futuro. Vai dar tudo certo desta vez, Camryn, uai, sim, juro pra você.

Apenas confie em mim.

Até semana que vem...

Com amor,

Andrew

Eu ergo os olhos da carta na minha mão, deixando-a ao meu lado na cama, presa entre meus dedos. Lily dorme profundamente ao meu lado no berço do hospital. Andrew precisou ser convincente para que eu finalmente concordasse em colocá-la ali, em vez de segurá-la no colo a noite inteira. Mas acordei várias vezes para verificar se ela ainda estava respirando. Eu verifico de novo, agora. Não consigo evitar; acho que vou fazer isso por meses.

Finalmente, eu dobro a carta de Andrew mais uma vez nas mesmas dobras gastas. Provavelmente, ele acha que vou parar de lê-la, agora que Lily nasceu. Mas não vou. Nunca parei de ler a primeira carta que ele me escreveu, embora ele não saiba. Algumas coisas eu guardo só pra mim.

— Pronta pra botar aqueles destinos no chapéu? — Andrew diz.

Eu me pergunto há quanto tempo ele está acordado. Olho para ele e sorrio.

— Vamos esperar mais uns meses.

Ele balança a cabeça e se levanta da cadeira.

— Como conseguiu dormir assim? — pergunto. — Devia ter ido pro sofá. — Eu olho para o pequeno sofá perto da janela.

Andrew estica os braços para os lados e estala as costas e o pescoço. Ele não responde.

— Acho que finalmente vamos poder pegar todas aquelas coisas do primeiro chá de bebê na casa da minha mãe e trazer pra nossa casa — digo.

Andrew abre um sorriso maroto.

— Peraí, você já fez isso, certo?

Ele se espreguiça um pouco mais.

— Tecnicamente, não fui eu. Ontem, Natalie, Blake e sua mãe levaram tudo pra lá depois que a gente foi pro hospital, e já arrumaram tudo.

Eu não quis fazer isso durante a gravidez. Era só mais uma maneira de me preocupar em pôr o carro na frente dos bois e depois perder outro bebê. Pelo mesmo motivo, me recusei a saber o sexo do bebê antes que nascesse. Eu não queria me concentrar nem contar com nada disso como da outra vez. Achava que podia dar azar. No fundo, Andrew não concordava com isso, mas nunca disse nada, nem tentou me fazer mudar de ideia.

— E, como você provavelmente pode imaginar — ele continua —, como Michelle e minha mãe estão aqui, vai ter muito mais coisas além dos presentes do chá de bebê te esperando em casa.



No dia seguinte, quando Andrew abre a porta da nossa casa e eu entro com Lily no colo, vejo de cara que ele me disse a verdade. A casa está impecável. Eu jamais conseguiria deixá-la tão limpa. Quando Andrew me leva para a sala pelo corredor, ao passar vejo de relance um receptor de babá eletrônica no balcão da cozinha, outro sobre a mesinha de centro da sala, outro sobre a pia do banheiro, e finalmente, o terminal principal no quarto de Lily quando entro.

Eu fico sem fôlego, arregalando os olhos.

— Uau, Andrew, olha o que eles fizeram!

Lily se mexe no meu colo, provavelmente reagindo à empolgação na minha voz, mas logo se acalenta de novo.

O berço está encostado numa parede, com um lindo móvel musical do Ursinho Puff acima. Um jogo com gaveteiro e trocador ocupa a outra parede, perto da janela. Andrew abre as gavetas e mostra que cada uma está cheia de roupinhas, cobertores, panos, meinhas e várias outras coisas. Ele abre o armário e eu vejo dezenas de vestidinhos e conjuntos. Há tantos pacotes de fraldas empilhados ao lado do trocador que acho que nunca mais vamos comprar fraldas. Claro que sei que é só otimismo da minha parte.

Andrew me leva de volta ao corredor e abre o armário ao lado do banheiro para me mostrar um andador, um balanço infantil e uma espécie de estranho trepa-trepa, todos ainda nas caixas.

— Vou ter que montar isso tudo quando ela tiver idade pra usar — ele explica. — Mas ainda vai demorar um pouco.

— Acha que vai conseguir sozinho? — pergunto, brincando.

Ele empina o queixo e diz:

— Sem nem ler as instruções.

Eu só rio por dentro.

Então ele me leva para o nosso quarto. Há um bercinho branco perto da cama, do meu lado.

— Comprei pra você — ele conta, sorrindo com orgulho. — Sei que ainda vai demorar muito pra você conseguir deixá-la sozinha no quarto, então imaginei que ia precisar de um bercinho.

Ele está ficando vermelho. Eu me aproximo e beijo o canto de sua boca.

— Você tá certo. Obrigada.

Lily começa a se mexer de novo, e desta vez acorda. Andrew a pega do meu colo.

— Deixa que eu troco a fralda dela — ele diz.

Eu a entrego, deito no sentido da largura da nossa cama e fico observando. Ele a deita na cama também e solta seus cobertores. Os gritos mais bonitinhos, mas altíssimos, saem de seus pulmões. Os bracinhos e as pernas se agitam rigidamente. A cabecinha toda fica roxa feito uma beterraba. Mas Andrew não se abala. E quando abre a fralda dela, não fica enojado com a surpresa que ela deixou. Admito que fico surpresa com a facilidade que ele já demonstra em ser pai.



Voltei a trabalhar na Bath and Body Works quando terminou a minha licença-maternidade, mas agora só por meio período. Minha chefe, Janelle, é maravilhosa, e gosta tanto de mim que me deu um aumento de um dólar quando contei que estava grávida. Só eu e Natalie trabalhamos lá, agora; Natalie faz período integral e assumiu boa parte do meu trabalho acumulado nas seis semanas em que estive de folga. Mas ela não liga. Diz que está economizando para comprar a casa própria. Ela e Blake parecem se curtir muito, sempre que os vejo juntos. Para ser sincera, nunca vi Natalie tão feliz. Eu achava que ela era feliz quando estava com Damon, mas estou percebendo que aquilo devia ser só tolerância e baixa autoestima. Blake é diferente. Acho que eles vão dar certo.

Andrew começou a trabalhar numa mecânica e funilaria umas três semanas depois que mudamos para a nossa casa. Seu conhecimento de carros lhe garantiu um lugar privilegiado na folha de pagamentos. Com certeza está ganhando mais do que eu, mas tenta me valorizar dizendo: “Isso não é porra nenhuma comparado a empurrar minha menina pra fora da sua...” Eu sempre o interrompo aí.

Desnecessário, Andrew. Mas obrigada!

Creche é coisa de rico, na minha opinião. Sinceramente, não acho que alguém que ganha salário mínimo possa pagar. O casal trabalharia só pra pagar a creche, o que não faz sentido. Além disso, Andrew e eu concordamos que não queremos deixar nossa filha na mão de estranhos. Por isso combinei com Janelle trabalhar só meio período à noite, quando Andrew está em casa, e um fim de semana sim, outro não.

Estamos vivendo bem e dando conta de tudo, como se tivéssemos levado a vida inteira desse jeito. Nosso saldo bancário pode ter seis dígitos, mas sabemos que é melhor devolver tudo o que conseguimos às nossas economias e gastar o mínimo possível. Além dos nossos empregos, Andrew e eu nos apresentamos com frequência, nas noites de sábado em que não estou trabalhando, no bar que o irmão de Blake, Rob, abriu na cidade. Algo aconteceu com o Underground e Rob precisou fechá-lo. Os boatos são de que Rob escapou por pouco de ser condenado à prisão. Acho que foi porque ele não tinha autorização para ter um bar, não sei. Mas Blake é o gerente do novo bar, e nas noites em que Andrew e eu tocamos lá, ganhamos metade do couvert artístico, que é mais do que já ganhamos tocando em qualquer outro bar, menos no de Aidan. Sábado passado faturamos oitocentas pratas.

É mais dinheiro entrando nas nossas economias para nossos planos futuros de ir aonde aquele chapéu nos mandar.

E, embora Andrew sempre ponha todo o seu coração e sua alma em cada apresentação, como sempre fez, agora percebo que, quando estamos no palco juntos, ele fica ansioso para terminar, para irmos pegar Lily na casa da minha mãe ou de quem teve a sorte de ficar com ela por aquelas poucas horas à noite.

Andrew tem tanto jeito com Lily. Ele não para de me surpreender. Levanta no meio da noite tantas vezes quanto eu para trocá-la, e às vezes até fica acordado comigo enquanto dou de mamar. Mas também tem seus momentos masculinos, portanto não é totalmente o Sr. Perfeitinho. Ao que parece, ele não é completamente imune a fraldas cagadas, e esta manhã mesmo o peguei com ânsia de vômito enquanto

tentava trocá-la. Eu ri, mas fiquei com tanta pena que não pude deixar de assumir a tarefa. Ele saiu do quarto cobrindo a boca e o nariz com a camiseta.

E... bem, não quero tirar conclusões precipitadas, mas acho que Lily pode ter amolecido Andrew a ponto de ele gostar de Natalie, agora. Só um pouquinho, talvez. Não sei, mas sempre que Nat está aqui, segurando Lily no colo e fazendo-a sorrir, falando com ela do seu jeito animado, Andrew parece achar legal. Quando Lily completou três meses, eu sinceramente já nem lembrava a última vez que Andrew chamou Natalie de hiena pelas costas, ou fez aquela cara exasperada para mim quando ela não estava olhando.

Ele ainda faz careta quando ela diz que é madrinha da Lily, mas... um passo de cada vez. Ele chega lá.

9 DE FEVEREIRO — primeiro aniversário de Lily — Aidan e Michelle chegaram! — ouço Camryn anunciar da sala.

Eu fecho o último botão nas costas do vestido de Lily e a pego pela mão. Mas ela não gosta quando seguro a mão dela e sempre se desvencilha e segura meu dedo indicador.

— Vem, bebê — eu chamo, olhando para ela. — O tio Aidan e a tia Michelle vieram ver a aniversariante.

Juro que ela entende o que estou dizendo.

Ela aperta meu dedo com toda a força, dá uma risadinha e um passão para a frente, como se eu fosse lerdo demais para acompanhá-la. Todo encurvado, eu dou passinhos rápidos e avanço pelo corredor, deixando que ela corra com suas perninhas roliças à minha frente. Quando Lily começa a cair ao fazer a curva, eu seguro sua mão, levanto-a um pouco do chão e deixo que se equilibre de novo. Ela começou a andar com dez meses. Sua primeira palavra foi “mamã”, quando tinha seis meses. Com sete meses, ela falou “papá”, e eu me derreti no ouvi-la me chamar assim pela primeira vez.

E Camryn tinha razão — ela tem olhos verdes como os meus.

— Lily! — Michelle exclama dramaticamente, agachando-se para tomá-la nos braços. — Meu Deus do céu, você tá enorme! — Ela a beija nas bochechas, na testa e no nariz, e Lily gargalha sem parar. — Nham nham nham! — Michelle acrescenta, fingindo morder as bochechas.

Eu olho para Aidan, que está com meu sobrinho, Avery, colado ao corpo. Faço menção de pegá-lo, mas ele é tímido e se encolhe sobre o peito de Aidan. Eu recuo, torcendo para que ele não chore. Aidan tenta convencê-lo.

— Ele já tá andando? — Camryn pergunta, de pé ao meu lado.

Michelle segue Lily para a sala, onde uma nuvem de balões de hélio cor-de-rosa e azuis se acumula no forro. Michelle vê Lily percebe que não vai conseguir alcançar os balões, desiste e vai direto para a sua pilha de presentes no chão.

Aidan entrega dois embrulhos a Camryn, e vamos todos para perto de Michelle e Lily na sala. Camryn põe os presentes junto com os outros.

— Ele tá tentando — Aidan responde, falando dos progressos de Avery. — Já anda se segurando no sofá, mas ainda não sente vontade de se soltar.

— Meu Deus, ele parece com você, mano — comento. — Coitadinho.

Aidan me daria um soco no estômago, se estivesse com as mãos livres.

— Ele é lindo — Camryn elogia, estendendo os braços para pegá-lo.

Claro que é, mas eu preciso zoar o meu irmão.

Avery primeiro a olha como se ela fosse louca, mas depois se vinga de mim por falar merda sobre seu pai, pulando direto no colo de Camryn sem problemas.

Aidan ri.

Nancy e Roger, Natalie e Blake, Sarah e seu namorado, que já tem um filho com uma ex-namorada, aparecem todos praticamente ao mesmo tempo. Depois, nossos vizinhos, Mason e Lori, um jovem casal com um filho de dois anos, chegam trazendo presentes. Lily, como a pequena exibicionista que é, apoia as mãos e a cabeça no tapete, empinando a bundinha enfriada no ar. Então finge cair e diz “Oh-oh”, fazendo todos caírem na risada.

— Olha só esse cabelo louro encaracolado — Michelle diz. — O cabelo de Camryn era tão clarinho assim quando ela era bebê? — pergunta para a mãe de Camryn, que está sentada ao seu lado.

Nancy balança a cabeça.

— Sim, era assim mesmo.

Mais tarde, depois que todos chegam, Lily pode abrir seus presentes e, como sua mãe, canta, dança e faz um show para todos. E depois de soprar a velinha (na verdade, eu meio que soprei por ela), ela praticamente toma um banho de bolo e cobertura roxa. Seu cabelo e seus cílios estão melecados, tem bolo até dentro do nariz dela. Camryn tenta, em vão, evitar que ela faça bagunça demais, mas acaba desistindo e deixando Lily se divertir.

Lily capota depois de tanta empolgação, bem antes que o último convidado saia.

— Acho que foi o banho — Camryn sussurra para mim enquanto a olhamos no berço.

Eu pego Camryn pela mão e a levo comigo, encostando a porta do quarto de Lily, mas deixando uma fresta.

Ficamos juntos no sofá vendo um filme pelas duas horas seguintes, depois Camryn me beija e vai tomar banho.

Eu desligo a TV, me levanto do sofá e olho ao meu redor na sala. Ouço a água do chuveiro correndo e os carros passando lá fora. Penso na conversa que tive com meu chefe ontem, quando ele me disse que já estou no emprego há quase dois anos e tenho duas semanas de férias vencidas. Mas eu sei que duas semanas não são suficientes para que eu e Camryn façamos as coisas que queremos fazer. Essa questão do emprego é a única coisa que não chegamos a resolver, decidir o que faremos quando quisermos sair de Raleigh por um mês ou mais. Não queremos perder nossos empregos, mas acabamos chegando pelo menos a uma conclusão: é um sacrifício que estamos dispostos a fazer, e vamos ter que fazer para realizar nossos sonhos de viajar pelo mundo e não virar vítimas daquela vida cotidiana monótona que tanto tememos.

Sabemos que não vamos ficar nesses empregos para sempre. E, bem, é para ser assim mesmo.

Mas eu disse ao meu chefe que sim, que eu iria tirar aquelas férias nos próximos meses. Decidi não avisá-lo que iria largar o emprego sem antes falar com Camryn hoje à noite.

Eu me levanto do sofá, pego um bloco de anotações da gaveta da mesinha do computador e me sento à mesa da cozinha com ele. E começo a escrever os nomes dos vários lugares que Camryn e eu já dissemos que queríamos conhecer: França, Irlanda, Escócia, Brasil, Jamaica... Escrevo até formar um monte de tiras de papel no meio da mesa. Enquanto estou dobrando uma por uma e jogando no chapéu de vaqueira de Camryn, ouço o chuveiro sendo fechado no banheiro.

Ela aparece na cozinha com o cabelo molhado colado nas costas.

— O que você tá fazendo? — ela pergunta, mas entende antes que eu consiga responder. Ela se senta ao meu lado. E sorri. Ótimo sinal.

— Talvez a gente devesse partir em maio ou junho — sugiro.

Ela passa o pente no cabelo molhado algumas vezes e parece pensar a respeito. Depois deixa o pente sobre a mesa.

— Você acha que Lily tá pronta pra isso? — ela pergunta.

Eu balanço a cabeça.

— Sim, acho que tá. Já tá andando. A gente disse que ia esperar pelo menos até ela começar a andar.

Camryn balança a cabeça também, ainda pensando a respeito, mas não parece ter dúvidas.

— Precisamos começar cedo com ela.

Com certeza, não somos como as outras famílias. Muitos pais rejeitariam completamente a ideia de viajar para o exterior com um bebê, só por viajar. Mas nós não. Admito que não é para todos, mas para nós, é a única coisa a fazer. Claro que nossas "viagens além" não serão como as épocas que Camryn e eu

passamos na estrada nos EUA. Dirigir por aí sem destino por horas, dias e semanas a fio com um bebê no carro não é totalmente factível — Lily iria detestar. Não, essas viagens consistirão mais em ficar parados em cidades que queremos explorar, e não ir de uma cidade a outra sem parar muito para descansar. E, infelizmente, não levaremos o Chevelle.

Camryn puxa o chapéu para perto de si e mexe a mão dentro dele.

— Você pôs todos os países que escrevemos na lista? — ela pergunta.

— Claro.

Ela estreita os olhos, brincalhona.

— Tá mentindo.

— Quê? Não, eu pus todos mesmo.

Ela chuta a minha canela com o pé descalço por baixo da mesa.

— Você tá de onda com a minha cara, Andrew.

Então ela começa a pegar as tiras de papel, desdobrando e lendo uma por uma.

— Jamaica. — Ela põe a tira na mesa. — França. — Ela põe por cima da outra. — Irlanda. Brasil. Bahamas. Ilhas Virgens. México. — Uma a uma, ela empilha as tiras.

Depois de várias, ela pega a última, mantendo-a dobrada entre os dedos, e rosna para mim.

— Algo me diz que aqui não tá escrito “Itália”. — Ela está se esforçando tanto para não sorrir.

Realmente não sei por que achei que isso iria dar certo.

Enquanto tento não rir e continuar sério, ela desdobra o papel e lê: — Austrália. — Ela põe a tira no alto da pilha. — Eu deveria castigar você por tentar trapacear — ela reclama, erguendo o queixo e cruzando os braços teimosamente sobre o peito.

— Ah, por favor — eu digo, incapaz de me manter sério. — Pelo menos eu não pus mais algumas tiras com o nome “Brasil”. — Eu rio.

— Mas pensou em fazer isso, não pensou?!

Faço uma careta com seu berro, e ambos olhamos para o corredor, para o quarto onde Lily está dormindo.

Camryn se debruça um pouco sobre a mesa e cochicha entre os dentes: — Eu vou te punir. Nada de sexo por uma semana. — Ela se afasta de novo, apoiando as costas na cadeira, com um sorrisinho.

Tá, agora esse negócio perdeu a graça.

Eu engulo meu orgulho, hesito e digo:

— Vai, você não tá falando sério. Você gosta tanto quanto eu.

— Claro que gosto. Mas você nunca ouviu dizer que as mulheres têm a capacidade mágica de ficar mais tempo na seca? Eu me viro sozinha.

— Você tá blefando — acuso, descrente.

Ela balança a cabeça de leve, com um brilho nos olhos que diz blefando-o-cacete, e isso está me deixando nervoso.

— O que você vai fazer pra se redimir, então?

Eu levanto um lado da boca num sorriso.

— O que você quiser. — Faço uma pausa, levanto um dedo e acrescento, antes que seja tarde demais: — Bem, contanto que não seja degradante, nojento ou injusto.

Com o sorriso aumentando, Camryn se levanta lentamente da cadeira. Eu observo todos os seus movimentos com a maior atenção, em parte temendo perder alguma coisa. Ela enfia os polegares no elástico da calcinha e me provoca com a ideia de tirá-la.

Put a que me pariu... sério? Você chama isso de punição?

Tento manter minha compostura, fingindo que seus gestos não me afetaram de forma alguma, quando na verdade não é preciso praticamente nada para me deixar louco por ela.

Ela se afasta de mim.

— Tá indo pra onde? — pergunto.

— Me virar sozinha.

— Oi?

— Você me ouviu.

Tá, ouvi, mas... não era pra acontecer isso.

— Mas... qual é a minha punição?

Ela para só o tempo suficiente para se virar e olhar para trás.

— Você vai ficar assistindo.

— Peraí... o quê?

Eu começo a segui-la. Bruxa do mal.

Ela vai para a sala e se deita, com a cabeça apoiada no braço do sofá e uma perna por cima do encosto.

Bruxa do mal. Do mal!

Ela me olha com ar sedutor e basta isso; assim que nossos olhares se cruzam, subo em cima dela, esmagando minha boca sobre a dela.

— Sem chance, amor — sussurro febrilmente em sua boca, e a beijo com mais força ainda.

Sua mão agarra a minha camiseta, sua língua se enrola apaixonadamente na minha.

E então Lily começa a chorar.

Eu paro. Camryn para. Nós nos entreolhamos por um momento, os dois frustrados, mas não conseguimos deixar de sorrir. Lily tem sono pesado e já quase não acorda mais durante a noite, mas de alguma forma sua intervenção, esta noite, não me surpreende.

— Eu vou desta vez — ela diz, se levantando do sofá.

Fico de pé, passando a mão no alto da cabeça.

Depois que ela desaparece no corredor, volto para a cozinha e me sento à mesa para rabiscar “Itália” em outra tira de papel. Eu a jogo no chapéu, dobro todas as outras e jogo dentro também.

Em minutos, a casa está em silêncio, depois que Camryn faz Lily dormir. Ela se senta na cadeira ao meu lado de novo, erguendo as pernas e cruzando-as sobre o assento. Apoiando um cotovelo na mesa, ela segura o queixo com a mão e me olha com um sorriso meigo, como se tivesse algo em mente.

— Andrew, você acha mesmo que a gente consegue fazer isso?

— Fazer o quê, exatamente?

Ela apoia os braços na mesa à sua frente, entrelaçando os dedos.

— Viajar com Lily.

Eu fico em silêncio e me apoio no encosto da cadeira.

— Sim, eu acho que a gente consegue. Você não?

Seu sorriso enfraquece.

— Camryn, você não quer mais viajar?

Ela balança a cabeça.

— Não, não é isso, juro. Só tô com muito medo. Nunca conheci pessoalmente ninguém que tentou uma coisa dessas. É assustador, só isso. E se a gente estiver se iludindo? Vai ver que as pessoas normais não fazem

esse tipo de coisa por um motivo.

De início, fiquei preocupado. Tive a sensação de que talvez ela tivesse mudado de ideia, e embora eu aceitasse o que ela quisesse, uma parte de mim ficaria decepcionada por algum tempo.

Eu me encosto e apoio os braços sobre a mesa diante de mim, como Camryn. Meu olhar fica meigo quando olho para ela.

— Eu sei que a gente consegue. Contanto que seja o que nós dois queremos igualmente, que nenhum dos dois só esteja fazendo porque acha que é o que o outro quer, então sim, Camryn, eu sei que a gente consegue. Dinheiro a gente tem. Lily só vai entrar na escola daqui a anos. Nada nos impede.

— É isso que você quer realmente? — ela pergunta. — Jura que não tem uma parte de você que só tá indo adiante com isso por minha causa?

Eu balanço a cabeça.

— Não. Mas se eu não quisesse tanto quanto você, faria assim mesmo porque é o que você quer. Mas não, eu quero de verdade.

Aquele sorriso fraco dela se fortalece de novo.

— E você tem razão — eu continuo —, é assustador, admito. Não seria tanto se fôssemos só eu e você, mas pense por um segundo. Se não fizermos isso, o que mais vamos fazer?

Camryn desvia o olhar, pensativa. Ela dá de ombros e diz: — Trabalhar e criar uma família aqui, acho.

— Exatamente. Esse medo é a linha tênue que nos separa deles. — Faço um gesto amplo para indicar quem são “eles”, o tipo de gente do mundo que não queremos nos tornar. Camryn entende; vejo isso em seu rosto. E não estou dizendo que pessoas que decidem ficar num só lugar a vida toda e criar uma família estão erradas. São as pessoas que não querem viver assim, que sonham em ser algo mais, fazer algo mais, mas nunca vão atrás disso porque deixam que o medo as impeça antes mesmo de começarem.

— Mas o que a gente vai fazer? — ela pergunta.

— O que a gente quiser. Você sabe disso.

— Tá, mas eu digo depois. Daqui a cinco, dez anos, o que vamos fazer com nossas vidas, com a vida de Lily? Por mais que eu adore a ideia de fazer isso pra sempre, não consigo imaginar que seja realística. Uma hora nosso dinheiro vai acabar. Lily vai ter que ir pra escola. Aí vamos parar aqui de novo e ficar como eles do mesmo jeito.

Eu balanço a cabeça e sorrio.

— Corrigindo, esse medo e essas desculpas são a linha tênue. Amor, a gente vai ficar bem. Lily vai ficar bem. Vamos fazer o que quisermos, ir aonde quisermos e aproveitar a vida, sem nos acomodarmos numa vida que nenhum de nós realmente quer. O que tiver que acontecer, se o dinheiro começar a faltar, se a gente não conseguir trabalhar pra repor, se Lily precisar estudar e a gente tiver que decidir ficar num só lugar por muito tempo, mesmo se esse lugar for aqui, nesta casa, vamos fazer o que tivermos que fazer. Mas agora — eu aponto severamente para a mesa —, neste momento, não é com essas coisas que precisamos nos preocupar.

Ela sorri.

— Tá. Eu só queria ter certeza.

Eu balanço a cabeça e empurro o chapéu na direção dela com o dedo.

— Você escolhe primeiro — eu digo.

Ela começa a mexer dentro dele, mas para e estreita os olhos para mim.

— Você pôs a Itália aqui dentro?

— Pus, sim. Juro.

Sabendo que estou dizendo a verdade dessa vez, Camryn enfia mais a mão no chapéu e remexe as tiras de papel com os dedos. Ela tira uma e a segura no punho fechado.

— Bem, tá esperando o quê? — pergunto.

Ela põe sua mão na minha e diz:

— Quero que você leia.

Eu balanço a cabeça, tomo o papelzinho dela e o desdobro cuidadosamente. Leio só para mim primeiro, deixando minha imaginação explodir com visões de nós três lá. Eu estava tão fissurado em ganhar a aposta com o Brasil que nem pensei muito nos outros países, mas agora que perdi, é fácil imaginar.

— E então? — ela está ficando impaciente.

Eu sorrio e jogo a tira de papel sobre a mesa, com o nome para cima.

— Jamaica — anuncio. — Pelo jeito, nós dois perdemos a aposta.

Camryn abre um enorme sorriso. Aquela tirinha de papel sobre a mesa diante de nós é tão mais do que apenas papel e tinta. Ela acaba de pôr em movimento o resto de nossa vida juntos.

E COMO FOI fantástica e maravilhosa essa vida.

Lembro como se fosse ontem o dia em que partimos, no fim da primavera, para a Jamaica. Lily usava um vestido amarelo e duas presilhas florais no cabelo. Ela não chorou nem deu trabalho no voo para Montego Bay. Foi um anjinho. E quando chegamos nesse primeiro destino, assim que descemos do avião e pisamos em outro país, tudo se tornou real.

Foi então que Andrew e eu ficamos... diferentes.

Mas eu já vou falar disso.

Foi há muito tempo, e eu quero começar do princípio.

Por dois meses, até o dia em que subimos naquele avião, eu continuei com medo de fazer isso. Por mais que eu quisesse fazer, por mais vezes que dissesse a mim mesma que Andrew tinha razão e que eu não precisava me preocupar, eu sempre me preocupava, é claro. Tanto que, dois dias antes da partida, quase dei pra trás.

Mas aí me lembrei da época quando Andrew e eu nos conhecemos, quando ele me fez enfiar suas roupas naquela mochila, logo isso:

— Então, pra onde a gente vai primeiro? — perguntei, dobrando uma camisa que ele me deu para pôr na mochila, a primeira da pilha.

Ele ainda estava fuçando no closet.

— Não, não — ele disse lá de dentro; sua voz chegava meio abafada —, nada de planejamento, Camryn. Vamos só pegar o carro e rodar. Nada de mapas, nem planos, nem... — Ele pôs a cabeça para fora do closet e sua voz ficou mais clara. — O que você tá fazendo?

Ergui o olhar, com a segunda camisa da pilha já meio dobrada.

— Dobrando suas camisas.

Ouvi um tum-tum quando ele deixou cair um par de tênis pretos e saiu do closet. Quando chegou, me olhou como se eu tivesse feito algo errado e tirou a camisa dobrada das minhas mãos.

— Não seja tão perfeitinha, gata; só enfia tudo na mochila.

Um momento aparentemente insignificante que compartilhamos, mas foi isso, no fim das contas, que me deu a coragem para subir naquele avião. Eu sabia que, se eu ficasse, se continuasse a pensar demais em tudo, a única coisa que eu iria conseguir seria deixar o medo controlar a minha, a nossa vida toda, daquele momento em diante.

E sempre que revejo nossa vida agora, a única coisa que ainda me apavora é saber que faltou muito pouco para que passássemos o resto da vida na Carolina do Norte.

Ficamos três semanas na Jamaica, adoramos tanto que nem queríamos ir embora. Mas sabíamos que tínhamos tanta coisa mais a fazer, tantos lugares para ver. E assim, uma noite, depois de nos enturmar na praia com os locais, Andrew enfiou a mão no saquinho (trocamos o chapéu de vaqueira por um saquinho roxo de uísque Crown Royal, muito mais fácil de carregar) e tirou o Japão. Do outro lado do oceano...

Isso era algo que não havíamos previsto.

Nem é preciso dizer que abandonamos completamente a ideia do saquinho e de sortear países, depois dessa. Passamos a escolher a próxima etapa de acordo com a nossa localização: Venezuela, Panamá, Peru e finalmente o Brasil. Visitamos todos eles, passando o maior tempo, dois meses, em Temuco, no Chile, e evitando a todo custo lugares conhecidos por serem mais perigosos para viajantes, cidades e até países inteiros em qualquer situação de conflito. E, em todo lugar que visitamos, nos sentimos cada vez mais parte de cada cultura. Comendo os pratos típicos. Participando de eventos. Aprendendo os idiomas. Só algumas frases

essenciais aqui e ali eram o máximo que Andrew e eu conseguíamos aprender.

E nós voltávamos para os EUA nos feriados. Dia de Ação de Graças em Raleigh. Natal em Galveston. Ano-novo em Chicago. E, claro, também passamos o segundo aniversário de Lily em Raleigh. Nós a levamos ao pediatra para um checkup e para pôr as vacinas em dia. E, sim, Andrew também fazia checkups e, como a filha, tinha uma saúde de ferro.

Pouco antes da primavera, Andrew concordou com a ideia de deixar Natalie e Blake alugarem nossa casa. Era meio perfeito, na verdade. Eles estavam procurando uma casa, e nós precisávamos do dinheiro, e isso também nos livrou de pagar as contas. Ainda tínhamos muito dinheiro no banco, mas viajar tanto estava começando a abrir um buraco na nossa conta. Mas começamos a pegar as manhas de como economizar no exterior, fazendo uso de pousadas, hotéis baratos e casas de veraneio ainda mais baratas. Não precisávamos de luxo, só de um lugar seguro e limpo para Lily.

Mas acho que o que nos fazia economizar mais era que nunca viajávamos para lugar nenhum como turistas. Não comprávamos lembrancinhas nem nada de que não precisássemos. Não estávamos ali para acompanhar visitantes em passeios com guias ou gastar dinheiro fazendo tudo o que quem planeja uma viagem de férias faz. Comprávamos só o necessário, e de vez em quando torrávamos algum dinheiro em comida boa ou num brinquedo novo para Lily, quando ela se cansava do que tinha.

E também cantávamos para ganhar um dinheirinho extra, às vezes, mas, com Lily, nunca nos apresentávamos juntos. Como não ousávamos nem pensar em deixar Lily aos cuidados de alguém, nem mesmo por alguns minutos, eu parei de cantar completamente, e Andrew tocou violão e cantou por uns tempos sozinho. Mas no fim ele parou também. Países estrangeiros. Estilos diferentes de música. Idiomas completamente diferentes. Não demoramos muito para perceber que nossa música não era tão eficaz nesses lugares como na nossa pátria.

Alguns meses depois do segundo aniversário de Lily, Andrew e eu decidimos que estava na hora de partir. Queríamos viajar o máximo possível antes que fosse preciso parar em algum lugar para que Lily pudesse começar a estudar. E eu estava pronta para conhecer a Europa. Assim, com o verão se aproximando, Portugal se tornou nosso destino seguinte.

Andrew e eu “crescemos” no dia em que descemos daquele avião na Jamaica. Foi isso que eu quis dizer quando falei que ficamos diferentes. Claro que Lily nos pôs bastante nos eixos quando nasceu, mas quando descemos do avião e sentimos a brisa nos nossos rostos, não só eu finalmente descobri que o ar é diferente mesmo em outros países, mas nós descobrimos que era real. Estávamos muito longe de casa com a nossa filha, e por mais que nos divertíssemos, daquele dia em diante, jamais poderíamos baixar a guarda.

Nós crescemos.

EU PENSO MUITO na minha vida de antes, até antes de conhecer Camryn, e vejo que é meio assustador o quanto mudei. Eu era o que ela denomina um “galinha” no colegial. E, tudo bem, continuei meio galinha depois do colegial — ela sabe de todas as mulheres com as quais já transei. Das festas que eu frequentava. Sabe praticamente tudo a meu respeito. De qualquer forma, penso muito no meu passado, mas não sinto saudade. A não ser de vez em quando, contando lembranças da infância com meus irmãos, sinto aquela nostalgia da qual Camryn falava na nossa segunda vez em Nova Orleans.

Não me arrependo de nada que fiz no passado, por mais que tenha chutado o balde às vezes, mas tampouco faria de novo. Consegui sobreviver àquela vida e faturar uma linda esposa e uma filha que realmente não mereço.

Fiquei sabendo ontem que Aidan e Michelle, depois de dois filhos e anos de casamento, estão se divorciando. Odeio que estejam passando por isso, mas acho que nem todo mundo nasceu para ficar junto com alguém, como Camryn e eu. Eu me pergunto se eles não teriam conseguido se não se matassem tanto de trabalhar. Aquele bar consumia o meu irmão, e Michelle também era consumida pelo seu emprego. Camryn e eu conversamos sobre como eles pareciam estar se distanciando, já na primeira visita de Camryn, antes que Lily nascesse.

— Eles só trabalham — Camryn comentou uma noite, ano passado. — Trabalham, cuidam de Avery e Molly, veem TV e vão dormir.

Eu balancei a cabeça contemplativamente.

— É, que bom que a gente não acabou assim.

— Também acho.

Asher, por outro lado, tem um doce de garota chamada Lea. E me orgulho em dizer que um dia eles decidiram espontaneamente se mudar para Madri. Meu irmão caçula se deu muito bem profissionalmente, conseguindo um emprego de engenheiro de sistemas de informática que lhe permitia mudar de país. Ele não precisava ir. Poderia ficar em Wyoming, mas, pelo jeito, ele é mais parecido comigo do que eu pensava. Por sorte, Lea tem os mesmos interesses e a mesma determinação que ele; senão o relacionamento dos dois acabaria mais parecido com o de Aidan e Michelle do que com o meu com Camryn. E ouvi dizer que Lea ganha uma grana preta vendendo vestidos feitos à mão pela internet. Camryn pensou em tentar alguma coisa assim, até que se deu conta de que precisaria costurar.

Com eles morando em Madri, nós já tínhamos um lugar para ficar quando também fomos para lá. Asher insistia que não precisávamos pagar aluguel, mas nós pagamos assim mesmo. Camryn não queria ficar “na aba”, como ela mesma disse.

— Um dólar — Asher negociou, só para contentá-la.

— Não — Camryn rebateu. — Seis dólares e 84 centavos por semana, nem um centavo a menos.

Asher riu.

— Você é meio esquisita, mulher. Tudo bem. Seis dólares e 84 centavos por semana.

No início, só íamos ficar com meu irmão por umas semanas, mas uma noite, Camryn e eu tivemos uma conversa séria.

— Andrew, acho que talvez a gente devesse ficar aqui por uns tempos. Aqui em Madri. Ou talvez voltar pra Raleigh. Eu não quero, mas...

Eu olhei para ela, curioso, mas ao mesmo tempo era aparente, para mim, que estávamos pensando da mesma forma.

— Eu sei o que você tá pensando — admiti. — Não é tão fácil quanto a gente queria que fosse, viajar

com Lily.

— Não, não é. — Ela olhou para longe, pensativa, e sua expressão ficou mais dura. — Você acha que a gente agiu certo? Indo com ela pra tantos lugares?

Finalmente, ela olhou para mim de novo. Pude ver pela sua expressão que ela torcia para que eu dissesse que sim, que agimos certo.

— Claro que sim — eu afirmei, com convicção. — Era o que a gente queria fazer quando partimos no primeiro dia. Não temos arrependimentos. Claro, precisamos fazer as coisas de outro jeito em nome da segurança dela, evitar vários lugares que queríamos visitar e ficar parados mais tempo do que queríamos para que ela não sofresse com mudanças bruscas, mas agimos certo.

Camryn sorriu suavemente.

— E talvez tenhamos despertado nela o amor pelas viagens. — Camryn fica vermelha. — Não sei...

— Não, acho que você tem razão.

— Então, o que você acha que devemos fazer?

Ficamos com Asher e Lea por três meses antes de partir de novo. Tínhamos uma última parada a fazer antes de voltar para os EUA: lá. Camryn finalmente admitiu o motivo de seu desejo persistente de ir para lá. Seu pai a levou para lá uma vez numa viagem de negócios, quando ela tinha 15 anos. Foram só ela e ele. E aquela foi a última vez que ela se sentiu sua garotinha. Eles passaram muito tempo juntos. Ele passou mais tempo com ela do que trabalhando.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — perguntei, antes de partirmos para Roma. — E se você voltar pra lá e estragar a lembrança, como a do bosque da sua infância?

— É um risco que eu tô disposta a correr — ela disse, pondo as roupas de Lily na nossa mala. — Além disso, não tô indo reviver aqueles seis dias com meu pai, vou pra lembrar aqueles seis dias com meu pai. Não tenho como estragar uma coisa que não lembro direito.

Quando chegamos lá, testemunhei Camryn lembrando tudo. Ela pegou Lily e se sentou com ela na escadaria da Piazza di Spagna, imagino que da mesma forma que seu pai fez quando a levou ali.

— A gente te ama muito — Camryn disse para Lily — Você sabe disso, não sabe? — Ela apertou a mão de nossa filha.

Lily sorriu e beijou a mãe na bochecha.

— Eu te amo, mamãe.

Então Lily se sentou entre as pernas de Camryn enquanto a mãe passava os dedos pelo cabelo louro dela, fazendo uma trança e deixando-a sobre o ombro, como a dela.

Eu sorri e fiquei olhando, pensando num dia há tanto tempo:

— Vai ser um lance de amizade, acho — ela disse. — Sabe, duas pessoas fazendo uma refeição juntas.

— Ah — eu disse, sorrindo discretamente. — Então agora somos amigos?

— Claro — ela respondeu, obviamente pega desprevenida pela minha reação. — Acho que somos tipo amigos, pelo menos até Wyoming.

Eu estiquei o braço e lhe ofereci minha mão, e, relutantemente, ela apertou.

— Amigos até Wyoming, então — eu concordei, mas sabia que ela precisava ser minha. Mais do que até Wyoming. Para sempre seria suficiente.

Ainda pira minha cabeça pensar em como chegamos longe.

Depois de quase três anos na estrada, finalmente estava na hora de ir para casa.

Voltamos para Raleigh, para nossa humilde casinha. Natalie e Blake a desocuparam e foram morar do outro lado da cidade. Mais tarde, Lily começou a ir para a escola, e nos anos seguintes, fomos felizes, mas

havia sempre uma parte de nós que parecia vazia. Vi minha garotinha se transformar numa linda jovem com sonhos e metas e aspirações na vida que rivalizam com os meus e de Camryn. Gosto de pensar que nós — Camryn e eu — levamos o crédito pelo que Lily se tornou. Mas, ao mesmo tempo, Lily é uma pessoa única, e eu acho que ela seria assim mesmo sem nossa ajuda.

Eu não poderia estar mais orgulhoso.

Parece que faz tanto tempo. E, bem, acho que faz. Mas, até hoje, lembro o dia em que conheci Camryn naquele ônibus no Kansas, algo ainda está tão nítido e vivo na minha mente que sinto que eu poderia estender a mão e tocar. E pensar que, se nós dois não tivéssemos partido como partimos, mandando a sociedade e seus julgamentos praquele lugar, jamais teríamos nos conhecido. Se Camryn se deixasse dominar pelo medo do desconhecido, poderíamos nunca ter tomado aquele avião para a Jamaica. Nós realmente vivemos nossas vidas da forma que nós queríamos viver, não da forma que o mundo esperava que vivéssemos. Corremos riscos, escolhemos o caminho fora do convencional, não deixamos a opinião dos outros sobre nossas escolhas atrapalhar nossos sonhos, e nos recusamos a continuar fazendo por tempo demais qualquer coisa que não nos agradasse. Claro, fazíamos o tempo todo coisas que não queríamos fazer, porque era necessário — trabalhamos em lanchonetes por algum tempo, por exemplo —, mas nunca deixamos nenhuma dessas coisas controlar nossas vidas. Encontramos uma saída, no fim das contas, em vez de nos deixarmos derrotar. Porque só temos uma vida. Temos só uma chance de fazê-la valer a pena. Nós pegamos essa chance e agarramos com unhas e dentes.

E acho que nos saímos bem pra caramba.

Sinceramente, não sei o que mais dizer. Não que nossa vida tenha acabado, agora que nossa história parece chegar ao fim. Não. Com certeza, está longe de terminar. Camryn e eu ainda temos tanta coisa a fazer, tantos lugares para ver, tantas regras da vida para desafiar.

Hoje é o primeiro dia do resto das nossas vidas. É um dia especial, para Lily, para nós, para tudo o que nós três representamos. Nossa história acabou, sim, mas nossa jornada não, porque nós vamos viver entre o agora e o sempre até morrer.

Epílogo

Quinze anos depois

Lily

— Lily Parrish! — A sra. Morrison chama o meu nome do palco montado no auditório. Ouço meus amigos e parentes gritando na multidão, depois assobios e palmas.

Eu seguro meu capelo sobre a cabeça enquanto subo os degraus de madeira. Ele não se encaixa bem. Papai tirou sarro de mim, dizendo que minha cabeça tem um formato esquisito e que isso é culpa de mamãe, porque não posso ter puxado dele.

Enquanto ando pelo palco, mais assobios, gritos e palmas enchem o auditório. Meu coração está batendo forte. Estou tão emocionada. Acho que estou com um sorriso enorme há uns vinte minutos.

A diretora Hanover me entrega o meu diploma e eu o recebo. As palmas ficam mais altas. Olho para meus pais na primeira fila, de pé ao lado das cadeiras, com os olhos brilhando e animados pela empolgação. Minha mãe me manda beijos. Papai pisca para mim e bate palmas. Estão tão orgulhosos que tenho até vontade de chorar. Eu não estaria aqui, se não fosse por eles. Não poderia pedir pais melhores.

Depois que a cerimônia de formatura acaba, eu e meu namorado, Gavin, abrimos caminho na multidão até meus pais.

Mamãe me abraça forte e beija a minha cabeça.

— Você conseguiu, Lily! — Ela me aperta. — Eu tô tão orgulhosa! — Ouço o choro em sua voz.

— Mãe, não chora. Vai borrar seu rímel.

Ela passa os dedos embaixo dos olhos.

Papai me abraça a seguir.

— Parabéns, bebê.

Eu fico na ponta dos pés e beijo sua bochecha.

— Obrigada, papai. — Então ele me puxa para o seu lado e põe a mão na minha cintura, de um jeito protetor.

Meu pai fuzila Gavin com os olhos, examinando-o de alto a baixo, como sempre fez nestes dois anos que estamos juntos. Mas, desta vez, é tudo brincadeira. Em parte, pelo menos. Papai levou um ano para sair do pé de Gavin e confiar nele o suficiente para nos deixar sair sem ele ou mamãe junto. Constrangedor. Mas o excesso de proteção nunca conseguiu afugentar Gavin, e acho que só isso já deu aos meus pais mais motivos para respeitá-lo.

Ele é realmente um ótimo sujeito, e acho que no fundo meus pais sabem disso.

— Parabéns, Gavin — meu pai cumprimenta, apertando a mão dele.

— Obrigado. — Gavin ainda fica meio apavorado com meu pai. Eu acho isso bonitinho.

Meus pais dão uma enorme festa de formatura para mim em casa, e vem todo mundo. Todo mundo mesmo. Tem gente aqui que não vejo há anos: tio Asher e tia Lea vieram da Espanha! O tio Aidan também veio, com meus primos Avery e Molly e sua nova esposa, Alice. Minhas avós, Marna e naná Nancy (ela se recusa a ser chamada de VÓ) também vieram. A naná não está muito bem. Ela tem esclerose múltipla.

— Meu Deus, garota, você vai me abandonar! — exclama minha melhor amiga, Zoey, vindo me encontrar. Nós crescemos juntas, como a mãe dela, Natalie, cresceu com a minha mãe aqui em Raleigh.

— Pois é! Odeio isso, mas você sabe que vou te visitar! — Eu a abraço forte.

— É, mas vou sentir falta de você pra caramba.

— Já falei — respondendo —, você sempre pode se mudar pra Boston pra ficar mais perto.

Ela revira os olhos, o cabelo caindo sobre os ombros quando ela se senta num banquinho da cozinha.

— Bem, não só eu não vou me mudar pra Boston com você, mas pelo jeito também não vou ficar na Carolina do Norte por muito tempo mais.

— Como assim? — pergunto, surpresa.

Eu me sento no banquinho ao lado dela. Meu tio Cole entra na cozinha com algumas garrafas vazias de cerveja nas mãos. Ele joga tudo no lixo.

Zoey suspira, apoia o cotovelo no balcão e começa a enrolar alguns fios de cabelo nos dedos.

— Meus pais vão se mudar pra São Francisco.

— Quê? Sério? — Mal posso acreditar.

— Sim.

Não sei dizer se ela está decepcionada ou simplesmente ainda não sabe o que pensar.

— Bom, mas isso é muito legal — eu digo, esperando encorajá-la. — Você não quer se mudar?

Zoey tira o braço do balcão e cruza as pernas.

— Nem sei o que eu acho, Lil. É muito longe de casa. Não é no fim da rua.

— É verdade, mas é São Francisco! Eu adoraria ir pra lá.

Ela sorri um pouco.

Tio Cole, alto e misterioso como sempre, pega mais três garrafas de cerveja da geladeira e as segura entre os dedos pelos gargalos. Ele sorri para mim ao passar e volta para a sala de estar cheia de gente.

Ele é irado. Assim que chegou, me deu um cartão de parabéns com duzentos paus dentro.

— Zoey, eu acho ótimo. E, sinceramente, mal posso esperar pra visitar minha melhor amiga na Califórnia. É. Dá gosto até falar isso. Califórnia. — Eu faço um gesto dramático com as mãos.

Ela ri.

— Vou sentir muito a sua falta, Lil.

— Eu também.

A mãe dela entra na cozinha, com o pai, Blake, logo atrás.

— Já contou a novidade pra Lily? — a mãe dela pergunta, mexendo na geladeira.

— Sim, acabei de contar.

— O que você acha, Lily? — a mãe dela pergunta.

O pai de Zoey beija a cabeça dela, pega uma cerveja da mãe e sai, provavelmente para fumar.

— Tô empolgada por ela — respondo. — Eu vou me mudar pra Boston pra fazer faculdade. Ela tá mudando pra Califórnia. Podemos não estar mais juntas do jeito que crescemos, mas tem alguma coisa em não ficar parada no mesmo lugar pra sempre que faz tudo parecer certo.

— Você com certeza é filha de Andrew e Camryn Parrish, não dá pra negar — a mãe dela diz, sorrindo.

Eu sorrio orgulhosamente e pulo do banquinho, voltando com ela e Zoey para a sala de estar.

— Um brinde! — meu pai diz no meio da sala, levantando sua cerveja. Ele olha para mim. Temos os mesmos olhos verdes. — À nossa garotinha, Lily. Que você possa mostrar a todos na faculdade como se faz!

Todos bebem.

— A Lily!

Eu passo o dia todo, até anoitecer, com meus amigos e parentes e, claro, Gavin, que eu amo tanto. Somos tão parecidos. Nos conhecemos logo depois que ele se mudou do Arizona para cá. O armário dele no colégio ficava perto do meu, e ele acabou fazendo quase todas as aulas comigo. Zoey foi pra cima dele primeiro, o que não é surpresa, do jeito que ela é namoradeira. Lembro que ela me disse, no primeiro dia de aula dele:

— Ele vai ser meu. Espera pra ver. — E eu nunca tive nenhuma intenção de interferir, mas pelo jeito

Zoey era demais para alguém como Gavin. Mas acho que talvez eu possa dar crédito a Zoey por Gavin e eu acabarmos juntos. Se não fosse por ela, talvez ele não tivesse nada que o obrigasse a falar comigo para fugir dela.

Zoey o esqueceu assim que ele deixou óbvio que era em mim que ele estava interessado.

E é muito esquisito, também, porque Gavin e eu somos tão parecidos que é quase como se o destino tivesse nos unido. Nós dois queríamos fazer a mesma faculdade. Gostamos das mesmas músicas, filmes, livros e seriados de TV. Ambos adoramos arte e história e já nos perguntamos, em momentos diferentes da vida, como seria viajar pela África. Gavin se interessa por arqueologia. Eu me interesso pela preservação de artefatos arqueológicos.

Gavin não foi meu primeiro namorado nem foi o primeiro que beijei, mas foi meu primeiro em todo o resto. Não consigo imaginar passar a vida com ninguém além dele.

Espero que sejamos como meus pais. É, torço mesmo por isso.

~~~~~

Depois da formatura, passei o verão com meus pais. E não desperdicei um minuto desse tempo com eles, porque eu sabia que seria curto. No outono, me mudei pra faculdade, e mamãe e papai — bem, eles tinham planos tão grandiosos quanto os meus. Acho que eles fizeram um excelente trabalho me criando, mas eu sabia que quando me mudasse e começasse a viver por minha conta na faculdade e com Gavin, meus pais partiriam para realizar o sonho de suas vidas.

*Estou tão feliz por eles. Sinto falta deles todo dia, mas estou tão feliz.*

Eles nunca se esquecem de me mandar cartas — não e-mails, cartas escritas à mão mesmo. Guardo todas elas, desde as enviadas da Argentina, Brasil, Costa Rica e Paraguai, até as que chegaram da Escócia, Irlanda, Dinamarca e lugares de toda a Europa. Adoro ter pais assim, tão livres de espírito, motivados e apaixonados pelo mundo. Eu os admiro. Pelas histórias que eles me contam da época em que eram um pouco mais velhos do que eu, percebo que a vida deles, mesmo antes que se conhecessem, começou complicada, mas no fim tudo se encaixou. Minha mãe me falou do seu passado, de quanto ela era depressiva. Não entrou em muitos detalhes, e eu sempre soube que havia coisas que ela não contava. Mas ela queria que eu soubesse que ela e meu pai sempre me apoiarão, não importa o que aconteça ou que decisões eu tome.

Acho que ela temia que eu tomasse as mesmas decisões erradas que ela tomou em alguns momentos difíceis, mas, sinceramente, não consigo me imaginar infeliz.

Mamãe também me contou como conheceu papai. Num ônibus de viagem, imagine. Eu só ri. Mas sempre que penso neles e nas coisas que enfrentaram juntos, não consigo deixar de ficar admirada.

De acordo com mamãe, meu pai era um pouco selvagem, naquela época. Ela disse que o fato de ele ser assim foi o principal motivo de sua demora em aceitar Gavin. Ela também não entrou em detalhes sobre isso, mas... caramba, meu pai devia ser mesmo... Eca! Deixa pra lá.

Mas eu aprendi tanto com meus pais. Eles me ensinaram como a vida é preciosa e que nunca se deve deixar passar em branco um segundo dela, porque qualquer segundo pode ser o último. Meu pai sempre me disse para ser eu mesma, defender aquilo em que acredito, e dizer o que eu penso, não o que os outros pensam. Ele disse que as pessoas vão tentar me tornar como elas, mas para eu não cair nessa, porque quando eu der por mim, serei como elas. Minha mãe, bem, fazia questão que eu soubesse que há muito mais coisas no mundo além de empregos ruins, contas a pagar e se tornar um escravo da sociedade. Ela fez questão que eu entendesse que não importava o que qualquer um dissesse, eu não precisava viver de um jeito que eu não quisesse. Eu escolho o meu caminho. Eu torno minha vida memorável, para que ela não suma

no meio de tantas outras vidas vazias ao meu redor. No fim das contas, a escolha é minha e somente minha. Vai ser difícil às vezes, posso ter que fritar hambúrgueres e limpar privadas por algum tempo, vou perder pessoas que amo, e nem todo dia será brilhante como o anterior. Mas contanto que eu nunca deixe as dificuldades me abaterem completamente, um dia vou fazer exatamente o que eu quero. E não importa o que aconteça, ou quem eu perca, não vou ficar triste para sempre.

Mas acho que a principal coisa que aprendi dos meus pais foi a amar. Eles me amam incondicionalmente, é claro, mas falo do modo como se amam. Conheço muitos casais casados — a maioria dos pais dos meus amigos ainda está casada —, mas nunca vi duas pessoas mais devotadas uma à outra do que meu pai e minha mãe. Eles foram inseparáveis por toda a minha vida. Só me lembro de umas poucas discussões entre os dois, mas nunca os ouvi brigar. Nunca. Não sei o que torna o casamento deles tão forte, mas espero que, seja o que for, eu tenha herdado um pouco dessa magia.

Gavin entra no meu quarto, fechando a porta atrás de si. Ele se senta na beira da minha cama.

— Outra carta dos seus pais?

Eu balanço a cabeça.

— Onde eles estão, agora?

— No Peru — digo, olhando de novo para a carta. — Eles adoram aquele lado do mundo.

Sinto a mão dele no meu joelho para me consolar.

— Você tá preocupada com eles.

Eu balanço a cabeça mais uma vez, lentamente.

— Tô, como sempre, mas me preocupo mais quando eles estão lá. Alguns lugares são muito perigosos. Não quero que eles acabem como...

Gavin segura meu queixo com a mão.

— Eles vão ficar bem, você sabe que vão.

Talvez ele tenha razão. Meus pais já estão mochilando pelo mundo há dois anos, e o pior perigo que encontraram — bem, pelo que me contam — foi que meu pai foi roubado uma vez, e outra vez houve um problema com os passaportes deles. Mas tudo pode acontecer, especialmente com os dois sozinhos assim, só com as mochilas na estrada.

Pelo jeito, puxei muito à minha mãe na tendência para me preocupar.

— Daqui a dois anos, eles vão estar preocupados assim com você — Gavin acrescenta, e em seguida beija meus lábios.

— Acho que sim — digo, sorrindo para ele, que se levanta da cama. — Provavelmente minha mãe nem vai dormir mais, imaginando que algum leão me devorou.

Gavin abre um sorriso torto.

Seis meses atrás, decidimos que queremos mesmo ir para a África depois da faculdade. Quando nos conhecemos, não era bem uma ideia, e sim uma coisa de que falamos numa conversa casual. Mas agora se tornou nossa meta. Pelo menos por enquanto. Muita coisa pode mudar em dois anos.

Eu dobro a carta, guardo no envelope desbotado e deixo sobre o criado-mudo.

Gavin estende a mão para mim.

— Pronta? — ele pergunta, e eu seguro sua mão e me levanto com ele.

Saio do quarto para comemorar o aniversário de Gavin com nossos amigos, e antes de sair para o corredor, olho mais uma vez para a carta, antes de fechar a porta devagar atrás de mim.

## **Sobre a autora**

*J. A. Redmerski, autora de best-sellers das listas do New York Times, USA Today e Wall Street Journal, mora em North Little Rock, Arkansas, com seus três filhos, dois gatos e um cão maltês. Ela adora televisão e livros que desafiam convenções e é muito fã do seriado The Walking Dead.*

Saiba mais em: [www.JessicaRedmerski.com](http://www.JessicaRedmerski.com)

Twitter: [@JRedmerski](https://twitter.com/JRedmerski)

[Facebook.com/J.A.Redmerski](https://www.facebook.com/J.A.Redmerski)